



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA

Hadson José Gomes de Sousa

**DO DISCURSO CIENTÍFICO AO DISCURSO PEDAGÓGICO**  
O Trabalho de Tradução no Ensino de Língua Portuguesa

Bragança – PA  
Maio de 2013

Hadson José Gomes de Sousa

## **DO DISCURSO CIENTÍFICO AO DISCURSO PEDAGÓGICO**

O Trabalho de Tradução no Ensino de Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará –  
Campus de Bragança, como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na  
Amazônia, para obtenção do título de Mestre em Linguagens  
e Saberes.

Orientador: Profa. Dra. Nilsa Brito Ribeiro

Bragança – PA

Maio de 2013

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UFPA**

De Sousa, Hadson José Gomes, 1979-  
Do discurso científico ao discurso  
pedagógico: o trabalho de tradução no ensino de  
língua portuguesa / Hadson José Gomes De Sousa.  
- 2013.

Orientadora: Nilsa Brito Ribeiro.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal  
do Pará, Campus de Bragança, Programa de  
Pós-Graduação em Linguagem e Saberes na  
Amazônia, Bragança, 2013.

1. Análise do discurso. 2. Linguística. 3.  
Língua portuguesa- estudo e ensino. 4.  
Professores de português. 5. Bakhtin,  
M.M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975. I.  
Título.

CDD 22. ed. 401.41

Hadson José Gomes de Sousa

## **DO DISCURSO CIENTÍFICO AO DISCURSO PEDAGÓGICO**

O Trabalho de Tradução no Ensino de Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Nilsa Brito Ribeiro - UFPA - Orientadora

---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues – UFPA - Membro

---

Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa – UFPA - Membro

---

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes – UFPA -Suplente

A Nestor e Maria do Socorro, por tantos  
saberes partilhados e por tantos  
incentivos à minha formação  
profissional...

Ao meu *Ouro Branco* (Pedro) e meu  
*Dourado* (José) pela maturidade e  
sabedoria diante dos “desafios” da vida e  
pela força ao dizerem: “como é que tá sua  
pesquisa, pai?”...

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Profa. Dra. Nilsa Brito Ribeiro, que, com muita sabedoria e leveza, partilhou comigo não apenas os momentos de construção deste trabalho, mas também me encorajou a superar as adversidades da vida como um sujeito tático. Obrigado de coração.

À Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança e Ao Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLS) por proporcionar a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Aos professores Nilsa Brito Ribeiro, Andrea Ciacchi, Flávio Leonel da Silveira, Tânia Sarmiento-Pantoja, Carmen Lúcia Rodrigues, Sylvia Trusen, Gunter Pressler e Salomão Hage, vozes que compõem este trabalho, por tantas discussões e conhecimentos construídos no decorrer das disciplinas do mestrado e, em especial, pela amizade.

A todos os professores colaboradores da pesquisa, que representam, também, todos os professores que contribuíram para minha identidade de professor, desde os meus primeiros anos de escolarização.

Às professoras Carmen Rodrigues e Fátima Pessoa, pelas incomensuráveis colaborações por ocasião da banca de qualificação.

Ao ex-coordenador do PPGLS, Prof. Dr. José Guilherme Fernandes, e à atual coordenação, Profa. Dra. Cristina Caldas, pela atenção.

Aos secretários do PPGLS, Alexandre, JR., Sr. Ary e Renan, pela cordialidade e atenção dispensadas todas as vezes que me atenderam.

Aos meus amados irmãos, Neuma, Naire e Nestor, Lilian e Jean pelo acolhimento, encorajamento e pela mão irmã e amiga... Amo vocês.

Aos meus amigos do mestrado – dispostos não em ordem afetiva, mas por tempo de convivência – por tanto coisa partilhada em sala, nos corredores, nos “Bemquerenças” da vida etc. e tal: Larissa, Robson, André, Sena, Patrícia, Degiane, Camilla, Sara, Tatiana, Helenice, Wanna, Fabíola, Karina, Gleúbia, Merivânia, Cícero, Fernando, Emerson, Lanna, Edileuza, Max etc.

À Larissa, Sara, André e Sena, em especial, pelas horas tão importantes de divã que teceram fortes laços de afetividade...

A um grupo de pessoas especiais que dividem comigo vários momentos da vida e que nesse percurso sempre mantiveram as palavras de incentivo, mesmo quando perguntavam “E aí, como é que tá a pesquisa?”: Minha mãe Madalena e meu irmão Raul, Sol & Waldemar, Mayara, Lilin & Marcelo, Suelen & Marcelo, Alexandre & Suelene, Rui Maurício & Andressa, Robert, Andréia e Vyrna.

Às pessoas que emanaram/emanam tanta energia positiva e me fazem acreditar que é possível...

“(...) o mundo da vida é um mundo ético, embora a vida possa ser vivida esteticamente. Imaginemo-nos dentro deste mundo: estamos expostos e quem nos vê, nos vê com o ‘fundo’ da paisagem em que estamos. A visão do outro nos vê como um todo com um fundo que não dominamos. Ele tem, relativamente a nós, um *excedente de visão*. Ele tem, portanto, uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele. Este ‘acontecimento’ nos mostra nossa incompletude sempre impossível. Olhamos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude, pois ‘tudo quanto pode nos assegurar um acabamento na consciência de outrem, logo presumido na nossa autoconsciência, perde a faculdade de efetuar nosso acabamento’ porque a experiência do outro, mesmo sendo do ‘eu’, lhe é inacessível.”

(João Wanderley Geraldi)

## RESUMO

Com este estudo analisamos os procedimentos tradutórios operados nas tarefas verbais do professor, no jogo interlocutivo da sala de aula de Língua Portuguesa. Nosso objetivo é analisar efeitos de sentido produzidos no trabalho de transposição do discurso científico a discurso de sala de aula, assumindo como pressuposto teórico de base o dialogismo bakhtiniano, em que a palavra é sempre dividida, tem sempre o outro como medida. Desta perspectiva teórica, defendemos que a passagem de conhecimento científico a conteúdo de ensino não se faz sem orientações históricas de dois discursos: o científico e o pedagógico. Por considerarmos o trabalho didático-pedagógico que o professor realiza ao transformar o conhecimento científico em objeto de ensino um trabalho de “tradução”, partimos de uma breve abordagem de *tradução* num sentido bem específico - tanto no sentido interlingual quanto intralingual. Desta noção primeira de tradução chegamos à noção de “tradução” numa perspectiva discursiva, em que o conceito de *heterogeneidade discursiva* se mostrou muito produtivo, uma vez que estamos considerando diferentes vozes na cena discursiva de sala, e, neste sentido, o conceito de tradução ganha um sentido bem específico. Ao analisarmos os procedimentos discursivos a que recorre o professor de Português, constatamos que há um investimento/trabalho desse sujeito, no discurso de sala de aula, de modo que, ao transformar o discurso científico em discurso de sala de aula, este movimento imprime marcas deste trabalho no discurso do professor. Os diferentes recursos linguísticos que dão fluxo ao processo de tradução de um conhecimento a outro não se faz naturalmente, mas, sobretudo, porque a posição social assumida pelo professor o orienta a explicar/traduzir o que pretende ensinar, até mesmo porque as representações que ele tem do aluno, do conteúdo e de si mesmo, enquanto professor, o orientam a fazer escolhas linguísticas que tornem sua explicação supostamente compreensível e os conteúdos assimiláveis aos alunos. É este jogo que orienta o trabalho de tradução do professor. Por essa via, as projeções culturais e ideológicas interferem no modo como o professor traduz, com que textos ele traduz os outros discursos, num movimento de *descontextualizar* e *(re)contextualizar* para sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogicidade. Aula de Português. Tradução e discursividade. Conhecimento científico e saber pedagógico.

## ABSTRACT

With this study we analyze the translating procedures operated in verbal tasks of the teacher, in the interlocutive game of the Portuguese Language classroom. Our goal is to analyze the meaning effects produced in the work of transposition of the scientific discourse to classroom discourse, taking as basis theoretical assumption the Bakhtinian dialogism, in which the word is always divided, has always the other as a measure. From this theoretical perspective, we argue that the passage from scientific education to teaching content can't be done without the guidance of two historical discourses: the scientific and the pedagogical. By considering the didactic-pedagogic work that the teacher performs when transforming scientific knowledge into teaching object a work of "translation", we start from a brief approach of translation in a very specific sense - both in the interlingual as in the intralingual sense. From this first notion of translation we got to the notion of "translation" in a discursive perspective, in which the concept of discursive heterogeneity was very productive, since we are considering different voices on the classroom discursive scene, and in this sense, the concept of translation gets a very specific sense. By analyzing the discursive procedures that the Portuguese professor uses, we found that there is an investment / work of this subject, in the classroom discourse, so that, by transforming the scientific discourse in classroom discourse, this move prints marks of this work in the professor discourse. The different linguistic resources that give flow to the process of translating from a knowledge to another is not done naturally, but mainly because the social position assumed by the teacher guides him/her to explain / translate what they want to teach, even because the representations that he/she has of the student, of the content and of him/herself as teacher, guide them to make linguistic choices that make their explanation supposedly understandable and the contents more digestible to the students. It is this game that guides the teacher's translating work. In this way, the cultural and ideological projections interfere in how the teacher translates, which texts he/she uses to translate the other speeches, in a movement of *decontextualize* and *(re) contextualize* to the classroom.

**Keywords:** Dialogicity. Portuguese Lessons. Translation and discourse. Scientific knowledge and knowledge pedagogical.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>DIALOGISMO E ALTERIDADE: REVISITANDO BAKHTIN</b>	<b>17</b>
2.1	Linguagem e intersubjetividade: alteridade constitutiva	21
2.2	De uma teoria do dialogismo a uma concepção de língua: implicações no ensino de Português	27
<b>3</b>	<b>O DISCURSO DE SALA DE AULA</b>	<b>33</b>
3.1	O gênero discursivo aula: ancoragem teórica	34
3.2	O jogo interlocutivo na sala de aula: a constituição dos pólos da interlocução	37
3.3	Especificidades do trabalho do professor de Português configuram diferentes identidades	42
<b>4</b>	<b>TRATAMENTOS TEÓRICOS DO CONCEITO DE TRADUÇÃO</b>	<b>50</b>
4.1	A tradução no rastro da tradição	52
4.2	Tradução interdiscursiva: a constituição de sentidos no intervalo entre posições enunciativas	57
4.3	A tradução interdiscursiva no caso da Divulgação Científica	65
4.4	O enunciado-comentário e a produção de sentidos	78
<b>5</b>	<b>PROCESSOS TRADUTÓRIOS NO GÊNERO DISCURSIVO AULA E AS MARCAS DE RE-FORMULAÇÃO NO DISCURSO PEDAGÓGICO ESCOLAR</b>	<b>82</b>
5.1	A pergunta didática ou retórica: tática desencadeadora do processo tradutório	84
5.2	A mediação de sentidos do senso comum	91
5.3	Construções parafrásticas	99
5.4	O recurso ao humor	102
5.5	A tradução suscitada pelo jogo interacional	104
5.6	A recorrência à exemplificação	107
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>111</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>114</b>
	<b>ANEXO A</b>	<b>117</b>
	<b>ANEXO B</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O nosso projeto de pesquisa inicial, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Linguagem e Saberes na Amazônia, trazia uma concepção de pesquisa segundo a qual a sala de aula se apresentava ao pesquisador como simples lugar de coleta de dados, sem a explicitação de uma concepção de escola, de ensino, de professor, enfim, uma concepção do processo mais amplo e complexo que envolve os sujeitos da educação, com suas experiências e seus saberes. Sob a égide de uma tradição científica que se pauta em universalizações e generalizações, formulamos nossa hipótese antes mesmo de qualquer contato com os sujeitos que se tornariam colaboradores da pesquisa; hipótese generalizadora e padronizadora, amparada por leituras e compreensões que elidiam qualquer possibilidade de uma experiência partilhada entre pesquisador e objeto de pesquisa.

A concepção de ensino de língua/linguagem em que nos ancorávamos também se limitava, ou nos conduzia, a um trabalho que tendia para homogeneização do indivíduo e da linguagem e não para a interação entre sujeitos que se fazem e se refazem nas trocas sociais. Distanciava-nos, portanto, de uma concepção de linguagem como construção ideológica, fruto de interações sociais, o que impedia-nos de avançarmos em direção a uma pesquisa que concebesse a capacidade de transformação dos sujeitos e da língua/linguagem, no processo de interação social.

Ao contatar com os sujeitos/colaboradores do nosso projeto, envolvidos na dinâmica da sala de aula; ao interagirmos com os dados coletados; depois de inúmeras orientações e de um intenso contato com leituras que levam em conta a ação dos sujeitos inseridos no espaço social – seres nada inertes, nada estáveis, mas em constante interação e em processo de constituição –, redimensionamos nossa hipótese.

Contrariamente à hipótese antes formulada de que o professor de Português se constituía apenas no espaço da reprodução do conhecimento já produzido, descartando qualquer possibilidade de invenção deste sujeito, fomos, no enfrentamento com os dados, formulando, gradativamente, a hipótese de que, mesmo enfrentando as adversidades históricas em diferentes dimensões, o professor realiza

um trabalho que, se olhado com as lentes generalizadoras e universalizantes, pode tornar-se invisível, mas se olhado a partir das singularidades das práticas e dos sujeitos, pode apontar um investimento que não é de um professor que apenas reproduz, uma vez que, mesmo no percurso da retomada do já-dito, há espaço para um trabalho que é do professor: a didatização do conhecimento.

No decorrer da pesquisa, a percepção de que os sujeitos atuam e se constituem na relação com o Outro e com a linguagem é que foi possível redefinirmos nosso objeto de pesquisa e, conseqüentemente, reformularmos nossa hipótese de trabalho.

Assim, elegemos o discurso do sujeito-professor<sup>1</sup>, produzido no interior de um gênero discursivo relativamente estável – a aula – tal como concebe Bakhtin (1997) em sua teoria dos gêneros discursivos. Como postula Bakhtin a respeito de qualquer outro gênero produzido em outras esferas sociais, assumimos que os sentidos em circulação na aula se produzem no jogo de forças instaurado entre os sujeitos em interação, ou seja, “[...] o sentido não é algo estável, que poderia ser relacionado a uma posição absoluta, mas se constrói no intervalo entre as posições enunciativas.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

Delimitado o discurso do professor de Português como nosso objeto de investigação, destacamos como objetivo deste trabalho analisar efeitos de sentidos a partir de procedimentos discursivos que sustentam o movimento de passagem do discurso científico a conteúdo de ensino de Português. Nossa ênfase recairá, portanto, sobre marcas linguísticas que indiciam a “tradução” de conhecimentos formulados no campo da Linguística para objetos de ensino de Língua Portuguesa.

Nossa hipótese é de que o professor investe discursivamente no trabalho de linguagem em sala de aula. Contrariamente à tradição investigativa de colocar em relevo a atuação do professor enquanto mero transmissor de informação, nossas análises procuram evidenciar o trabalho nem sempre perceptível que o professor realiza discursivamente na passagem do conhecimento científico a conteúdo de ensino. Defendemos que esse trabalho se faz por meio de marcas linguístico-discursivas orientadas por representações que o professor constrói de sua posição, da posição do aluno e do objeto de ensino, dentre outras.

---

<sup>1</sup> Em algumas passagens deste trabalho também nomeado de discurso de sala de aula, discurso pedagógico, discurso pedagógico escolar ou discurso didático-pedagógico.

### *O lócus e os sujeitos da pesquisa*

A pesquisa foi realizada em duas escolas de ensino médio: na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Oliveira Brito (EEEFQB) e no Instituto Federal do Pará (IFPA).

Ao final do primeiro e início do segundo semestre de 2011, realizamos parte da pesquisa em 8 turmas de ensino médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Oliveira Brito (EEEFQB). Trata-se de uma escola tradicional do município de Capanema (com mais de cinquenta anos de fundação). Nossa opção por esta escola deve-se muito à receptividade dos professores e à disposição de um número considerável em colaborar com a pesquisa, num total de sete professores. Contudo, após uma conversa informal sobre os objetivos da pesquisa e dos procedimentos metodológicos, apenas quatro dos professores puderam participar definitivamente, uma vez que limitamos a pesquisa ao Ensino Médio.

Nessa escola, a disciplina Língua Portuguesa é identificada com as seguintes nomenclaturas: “Português I” e “Português II”. Dos quatro professores colaboradores, apenas um deles é professor de “Português II”, atuando com produção textual, e os demais trabalham com “Português I”, ensino de gramática. Os quatro professores são graduados em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e especialistas na área – Ensino de Língua e Literaturas.

Nosso intuito em delimitar a pesquisa ao nível médio da escola básica deu-se por presumirmos que neste nível de ensino o currículo faça referências mais diretas a um conjunto de teorias linguísticas, de modo a favorecer maior recorrência e explicitude do professor a essas teorias e, conseqüentemente, mobilização de mais recursos linguístico-discursivos para sustentar o trabalho da tradução de conceitos.

Projetamos realizar a pesquisa no decorrer de dois semestres letivos – primeiro e segundo de 2011. No início do segundo semestre de 2011, que já estava com o calendário comprometido pela greve dos professores, ocorrida no final de 2010, tivemos de interromper a coleta de dados, por mais de 60 dias, devido à nova greve. Com isso o semestre letivo sofreu várias alterações. Conseqüentemente, a coleta dos dados e o organograma da pesquisa tiveram de se adequar à programação da escola.

No Instituto Federal do Pará (IFPA) – Campus de Bragança, realizamos a pesquisa em quatro turmas do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio – turmas de Aquicultura, Hospedagem e Pesca, durante o primeiro semestre de 2012.

Participaram da pesquisa dois professores de Língua Portuguesa, ambos formados em Letras, com especialização também na área de formação inicial.

Num quadro sinóptico, nossa pesquisa contou com a participação de seis professores de Língua Portuguesa, no Ensino Médio.

#### *A composição dos dados: da coleta à transcrição*

Quanto à coleta de dados, no primeiro momento da pesquisa, período de familiarização tanto do pesquisador com os colaboradores/sujeitos quanto desses com o pesquisador, apenas observamos e utilizamos, como instrumento de coleta, fichas para registrar a dinâmica da sala de aula e as ações dos sujeitos envolvidos nesse espaço. Após certo período de contato, pedimos autorização aos professores e aos alunos para gravar as aulas em áudio.

Foram gravadas 40 aulas que correspondem a vinte e três horas e trinta e três minutos de gravação. No anexo encontram-se apenas as aulas utilizadas nas análises; que somatizam um total de 15 aulas.

As aulas foram transcritas tomando-se por base teórica as discussões acerca da passagem da oralidade à escrita, empreendidas por Fávero, Andrade e Aquino (1999) e Preti (1997). As regras de transcrição utilizadas por nós foram adaptadas a partir das normas adotadas por Preti (1997), conforme quadro em anexo (Anexo I).

#### *Da disposição dos capítulos da dissertação*

Organizamos nossa dissertação em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, fundamentados no dialogismo bakhtiniano, apresentamos os marcos de uma concepção de linguagem que pretendemos trilhar neste trabalho.

No segundo capítulo, por ser a aula o gênero a que nos detemos para apreender o trabalho discursivo do professor de Português procuramos caracterizá-la em sua constitutividade. Nossa reflexão aponta para o jogo que há entre os

sujeitos e entre as vozes que compõem o processo de passagem do objeto científico a objeto de ensino, sempre engendrado pelo *projeto-de-dizer* do professor.

No terceiro capítulo, apresentamos as balizagens teóricas acerca da categoria tradução, ou seja, procuramos fazer o percurso que vai do conceito de *tradução formulado no campo da literatura* até chegar a uma noção de tradução de um tipo bem especial, tal como a concebem algumas abordagens discursivas.

No quarto capítulo, intitulado *Processos tradutórios no gênero discursivo aula*, num esforço de análise, dispusemos os excertos das aulas transcritas na tentativa de demarcar os procedimentos tradutórios flagrados por nós nas *tarefas verbais* empreendidas pelo professor, os efeitos de sentido produzidos e os rastros que nos apontam o investimento/trabalho desse sujeito ao realizar seu projeto de dizer.

## 2 DIALOGISMO E ALTERIDADE: REVISITANDO BAKHTIN

A dialogicidade é uma categoria-base que atravessa nosso trabalho, pois, como todo discurso, o discurso de sala de aula se inscreve numa relação com outros discursos que o constituem. É condição de realização da aula recorrer ao já produzido. Por esse motivo, não poderíamos deixar de visitar, ainda que brevemente, os fundamentos da dialogicidade, à luz dos estudos de Bakhtin (1997).

Desse modo, a dialogicidade bakhtiniana extrapola o diálogo entre duas pessoas, diálogo no sentido estrito, e entre diversificados textos. Daí que Bakhtin diz que “[...] Os limites dialógicos entrecruzam-se por todo o campo do pensamento vivo do homem.” (BAKHTIN, 1997, p. 349). Assevera também que o diálogo constituído pelo jogo de réplicas – respostas, contrapalavras, com acabamentos específicos –, é a forma basilar da comunicação verbal. Cada réplica, por menor que seja, é resposta e exige uma posição responsiva do outro (BAKHTIN, 1997, p. 295). A posição responsiva assinala a completude de um enunciado e reforça o liame com outros enunciados dentro de uma cadeia discursiva.

Cada enunciado é irreproduzível porque é singularmente situado, embora sempre remeta a outros enunciados ou discursos já em circulação – no caso das citações, por exemplo. Assim, em cada relação dialógica o enunciado reconfigura sua expressividade, pois já não se trata mais do mesmo enunciado, apesar de depender de outros para ter existência. É Bakhtin mesmo quem assevera que uma nova expressividade não rompe o liame entre os novos enunciados e os enunciados primeiros (BAKHTIN, 1997, p. 359). Com essa discussão Bakhtin explicita o processo de incorporação, (in)consciente, da palavra do Outro, de tal modo que o enunciado torna-se ao mesmo tempo *contrapalavra* ou *réplica* à palavra que o constitui (do Outro) e enunciado-resposta a outros discursos que virão. É neste sentido que, para Bakhtin, todo discurso é respondente a discursos anteriores e a discursos futuros.

Ao reforçar os limites dialógicos entre um enunciado e outro(s), Bakhtin traz ao centro de suas reflexões a interrelação responsiva entre enunciadore, ou seja, todo enunciado procede de alguém e se dirige a alguém; todo enunciado é constituído enquanto resposta e suscita resposta. A atitude responsiva se dá num ato de compreensão e carrega em si as marcas da especificidade da interação e a pressuposição do outro que não lhe é indiferente. Por conseguinte, tanto o

enunciado que se constitui quanto os enunciados antecedentes e subsequentes abrem espaço para compreensão ativa do outro.

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro (BAKHTIN, 1997, p. 295).

Bakhtin, defendendo que a produção de sentidos só é possível no interior do enunciado concreto, dispensa atenção especial ao processo de compreensão em sua teoria da dialogia e coloca em destaque nesse processo os sujeitos envolvidos, sua posição no mundo e a conseqüente atitude responsiva. Em nosso estudo, é de maior importância tratar da compreensão como possibilidade de responsabilidade do discurso do Outro, considerando que nossas análises atuarão na fronteira entre dois discursos (científico e didático-pedagógico) e um não se constitui sem a recorrência – explícita ou não – ao Outro, num processo ininterrupto de captação do discurso Outro, de incorporação da *palavra alheia*.

Para o autor, a predisposição ao diálogo só é possível em virtude da pressuposição do Outro (concreto ou virtual) – e da sua *responsividade responsável* – feita pelo locutor, dentro de uma dada esfera da comunicação verbal. E, também, pela alternância dos enunciados de diferentes inter-locutores. O Outro é responsável por instaurar a dialogicidade na produção dos enunciados, de textos de modo geral, escritos e/ou orais, é um destinatário que pode assumir idiosincrasias diferenciadas conforme o nível da intencionalidade do autor da produção verbal. O autor projeta no destinatário a expectativa de um ato/uma reação de compreensão como resposta.

Daí que Bakhtin faz uma distinção entre os tipos de destinatários: *destinatário segundo* e *destinatário terceiro* ou *superdestinatário superior*, como ele considera.

O destinatário segundo – que não se restringe a um destinatário empírico, embora possa também ser – é aquele que deve atuar dialogicamente em direção à *compreensão responsiva*, pois o enunciado lhe é endereçado, ou seja, é aquele de quem se espera uma compreensão ativa. Bakhtin esclarece que este destinatário tem características variáveis e “[...] pode ser mais ou menos próximo, concreto,

percebido com maior ou menor consciência.” (1997, p. 357). Por isso, a relação do autor com o destinatário está mais para o plano discursivo do que para um destinatário empírico.

O destinatário terceiro ou superdestinatário superior, por sua vez, deve praticar uma compreensão responsiva absolutamente exata e a relação se dá no plano metafísico ou histórico. Trata-se, na verdade, de percepções do mundo, a pontos de vista existentes sobre o mundo e que interpelam os sujeitos da linguagem – poderíamos traduzir em interdiscursos/interdiscursividade, tal como formulado em análise de discurso de vertente francesa. É dessa relação com destinatários num tempo distante, com pontos de vista díspares, que provém a *identidade concreta variável* do superdestinatário (*Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.*). Logo, o terceiro destinatário, com sua compreensão responsiva, idealizada como exata, em diferentes momentos, é que constitui essa identidade, atribui “valores” aos enunciados.

Ainda sobre o terceiro destinatário, Bakhtin explicita que

O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto. O fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* e impele sempre mais adiante (de um modo ilimitado) (1997, 357) (Grifo do autor).

Com o terceiro destinatário Bakhtin demonstra o dialogismo extremo, próprio do discurso que orienta qualquer produção verbal, sem depender, exclusivamente, de um destinatário mais imediato, segundo. O terceiro destinatário está relacionado ao discurso Outro que imprime de fato a dialogicidade constitutiva de todo enunciado, pois

O autor nunca pode entregar-se totalmente e entregar toda a sua produção verbal unicamente à vontade absoluta e *definitiva* de destinatários atuais ou próximos (sabe-se que mesmo os descendentes mais próximos podem enganar-se) e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância de compreensão responsiva que pode estar situada em diversas direções. Todo diálogo se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão responsiva, e que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros) (BAKHTIN, 1997, p. 357) (Grifo do autor).

Diante do exposto, o grande diferencial entre os destinatários está na pressuposição da compreensão responsiva pelo autor da produção verbal. Bakhtin diz que isso acontece de modo mais ou menos consciente.

Nesse ponto retomaremos sobre a compreensão, realização da dialogicidade. Bakhtin (*op. cit.*, p. 353) nos diz que compreender é integrar-se ao enunciado (do Outro) e, dessa forma, fazer parte dele, participar do processo dialógico que ele mantém com outros enunciados, na condição de um novo parceiro; mesmo nos casos em que não há um fio aparente que o ligue aos outros enunciados.

A palavra, portanto, não é um bem que pertence, com exclusividade, a um locutor. Até mesmo nos casos em que ela é dita sob a responsabilidade de um autor. Enfim, ela estará sempre alienada a um sujeito que agrega sua expressividade à de outros parceiros, atuais ou virtuais.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio). É representado fora do autor, e não se pode introjetá-lo (introjeção) no autor (BAKHTIN, 1997, p. 351) (Grifo do autor).

A palavra é um drama com três personagens: *palavra minha*, imbuída da *palavra alheia* e, que logo em seguida escapa à exclusividade de *Minha* – daí tem-se a imagem do locutor (autor). Depois, torna-se palavra alheia, novamente, pois apartada do autor dependerá da compreensão responsiva do Outro – entra em cena a imagem do destinatário segundo. Contudo, acima dele e do autor, consolidando a tríade, está o superdestinatário superior (os outros discursos) dirigindo e atuando como personagem principal o drama da dialogicidade da palavra. Diz-nos Bakhtin: “A palavra que teme o terceiro e busca ser reconhecida apenas no imediato (busca uma compreensão responsiva apenas num nível de profundidade limitada), junto aos destinatários imediatos.” (*op. cit.*, p. 358).

Dessa forma, para Bakhtin, praticar ato de compreensão é instaurar a dialogicidade porque a compreensão é de natureza dialógica num sistema dialógico. Por conseguinte, o destinatário terceiro, é responsável pela compreensão responsiva idealizada como exata (1997, p. 357).

É nesse espetáculo polifônico da palavra, nesse ininterrupto processo dialógico, que a linguagem constitui-se pela relação entre os sujeitos. Na interação entre subjetividades irrompem sujeitos e linguagem, anunciando a presença da alteridade como constitutiva do sujeito e da linguagem.

Nos itens que seguiremos trataremos mais detidamente da alteridade, conforme Bakhtin (1997) e Lèvinas (1998; 2004), enquanto condição do processo de constituição da linguagem e dos sujeitos.

## 2.1 Linguagem e intersubjetividade: alteridade constitutiva

“[...] é a dinâmica do *trabalho lingüístico*, que não é nem um eterno recomeçar nem um eterno repetir, que é relevante: por ele a linguagem se constitui marcada pela história deste fazer contínuo que a está sempre constituindo. Individualmente, nos processos interacionais de que participamos, *trabalhamos* na construção dos sentidos ‘aqui e agora’, e para isso temos como ‘material’ para este trabalho a *língua* que ‘resultou’ dos trabalhos anteriores.” (GERALDI, 1997, p. 11)

Há muito se discute no meio científico, especificamente no campo dos estudos enunciativos e discursivos, sobre uma concepção de língua em que esta é compreendida como espaço de inter-relação, de intersubjetividade. Para tal, a presença do(s) Outro(s) é de fundamental importância nesse processo, ao contrário não se poderia tratar do ato de interlocução e comunicação verbal como interação: “[...] toda interação é uma relação entre um eu e um tu, relação intersubjetiva em que se tematizam representações das realidades factuais ou não.” (GERALDI, 1997, p. 13).

Nesta seção, nosso intuito é delimitar a concepção de linguagem que fundamenta nossa pesquisa. Reportaremos-nos, com mais ênfase, a dois autores que contemplam a alteridade em seus pensamentos: Bakhtin (1997) e Lèvinas (1988; 2004). Ambos discorrem sobre a necessidade do Outro para que a interação, em todas as suas formas, aconteça e estão de acordo que o que possibilita o processo de interação humana é justamente a linguagem.

Não intuimos, no entanto, colocar os dois autores numa mesma perspectiva teórica, ao trazê-los sob uma mesma problemática. No entanto, mesmo compreendendo que ambos falam de campos teóricos específicos, há

complementaridades produtivas para uma melhor compreensão de uma concepção dialógica da linguagem.

Como discutimos na seção precedente, para Bakhtin (1997), toda palavra reclama a alteridade e se constitui no plano da discursividade (discurso interior e exterior). Mesmo quando formula o conceito de gêneros discursivos (orais ou escritos), enquanto formas relativamente estáveis que se configuram em gêneros primários e secundários, o autor aponta a alternância dos sujeitos enquanto fronteiras dialógicas entre enunciados.

Para Lèvinas (1988; 2004), filósofo da alteridade, a linguagem, discurso, só se torna possível com a presença do Outro. Este estará sempre presente, não como objeto pensado, mas como interlocutor, que exige uma resposta. A alteridade se instaura na relação *face-a-face* (discurso exterior) e é a linguagem que enceta a relação – o que ele considera de *Metafísica da Alteridade*.

A linguagem desempenha de facto uma relação de tal maneira que os termos não são limítrofes nessa relação, que o Outro, apesar da relação com o Mesmo, permanece transcendente ao Mesmo. A relação do Mesmo com o Outro – ou metafísica – processa-se originalmente como discurso em que o Mesmo, recolhido na sua ipseidade de – eu – de ente particular único e autóctone – sai de si (LÉVINAS, 1988, p. 27).

Enfim, nossa intenção é justamente contemplar a interação em todas as instâncias, tanto no diálogo formal (relação entre réplicas, mantenedora do discurso de sala de aula) quanto no plano da dialogicidade interior (fusão de vozes), sempre possível a partir da alteridade.

Pertinente à construção de sentidos, Bakhtin (*op. cit.*) ratifica que em qualquer enunciado há a fusão de duas facetas: elementos objetivos e subjetivos. O objeto do sentido, a faceta objetiva (o todo do enunciado) é perpassada pelo que esse autor nomeia de *intuito discursivo* ou *querer-dizer* – a faceta subjetiva. Essa combinação, atrelada ao *contexto trans-verbal<sup>2</sup>*, à situação real de comunicação, compõe uma *unidade indissolúvel* – o enunciado estruturado em um gênero do discurso. O querer-dizer é percebido, captado, pelos locutores, pois interfere definitivamente na composição dos enunciados, na escolha do gênero, sempre

---

<sup>2</sup> Traduzimos essa expressão-chave bakhtiniana como a realidade que transcende a finitude dos sentidos linguísticos.

relacionados aos enunciados precedentes – à cadeia de enunciados – dentro do contexto trans-verbal.

Mesmo nos enunciados isolados, marcados pelas *circunstâncias individuais* e pela subjetividade, não desaparecem as marcas dos outros (inter)locutores envolvidos na situação de comunicação. Essa interação com os enunciados individuais dos outros suscita e altera o *intuito discursivo*, individualizado, entretanto impregnado pelas palavras do Outro. Ao que Bakhtin (1997) esclarece:

[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não *das palavras da língua*) [, de tradução]. Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (p. 314-315) (Grifos do autor).

O que Bakhtin nomeia de intuito discursivo ou querer-dizer, para o filósofo Emmanuel Lèvinas é a *linguagem pré-originária* ou *dizer*. Na concepção levinasiana o dizer está imbricado no *dito*, contudo o Outro interfere nesse diálogo do si a si – dizer. Apesar de Lèvinas explicitar a limitação do dito, todavia almeja ultrapassar os limites do enunciado, do conteúdo tematizado. Portanto, o dito não é inexorável semanticamente.

Descarta-se, portanto, o mero receptor de signos verbais. *O dizer é uma maneira de saudar outrem, mas saudar outrem é já responder por ele*. Quando Lèvinas afirma que o dizer implica um dito, explicita que o discurso – o dito – entre um Eu e Outrem decorre do diálogo interior no ser – dizer. Assim, “Um ‘dizer’ que é anterior ao mundo e à fala ontologicamente concebidos, anterior à linguagem compartilhada e a seus diferentes jogos, anterior à performatividade dos atos de fala, anterior às interpretações e, portanto, anterior às línguas.” (COSTA, 2000, p. 161) (Grifo do autor). Assim, a linguagem demanda uma relação inter-subjetiva.

Bakhtin (1997), por sua vez, expõe que esta inter-subjetividade, inter-relação e *luta com o pensamento alheio*, é que constitui e desenvolve o nosso pensamento. Isso interfere definitivamente nas formas da expressão verbal do pensamento – no

dito levinasiano; ou para alinhar mais ainda com a discussão que estamos tecendo, nas formas de traduzir.

No mais, a inter-subjetividade, para esses autores, ratifica a atitude do eu enquanto interlocutor – que deve responder sempre. “[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.” (BAKHTIN, 1997, p. 321).

Em Lèvinas, a linguagem, discurso, é fundamentada com a presença de Outrem. Neste âmbito, a linguagem engendra a Metafísica da Alteridade, como concebe o autor – encontro que se instaura na intercorporalidade entre Eu e Outrem. Descarta-se nesta relação, qualquer possibilidade de totalização, relação pelo conhecimento – forma ontológica de compreender o dito, que não diz o dizer. Mas, é relação do frente a frente, apesar da *distância* (pois o Eu não envolve o Outro, antes o invoca,) possibilitada pelo dizer impregnado no dito, discurso – di-álogo, que subsume todo egoísmo do Eu: poder de reduzir o Outro ao Mesmo. Portanto é relação com o infinito – transcendente.

O discurso, pelo simples facto de manter a distância entre mim e outrem, a separação radical que impede a reconstituição da totalidade e que é pretendida na transcendência, não pode renunciar ao egoísmo da sua existência; mas o próprio facto de se encontrar num discurso consiste em reconhecer a outrem um direito sobre o egoísmo e assim em justificar-se (LÉVINAS, 1988, p. 27).

A linguagem, desse prisma, erige um interlocutor, não um receptor inerte, um sujeito cognoscível. Coloca-o face a Mim, exigindo, para tanto, um falante/produtor de linguagem, pois o Outro não é objeto de intelecção. Neste caso, o interlocutor, outrem, é de suma importância na situação de comunicação, que se dá num espaço **di**-alético-**di**-alógico (*dizer que implica um dito*), que descarta a inexorabilidade do esquema clássico (emissão-mensagem-recepção). Irremediavelmente, o Eu – interlocutor – interage intersubjetivamente, responde, ousa dizer o dizer que excede o dito. Consequentemente, o (inter)locutor – Eu – constitui-se pelo reconhecimento do interlocutor – Tu (Outrem).

Para Bakhtin (1997), quando o (inter)locutor fala, as palavras do interlocutor estão presentes no discurso do (inter)locutor, porque ele se coloca na posição do Outro e seu discurso joga com este quadro de representações/referencialidades. Por

isso a linguagem é **di**-alógica, pois ela contém sentidos de discursos já ditos e representações do Outro. É o que ocorre na sala de aula concebida como espaço de interação verbal. Portanto, o que é dialético e dialógico não tem esquema, tem jogo, tem relação, interação.

“O falar consistiria para cada interlocutor em entrar no pensamento do outro, em aí manter-se.” (LÈVINAS, 2004, p. 209). Então, o reconhecimento de *per si* dá-se pelo reconhecimento do Outro. Atitude responsiva ativa e reflexiva; *responsividade responsável* (expressão-chave que condensa o jogo entre sujeitos transubjetivos). “A consciência de si se realiza e se percebe sempre sobre o pano de fundo da consciência que um outro tem dessa, ‘o eu para si mesmo’ sobre o pano de fundo do ‘eu para o outro’ (Bakhtin 1929: 219).” (PONZIO, 2011 *apud* BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2011) (Grifos do autor).

Bakhtin (1997) sinaliza, também, a relevância do papel dos outros para os quais o enunciado é composto e destina-se. Para ele, é somente na relação com os Outros, enquanto falantes, e não como ouvintes passivos, que o nosso pensamento torna-se real – tanto para os outros quanto para nós. Daí, numa comunicação verbal, os outros, participantes ativos, devem responder e ter uma compreensão responsiva ativa. O locutor elabora o enunciado almejando esta resposta dos Outros – interlocutores.

O papel dos *outros*, para os quais o enunciado se elabora, como já vimos, é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 1997, p. 321) (Grifo do autor).

Em Lèvinas, outrem na relação da linguagem, no face a face, além de ser o destinatário, é invocado como infinito. Pois,

A linguagem [...] é endereçada a outrem e o invoca. Certamente, ela não consiste em invocá-lo como representante e pensado, mas é precisamente porque a distância entre o mesmo e o outro, onde a linguagem se verifica, não se reduz a uma relação entre conceitos, um limitando o outro, mas descreve a transcendência em que o outro não pesa sobre o mesmo, apenas o obriga, torna-o responsável, isto é, falante. A relação da linguagem não se reduz àquela que conecta ao pensamento um objeto que lhe é dado (LÈVINAS, 2004, p. 58).

Na concepção de Bakhtin (1997), o (inter)locutor é um respondente de outros discursos que lhe antecedem, enunciados/discursos que não têm, necessariamente, origem demarcada, mas que compõem a cadeia discursiva.

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 1997, p. 291-292).

Lèvinas elucida, ainda, que pelo discurso o Eu exprime o conceito de interlocutor em geral, próprio de outrem, daí a espessura discursiva do Outro. Pela palavra não somente pensa-se no Outro, todavia fala-se a Outrem explicitando tal conceito de si que o tem como pano de fundo. Ressalta-se, assim, um dinamismo inerente às situações de comunicação que extrapola a função informativa: o dizível e o indizível não se esgotam nas estruturas linguísticas, signos verbais.

O sujeito inserido numa relação que não considera o Outro como simples objeto de inteligência, objetivação, não será apenas sujeito de linguagem, mas, sobretudo, produtor de linguagem, imbricado num jogo Eu-Tu, onde um não limita o outro, porque pela linguagem o Eu excede as fronteiras do si-Mesmo, de sua ipseidade. Com base neste escopo, a inter-relação, interlocução, dos sujeitos tornar-se-á possível com o uso da língua, dentro de um contexto extra-linguístico, numa situação real de comunicação.

## 2.2 De uma teoria do dialogismo a uma concepção de língua: implicações no ensino de Português

“Palavra dócil / Palavra d’água pra qualquer moldura / Que se acomoda em Balde, em verso, em mágoa / Qualquer feição de se manter palavra.”  
(BUARQUE, RCA, 1989)

Em Bakhtin (1997), é o uso que os sujeitos fazem da língua que, nas mais diversas atividades, abre espaço para a relação interacional. De acordo com esse autor, as diversificadas esferas de utilização da língua demandam os variados *tipos relativamente estáveis de enunciados*: os gêneros do discurso<sup>3</sup>.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] (BAKHTIN, 1997, p. 280).

O autor evidencia, portanto, um percurso que vai das esferas de comunicação – das situações de interação – à língua, o que aponta, certamente, para um percurso teórico metodológico que rompe com uma concepção de língua fechada no sistema. Em outras palavras, a língua, desta perspectiva, transcende a concepção que a enquadra como um sistema de expressões pronto e acabado e passa a ser compreendida como espaço ideológico de constituição de sentidos e de disputa de sentidos.

A língua enquanto sistema dispõe, claro, de um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos linguísticos, são absolutamente *neutros* no plano dos valores da realidade (BAKHTIN, 1997, p. 309) (Grifo do autor).

O sujeito sozinho, a saber, não cria os sentidos, tampouco os sentidos linguísticos são suficientes para que se tornem sujeitos de linguagem, eles são reflexos das interações, nas diversificadas esferas da comunicação, *ad infinitum*. “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados,

<sup>3</sup> No Capítulo 2, trataremos especificamente da discussão sobre gênero discursivo à voz desse autor, sob a formulação teórica do autor.

sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p. 280) (Grifos do autor).

Assim, os sentidos, os discursos, não se alojam nem no sistema linguístico nem na mente dos sujeitos, mas no jogo das relações interacionais, dentro de esferas sociais específicas, o que nos leva a compreender que é no embate das relações sociais que se produzem sentidos (BAKHTIN, 1997). Dessa forma, os sentidos linguísticos constituídos em diferentes esferas, são (re)configurados nos enunciados e tornam-se vulneráveis a cada novo enunciado, a cada nova interação (caráter sócio-histórico-ideológico de língua).

A interlocução, gênese dos variados gêneros do discurso, *ipso facto*, é o lugar de realização da língua e, congruente ao pensamento bakhtiniano, de concretização/constituição dos sujeitos pela linguagem. Bakhtin (1997) adverte que

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática (p. 282).

Outrossim, Geraldi (1997) clarifica a importância da linguagem para o desenvolvimento do homem. Sem a linguagem os sujeitos não têm como apreender os conceitos necessários para compreensão do mundo e, conseqüentemente, não podem alterá-lo, modificá-lo discursivamente.

Com essa reflexão, Geraldi (1997) refere-se à língua enquanto um sistema de referência, resultado de uma construção histórica e social do uso desse sistema pelos sujeitos que com ele (o sistema) operam discursivamente. Daí o autor defende que nessas operações há pelo menos três ações: as *ações que os sujeitos fazem **com** a linguagem*, *ações que fazem **sobre** a linguagem* e a *ação **da** linguagem* (GERALDI, *op. cit.*, p. 16).

A ação **da** linguagem se dá no ato de produzir os sistemas de referências, a que os sujeitos recorrem enquanto recursos expressivos. Segundo o autor, essas

operações são possibilitadas pelo caráter reflexivo da linguagem – sua característica fundamental.

Com a linguagem não só representamos o real e produzimos sentidos, mas representamos a própria linguagem, o que permite compreender que não se domina uma língua pela incorporação de um conjunto de itens lexicais (o vocabulário); pela aprendizagem de um conjunto de regras de estruturação de enunciados (gramática); pela apreensão de um conjunto de máximas ou princípios de como participar de uma conversação ou de como construir um texto bem montado sobre determinado tema, identificados seus interlocutores possíveis e estabelecidos os objetivos visados, como partes pertinentes para se obter a compreensão.

A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem: as ações lingüísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demanda esta reflexão, pois compreender a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma do diálogo [...] (GERALDI, 1997, p. 16-17).

Atinente ao ensino de língua portuguesa, o autor, ao dar à linguagem a importância devida, não sobrepõe esta àquela. Contudo, esclarece que é necessário pensar o ensino norteado pela linguagem. Destarte, dar esta gradação ao trabalho com a língua materna, na escola, demanda repensar os sujeitos da aprendizagem, sujeitos que se fazem na interação verbal suscitada pelo contexto trans-verbal.

Pertinente à interação verbal enquanto lugar de produção de linguagem e dos sujeitos pela linguagem, Geraldi adverte sobre os cuidados que devem ter, ao adotar-se a tríade língua, sujeitos e interações como fulcro do trabalho com a língua portuguesa no contexto escolar, devendo considerar:

- a) que a *língua* (no sentido sociolingüístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói;
- b) que os *sujeitos* se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas.
- c) que as *interações* não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo [...]. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos (GERALDI, 1997, p. 6-7) (Grifos do autor).

Numa ótica bakhtiniana, o ensino de língua deveria ser perpassado por um conhecimento profundo dos enunciados, unidade e elo inalienável da cadeia da comunicação verbal, concatenados à diversidade dos gêneros discursivos, pois “O problema de saber o que na língua cabe respectivamente ao uso corrente e ao indivíduo é justamente problema do enunciado [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 283). Caso contrário, o ensino desconecta-se do uso corrente, a língua torna-se apenas um conglomerado de signos inertes e o ensino restringe-se aos conceitos fechados na oração, unidade da língua contemplada pelas gramáticas. Assim, o ensino fechado no isolamento da palavra, torna-se sem endereço social, tendo serventia apenas para atividades linguísticas e/ou metalinguísticas e muito pouco para a vida na sua forma mais ampla.

O estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso tem uma importância fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida verbal, a que chamam o “fluxo verbal”, a comunicação, etc., noções estas que ainda persistem em nossa ciência da linguagem. Irei mais longe: o estudo do enunciado, em sua qualidade de *unidade real da comunicação verbal*, também deve permitir compreender melhor a natureza das *unidades da língua* (da língua como sistema): as palavras e as orações (BAKHTIN, 1997, p. 288) (Grifos do autor).

Bakhtin refuta a redução da língua à expressão do universo individual do locutor, a um sujeito cartesiano, individual e indiviso; único produtor da palavra e dos sentidos, apartado da inter-relação. Reforça, ainda, que com esta perspectiva subsumem-se as funções comunicativas da linguagem, sai de cena a interlocução. “As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários.” (BAKHTIN, 1997, p. 310).

Ainda sobre a palavra – como apresentamos na seção em que discorremos sobre a dialogicidade –, ele expõe que, com relação ao locutor, ela apresenta-se de três ângulos díspares: como *palavra neutra*, *palavra do outro* e *palavra minha*. No primeiro, como constructo convencional e arbitrário de um sistema (a saber, o linguístico); no segundo, como ressonância das vozes que perpassam e constituem o enunciado e, suscitam novos enunciados; por último, como discurso – expressão – dos sujeitos. A expressividade impressa na palavra, no segundo e terceiro ângulos, é consequência do liame com a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real de comunicação.

É enquanto propriedade, temporária, do sujeito e unidade do enunciado individual que a palavra, carregada de expressividade, atualiza-se e ganha novas gradações de sentido na interação. Logo,

As pessoas [...] não trocam palavras (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído [...] de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 298).

Daí, um trabalho com a língua à luz de uma abordagem estrutural, ou seja, que privilegie somente o primeiro ângulo, centrado em atividades, estritamente, linguísticas, não possibilita a reflexão acerca dos recursos expressivos que conduzem a possibilidade de produção de nova significação, de interpretar, de traduzir. Desconsidera, dessa forma, as possibilidades que os sujeitos têm de refletir sobre a linguagem – atividades epilinguísticas<sup>4</sup>. Não há, enfim, lugar (contexto trans-verbal) para a constituição dos sujeitos e da linguagem; outrossim, não há espaço para inter-subjetividade.

O reconhecimento da alteridade, via única para interlocução, desaparece nessa concepção mecânica de língua/ensino de língua. É na relação com a alteridade que os sentidos se constroem, de modo que linguagem e sujeitos se constituem no jogo das relações sociais. Essa relação não se limita apenas à objetivações, um apreendendo o outro ou o sistema de normas que estruturam a língua (a gramática), mas é relação entre subjetividades. “Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressões pronto, entendendo-se a língua como um código disponível, não haveria construção de sentidos.” (GERALDI, 1997, p. 10). Desta maneira, a língua nos é dada “[...] mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos [em forma de gêneros] durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam.” (BAKHTIN, 1997, p. 303).

---

<sup>4</sup> Vislumbrar a linguagem para além da materialidade, dos códigos. Daí a compreensão, fruto da reflexão sobre os recursos expressivos, possível na interação enquanto acontecimento singular, é engendrada não como decodificação mecânica, sobretudo, como representação sempre reatualizável de significados/sentidos. Geraldi pondera que a concretude significativa irrompe na singularidade das interações/dos acontecimentos.

Após revisitarmos Bakhtin e outros autores no que tocam sobre a constituição da linguagem e dos sujeitos nas interações sociais, no próximo capítulo, trataremos do funcionamento discursivo da aula que também nomeamos de discurso pedagógico escolar.

## 2. O DISCURSO DE SALA DE AULA

Por adotarmos as configurações discursivas da aula como objeto de pesquisa e por ser a aula um gênero discursivo<sup>5</sup> entendemos ser necessária uma discussão, mesmo breve, sobre a aula enquanto um gênero discursivo.

Tomando alguns posicionamentos sobre o nosso objeto, todavia sem adotar ainda uma postura analítica dos dados coletados nas aulas, partiremos da ancoragem teórica que nos permitirá analisar a aula enquanto um gênero discursivo (BAKHTIN, 1997; GERALDI, 1997; RIBEIRO, 2005) ao qual subsumem outros gêneros ou subgêneros. Para tal, não podemos deixar de discorrer, de maneira mais específica, sobre os pólos da interação que compõem o jogo interacional na sala de aula, assumindo as especificidades demandadas por esse espaço discursivo e, também, pela posição enunciativa que ocupam.

São as especificidades do gênero e os posicionamentos assumidos pelas diferentes instâncias enunciativas da aula que concorrem para a produção identitária deste mesmo gênero discursivo e dos sujeitos que nele se constituem.

Embora nossas análises tomem como material empírico as aulas e nelas o trabalho de “tradução” do professor, outras instâncias enunciativas, como o aluno, o conteúdo científico etc., estão já pressupostas no discurso do professor, pois como propõe Bakhtin, a expressividade de todo discurso contém na posição do locutor a pressuposição do Outro, como constitutiva de sentidos. Autores como Bortolotto (1998), Geraldi (2010) e Ribeiro (2005) já nos atestam em seus estudos como a aula contém no discurso do professor o jogo de vozes (do professor, do aluno, da teoria, do livro didático etc.) que contracenam na constituição do discurso pedagógico escolar.

---

<sup>5</sup> Embora alguns autores prefiram considerar a aula como um evento no qual se produzem diferentes gêneros, aderimos a autores que consideram a aula um gênero que subsume outros subgêneros (Cf. RIBEIRO, 2005).

### 3.1 O gênero discursivo aula: ancoragem teórica

No capítulo anterior, em que apresentamos os marcos conceituais de uma concepção de linguagem em que aportamos nossa pesquisa, mencionamos, sumariamente, a noção de gênero discursivo formulada pelo filósofo Bakhtin (1997).

Nesta seção abordaremos, especificamente, o gênero aula, na sua constitutividade, pois essa discussão fornece bases teóricas para refletirmos os processos de tradução de sentidos do discurso científico e/ou do discurso do livro didático<sup>6</sup> para o discurso pedagógico escolar – DPE. É por esse motivo que evidenciamos nossa adesão aos postulados de Bakhtin (1997) em relação aos gêneros do discurso.

Uma reflexão sobre gênero que tome como fundamento a teoria de gêneros de Bakhtin nos leva a concordar com Ribeiro (2005, p. 75) ao afirmar

Adotar a perspectiva de gêneros proposta por Bakhtin requer assim a compreensão de que são as condições de produção do discurso que orientam *o que dizer, como dizer e em que condições dizer*. Nesse sentido, se o processo histórico de consolidação de cada gênero específico permite-lhe certas regularidades, é preciso ter em conta que as suas configurações estão sempre abertas a mudanças, a entrecruzamentos, justamente porque a inscrição do gênero na história obriga-lhe esse movimento de consolidação e renovação (Grifos da autora).

Para essa noção, o gênero se configura como lugar social em que sujeitos e linguagem se constituem na e pelas ações discursivas. O gênero se configura, portanto, como a forma, o espaço, relativamente estável, que torna evidente a ação discursiva dos sujeitos sobre e com a linguagem por meio de enunciados completos e variados. Os enunciados, de acordo com Bakhtin, evidenciam/refletem as especificidades e finalidades das esferas de comunicação em que são engendrados. Ele esclarece que isso não se dá apenas

[...] por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280) (Grifo do autor).

---

<sup>6</sup> Nossas análises não levarão em conta o discurso do livro didático (LD), mesmo nos casos em que o professor faz uso do LD como ponto de partida para instaurar o processo tradutório. Não ignoramos, também, que o LD é uma tradução do discurso científico.

Com esses apontamentos, Bakhtin dá mostra da configuração do enunciado. O enunciado, unidade básica da comunicação verbal, é o que ele denomina de gênero do discurso. Ademais, cada esfera de comunicação, com suas formas de interação, com suas especificidades, imprime a estabilidade relativa dos gêneros, juntamente com os três elementos mencionados pelo autor: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Dentre eles, Bakhtin (1997) destaca a construção composicional, que, devido à falta de estabilidade definitiva, altera-se em infindas formas, como é infinda a variedade virtual da atividade humana. A despeito disso, segundo o autor, “[...] cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Fica sublinhada nessa concepção, portanto, a possibilidade que os sujeitos têm de, numa situação de interlocução, compor e imprimir marcas individuais, singulares em seus atos de fala, embora o gênero não seja no seu todo resultado de um ato de vontade individual, pois estão distribuídos nas diferentes esferas da sociedade e como tal sofrem restrições históricas e ideológicas.

Ribeiro (2005), também ancorada na concepção bakhtiniana de gênero, destaca o teor sócio-histórico renovável desses constructos discursivos, a partir de uma reflexão acerca da instabilidade relativa – *estabilidade instável* dos gêneros:

Os gêneros, enquanto *formas relativamente estáveis*, funcionam como modos específicos de interação que se atualizam em situação de interlocução, garantindo, desse modo, a sua consolidação histórica e a possibilidade de renovação. A noção de gêneros entendida como formas *relativamente estáveis*, como postula Bakhtin, refuta qualquer compreensão de gêneros discursivos como dados fixos *a priori*, mas como resultado de um processo de historicização da linguagem numa relação intrínseca com a historicização das práticas sociais, razão pela qual os gêneros estão sempre sujeitos a alterações impostas pela própria dinâmica histórica. Pode-se falar, portanto, em uma ‘estabilidade instável’, pois, ao mesmo tempo que os gêneros são limitados pelas convenções da prática social, esta mesma lhes oferece a garantia da potencialidade à criatividade, à mudança (RIBEIRO, 2005, p. 59) (Grifos da autora).

Devido à diversidade de gêneros, consequência da diversidade de esferas da atividade humana, Bakhtin faz uma distinção, considerada indispensável por ele, entre gêneros primários e secundários, pois, para o autor, essa distinção tem

importância capital, em especial por esclarecer a natureza do enunciado, indissociável dos aspectos sócio-históricos.

Os gêneros do discurso primário ou simples comportam todos os enunciados constituídos em circunstância de uma comunicação verbal espontânea. O autor menciona, para exemplificar, a *breve réplica monoleximática* (um simples “não”, dentro de uma situação real de comunicação). Os gêneros simples, todavia, podem se desenvolver, ser transformados/incorporados pelos gêneros secundários; isso dependerá, sobretudo, da complexidade da esfera de comunicação.

Os gêneros simples no processo de transmutação em secundários sofrem transformações “[...] perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 282). Desconectados da realidade existente, fazem parte da realidade de determinado gênero secundário. Daí que os gêneros secundários, complexos, para o autor, “[...] aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica.” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Bakhtin, com essa distinção, além de reforçar o liame entre língua e vida, enfatiza a importância de se ter “Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diferentes gêneros do discurso [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 283). Dessa perspectiva, alija-se a possibilidade do estudo cair no formalismo e na abstração, de se fechar num plano teórico, porque a historicidade entra em cena, perpassa o trabalho.

Nesse ponto da discussão, diante da heterogeneidade dos gêneros do discurso, orais e escritos, apontada por Bakhtin, que se estende desde as réplicas do diálogo cotidiano até às obras literárias, nos dedicaremos à reflexão específica sobre a aula enquanto gênero do discurso. A aula como gênero, espaço de constituição do DPE, atende às especificidades da sala de aula, microesfera (da atividade humana) – inserida na instituição escolar: macroesfera.

Embora a aula se caracterize como um gênero complexo, no processo de interlocução de sala de aula, os discursos se singularizam, de modo que cada professor pode apresentar um estilo de aula como parte de um contexto histórico mais amplo do sistema de ensino que rege os processos de realização da aula.

Nesse espaço de criatividade e diretividade, imprimem-se as marcas táticas<sup>7</sup>, que podemos considerar, conforme Certeau (1994), quase invisíveis de transformação do discurso científico em discurso de sala de aula. Podemos remeter essa ação a contrapalavras do professor em relação ao conhecimento sistematizado.

Em especial, no caso da escola básica, esse processo de transformação de um conhecimento primeiro em conhecimento segundo é fortemente evidenciado com diferentes procedimentos discursivos, dentre eles a recorrência a sentidos do senso comum<sup>8</sup>, com o objetivo de explicitar o conteúdo, assim como as paráfrases didáticas que cumprem a função de tornar o conhecimento científico acessível ao aluno. É claro que, quando o professor opera estes procedimentos linguísticos e discursivos, um jogo de imagens orienta tal trabalho.

Ribeiro (2005, p. 187) caracteriza o processo de recorrência à voz do senso comum enquanto um recurso que se dá no interior do gênero aula, como construção que leva adiante o projeto-de-dizer do professor. Neste projeto incluem-se imagens das instâncias que compõem o jogo interlocutivo da aula (professor, aluno e o objeto de conhecimento textualizado). Essas instâncias em interação, mobilizadas por diferentes representações, determinam as configurações do gênero aula e/ou do discurso que aí se instaura.

Trataremos melhor, na seção posterior, do jogo interlocutivo da aula.

### 3.2 O jogo interlocutivo na sala de aula: a constituição dos pólos da interlocução

“[...] é porque há *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes.” (PÉCHEUX, 2012, p. 54)

“Com o ‘sujeito-aprendiz’ agora sendo concebido como elemento que também tem coisas a dizer, e o objeto de conhecimento como aquilo que, para ser apreendido, tem de ser (re)construído e transformado pelo sujeito numa dinâmica específica, altera-se, conseqüentemente, a postura do professor, não apenas diante do aluno e do objeto de conhecimento, mas diante de si próprio e das relações sociais entre os elementos do grupo.” (BORTOLOTTI, 1998, p. 102)

<sup>7</sup> Certeau (1994) nomeia de *trabalho inventivo* ou *táticas cotidianas*, as ações silenciosas e quase invisíveis que emergem como resistências de um grupo social no interior da estrutura de poder, da maquinaria.

<sup>8</sup> No capítulo 4 abordaremos a noção de “senso comum” como um dos recursos que impulsionam o processo tradutório em sala de aula, em consonância com Ribeiro (2005) e Santos (2005).

Geraldi (1997), ao discorrer a propósito das ações que se fazem com a linguagem, recorre à metáfora do jogo para evidenciar a dinâmica resultante das ações linguísticas entre sujeitos. O jogo reforça a interação verbal que há entre os sujeitos envolvidos. Nesse jogo, sujeitos e linguagem constituem-se num processo de interrelação. Também, Geraldi (*op. cit.*) esclarece que “[...] há objetivos a atingir: os parceiros que nele se constituem agem, a cada jogada, um sobre o outro.” (p. 27).

Depreendemos desse jogo, da ação de um sujeito sobre o Outro, a ideia de luta, conflito, embate, na produção dos discursos. Entra fortemente nesse jogo a imagem do outro (do (inter)locutor) para que o processo se desencadeie, mesmo que tais imagens construídas por um e outro pólo da interlocução não coincidam, tendo em vista que as posições sociais orientam as imagens a serem construídas. Como explicita Geraldi (*op. cit.*, p. 27), no jogo interlocutivo, cada sujeito constrói, a partir de um ângulo diferenciado, pontos de vista sobre a realidade; daí deriva a ideia de embate, descartando-se, portanto, um conceito de interação pautado na ideia de consenso pleno, de harmonia.

[...] os discursos aproximam os sujeitos pelo significado e este significado remete a um sistema de referências. Se, por um lado, é no interior desses sistemas de referências que os recursos expressivos se tornam significativos, por outro lado, no embate das relações interlocutivas, a construção dos modos de ver o mundo não é sempre harmônica (GERALDI, 1997, p. 27).

Os parceiros envolvidos no jogo, dependendo dos objetivos traçados (do projeto de dizer) e das representações que constroem da realidade e do interlocutor, geralmente díspares, buscam formas de interferir sobre as ações um do outro; e não deixam de modificar suas próprias ações. Só há um solo comum, como explicita Geraldi, em relação ao sistema de referências, aquilo que é tema da interlocução. Isso se torna evidente levando em consideração os discursos que cada um produz (ou o discurso que resulta da interação), a partir dos discursos existentes – sistemas de referencialidades, que se tornam campo de referencialidade. Por conseguinte, as relações, também, alteram-se.

Para aprofundar essa discussão sobre as ações e alterações que ocorrem em qualquer espaço de interlocução, recorreremos à reflexão sustentada por Geraldi.

[...] no espaço da interlocução constituem-se os sujeitos e a linguagem. Como os sujeitos não são cristalizações imutáveis, os processos interlocutivos estão sempre a modificá-los ao modificar o conjunto de informações que cada um dispõe a propósito dos objetos e dos fatos do mundo; ao modificar as crenças pela incorporação de novas categorias e, até mesmo, ao modificar a linguagem com que falamos e representamos o mundo e as relações dos homens neste mundo (GERALDI, 1997, p. 28).

Como se pode perceber, nas discussões levantadas e defendidas pelo autor, os processos de interação são responsáveis por inúmeras mudanças; daí resulta que cada evento de interlocução é único e irrepetível, embora guarde em si traços de discursos anteriores. No caso da aula, o conhecimento produzido está sempre presente no discurso novo, em forma de comentário, como refere Foucault (1971). Como produto desse processo, no contexto escolar, surge o DPE, com todas as especificidades decorrentes dessa esfera de comunicação.

Sem fugir das especificidades da esfera sala de aula, os discursos que compõem o DPE modificam-se, igualmente. Dentro do panorama apresentado no Capítulo 1, em que tratamos do dialogismo bakhtiniano, o que apresentamos nesse item de nosso trabalho torna mais visível o que perseguimos em nosso estudo: o trabalho discursivo dos sujeitos e a inevitável re-formulação, fruto da estabilidade relativa do gênero aula e dos propósitos nele instaurados na esfera escolar. No entanto, mesmo que a estabilidade relativa determine de antemão as formas do “como fazer” ou as configurações próprias do gênero aula, é possível atentar para as singularidades que abrem espaço para que os sujeitos redimensionem o gênero, de acordo com representações que se instauram no jogo fortuito das interações sociais.

Geraldi (1997, p. 152) pondera ainda que, dentro dos espaços de interação, no trabalho discursivo, além das representações resultantes da experiência com o real, os sujeitos constroem seus projetos de identificação – o processo identitário instaura-se a partir da relação com a alteridade, na interlocução (no caso da sala de aula: entre professores e alunos). Nossas análises estarão atentas aos mecanismos de tradução da aula que emergem a partir dos processos de identificação. Por isso mesmo, embora o gênero seja único (no caso a aula), não temos sempre a garantia de que os recursos mobilizados no processo de ensino sejam sempre os mesmos.

Ao adotar a perspectiva discursiva, consideramos que todo discurso resulta de um trabalho sobre outros discursos – acontecimentos discursivos, atrelados à dialogicidade, que jamais elide a imagem da alteridade (em todas as possibilidades).

Dessa forma, vislumbramos tal prática como um momento de construção ininterrupta tanto discursiva quanto identitária dos sujeitos.

As objetivações, necessárias para atender ao intuito discursivo, não passam de construções provisórias. Daí, as identidades dos sujeitos da interlocução se configuram nos processos interlocutivos, sempre marcadas pelas posições que estes sujeitos ocupam. Sobre a construção ininterrupta dos sujeitos da interlocução nos alerta Geraldi:

A práxis exige construção, permanente, sem cristalizações de caminhos. Na práxis, alteram-se sujeitos envolvidos e percepções sobre o próprio objeto. Em se tratando de objeto que se move, se constitui, a própria natureza do objeto destrói pontes enquanto caminhos se fixam. Então, é preciso eleger o *movimento* como ponto de partida e como ponto de chegada, que é partida (GERALDI, 1997, p. XXVIII) (Grifo do autor).

As ideias de construção permanente, de inacabamento, de eterno por-vir, portanto, nos dão mostra de que os sujeitos envolvidos em situações de interlocução estão em permanente processo de constituição, em processo de identificação, *ad infinitum*, assim como as mediações sógnicas engendradas e possibilitadoras dessas relações.

Bakhtin (*apud* GERALDI, 2010, p. 137) reflete que “Se o Ser fosse algo determinado, acabado e petrificado com relação ao seu conteúdo, ele destruiria a multidão dos mundos pessoais unicamente válidos, mas é justamente esse Ser que produz pela primeira vez o evento unitário”.

Geraldi (2010), assumidamente, em suas ancoragens no pensamento de Bakhtin, ratifica que “Forçosamente somos agentivos: somente agindo somos o que somos.” (p. 140). Somos, por esse viés, na ação com/para o Outro, sempre incompletos, mas na ansiosa e incessante busca de completude, que jamais se completará. Nessa perspectiva, Geraldi (*op. cit.*) nos diz que “[...] toda ação do sujeito é sempre uma resposta a uma compreensão de outra ação e que provocará, por seu turno, novamente uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro [...]” (p. 140). Essa dialogia se instaura no acontecimento que compartilha das mesmas especificidades. Por fim, nossas identidades não são construções definitivas, nem fixas, muito menos se confundem e nem buscam o idêntico; não se revelam pela repetição do mesmo. Mas “[...] nossas identidades são

múltiplas, estabilidades instáveis a que sempre regressamos.” (GERALDI, 2010, p. 112).

Pelo contrário, se eliminada a dinamicidade do evento em processo de ser, o acontecimento rechaçaria a possibilidade de agir e de viver. Pois,

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida – , devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir, devo não coincidir com a minha própria atualidade (BAKHTIN, 1992, p. 33 *apud* GERALDI, 2010, p. 110).

O sujeito, na perspectiva de evento, na tradução de Geraldi, torna-se, portanto, um *sujeito respondente*. Torna-se, assim, pela ação, responsável pela compreensão de uma outra ação, a do Outro. Que, logo em seguida, dará margem para nova compreensão. Daí que o sujeito torna-se responsável por e pela compreensão, que se dá como resposta, na dialogicidade. A compreensão como resposta é abertura para o devir.

Novamente Geraldi (2010) observa que o devir – memória de futuro – é que leva os sujeitos a refletirem no presente vivido o repetível, o dado – memória de passado – que se transmuta no (re)criado, no novo.

O “devir está problematizado e assim ficará para sempre” [...]. Trata-se de pensar que a todo momento, a todo acontecimento, o futuro é repensado, feito e deste lugar desterritorializado, sempre mutável, o sujeito se situa para analisar o presente vivido e, nos limites de suas condições e dos instrumentos disponíveis, construídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados, ou recriados pelo presente, uma das possibilidades de ação é selecionada (GERALDI, 2010, p. 114-115) (Grifo do autor).

As tarefas verbais produzidas no gênero discursivo aula podem nos dizer muito sobre esse movimento de eterno devir, de abertura para mudanças, transformação do dado no (re)criado. Podemos, dessa forma, dar relevo às transmutações que ocorrem nesse espaço e ressaltar os efeitos de sentido que podem ser apreendidos das interações entre professor e aluno. É o que pretendemos abordar na próxima seção.

### 3.3 Especificidades do trabalho do professor de Português configuram diferentes identidades

“[...] não acredito ser possível retraçar o já dito de forma neutra, como se fosse apenas a palavra do outro que estivesse novamente sendo dita.” (GERALDI, 2010, p. 134)

A epígrafe desta seção nos ajuda a aproximarmo-nos de nosso objeto – discurso de sala de aula – sob a compreensão de que na aula, ainda que o conhecimento científico atue performativamente, não se pode conceber que a retomada do discurso científico pelo discurso didático seja apenas de reprodução. Por esse motivo, não dá para descartar o trabalho inventivo/criativo dos sujeitos envolvidos na esfera de sala de aula.

Geraldi (1997) nos ajuda a aprofundar essa reflexão com uma discussão sobre a construção do objeto científico e do objeto de ensino, em que ele apresenta alguns pontos que evidenciam a constituição sócio-histórica da identidade de professor e julgamos importante apresentar e refletir sobre esses dois objetos nesta passagem do nosso trabalho, pois serve de base para compreendermos a constitutividade do discurso que pretendemos analisar a seguir.

Com essa discussão Geraldi (*op. cit.*) postula a existência de “[...] elementos que identifiquem, em diferentes momentos históricos, algumas especificidades do trabalho de ensino.” (p. 73). Para ele, as especificidades desse trabalho são responsáveis pela constituição de diferentes identidades do sujeito/professor no decorrer da história, sem enclausurá-las numa cronologia demarcada e linear. Geraldi (2010, p. 74) declara:

Obviamente, a amplitude do tema exige delimitação, o que se fará aqui não pelo mergulho vertical numa determinada época histórica, mas pelo ponto de vista a ser defendido: o de que o *trabalho de ensino fetichiza o produto do trabalho científico*, isto é, autonomiza as descrições e explicações lingüísticas desconsiderando o processo de produção do trabalho científico que produziu as descrições e explicações ensinadas (Grifo do autor).

Ele prossegue abordando o percurso histórico da ciência moderna, particularmente a ciência linguística, que constrói seu objeto com base num processo de construção e desconstrução, com objetivações provisórias, resultantes de abstrações, que refletem essas características. Lembra Geraldi que

[...] em todas as ciências se constituíram rotinas e métodos de pesquisa que impedem tanto a subjetividade da opinião quanto a influência incontrolada de interesses pessoais. Isto não quer dizer que o interesse não guie a construção do conhecimento. Antes, aponta para a necessidade contínua da avaliação crítica dos padrões que constituíram as condições históricas da objetividade possível em determinado momento (GERALDI, 2010, p. 76).

Geraldi ratifica que isso tudo é suscitado pela desconfiança crítica, tendo como consequência os *resíduos* que são deixados na passagem do fenômeno a objeto científico. Talvez nossa opção investigativa se coloque ao lado de pesquisas que, sem descartar as contribuições da ciência moderna, com seus modelos e princípios, oferecem outras bases teóricas e metodológicas capazes de colocar em cena justamente o resíduo que escapa dos modelos universalizantes; estes resíduos invisibilizados constituem as práticas ordinárias e singulares, muitas delas irrepetíveis. Inclui-se nestas práticas o fazer cotidiano do professor, geralmente abordado como mera “transmissão” de conhecimento. “Neste sentido, as flutuações nos projetos de conhecimento, os processos de construção e desconstrução jamais permitirão que, neste terreno, se coloque um ponto final. O estado provisório das opções garantirá um movimento contínuo [...]” (GERALDI, 2010, p. 75).

Isso reafirma nossa compreensão de que os produtos da transformação do conhecimento científico em conhecimento escolarizado não se fazem sem trabalho, portanto não podem ser vistos como cristalizações, únicas possibilidades de interpretação dos fenômenos da realidade. Ao contrário, o trabalho do professor deve ser olhado também pelo viés da criatividade e não somente sob a ótica da reprodução. Com isso não se pode dizer que o próprio trabalho empreendido pelo professor em sala de aula tende a silenciar sua voz e colocar em evidência a voz da ciência, como efeito do próprio discurso científico.

Geraldi (2010), em suas reflexões sobre o trabalho e as diferentes identidades do professor de língua materna, volta-se para outro aspecto, destacando que: *o trabalho de ensino fetichiza o produto do trabalho científico*. Ou seja, segundo o autor, o trabalho de ensino cristaliza o que na ciência são apenas possibilidades de interpretação da realidade e não a única compreensão. O problema apontado pelo autor é que na aula, o que é apenas uma das possibilidades de compreensão da realidade, ganha estatuto de verdade única e eterna. Isso se configura, por

exemplo, no emprego discursivo do presente genérico “é”, assim como nas eternas paráfrases explicativas, nas repetições etc. No entanto, as imagens que orientam estes procedimentos discursivos não têm a garantia do retorno ao mesmo, nesse movimento há sempre rupturas, acontecimentos.

Dessa reflexão, Geraldi aventura-se em inúmeras interpretações do trabalho de ensino. Como num segundo plano, o autor sublinha a autoridade que o discurso científico tem sobre o DPE – discorreremos um pouco mais sobre essa questão com base em Ribeiro (2005) no Capítulo 4.

De fato, essa é uma questão política petrificada pelas instituições que “assistem” à educação escolar e demandam as teorias como a moda que deve ser adotada no momento; mesmo que algumas modas teóricas cheguem tardiamente pelas orientações das instituições governamentais; fora de moda, no caso.

O que Geraldi reforça, nessa leitura, é a recepção do discurso científico pelos professores, que podem cair no afã de “[...] compreender o novo como mera ‘novidade’ e pensar que este novo é definitivo, que agora sim chegou-se a um ponto ômega, a um ponto final de investigação.” (GERALDI, 2010, p. 84) (Grifo do autor).

Isso pode gerar uma incompreensão do que seja o fazer científico, sempre processual e, sem alvarás que licenciem qualquer declaração de que o objeto foi esgotado, de que não há outras possibilidades de explicação. Até porque o contexto em que o objeto está inserido, a experiência global vivida, e os sujeitos envolvidos que recortam essa experiência e a transformam em objeto, não são mais os mesmos.

Geraldi, retomando e constatando sua hipótese, faz uma advertência aos professores da escola básica para que não caiam no fetichismo ingênuo de achar que as novas explicações científicas sejam mero modismo. Daí adverte:

O que é preciso ficar claro, especialmente para o professor de língua portuguesa da escola de 1º grau, é que as mudanças contínuas na pesquisa científica não respondem simplesmente a um *modismo*, mas ao desejo de desvelamento de questões obscuras no processo de compreensão do fenômeno que se quer explicar pela ciência (GERALDI, 1997, p. 84) (Grifo do autor).

Segundo o autor, a imagem fetichizante que o professor faz do conhecimento científico e do estatuto dado a este mesmo conhecimento implica na constituição identitária do professor, ao longo da história.

Do “professor produtor do conhecimento” ao “professor transmissor do conhecimento”, Geraldi redesenha as diferentes construções identitárias constituídas no percurso da história – embora o autor declare que essas identidades não tenham um tempo cronológico determinado e localizável na história. Vale retomar aqui, nas palavras do autor, as reflexões que ele faz sobre a relação entre produção de conhecimento e ensino, no mundo contemporâneo. Assim vejamos:

Como se dará agora a relação entre produção de conhecimentos e o ensino? Se no período anterior produzir conhecimentos e ensinar estes conhecimentos era trabalho de um mesmo mestre, e este se tornava mestre não por ensinar, mas por produzir, agora já não temos nem a mesma pessoa, nem o mesmo processo, nem identidade entre objetos. Como caracterizar agora este novo profissional? (GERALDI, 1997, p. 88).

Ora, num momento histórico em que o professor da escola básica foi pauperizado não apenas economicamente, mas também intelectualmente – uma vez que já não é mais o produtor do conhecimento, como lembra Geraldi – em que consiste o trabalho do professor em sala de aula? Talvez seja neste intervalo que o nosso trabalho possa oferecer contribuições à reflexão que os estudiosos vêm fazendo sobre a problemática. É Geraldi mesmo quem nos diz que articular conhecimento científico com “[...] as necessidades reais ou imaginárias, da transmissão deste conhecimento, não é trabalho sem produto.” (GERALDI, 1997, p. 88).

Daí, Geraldi (1997, p. 88) esclarece que, numa ótica social, o professor, autorizado para exercer o ofício de ensinar, carrega consigo, portanto, o estigma de que domina certo saber, recebido no processo de formação, fruto do trabalho científico de produção de conhecimento. Fica evidente nessa concepção que ele não é produtor desse saber, pois o próprio processo de formação, atendendo às demandas do mercado produtivista e a um sistema educacional que procura atender essas demandas, não dá margens para que o professor se constitua enquanto pesquisador, produtor de conhecimento.

Dessa forma, o trabalho do professor se difere totalmente do trabalho daquele que produz o conhecimento (o do autor/pesquisador). O produtor do conhecimento, com base em dados ou fatos constrói uma explicação que se torna uma das possibilidades de verdade em torno de um objeto. O professor parece estar subjugado a reproduzir essas explicações definitivamente prontas. Geraldi (1997) esclarece:

No ensino, não se trata de trabalhar com dados ou fatos para, refletindo sobre estes, produzir uma explicação. Trata-se de aprender/ensinar as explicações já produzidas e fazer exercícios para chegar a respostas que o saber já produzido havia previamente fornecido (p. 92).

Como nos debruçaremos especificamente no polo do jogo interlocutivo ocupado pelo professor, sem abandonar o discurso do outro polo, o aluno, presumido naquele, pretendemos, num movimento contra a correnteza, negritar a impossibilidade de o sujeito/professor (mesmo da escola básica) ter uma postura neutra diante das palavras alheias, dos discursos que compõem o DPE, aparentemente, reproduzidas no trabalho (de ensinar as explicações pré-prontas) compreendido por ele no gênero aula.

Assim, nossa ênfase recai sobre o trabalho realizado pelo professor no processo de articulação entre o conhecimento produzido e a transformação deste em objeto de ensino, mesmo quando esta transformação já se encontra textualizada nos livros ou manuais didáticos. Nossa hipótese inicial é que mesmo não sendo o produtor deste conhecimento, há um trabalho do/no DPE que deixa as marcas de sua (do professor) atividade. Estas marcas são o que nomeamos de tradução de um discurso por outro, discurso científico por discurso pedagógico.

As discussões que tangenciamos nas seções anteriores – tanto sobre a interlocução quanto sobre a construção da identidade, que resulta dessa interação entre os sujeitos – sedimentam, com bastante veemência, a postura do sujeito/professor que, ao repetir, ao acionar a memória do discurso científico, transformado em conteúdo de ensino, recria esse discurso a partir de um ato de compreensão que é resposta, e se dá na dialogia. Sem esquecer, claro, que em muitos casos o professor tem acesso ao discurso científico pela voz do manual didático.

Portanto, o intuito discursivo do professor, imbuído da contrapalavra do aluno, constitui-se como contrapalavra ao discurso científico, por ser derivado dele, embora nem sempre seja explicitado este vínculo. Além disso, é preciso levar em consideração que em grande medida o manual ou o livro didático (LD) funciona como mediador, pois o manual também orienta a contrapalavra do professor.

Diante de toda uma estrutura educacional homogeneizadora do fazer docente – parâmetros curriculares, material didático, projeto político pedagógico, tempo pedagógico, mídias adaptadas à educação escolarizada - o sujeito/professor ainda trabalha contra a corrente, mesmo assistindo a cada dia o esvair-se de sua voz para dar lugar a tantos aparatos pedagógicos. Talvez o que resta mesmo seja o trabalho tático, no sentido cereteuniano do termo. A apreensão dessas táticas se faz nas tarefas verbais que o professor, no jogo com o interlocutor/aluno, coloca em curso num gesto de compreensão de discursos.

Podemos falar que sobressai deste trabalho tático um “conhecimento científico escolarizado” engendrado pelo trabalho de transformação. Por ser um trabalho em que sujeitos, linguagem e interações estão em jogo, em processo de constituição incessante, não podemos fixar os papéis e as ações, tanto dos sujeitos uns sobre os outros, quanto sobre o conteúdo supostamente ensinado, por um sujeito/professor que imprime sua expressividade na palavra alheia.

Não queremos, todavia, cair num posicionamento ingênuo de defender que não haja constrições e rigidez ao trabalho do professor.

[...] perpassa todo esse sistema educacional um conjunto de forças que estabelecem uma relação de dominância, uma rígida ordem hierárquica que, incidindo sobre atitudes e representações dos sujeitos, constrange as posições e tomadas de decisões. Assim é que, na sala de aula, o professor está sujeito, em suas “opções” de encaminhamento pedagógico, a regulações desta natureza, muitas vezes sob a forma de instruções oficiais (BORTOLOTTI, 1998, p.19) (Grifo da autora).

Bortolotto (*op. cit.*, p. 19-20) colabora conosco ao dizer em seus estudos que foi imposto à escola brasileira atual um paradigma de que ela é responsável por proporcionar aos sujeitos/alunos o contato com os conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade. Essa concepção demarca os papéis que devem ser realizados pelos sujeitos nas posições enunciativas pré-determinadas. Dentro dessa perspectiva, o professor, suposto detentor desse

conhecimento histórico, ensina/transmite ao aluno, às vezes sem questionamentos, pois supõe que essa herança cultural seja necessária para a formação dele (do aluno) ou para sua ascensão social.

Todavia, o termo “conhecimento científico educacional”<sup>9</sup> abre o campo de visão para sondarmos que há nesse jogo o enfrentamento das incertezas com gestos criativos de abertura para produção desse conhecimento, do discurso em devir.

Diante desse panorama, ao refletir sobre a aula como processo tradutório deve-se considerar a tríade: autor(es)/referencial teórico, professor e aluno e, por conseguinte, as formações discursivas que delimitam a identidade de cada uma dessas instâncias enunciativas, no jogo das interações.

Nesse jogo, as réplicas assumem posições diferentes, de acordo com os contextos imediatos do diálogo. Podem ao mesmo tempo ser resposta e exigir resposta. Dessa maneira, as réplicas estão concatenadas numa espécie de cadeia às réplicas anteriores, ao mesmo tempo que fomentam novas réplicas. Para traduzir a relação entre os sujeitos da enunciação, Bakhtin utiliza a palavra-chave: elos. Os elos não frisam os limites como fim em si mesmos, mas como intervalos necessários para que o jogo dialógico se instaure.

O trabalho do professor de transposição do discurso científico a objeto de ensino é, para coadunar nossa voz com a de Bakhtin, um réplica do professor ao discurso científico, na medida em que a passagem de um discurso para outro não se faz sem trabalho, sem tom apreciativo. Há diferentes operações que compõem a panóplia de expressões, categorias, que nomeiam e conceituam a conversão dos enunciados científicos em enunciados que circulam no espaço escolar, em conteúdos de ensino. A didatização, transposição didática, divulgação e/ou vulgarização/trivialização científica são algumas destas operações/procedimentos que entram no fluxo discursivo da aula. Estes procedimentos discursivos atestam a responsividade do professor face ao que ensina, ainda que pese sobre ele uma história de apagamento deste gesto de responsabilidade.

---

<sup>9</sup> Bortolotto (1998) constata que uma relação interpessoal simétrica entre professores e alunos abre espaço ao jogo intersubjetivo, à reflexão crítica do conteúdo de ensino. Acrescentamos, dessa forma, que essa simetria em que o professor deixa de estar “acima” na relação – onde predominaria o discurso do método – faz com que o aluno (nos moldes de interlocutor) ganhe “espaço” para constituir seu discurso, refletir diante do “objeto” exposto. Redimensiona-se, portanto, o que se considera ensino-aprendizagem. O aluno, outrossim, “ensina”, é ensinamento, constrói sentido. Portanto ficaria melhor dizer: ensino-aprendizagem-ensino, em cadeia.

Para analisar o gênero aula como processo tradutório, tese que nos dispusemos a apresentar, além de mantermos relação com as categorias supracitadas, embora situados em perspectivas teóricas distintas, ancoraremos nosso discurso em Bakhtin (1997) e Foucault (2008)<sup>10</sup>, quanto à análise do *campo discursivo*.

Foucault (*op. cit.*), ao tratar da ordem dos discursos em nossa sociedade, identifica um dos procedimentos internos de controle do discurso, que é o comentário, e neste sentido a “tradução”, tal como estamos mobilizando neste trabalho, cumpre também o papel de retomada de um discurso primeiro.

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Por essa razão, apreciamos que o fazer pedagógico, na sua constituição enquanto tradução, pauta-se nesse exercício de re-formulação de um discurso primeiro: o discurso científico. O discurso de sala de aula se constitui na reformulação dos enunciados científicos, de modo que se inscreve nesse discurso um intuito didático-pedagógico que leva o professor a re-formular o já-dito.

Essa discussão será aprofundada no próximo capítulo, em que restringiremos o conceito de tradução ao nosso enfoque teórico, partindo do campo que discute a tradução de uma perspectiva mais geral e mais próxima da tradução entre línguas, até chegar à tradução de tipo específico, em que o sentido de tradução pode ser entendido como gesto de compreensão, nos termos de Bakhtin.

---

<sup>10</sup> Esses autores, apesar de pertencerem a campos teóricos distintos, cunham conceitos em suas teorias que corroboram com a discussão que tecemos a respeito do discurso do professor, em especial, no que concerne à transposição do trabalho científico para a aula.

#### 4 TRATAMENTOS TEÓRICOS DO CONCEITO DE TRADUÇÃO

O jogo interlocutivo de sala de aula possibilita trabalhos discursivos de diversas ordens. As interações entre professores e alunos, polos de enunciação da sala de aula, fomentam diversificadas tarefas verbais, no plano do discurso, orientados por representações que cada polo faz do outro e da posição que ocupam na esfera escolar.

Contudo, não poderíamos tratar de um tipo específico de tradução, no nosso trabalho, sem remetermo-nos a um campo bem particular, o da literatura, com autores como Ricoeur (2011), Derrida (2006) e outros, no que se refere ao que eles discutem sobre o conceito de tradução enquanto atividade metalinguística – tradução intralingual e interlínguas, na mesma ordem, pois aquela suscita essa –, até chegar ao que estamos nomeando de tradução em nossos estudos, mas de um tipo bem especial: tradução entre discursos ou interdiscursividade. Mais especificamente, trabalho de transposição do discurso científico em discurso pedagógico escolar (DPE).

Ainda que não tenhamos interesse em fazer uso do conceito de tradução tal como formulado e operado por esses autores, entendemos ser produtivo fazer um breve percurso do movimento teórico de tal conceito para então situá-lo no campo de nosso interesse que é o campo dos estudos enunciativos e discursivos.

Jakobson (1995) conceitua o trabalho metalinguístico de tradução intralingual ou de *reformulação* (*rewor-ding*). Ainda à luz dos estudos desse autor o exercício metalinguístico é uma exigência da função cognitiva da própria linguagem – ocasionada, evidentemente, pelo jogo interacional entre as subjetividades dos interlocutores. Assim,

Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas – o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução (JAKOBSON, 1995, p. 70).

Ricoeur (2011) amplia e reforça essa discussão ao enfatizar a *distância* instaurada pela capacidade reflexiva da linguagem. A esse respeito, segundo o autor, falar sobre a linguagem, no caso de falantes de uma mesma comunidade

linguística, é reconhecê-la como uma língua dentre outras. Se, consoante com esse autor, a tradução se restringir a esse fim, ou seja, à passagem ingênua de um código a outro, ao dizer o mesmo com outras palavras, não caberia considerar tal prática como processo tradutório. Visto que

[...] não são frases ou palavras, mas textos que nossos textos querem traduzir. E os textos, por sua vez, fazem parte de conjuntos culturais através dos quais se exprimem visões de mundo diferentes, que, aliás, podem se afrontar no interior do mesmo sistema elementar de recorte fonológico, lexical, sintático, a ponto de fazer do que chamamos cultura nacional ou comunitária uma rede de visões do mundo em competição oculta ou aberta [...] (RICOEUR, 2011, p. 60-61).

Por conseguinte, o exterior da língua mobiliza a tradução, definindo a identidade dos enunciados. Dessa perspectiva, a tradução tem uma *visada ética*. Essa visada é determinada pela relação do tradutor com o leitor. Ricoeur (2011) explicita bem essa relação que, conseqüentemente, se torna responsabilidade do tradutor ao acolher um *texto-Outro* em *Outro-texto*, sem priorizar um *fazer* que estivesse atrelado, exclusivamente, à práxis intelectivas.

Com efeito, parece-me que a tradução não implica apenas um trabalho intelectual, teórico ou prático, mas também um problema ético. Levar o leitor ao autor, levar o autor ao leitor, com o risco de servir e de trair dois mestres, é praticar o que gosto de chamar *hospitalidade lingüística* (RICOEUR, 2011, p. 48-49) (Grifo do autor).

Derrida traduz o termo  *tarefa (Aufgabe)* – palavra-chave que compõe o título do ensaio basilar de Walter Benjamin para os estudos sobre tradução: *A tarefa do tradutor (Die Aufgabe des Übersetzers)* – como a “[...] missão à qual se está (sempre pelo outro) destinado; o engajamento, o dever, a dívida, a responsabilidade.” (DERRIDA, 2002, p. 27). Em consonância com essa discussão, Ricoeur (2011) relativiza esse compromisso eliminando qualquer nuance que possa denotar coerção. A tarefa do tradutor não terá o peso de uma obrigação coercitiva. Terá, sim, a incumbência da coisa a fazer, de uma ação humana pautada na ética, que priorizará, ademais, a condição humana.

A visada ética nos possibilita estabelecer relação com o que pondera Burke (2009, p. 16) ao discutir a tradução como troca intercultural. Ele discorre acerca de um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que busca primeiro apropriar-se de algo estranho e em seguida o domestica. Nesse duplo

processo, o sujeito-tradutor age deslocando sentidos, num movimento de captação ou refutação dos sentidos dados na produção de novos sentidos. A tradução, nesse âmbito, transcende um trabalho sobre um único sentido, o do texto-fonte no caso.

#### 4.1 A tradução no rastro da tradição

“Não fomos colocados em movimento pelo fato da pluralidade humana e pelo duplo enigma da incomunicabilidade entre idiomas e da tradução apesar de tudo? E além disso, sem a prova do estrangeiro, seríamos sensíveis à estranheza de nossa própria língua? Enfim, sem essa prova, não seríamos ameaçados de nos fechar na amargura de um monólogo, a sós com nossos livros? Honra então à hospitalidade linguística.” (RICOEUR, 2011, p. 55)

Antes de discorrer sobre a tradução intralingual, processo de re-formulação, apresentaremos, ainda que brevemente, os dilemas da tradução no âmbito interlingual sintetizados no binômio in-tradutibilidade, im-possibilidade de traduzir, para então adentrar na discussão que Ricoeur (2011) propõe ao defender que a tradução interna, intra-linguística, não é um apêndice da tradução externa, antes esta, está conectada, suscita àquela.

Suzana Kampeff Lages (2002), na obra “Walter Benjamin: Tradução e melancolia”, analisa as leituras ((re)interpretações) feitas do ensaio “A tarefa do tradutor”, no que concerne ao trabalho do tradutor. O ensaio benjaminiano apresenta a tradução no âmbito estrito do termo – relação interlingual – e a discussão feita por Lages (*op. cit.*) reforça o que alguns autores, como Jacques Derrida, observam: a tradução como **im**-possibilidade de traduzir – in-tradutibilidade.

Ao focar o modo como Derrida interpreta, lê o ensaio, Lages esclarece que o filósofo francês faz um liame com o mito bíblico da Torre de Babel, “A ‘performance babeliana’ institui um vínculo, um compromisso com uma tradução que se torna ao mesmo tempo lei e interdição, impossibilidade, pois remete a uma dívida que não pode ser quitada.” (LAGES, 2002, p.180) (Grifo da autora). Essa tradução, portanto, não pretende recuperar, cognoscitivamente, significados.

Lages (2002, p.169) reitera que “O ensaio benjaminiano sobre a tradução constitui, assim, uma referência fundamental para um tipo de reflexão que parte da aceitação da perda [...] e da impossibilidade de se entender a tradução em termos de recuperação racional de significados.” A autora, congruente ao pensamento de

Derrida, declara que essa “[...] dimensão do intocável, do intangível orienta o trabalho do tradutor [...]” (LAGES, 2002, p. 183).

Berman (*apud* LAGES, 2002), por seu turno, aliando tradução e filosofia, explicita no texto benjaminiano a relação entre o singular e o universal, entre o sensível empírico e o não-sensível ideal; a tarefa de traduzir implica, nesses termos, de acordo com o autor, um movimento para além do ético – transcendência, visada metafísica da tradução – pois parte do plano sensível (finito/das objetividades), materialidade da linguagem, para o supra-sensível (infinito/das trans-subjetividades).

A tradução consistiria, dessa maneira, em procurar “[...] a pura linguagem [...]”. Uma tal visada – que nada tem a ver com a visada ética – é rigorosamente metafísica, na medida em que, platonicamente, ela procura um além ‘verdadeiro’ [...]” (BERMAN *apud* LAGES, 2002, p. 164-165) (Grifo do autor). Isso corrobora para que esse autor abstraia do texto de Benjamin uma problematização referente ao que demarca de essência platônica do ensaio.

A visada metafísica, defendida por Berman, antes de ser a busca por uma linguagem universal, que levaria a um solo comum entre as línguas – nesse sentido a distância é mais inteligível – é um movimento que se dá no ato de falar da própria língua. A máxima “Distância na proximidade” traduz todo esse des-conforto, pois, é no

[...] trabalho da língua sobre si mesma que se revelam as razões profundas pelas quais a distância entre uma presumida língua perfeita, universal, e as línguas ditas naturais, no sentido de não artificiais, é incontornável. Como sugeri, não são as imperfeições das línguas naturais que se quer abolir, mas seu funcionamento mesmo em suas surpreendentes estranhezas. E é justamente o trabalho da tradução interna que revela essa distância (RICOEUR, 2011, p. 49).

Ricoeur (2011), ao referencializar a expressão-chave teorizada por Steiner (1979) – compreender é traduzir –, observa que a tradução interna, intra-linguística torna evidente o processo de in-compreensão, característico do exercício de falar da própria língua, condição de possibilidade da interpretação, que irrompe um distanciamento entre *língua perfeita*<sup>11</sup> (universal) e *língua viva*<sup>12</sup> (uso cotidiano).

---

<sup>11</sup> Traduzimos o que Ricoeur nomeia de *língua perfeita* como a via de expressão em que não haveria implícitos. O sentido (no singular mesmo) está dado e, as palavras têm um campo semântico rígido e

Segundo Ricoeur (2011, p. 50), trata-se de uma exploração original que explicita os procedimentos cotidianos de uma língua viva: estes fazem com que nenhuma língua universal possa conseguir reconstruir sua indefinida diversidade. Essa discussão desconstrói/replica as ideias perpetradas de que a tradução, no sentido estrito ou tradução interlingual, é a *tradução propriamente dita*, como declara Jakobson (1995).

De fato, Ricoeur (2011) ressalta que essa maneira de interpretar os signos verbais, tradução interlinguística, fecha o campo (sempre aberto) de significação; atribuição/construção de sentidos àquilo que tem significância. A despeito disso, ele parte de um aforisma generalizador, que tão logo será redimensionado:

[...] é sempre possível dizer a mesma coisa de outro modo. É o que fazemos quando definimos uma palavra por outra do mesmo léxico, como fazem os dicionários. Peirce, em sua ciência semiótica, situa esse fenômeno no centro da reflexividade da linguagem sobre ela mesma. Mas é também o que fazemos quando reformulamos um argumento que não foi compreendido. Dizemos que o explicamos, isto é, que o desdobramos (RICOEUR, 2011, p. 50).

Esse percurso tradutório, apresentado por Ricoeur (*op. cit.*), aproxima-se das ideias que discutem a relação/diálogo entre línguas díspares – tradução interlingual. Ademais, o que se considera tradução intralingual, a tradução dentro de uma mesma comunidade linguística (o que, à voz dele, mencionamos anteriormente: dizer a mesma coisa de outro modo), está intrinsecamente concatenada com a tradução interlingual. Essa ligação é reforçada pela busca impossível da correspondência semântica – do sentido idêntico.

Portanto, a concepção de “Estrangeiro”, comum nas relações interlínguas, irrompe, *a priori*, dentro de um mesmo campo linguístico, no movimento inerente de falar sobre a própria língua. Os falantes, embora dividindo uma língua comum,

---

totalmente explícito; o que não ocasiona o mal-entendido, que suscita a tradução. Daí, não há, outrossim, possibilidade de diferentes interpretações, de construção de sentidos outros, desdobramentos próprios do ato de traduzir, nessas circunstâncias.

<sup>12</sup> No que concerne à *língua viva* há sempre a presença, *in absentia*, do não-dito, de implícitos. Neste caso o sentido dependerá do contexto de uso – de uma situação de comunicação verbal. Só para alargar a discussão, Ricoeur explicita que a interrelação/intriga entre os *contextos patentes* e *contextos escondidos* gera os mal-entendidos necessários para que a tradução aconteça. Ao referir-se aos *contextos escondidos* o autor menciona a categoria *conotações* e as dicotomias instauradas pelas diversas expressividades impressas aos enunciados, em liame com o campo de utilização. As conotações “[...] nem sempre são intelectuais, mas afetivas, nem sempre são públicas, mas próprias a um meio, uma classe, um grupo, até mesmo um círculo secreto; há, assim, toda uma margem do não-dito percorrida por todas as figuras do escondido.” (RICOEUR, 2011, p. 52).

estrangeirizam-na num jogo de perguntas e respostas que caracterizam a tradução interna. “[...] as disputas sobre as palavras podem ser sem-fim: o que você quis dizer? etc. É no jogo da questão e da resposta que as coisas se tornam mais precisas ou se embrulham.” (RICOEUR, 2011, p. 52).

Ricoeur (*op. cit.*, p. 51) assevera que “Há estrangeiro em todo outro. É coletivamente que definimos, reformulamos, explicamos, procuramos dizer o mesmo de outro modo.” Refuta, com essa perspectiva, a concepção, demasiadamente reforçada, de que isso tenha a ver apenas no caso das relações entre línguas – *tradução externa*.

Reencontramos assim, no interior de nossa comunidade linguística, o mesmo enigma do mesmo, da significação mesma, o não encontrável sentido idêntico, suposto tornar equivalentes as duas versões do mesmo enunciado; é por isso que, como se diz, não achamos saída, e bem frequentemente agravamos o mal-entendido com nossas explicações. Ao mesmo tempo, se estabelece uma ligação entre a tradução interna, eu a chamo assim, e a tradução externa, isto é, no interior da mesma comunidade, e a compreensão pede ao menos dois interlocutores: certo não estrangeiros, mas já há outros, outros próximos, se quisermos [...] (RICOEUR, 2011, p. 51).

Essa volta sobre alguns paradigmas da tradução, como o da impossibilidade/in-tradutibilidade (o texto/enunciado traduzido ao mesmo tempo em que suscita a tradução, *pulsão da tradução*, evidencia a não possibilidade de traduzir, pela distância que há entre os textos/enunciados), desemboca na discussão de que a tradução é fruto de um comprometimento do tradutor com o leitor. Daí que Ricoeur (2011), na relação interlingual, encaminha a questão para o âmbito da ética, porque traduzir transcende um fazer restrito apenas a uma tarefa racionalista e ontológica, intelectual, teórica e/ou prática. Todavia, a tradução de um discurso por outro, tema da seção subsequente, ultrapassa a questão ética; pois os sujeitos, na tradução interdiscursiva, não detêm o controle total da situação de produção de linguagem.

O tradutor assume, a partir desse ângulo, a responsabilidade de conduzir o leitor ao autor – ao mesmo tempo que, em muitos casos, o autor é abjurado do processo (em particular, quando se trata do gênero aula (escola básica), em que o texto-fonte/de partida (discurso científico), geralmente, transforma-se). De fato o texto-fonte (*traduzante*) exige o operar tradutor, todavia é o leitor (caracterizado como aluno em nossa pesquisa) que instaura o teor ético. A esse jogo dual, Ricoeur

(2011, p. 22), à voz de Franz Rosenzweig, pondera que “Traduzir [...] é servir a dois mestres.”

E servir a estes dois mestres é exercer a tentativa de acomodar num texto-Outro a essência de um Outro-texto. É ultrapassar as fronteiras imaginárias engendradas pela linguagem e minimizar a tendência inerente da linguagem “[...] ao enigma, ao artifício, ao hermetismo, ao secreto ou, para dizer tudo, à **não comunicação**.” (RICOEUR, op. cit., p. 54-55) (Grifo nosso); razão da dicotomia apresentada entre comunicação e tradução, compreender é traduzir, diferente de comunicar. Ao invés de comunicar, traduz-se. Trata-se de “Hospitalidade linguística portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro.” (RICOEUR, 2011, p. 30). Ou seja, acolher a língua do outro, a palavra do estrangeiro, apesar da proximidade de dividir a mesma língua, enfim.

Com isso, Ricoeur flexibiliza/redimensiona a expressão aforismática *dizer a mesma coisa de outro modo* e a tradução recebe outro estatuto, o de *dizer outra coisa além do que é*, no acolhimento.

O termo tradução, com essa discussão precedente, pode, portanto, receber outros sentidos que não aqueles cunhados pelos autores do campo da literatura, que pensaram a tradução fechada no âmbito das relações interlinguais.

Por tratarmos do trabalho de discursos sobre outros discursos, na produção/constituição de discursos outros, nossa abordagem não se limita, portanto, à passagem de um código a outro num gesto desinteressado. Nessa passagem o sujeito, além de não apagar a memória de outros discursos, deixa rastros de transformação ao produzir novos sentidos; demarca-se daí, de modo generalizado, a heterogeneidade dos discursos.

Após esse breve retorno ao campo teórico da tradução, apresentaremos, nas seções subsequentes, uma abordagem que concebe a tradução como *interdiscursividade* ou como *heterogeneidade discursiva*. Os estudos de Maingueneau (1997) e Authier-Revuz (1998) são importantes para fundamentarmos a noção que procuramos estabelecer para o conceito de tradução enquanto passagem de um discurso a outro, embora estejamos certos de que os dois autores mobilizam e operam com tal conceito a partir de investidas metodológicas distintas.

## 4.2 Tradução interdiscursiva: a constituição de sentidos no intervalo entre posições enunciativas

Refletir acerca da interdiscursividade que se configura no gênero discursivo aula e tomar como objeto de análise as tarefas verbais – enunciações – produzidas/proferidas nesse espaço como re-formulações, objetivações, de discursos do campo científico, é a motivação desta discussão. Para tanto, deve-se considerar os trâmites e as demandas que motivam as diversas possibilidades de produção/construção de certas materializações dos enunciados que circulam no cotidiano das aulas, suscitadas por um jogo de representações que o professor tem de si, enquanto suposto saber, do aluno, enquanto sujeito suposto não-saber, e do próprio objeto de ensino.

Dentre as tarefas verbais, daremos ênfase às que se configuram enquanto processo tradutório. Entendemos, para tanto, a tradução, como um trabalho de discursos sobre discursos, num movimento de produção de novos discursos. Dessa ótica, a tradução ganha, ao mesmo tempo, sentido generalizado e específico. Generalizado, como define Maingueneau (1997), por transcender às ideias de compreensão (em que não há mal-entendidos), de modo que todo discurso se funda num processo de *interincompreensão* em relação a outros discursos. Consequentemente, o sentido para Maingueneau (1997, p. 120) “[...] é mal-entendido sistemático e constitutivo de espaço do discurso.” Dessa forma, a interincompreensão, processo em que os discursos entram numa relação de delimitação recíproca, suscita o processo tradutório e a produção de novos sentidos acerca de um mesmo objeto.

Mas esta interincompreensão, que determina que se *deve* falar e *não se deve* compreender, possui uma vertente positiva: se ela proíbe que um mesmo sentido circule de um sujeito para outro, ela também possibilita que os sujeitos partilhem o mesmo discurso, “falem da mesma coisa” (MAINGUENEAU, 1997, p. 121) (Grifos do autor).

Trata-se de um tipo bem específico de tradução, ou de tipo bem particular, porque segundo Maingueneau (*op. cit.*), ela (a tradução) opera não de uma língua natural para outra, “[...] mas de uma formação discursiva a outra, isto é, entre zonas da mesma língua.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

Ora, se tomarmos o discurso pedagógico que tem sempre um texto fonte como ponto de partida, é possível dizer que ao mesmo tempo que o texto/discurso é tomado como aquele a quem o professor empresta voz, a atualização deste discurso só se faz por um processo de tradução das grades semânticas do professor. Se o discurso científico tem suas regras, o discurso pedagógico também tem suas regras de acontecimento e categorias que definem sua identidade.

Como nosso trabalho tem por foco o discurso do professor, constitutivo do gênero discursivo aula e intuimos demarcar os processos de interdiscursividade na produção de novos sentidos (que abrirá espaço para discutirmos quanto à intradiscursividade, *a posteriori*), que aqui consideramos como processos tradutórios, interessa-nos muito o que Maingueneau (1997) discute sobre a relação entre discursos, na constituição de novos discursos.

Esse autor, ao discorrer sobre a identidade discursiva, destaca que é na relação com o Outro, com os Outros discursos, que tal identidade se constitui. É a partir dessa perspectiva que Maingueneau (*op. cit.*) afirma que na constituição/formação dos discursos não há possibilidade de elidi-los de uma relação interdiscursiva. Daí a ideia de heterogeneidade inerente a todo e qualquer discurso.

Essa relação com outros discursos, em algumas situações, pode ser bastante evidente, pois o discurso Outro, às vezes é negrito, destacado, aspado – *heterogeneidade mostrada*. Em outras situações de interação, nem sempre se explicita, anuncia, a presença do Outro discurso. Sobre isso Maingueneau (1997) declara que

[...] a identidade discursiva está construída na relação com o Outro. Não se distinguirá, pois, duas partes em um “espaço discursivo”, a saber, as formações discursivas por um lado, e suas relações por outro, mas entender-se-á que todos os elementos são retirados da interdiscursividade. Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade (p. 20) (Grifo do autor) (Grifo do autor).

Porquanto, ao tomar um *espaço discursivo*<sup>13</sup> como campo de investigação, essa noção de interdiscursividade torna-se quesito *sine qua non*, porque a relação/interação entre os discursos é responsável pela constituição da identidade material do discurso em foco. Por conseguinte, não se pode analisar um discurso apartado das possíveis relações com outros que o constituem por dentro e por fora. Por essa via, para Maingueneau (1997), declarar que a interdiscursividade é constitutiva é ratificar, outrossim, que um discurso decorre de um trabalho sobre outros discursos, *ad infinitum*.

Evidencia-se, portanto, que há, nesse processo de constituição, um jogo entre discursos. Os discursos entram numa relação de interdependência, mesmo que esse jogo seja de refutação – de *recusa*, como declara o autor nos casos em que, para constituir-se, um discurso se relaciona com outro(s), com o objetivo de negá-lo(s) e, ao negar, reafirma a dependência do(s) discurso(s) refutado(s) para constituir-se, ou seja, para delimitar sua identidade. Nesse caso a interdiscursividade não é apenas formadora do novo discurso, mas pode, também, ser mostrada num todo discursivo heterogêneo que visa produzir sentido(s) outro(s) nessa relação. Isso ocorre até mesmo nos discursos que ocultam as marcas dessa interrelação.

Com esse jogo, Maingueneau (1997) cogita a possibilidade de um processo de tradução – com todas as aspas necessárias, pois o termo é totalmente redimensionado, conquanto tome por base o discurso do campo da tradução no sentido estrito. As aspas demarcam e sinalizam que a tradução opera de uma formação discursiva à outra, dentro do espaço discursivo, diferenciando-se da relação interlingual. Pode ocorrer dentro da própria língua, portanto. Também, por ser marcada por um diferencial: está atrelada à ideia de interincompreensão.

Com a ideia de interincompreensão discursiva, Maingueneau (1997) maximiza e negrita a discussão sobre a instabilidade do sentido, uma vez que este se constrói, somente, na interação entre discursos. O sentido não está, ele constitui-se *no intervalo entre posições enunciativas*. Dessa forma, tanto os discursos quanto os sentidos e os lugares – em que eles se relacionam – são provenientes do processo de interdiscursividade.

---

<sup>13</sup> Tomamos como referência a definição de Maingueneau (1997): é um recorte, subconjunto, do campo discursivo. Nesse espaço, dois ou mais discursos estão em relação e, isso serve de base para a compreensão do(s) discurso(s) adotado(s) como “objeto” de investigação.

De acordo com o autor, estes discursos são ocasionados por um processo de incompreensão que, por sua vez, resulta de *mal-entendidos*, diferenciando-se, assim, do exercício de compreensão em que há um sentido absoluto e que deve ser reconstruído, reforçado, retomado.

O autor esclarece que

A “incompreensão”, resultante do mal-entendido e do malogro ocasionais, se transforma em “interincompreensão” porque obedece a regras e *estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas*. Dito de outra forma, o sentido aqui é um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1997, p. 120) (Grifos do autor).

Destarte, a identidade das formações discursivas, que compõe um espaço discursivo, além da dependência de outro discurso para se definir, por dentro e por fora, é constituída a partir de um processo de incompreensão, que em contato com outra identidade discursiva, também constituída da mesma maneira, desemboca, conseqüentemente, numa relação entre incompreensões. Daí Maingueneau (1997) considerar como interincompreensão.

Essa interação, entre incompreensões, dá margem para que o ato de traduzir um discurso por outro, não se limite ao afã de compreender um discurso primeiro e, posteriormente, transmitir um sentido contido nele. Contrariamente à esta compreensão, a perspectiva aberta por Maingueneau possibilita-nos falar de um discurso Outro que engendra um sentido novo. Dessa forma, no trabalho de um discurso sobre outro(s) não há a veiculação de um sentido único e absoluto entre os sujeitos. Ao invés disso, os sujeitos podem apenas discutir/falar/compartilhar de um mesmo discurso.

Para efeito de análise, queremos evidenciar, nesse momento do texto, a discussão tecida até aqui com uma aula<sup>14</sup> em que a relação interdiscursiva na constituição da identidade discursiva do gênero aula se faz sem que essa relação, inerente ao processo, deixe marcas de heterogeneidade<sup>15</sup> mostrada, no sentido de

<sup>14</sup> Os excertos que serão incorporados ao texto para fins de análise foram recortados das aulas transcritas (dispostas na íntegra no anexo II). A numeração acima de cada excerto corresponde a ordem em que eles foram inseridas em cada (sub)seção. Ao final de cada excerto há um código entre colchetes. Este código diz respeito ao controle de armazenamento, adotado por nós. Pois, caso haja necessidade de revisitá-lo, por algum motivo, na totalidade da aula transcrita, facilitará a localização.

<sup>15</sup> Apesar de reconhecermos que há uma heterogeneidade constitutiva da interlocução de sala de aula, como bem demonstra Batista (1997) em seus estudos, em que o professor utiliza recursos que controlam a dispersão, para instaurar, então, os pólos da interlocução, os turnos organizados, nesse

evidenciar o(s) discurso(s) científico que compõe(m) o discurso pedagógico escolar – DPE. Ademais, o jogo interlocutivo instaura-se e os interlocutores (alunos), antes e/ou no decorrer do processo, não são afiançados do campo teórico que serve de texto de partida para que o novo discurso constitua-se. Ou seja, a relação constitutiva com o discurso Outro não é necessariamente demarcada.

Dessa maneira, numa aula sobre signo linguístico, o professor (**P5**), para introduzir a temática, antes de anunciar o tema da aula, relembra um episódio que ocorreu na escola no dia anterior. Os alunos envolvem-se completamente na interlocução, pois o aparecimento de uma preguiça, utilizado como exemplificação, funciona como tema que enreda os alunos no conteúdo da aula.

O acionamento de um procedimento dessa natureza, no caso, a busca de um fato externo ao conteúdo, mas familiar aos alunos, funciona como a tentativa do professor em “capturar” o interesse do outro, ou seja, não apenas as operações internas à materialidade do texto funcionam como marcas de um trabalho de transformação de um discurso a outro. Convocando um acontecimento compartilhado por toda a turma, taticamente o professor aposta na criação de uma disposição do outro para o que se pretende ensinar.

Vamos ao excerto:

[01]<sup>16</sup>

**P**<sup>17</sup>: ontem tinha uma preguiça aqui na::/na:....

**Al**<sup>18</sup>: eu vi:....

**Als**<sup>19</sup>: ((Comentários. Cada aluno constrói uma narrativa sobre o episódio))

**P**: olha eu tirei uma foto da preguiça... vocês querem ver?:.... ((a professora mostra a imagem no celular de carteira em carteira))

**Als**: ((comentários))

**Al**<sup>17</sup>: olha professora a preguiça:....

**Als**: ((comentários))

**P**: **PSIU**:.... aí olha só meus amores:.... (...) quando eu falei pra vocês que tinha uma preguiça aqui ontem:.... é:.... vocês:.... logo:.... é:.... supuseram qual era a preguiça que eu tava falando?:....

**Al**<sup>16</sup>: sim:....

**Al**<sup>13</sup>: não:....

**P**: não?:....

---

momento nos referimos a uma heterogeneidade mostrada na relação entre os discursos pedagógico e científico. Quanto à heterogeneidade de que trata Batista (*op. cit.*), nos recortes dispostos neste item há a contenção da heterogeneidade (representada pelos turnos de fala e pelos inúmeros ((comentários))) pelo controle dos corpos (*PSIU, alô alô pessoal* etc.).

<sup>16</sup> As convenções adotadas para transcrição foram adaptadas de Preti (1997) e encontram-se descritas no Anexo I do trabalho.

<sup>17</sup> Professor.

<sup>18</sup> Aluno.

<sup>19</sup> Alunos (falas simultâneas).

**A18:** eu sei qual era a preguiça:....

**P:** sim ou não?:....

**Als:** sim:....

**P:** ahn?:....

**A18:** ( )

**P:** sim ou não?:.... vocês imaginaram logo qual era a preguiça:.... né?:.... agora:.... deixa eu fazer outra pergunta pra vocês:.... existe somente um significado pra essa palavra preguiça?:....

**Als:** não:....

**P:** não:.... existe a preguiça... o animal:.... né?:.... e existe a preguiça o quê?:....

**Als:** ((comentários))

**P:** ahn?:....

**Als:** ((comentários))

**P:** falta de ânimo... né?:.... falta de:....

**A11:** ( )

**P:** falta de disposição:.... né?:.... então existe:.... é:.... um tipo de preguiça e outro tipo de preguiça:.... então a nossa aula de hoje:.... nós vamos estudar:....

**Als:** ((comentários))

**P:** signo linguístico:.... ((escreve no quadro enquanto diz a palavra)) o que são?:.... psiu:.... alô alô pessoal:....

**Als:** ((risos))

**P:** o que que é:.... o signo linguístico?:.... (...) ( ) o que que é o signo linguístico?:....

[P5 A6]<sup>20</sup>

Com base no contexto da exemplificação, o **P5** começa o processo investigativo sobre a imagem fônica, a representação psíquica, construída pelos alunos a partir da construção meramente física (sonora) do signo “preguiça” (*quando eu falei pra vocês que tinha uma preguiça aqui ontem:.... é:.... vocês:.... logo:.... é:.... supuseram qual era a preguiça que eu tava falando?:....*). Alguns alunos sem titubear respondem ao questionamento da professora, dizendo que a imagem construída foi a do animal preguiça.

Enquanto **P5** instiga os alunos com perguntas, utiliza outro recurso para reforçar a discussão que pretende instaurar: fotografias da preguiça capturadas pelo celular. Com isso o professor gradativamente vai descortinando os componentes sígnicos, até chegar a uma definição; ou como dissemos anteriormente, a tradução interdiscursiva. Mesmo com o uso da fotografia do animal, a discussão é direcionada para dimensão psíquica suscitada pelo *continuum* sonoro “preguiça”.

Nesse processo, com o uso dessas táticas, os alunos entram no jogo interlocutivo e a identidade do DPE, quanto ao novo sentido atribuído ao campo discursivo que versa sobre signo linguístico, vai se definindo numa interdiscursividade com os discursos precedentes, aparentemente sem uma

<sup>20</sup> Convenção **P5** que corresponde a cada professor, conforme a ordem em que fomos tomando contatos com eles durante a pesquisa e **A6** à aula na sequência que fora gravada.

distribuição hierárquica das vozes distribuídas, embora quase sempre seja evidente que a constituição do DPE se dá numa relação hierárquica: basta olharmos para a concentração dos turnos em maior tempo com a professora, as injunções (perguntas), quase todas emanadas da professora etc. Em nenhum momento aparecem indícios declarados que transpareçam uma possível conexão com a teoria do signo de Ferdinand de Saussure ou com outras vozes que perpassam o DPE. Poderíamos falar de um silenciamento em relação à explicitação da teoria, embora saibamos que é ela que orienta a aula do professor.

Fica evidente, portanto, que o professor, na relação com o conhecimento, apropria-se do cientista e se confunde com ele sem marcar sua presença (do cientista) no conhecimento que pretende ensinar<sup>21</sup>. Dessa forma, podemos sublinhar o trabalho do professor no processo de transformação do conhecimento científico em conhecimento de ensino. Se é verdade que o professor não é o produtor do conhecimento, não se pode desconhecer que ainda lhe cabe o trabalho de transformar esse conhecimento em objeto de ensino.

Logo em seguida, o **P5** ressalta os efeitos de significação acionados pelo signo “preguiça”, com base no contexto transverbal em que foi empregado; no caso, o aparecimento do animal na área da escola (*vocês imaginaram logo qual era a preguiça::... né?:... agora::... deixa eu fazer outra pergunta pra vocês::... existe somente um significado pra essa palavra preguiça?:...*).

Na sequência da aula, **P5** tece uma longa discussão em torno do outro componente do signo linguístico, o significante, que reforça, talvez, a tentativa de desconexão da coisa em si, do animal apresentado com a imagem no celular.

## [02]

**P:** o signo linguístico::... meus amores::... são as palavras::... né?:... todas as palavras são signos linguísticos::... né?:... ( ) e são palavras/a palavra::... ela é:: a associação do quê?:... o signo linguístico ele é a associação do quê?:... ainda há pouco eu falei pra vocês assim::... ontem::... tinha uma preguiça aqui na::... aqui na escola::... aí vocês logo/logicamente começaram a imaginar o que que era a preguiça que eu tava falando::... e todos vocês aqui::... quando eu falei::... todos vocês aqui conseguiram imaginar::...

**AI10:** ((tece um comentário sobre o celular da professora))

**Als:** ((comentários))

**P:** tá?:... é::... quando eu falei::... mais uma vez::... ((chama a atenção de alguns alunos que não param de conversar enquanto veem as fotos)) mais uma vez::... quando eu falei a palavra preguiça::... tem outra foto... aqui oh::... ((muda para outra imagem da preguiça no celular))

<sup>21</sup> Para Santos (2005), Essa “[...] operação leva em conta que o conceito, quando é descontextualizado, é também dissociado do seu autor fundador e do seu domínio científico de referência.” (p. 60). O que ele considera como *despersonalização*.

**Als:** ((comentários))

**P:** psiu:.... quando eu falei a palavra preguiça:.... ( ) o que que veio à mente de vocês?:.... no primeiro instante:.... o que que veio à mente de vocês?:....

**Als:** ((comentários))

**P:** veio o animal?:....

**Al:** é:....

**P:** então tá:.... então o signo/os signos linguísticos:.... eles são compostos tá?:.... a gente pode dizer que a gente tem duas partes:.... o significante:.... e o:.... o significante e o significado:.... ((escreve as duas palavras-chave no quadro)) muito bem:.... onde o significante ele é o quê?:.... ele é a parte:.... material:.... ele é o quê?:.... os sons ou as letras:.... ((escreve no quadro))

**Als:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... e o significado que é o quê?:.... olha:.... se o significante ele é o som e as letras:.... o que que pode ser o significado?:....

**Al:** ( )

**P:** falou aí:.... o sentido da palavra:.... pode ser o que também?:....

**Als:** ((comentários))

**P:** psiu:.... ele é o conceito né?:.... é o conceito:.... ou o significado que eu tenho:.... da palavra o quê?:.... de todas as palavras... né?:.... como aqui:.... o exemplo que eu:.... que eu utilizei né?:.... aproveitando que nós tivemos ontem a visita de uma simpática preguiça:.... né?:.... tão simpática que ela furou o professor:.... o professor R.:....

**Als:** ((comentários e risos))

**P:** ( ) ele foi tentar tirar ela da árvore:.... e ela:.... deu uma:.... furada nele:....

**Als:** ahn?:.... ((Risos e comentários))

**P:** psiu:.... então olha só:.... o que é o meu conceito aqui da palavra preguiça:.... psiu:.... qual é o conceito da palavra preguiça que vocês têm?:.... ((os alunos ficam em silêncio)) Cri cri cri cri:....

**Als:** ((risos))

**Al10:** o conceito é a ideia né?:....

**P:** a ideia né?:.... pode ser também:.... muito bem:....

**Al:** ( )

**P:** e que ideia é essa que você tem da palavra preguiça?:.... vocês falaram no início da aula:....

**Al10:** de animal:....

**P:** de animal:.... muito bem:.... pode ser um animal:.... pode ser também o quê?:.... uma pessoa né?:.... que tem muita:.... preguiça né?:.... falta de coragem:.... falta de ânimo:....

**Als:** ((comentários))

**P:** já?:.... então olha só:.... é:.... a palavra:.... psiu:.... sozinha:.... ela só pode ter:.... um único significado... quando ela está sozinha né?:.... que vem com nada: assim:.... quando eu digo assim preguiça:.... aí ela só pode ter um único significado:.... certo?:.... aí o signifi-ca-do:.... da/dessa palavrinha/isso depende muito de vocês:.... um vai imaginar que é:.... se eu disser pre-gui-ça:.... um vai imaginar que é o animal:.... outro pode imaginar que é uma pessoa ( ) né?:.... que tem essa falta de ânimo:.... deixa eu ver:.... é:.... cada um de vocês vai imaginar uma coisa:.... por quê?:.... porque a palavra sozinha:.... ela só pode ter um único significado:.... mas pra que ela tenha vários significados ela precisa:.... de quê?:.... ela precisa estar associada:.... a outros signos linguísticos:.... certo?:.... à outras palavras:.... por exemplo numa frase:.... numa oração:.... num texto:.... então o meu significado:.... ele depende do quê?:.... ele depende dessa?:.... ele depende do contexto:.... ou seja:.... dessa associação:.... com as outras:.... palavras:.... vocês entenderam isso aqui?:....

**Als:** sim:....

[P5 A6]

Nesse último excerto, após todo um percurso, depois de ter convocado os alunos para um jogo interlocutivo em que eles se inseriram no jogo da escola, finalmente o conceito de signo linguístico é construído. Vale observar como as *perguntas didáticas*<sup>22</sup> parecem ser uma das táticas mais eficazes para o professor

<sup>22</sup> No Capítulo 4 discorreremos sobre a pergunta didática como um dos procedimentos que desencadeiam o processo tradutório.

levar adiante o seu projeto discursivo, criando lacunas para os alunos irem preenchendo com respostas (*o signo linguístico ele é a associação do quê?*).

**P5** chega ao ápice desse processo tradutório e monta o quebra-cabeças do signo (*então tá::... então o signo/os signos linguísticos::... eles são compostos tá?::... a gente pode dizer que a gente tem duas partes::... o significante::... e o::... o significante e o significado::... ((escreve as duas palavras-chave no quadro)) muito bem::...).* Retoma a cena enunciativa, a discussão que levou à objetivação de cada peça do quebra-cabeça, sempre exigindo a contrapalavra dos alunos: o significante (*ele é a parte::... material::... ele é o quê?::... os sons ou as letras::... ((escreve no quadro))*) e o significado (*ele é o conceito né?::... é o conceito::... ou o significado que eu tenho::... da palavra o quê?::... de todas as palavras... né?::...).*

Nesse jogo o conceito é tecido, interdiscursivamente, entre professor, aluno e conhecimento científico, ainda que o autor da teoria seja silenciado; talvez seja este um procedimento discursivo do DPE, sobretudo na escola básica: o professor, enquanto mediador entre conhecimento e aluno, produz o apagamento do autor. Atendendo à contrapalavra dos alunos, o professor opta por um percurso que avalia ser mais acessível a eles. Assim, num gesto de didatização/tradução do conhecimento recorre ao acontecimento vivido pelos alunos e elege a palavra preguiça como exemplificação do conteúdo a ser ensinado.

É nesse intervalo entre posições enunciativas que o discurso de sala de aula é tecido. A tradução, nesse sentido, não está comprometida com um sentido *a priori*, mas, sobretudo, a tradução de discursos concernentes ao signo linguístico. Por essa razão, Maingueneau diz que no movimento de tradução de um discurso a outro, o sentido não é transferido, mas traduzido com as regras do discurso outro.

Diante desses posicionamentos poderíamos dizer que traduzir, nesses moldes, é um ato de (in)compreensão carregado de contrapalavras do outro que traduz. Se assim não fosse, teríamos somente reformulação e os sujeitos envolvidos não partilhariam de um mesmo discurso, mas de um mesmo sentido.

#### 4.3 A tradução interdiscursiva no caso da Divulgação Científica

Essa ideia de compartilhamento de um mesmo discurso em detrimento de um sentido único dá-se, também, no ato de **difundir conhecimentos** através de um

**discurso segundo** com alguns contrapontos e particularidades, decerto. Authier-Revuz (1998) explica que no processo de disseminar conhecimentos científicos – nomeado pela autora de divulgação científica (DC) –, para um contexto exterior ao campo científico, acontece uma mediação que se efetua no nível do discurso. Essa mediação, de acordo com a autora, é responsável pela divisão/socialização do saber para outros grupos além da comunidade científica.

Authier-Revuz (1998), assim como Maingueneau, recorre a um modo de tradução bem específica que se dá no “[...] trabalho que é realizado *por e no* discurso segundo [...]” (p. 115) (Grifos da autora), no processo de DC. Essa autora menciona que na relação entre discursos, o operar tradutor, nesse âmbito, dá-se de forma explícita por um fio do discurso, diferente da busca de equivalências, comum no contato entre línguas naturais – do processo de acomodar homogeneamente um texto-fonte num texto segundo. De acordo com a autora, a referencialidade explícita, que demarca a remissão por meio de citações, ajuste, glosa, tradução é uma marca deixada no fio do discurso.

Authier-Revuz, para esclarecer o processo tradutório de um discurso sobre o outro – na divulgação científica, declara que este é um trabalho “[...] que *mostra a reformulação se fazendo* e cujo fio, *heterogêneo*, passa de uma ‘língua’ à outra [de um discurso a outro] através de uma porção de operações, que [...] não seriam notadas em uma tradução a não ser por traços eventuais.” (1998, p. 115) (Grifos da autora).

Authier-Revuz (1998) discute, ainda, que nos textos de DC convoca-se um trabalho sobre o(s) discurso(s), no sentido de transpor a cena enunciativa para outro contexto, por isso a DC é reduzida a uma situação de comunicação, justamente pelo fato do fazer científico não ser posto em questão nesses textos; distanciaremo-nos dessa perspectiva ao discutir a DC enquanto processo tradutório que não visa reformular apenas.

Para a autora, o ponto fulcral nesse trabalho de divulgar é reformular, descontextualizar, o que é considerado estrangeiro – a linguagem científica – para contextualizar fora dos muros da comunidade científica, e, então, tornar acessível ao grande público os resultados das pesquisas. Isso reforça a ideia de tradução, pois a língua científica é entendida, nessas circunstâncias, como uma língua estrangeira àqueles que não participam da comunidade científica, embora a

abordagem de Authier-Revuz se distancie das perspectivas teóricas que discutem a tradução com base nas relações entre línguas naturais distintas.

O fato de que a *prática* específica da atividade científica não seja posta como questão nos textos concernentes à atividade da D.C. faz com que o fosso a transpor ou a barreira a transgredir sejam sempre reduzidos a uma questão de *comunicação*: a “língua” dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade, uma língua estrangeira: uma ruptura se produz na intercompreensão. Nos numerosos textos de reflexão da D.C., sobre ela mesma, a missão de “fazer penetrar no grande público os novos conhecimentos” consiste em “colocar sob forma acessível ao público o resultado das pesquisas científicas”: a “demanda” social de “divisão do saber” transformada no restabelecimento da comunicação convoca, pois, *uma mediação no nível do discurso* (p. 108) (Grifos da autora).

Authier-Revuz (1998) observa que há, na DC, pelo fato do público leigo não ter familiaridade com a língua dos cientistas, uma ruptura que se produz no fio do discurso, razão pela qual nos textos da DC, de acordo com a autora, a questão principal é *comunicar*, em prol de um novo receptor, um discurso-fonte existente. Dessa forma,

[...] a D.C. dá-se, então, imediatamente, como uma *prática de reformulação* de um discurso-fonte (doravante D1) em um discurso segundo (doravante D2). Por isso, a D.C. inscreve-se em um conjunto que compreende tradução, resumo, resenha e, também, textos pedagógicos adaptados a este ou àquele nível [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 108).

Authier-Revuz (1998), diante desse conjunto diverso de gêneros que compõem a plêiade de elementos da DC, observa que a DC está mais voltada para explicitação/caracterização do *funcionamento da comunicação* do que da *transmissão de conhecimentos*. No nosso estudo visamos à prática de reformulação do discurso pedagógico, considerado pela autora como explícita transmissão de conhecimento, embora não comungamos com a ideia de *transmissão*<sup>23</sup> quando se trata de conhecimento, pois mesmo na retomada de um discurso fonte, como se dá entre discurso pedagógico e discurso científico, há desdobramentos e os acasos são inevitáveis porque outros discursos intervêm nessa relação dual de um discurso que retoma outro.

<sup>23</sup> Estamos em consonância com Batista (1997, p. 15) quando afirma que “[...] se a atividade de transmissão é, fundamentalmente, uma atividade linguística [exposições, preleções, advertências, textos, perguntas, respostas] ela não pode ser compreendida como um veículo ou instrumento de transmissão, mas como um processo de produção.”

Nesse sentido, estamos de acordo com Foucault (1971) ao dizer que todo texto/discurso, sob a forma de tradução ou de comentário, ao retomar o já-dito, inaugura sentidos novos. Daí porque, no processo de reformulação de conhecimento em conteúdo de ensino, outros sentidos decorrentes de representações orientadas pela posição que o professor ocupa em nossa sociedade podem produzir sentidos novos e até mesmo rupturas.

Do conjunto de textos que a autora elenca como textos que se submetem ao processo de tradução, destacamos os *textos pedagógicos adaptados a este ou àquele nível*, uma vez que entendemos que o discurso pedagógico se insere neste tipo de texto que passa por um processo de adaptação que nada mais é do que a transformação do discurso científico em discurso pedagógico.

Consideramos, para tanto, com base em Authier-Revuz: o **discurso científico** como **Discurso Primeiro** (D1); o **discurso dos manuais didáticos** como **Discurso Segundo** (D2); e o **discurso do professor** como **Discurso Terceiro** (D3); no caso em que o manual, ou outro texto, serve de texto-fonte. Contudo, há casos em que o D3 torna-se D2, por não ser intermediado diretamente por outro discurso na relação com um suposto D1. Ademais, tanto o D2 quanto D3, na nossa concepção, são derivados de D1, discurso-fonte. São, portanto, apesar da aparente distância de D3, tradução desse discurso.

Todos os nossos dados resultam dessa cadeia discursiva que apresentamos com base em Authier-Revuz (o discurso científico materializado em teorias da linguagem que é tomado e recortado pelo livro didático e/ou pelo DPE). Ampliamos a discussão considerando um D3, que pode assumir o posto de D2; é o caso dos recortes da aula sobre signo linguístico analisados anteriormente e de outros que compõem nossos dados.

Por esse motivo, deter-nos-emos neste ponto do texto, por termos introduzido essa proposição, no que Authier-Revuz (1998) discorre sobre *Um discurso de reformulação explícita*. A autora ao considerar a possibilidade de tradução<sup>24</sup> no jogo entre discursos abre parênteses para tratar, com base nessa categoria, do processo de reformulação que, para ela, numa *operação de tradução* pode, simplesmente, ficar oculto. Ao que a autora dirá

---

<sup>24</sup> Authier-Revuz ao usar o termo tradução não está alinhada com o conceito de tradução no seu sentido tradicional de uma língua natural à outra, mas como reformulação; como declaramos anteriormente.

Uma operação de tradução visa fornecer um texto D2, sendo que a tradução-produto substitui o texto D1 como equivalente. Seu trabalho de reformulação pode se manter implícito ao ponto de se poder ignorar que D2 resulta de uma tradução (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 109).

Diferentemente do que Authier-Revuz apresenta, abstraímos dessa discussão que a tradução no discurso pedagógico, embora se paute na reformulação do discurso científico, formulação que se evidencia em operações linguístico-discursivas, é possível dizer que o apagamento do autor seja o contrário da divulgação científica que se sustenta em “segundo X”; “de acordo com X”. Sem restringir-se, também, à busca de equivalência entre os discursos (D2 e/ou D3 em relação ao D1); o que resultaria em certa homogeneidade entre os textos, pois a autora afirma que o produto resultante desse processo (D2, e aí incluímos D3) demarca apenas a equivalência entre os discursos e chega a ocultar que D2 resulte de um processo tradutório. Como discutimos nas seções que trataram dos sentidos da tradução, mesmo quando a tradução é tomada na relação interlingual, descarta-se a busca de equivalência entre os textos, da correspondência semântica, do sentido idêntico.

Dessa maneira, não estamos em consonância com Authier-Revuz, pois mesmo que a tradução discursiva visasse essa equivalência com outro(s) discurso(s) isso não se realizaria, visto que a presença do sujeito mediador/tradutor implica em seleção, edição, redimensionamento etc. Até mesmo nos casos em que há uma relação de dependência explícita com um discurso primeiro, como na DC, de modo que o produto-tradução explicita o quadro de referencialidades, evidencia-se a interdiscursividade constitutiva e a presença de um sujeito que atua; não há o apagamento do trabalho do sujeito/tradutor/mediador.

Ademais, há um trabalho do Eu no discurso do Outro, que se processa no plano (inter)subjetivo, o que para Maingueneau (1997) gera a interincompreensão, ou seja, sempre que traduzimos o discurso do Outro o fazemos com nossas grades semânticas. Por conseguinte, a tradução, enquanto processo discursivo, distancia-se de um trabalho que visa à equivalência (a reformulação despreziosa) para dar margem à formulação, de que a (inter)subjetividade é constitutiva. Isso tudo possibilitado pela própria configuração dos gêneros discursivos.

Assim, o produto-tradução não busca equivalência, porque não podemos elidir a subjetividade do sujeito tradutor/mediador. A tradução-produto além de não ocultar a relação com o discurso outro, pois o sujeito não é o primeiro a discorrer sobre o assunto, também não apaga o trabalho do tradutor que imprime aspectos de singularidade e subjetividade nesse jogo.

No gênero aula da escola básica, poderíamos até pensar que sempre há uma fonte de referencialidade que se apresenta como autoridade no discurso que aí se instaura, como se processa na DC, de modo que essa esfera de atividade humano-social impusesse estruturas totalmente estáveis. Pensando assim, os sujeitos envolvidos não teriam espaço para exercer um trabalho ativo e responsivo.

No entanto, se pensarmos na aula que analisamos, na seção precedente, dessa perspectiva, não poderíamos vislumbrar os investimentos dispensados pelos sujeitos dos quais podem decorrer a inauguração de sentidos novos. Como dissemos, não há uma explicitação do quadro de referencialidades que constitui o discurso do professor – o DPE, tampouco se evidenciam as marcas de formulação. Todavia, não é possível ocultar a interdiscursividade, os simulacros produzidos na relação com o discurso científico gerador desse conceito. Mais especificamente, com a discussão que tem como ponto de partida o linguista Fernand de Saussure.

Authier-Revuz (1998, p. 124-125) discute que é próprio da DC ao constituir-se como prática didática paliar o autor científico, produtor do conhecimento. Nesse jogo o papel de mediador ocupado pelo sujeito professor é ocultado, assim como o texto-fonte e o interlocutor. Esses elementos caracterizadores da DC levam a autora a postular a existência de um discurso de transmissão do discurso primeiro e de um sujeito apenas mediador do discurso primeiro.

Esta análise pode levar a crer num sujeito que apenas reproduz e que, portanto, não inscreve seu trabalho no processo de tradução. No entanto, como veremos em nossas análises, que, embora tenha como base um discurso fonte, há sempre possibilidades de deslocamentos e rupturas. Logo, o simulacro produzido a partir da tradução no caso da DC, que engloba o gênero aula, não é tão homogêneo como ratifica Authier-Revuz (1982, p. 46): “[...] o lugar onde se celebra, ausente, um discurso absoluto, homogêneo, monológico, do qual ele mesmo não seria senão uma imagem degradada.”

Ao invés disso, refletimos que, apesar dessa carga histórica homogeneizadora, nossa pesquisa aponta para os indícios de um trabalho

reservado ao professor, que é o de traduzir o conhecimento em saber didático. É nesse lugar que o professor ainda encontra um espaço de atuação: traduzir o conhecimento científico em conhecimento didático. Esse é um tipo de saber que só no espaço da docência se constrói.

Esse trabalho do professor distancia-se um pouco da imagem degradada e homogênea, construída na intercompreensão, apresentada por Authier-Revuz no processo da DC. E a nova imagem-simulacro fruto do trabalho do professor é produzida na heterogeneidade discursiva, mesmo que ela não seja mostrada, daí nossa base no dialogismo bakhtiniano, fruto do trabalho do sujeito diante do dado, da memória discursiva, que se transforma no criado.

Com a reflexão de que na tradução há sempre reformulação e formulação, concordamos com Pietri (2003) que, à luz dos estudos de Zamboni e outros (2001), refuta esse apagamento do mediador/divulgador/tradutor dos textos científicos no processo de DC.

A opção por considerar a DC um discurso específico possibilita discutir a noção de *interdiscurso*. Observado o discurso de divulgação científica em relação ao discurso da ciência, encontramos um caso em que a interdiscursividade não é apenas constitutiva, mas também mostrada. O discurso da ciência pode ser visto, desse modo, como a memória discursiva da DC; porém, não se trata, pelo menos nesse caso, de uma memória que se oculta para ser imposta ao enunciador, alocado então à sua posição de sujeito com os objetos de que pode tratar respeitando as determinações discursivas. Observado o trabalho do sujeito, isto é, a *subjetividade mostrada*, (Possenti, 1995), o aprisionamento às determinações do Outro passa a ser relativizado, e o trabalho de escolha entre as possibilidades oferecidas pelo pré-construído deixa de ser visto como “interiorização ilusória” (Courtine, 1981). Há um papel ativo na relação entre sujeito e pré-construído, atividade que é mostrada no discurso da DC (p. 105) (Grifos do autor).

Retomando a discussão de Authier-Revuz, ela explica que no caso da tradução-produto equivaler com D1, a explicitação se dá por marcas fora do corpo de D2. E aí se fundamentam “[...] os mitos e ideias teimosas de apagamento do tradutor e de transparência de D2 em relação ao original D1 [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.109). Com essa reflexão a autora traça uma distinção entre um texto “D2 produto-de-tradução” e um texto “D2 produto-de-D.C.”, que reformula ao traduzir:

Ao contrário de D2 produto-de-tradução que, se reflete inevitavelmente as modalidades de sua enunciação, “não demonstra os bastidores da exploração”, o D2 produto-de-D.C. dá-se explicitamente como resultado de um trabalho de reformulação do D1; longe de esconder a maquinaria, ele a *mostra* sistematicamente, em diversos níveis [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 109) (Grifos da autora).

Quanto aos *níveis*, primeiro, Authier-Revuz (1998) demarca que, na divulgação científica, D1 não é apenas fonte de D2, mas é, também, objeto referenciado. Essa relação torna-se evidente, dá-se, segundo ela, “[...] no nível de uma estrutura enunciativa global de discurso relatado [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.109). Segundo, já mencionado na seção que introduz este capítulo, quando discorríamos acerca da *tradução de tipo específico*, a relação entre D1 e D2 é constituída por um fio do discurso que se torna evidente, explícito, por processos de remissão direta ou indireta; D1, portanto, é o universo de referencialidade de D2. E, essa referencialidade é declarada (ou não) com o uso em D2 de citação, *tradução*, ajuste, glosa etc., de D1.

Mesmo quando as referências à enunciação de D1 são vagas – “segundo os químicos..., para os geofísicos..., os especialistas consideram...” ou mesmo os “diz-se, pensa-se, admite-se hoje” da comunidade científica –, elas não participam menos da remissão explícita a um discurso primeiro que nos parece caracterizar a economia global de nossos textos de D.C. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.112) (Grifos da autora).

Authier-Revuz (1998), ao discorrer sobre o primeiro nível, declara que o que diferencia os textos de D.C. dos outros *gêneros de reformulação* é o *recurso a um quadro global de discurso relatado* – quadro de enunciação, com todos os elementos (interlocutores e quadros de enunciações tanto de D1 quanto de D2) em interação. Por conseguinte, a autora explica que nos textos de DC entra em atividade uma *dupla estrutura enunciativa*.

Ao apresentar essa dupla estrutura enunciativa – no caso do discurso relatado – Authier-Revuz (*op. cit.*) esclarece que há uma relação triádica em que dois pontos, considerados pólos, são mediados por um terceiro ponto. As duas extremidades são representadas pela ciência e o público leitor, e a mediação pelo divulgador; que preferimos considerá-lo como tradutor em nossos estudos, levando em conta uma tradução de tipo geral e específico.

Para apresentar o jogo entre os quadros de enunciação no gênero de reformulação divulgação científica – D2, detalharemos, a seguir, de acordo com Authier-Revuz (1998), o jogo de representações/papéis que nele configuram-se:

**a)** A extremidade primeira, ocupada pela ciência, é constituída por muitas vozes determinadas, com suas respectivas assinaturas, ressaltando a ideia de autoridade/autoria, para poder, então, ter legitimidade de discurso científico – D1.

Estes numerosos nomes próprios, prestigiosos e intercambiáveis para o leitor-padrão, asseguram, tanto ou mais talvez que uma informação, um “efeito de real” e uma “animação” do discurso da ciência, “abstrato ornamentado de plumas de concreto”, ao mesmo tempo em que sua autoridade produz uma garantia de seriedade na D.C. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 114) (Grifos da autora).

**b)** A extremidade segunda, que assinala o espaço da dialogicidade extrema, é o lugar destinado ao público leitor, desde o processo de constituição dos textos (D1 e DC); obviamente que todo e qualquer texto reserva esse espaço que virá a ser ocupado por um público leitor. Nos textos de DC, até chegar ao público leitor assimilado, há vários processos de ocupação desses espaços abertos pelos/nos textos: o mediador/divulgador/tradutor, na constituição de D2, ocupa o espaço destinado a ele em D1, que abre novo espaço em D2 que, posteriormente, será ocupado pelo público leitor exterior à comunidade científica e, assim, sucessivamente, num dialogismo ininterrupto.

Todo discurso, certamente, assimila a imagem de seu destinatário e por isso constrói uma imagem daquele; é próprio da D.C. de assim o fazer explicitamente, propondo ao destinatário, por pequenas marcas no fio dos artigos, um retrado bem preciso com o qual se identificar [sic.], confortavelmente, verdadeiramente feliz: aquele de um homem aberto, curioso pelas ciências, inteligente, e ainda consciente da distância que o separa dos especialistas [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 114).

**c)** Por fim, o (entre)lugar ocupado pelo divulgador/mediador. Ele, o tradutor/reformulador de discursos, representa-se nos textos como aquele que transita entre os discursos, D1 e D2, ao constituir seu próprio discurso: aquele que se propõe levar o discurso científico ao leitor.

[...] o divulgador não é mais do que um enunciador que responde a uma pergunta [...] para cumprir um “dever”, uma “missão”; ele se dá – entre a originalidade do autor e a transparência do escritor – um estatuto ambíguo de comentador – compilador, esforçando-se, no apagamento, para colocar

os dois pólos em contato (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 115) (Grifos da autora).

Diante desse panorama, a autora discorrerá acerca de duas imagens, contraditórias e complementares, depreendidas na configuração dos papéis, no processo de DC. Na primeira, ela sublinha que a posição assumida pelo divulgador e pelo leitor, apesar de ser dessimétrica em relação à ciência, corrobora para a transmissão de conhecimento – a desafiadora e produtiva tarefa de divulgar/traduzir o discurso científico. Authier-Revuz (1998) descreve essa imagem com a expressão: *idílio pedagógico à sombra da Ciência*.

Na segunda, a imagem de um tradutor que visa levar o leitor ao autor, com todas as implicações que tal tarefa demanda, dentre elas: atender às impossibilidades inerentes ao processo de *transposição* de um discurso noutra – e no caso da DC, de re-formular o D1 numa linguagem menos hermética ao público leitor leigo; de minimizar, portanto, as incompatibilidades linguísticas entre os contextos, pois cada discurso é cheio de especificidades demandadas pelos contextos em que são produzidos/constituídos; aqui a DC irrompe como gênero novo, no sentido de ser um gênero específico. Daí a tarefa de comunicação impossível, destinada ao *missionário sempre à margem do fracasso ou do sacrilégio*, como afirma a autora (AUTHIER-REVUZ, *op. cit.*, p.115). Então, isso nos dá margem para pensarmos que nos textos de DC, que inclui tradução e textos pedagógicos adaptados a este ou àquele nível, no caso do gênero aula, ao invés de comunicar produz-se um novo discurso, enfim.

Para Authier-Revuz (1998), as incessantes passagens de um discurso a outro, os processos tradutórios (operação local de tradução) nos textos de DC, não privilegiam um texto em detrimento do outro. Ao invés disso, esse movimento de vaivém, realça as possibilidades de simetria entre esses textos (D1 e D2). Todavia, “Se o discurso de D.C. coloca em uma relação de simetria os dois discursos através dos quais ele se constitui, este não os põe, no entanto, em pé de igualdade.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 118-119).

A autora menciona alguns dos procedimentos utilizados para caracterizar a passagem de um discurso a outro: esquematização, simplificação.

A coexistência dos dois discursos, mais estreitamente ainda que pela justaposição em cadeia, é assegurada por uma progressão que faz alternadamente de cada um dos dois discursos [...] o interior em relação ao qual tal elemento é designado como referente do outro, exterior (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 118).

Ela reforça que essas passagens podem ser observadas, ainda, no caso de textos escritos, pelo uso “[...] de signos de distância metalinguística em relação a uma palavra: o itálico, mas, sobretudo, as aspas.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 117). Logo, utilizar aspas numa determinada palavra, em alguns casos, é uma maneira de condensar um discurso Outro, distante, exterior, e que deve ser aproximado para, logo em seguida, ser desdobrado/traduzido por outro discurso. Esse fio do discurso assinala, sobretudo, a proximidade e/ou distância que, dependendo da tradução, pode destacar, simultaneamente, a palavra-chave/expressão-chave como familiar, estrangeira, fonte de captação e/ou refutação, constituindo, assim, os textos de DC.

Nesse processo de descontextualizar para (re)contextualizar<sup>25</sup>, de assimilação dos discursos por outros, característico da atividade de re-formulação, o fio do discurso é instaurado. Contudo, isso não se dá de maneira tão clara e simples. O discurso Outro, por vezes, é sublinhado como estrangeiro ao contexto do leitor; daí a necessidade de descontextualizar para re-formular. Noutras, o próprio discurso constituído no ato de (re)contextualizar, para tornar familiar ao leitor, distancia – estrangeiriza –, portanto, o discurso-fonte – para logo em seguida incorporá-lo.

O discurso da D.C. integra, assimila aquilo que ele mesmo vem a designar como estranho: a palavra marcada como inadequada, metafórica, é retomada sem marca, passando assim ao interior do discurso, que, por isso, assume – sem distância – seu caráter aproximativo; a retomada, sem sinal de distância, de uma palavra científica é como uma imagem, no discurso, da apropriação por parte do leitor de palavras novas, ou seja, de seu acesso ao discurso científico (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 120).

Esses procedimentos de aproximação para distanciar e de distanciamento para aproximar revelam os mecanismos responsáveis pelo encontro de dois ou mais discursos num texto, conectados pelos fios que nesses intervalos bordam sentidos. Trazem à tona, também, o processo de incorporação do discurso alheio, a partir do

---

<sup>25</sup> Santos (2005, p. 59) observa, também, em seus estudos que “Essa operação diz respeito ao processo de retirada – descontextualização – do conceito da ciência e das suas fontes de referência para, em seguida, transformá-lo em saberes susceptíveis de aprendizagem especializada na situação de ensino – recontextualização –”.

apagamento das marcas que reavivam os fios do discurso Outro que, ao mesmo tempo, não podem ser apagados e mantêm-se num diálogo incessante.

Authier-Revuz esclarece essa relação dialógica entre os discursos, D1 racional e erudito – distante – e D2 senso comum, partilhado por todos – próximo, explicando que “O funcionamento conjunto dos dois discursos, longe de apagar a diferença entre suas imagens, reforça-a [...]”. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 120).

Na aula sobre signo linguístico (**[P5A6]** – analisada anteriormente) o procedimento adotado pelo professor na passagem/tradução do discurso científico para sala de aula é o da simplificação. Utilizamos o termo discurso científico no caso dessa aula, pois o **P5** não declara a fonte do discurso; supomos que ele tenha tido contato com a teoria do signo à época de sua formação acadêmica.

Assim, antes mesmo de declarar a temática da aula, o professor, talvez por pensar que o conteúdo seja complexo para os alunos, escolhe como tática para (re)contextualizar a teoria do signo linguístico o episódio do aparecimento da preguiça. Ou seja, antes mesmo de instaurar o fio discursivo que demonstraria o encontro de dois discursos, como diz Authier-Revuz, o professor (re)contextualiza a palavra/contéudo que poderia ser logo marcada/o como estrangeira/o ao aluno. Não há, como bem evidência a autora, a dupla estrutura enunciativa que se dá numa relação triádica.

Daí, quando o professor apresenta aos alunos o conteúdo que poderia parecer estranho (signo linguístico), por um processo de “familiarização”, trabalha em direção a sua naturalização<sup>26</sup>.

**[03]**

**P:** (...) então a nossa aula de hoje::... nós vamos estudar::...

**Als:** ((comentários))

**P:** signo linguístico::... ((escreve no quadro enquanto diz a palavra))

**[P5A6]**

O discurso científico passa pelo crivo da didatização, num processo de interiorização pelo DPE.

---

<sup>26</sup> Com base em Moscovici (2003), Santos (2005) discute, também, sobre o processo de tornar familiar palavras, ideias ou seres não-familiares. Para tal ele apresenta o processo de *ancoragem*, “[...] que consiste em reduzir os objetos estranhos em categorias e imagens comuns, colocando-os em um contexto conhecido. Para Moscovici (op. cit.) o processo de ancoragem se manifesta no discurso por meio de operações que envolvem a classificação, a nomeação ou categorização e a explicação do objeto.” (p.71).

A coexistência entre os discursos se dá numa progressão conjunta, pois não há, como Authier-Revuz discorre, uma progressão alternada, passagem de um discurso a outro num movimento de vaivém, em que a dessimetria entre os discursos seria realçada. Ou seja, pelo fato da referência à teoria do signo de Saussure não ser explicitada, até mesmo porque este é o trabalho do professor em adequar a teoria aos níveis de ensino, o discurso científico e o DPE parecem fundir-se num só discurso.

Claro que, como dissemos anteriormente, **P5** marca, no decorrer da aula, a expressão-chave (*signo linguístico::... ((escreve no quadro enquanto diz a palavra))*). Contudo, ao fazê-lo, tal conceito já está descontextualizado do campo científico e (re)contextualizado para o espaço do DPE. Nesse caso, embora os discursos estejam num diálogo incessante, o discurso científico se dá a conhecer pelo trabalho do professor que não é apenas de reprodução, mas de reformulação. A palavra alheia é incorporada sem remissões diretas à fonte.

Esse processo pode nos dizer algo sobre a imagem do destinatário assimilado pelo DPE, que é totalmente diferente da imagem apresentada por Authier-Revuz, no caso da DC.

O professor, na tentativa de introduzir o conceito de signo linguístico tal como proposto por Saussure (isso se observa pela introdução dos componentes do signo linguístico saussureano: significante e significado), não o faz diretamente da teoria saussuriana. Primeiro, porque em sua representação<sup>27</sup> este não seria um conteúdo acessível ao aluno do ensino médio tal como exposto teoricamente pelo autor. Segundo, porque, num gesto de didatização do conhecimento, recorre à palavra preguiça como exemplificação do que pretende ensinar.

Como observado anteriormente, quando utilizamos essa aula sobre signo linguístico, o professor incorpora a palavra alheia, transforma-a em palavra Minha, sem que o interlocutor perceba essa passagem. O mediador nesse caso adota uma postura diferenciada do caso da DC. Mesmo não sendo o produtor do conhecimento responsabiliza-se até certo ponto por ele (pelo conhecimento), ao assumir a função de verter, didatizar o conhecimento.

<sup>27</sup> Segundo Santos (2005, p.70) “[...] são as representações sociais que nos permitem conhecer, por meio das significações atribuídas ao objeto representado, as identidades dos indivíduos e grupos sociais. Nessa perspectiva, portanto, a qualificação das representações como sendo as manifestações sociais, psicossociais e discursivas (Mosvovici, 1968; Jodelet, 2001; Abric, 1994; Petitjean, 1998) tem a ver com o fato de serem elaboradas no curso dos processos de trocas e das interações verbais específicas.”

Assim, o professor, diante do conteúdo a ensinar, faz escolhas do que seria mais importante trazer para sala de aula, com o intuito de mobilizar interesses. A imagem que o **P5** constrói do aluno é a de um sujeito que talvez não se sinta atraído pelo conteúdo. Essa tática é bastante recorrente nos nossos dados. Os professores buscam assuntos que nada têm a ver com o tópico da aula, com o pretexto da motivação etc.

Das relações entre os discursos apresentadas até aqui, com base em Maingueneau (1997) e Authier-Revuz (1998), passaremos para uma discussão, na seção seguinte, sobre a questão do enunciado-comentário e a relação em cadeia com outros enunciados, precedentes e subsequentes (FOUCAULT, 1971; 2008).

#### 4.4 O enunciado-comentário e a produção de sentidos

[...] nosso próprio pensamento – nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes – nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.” (BAKHTIN, 1997, p. 318)

“De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos, voluntários. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) formando uma ficção que se chama o eu.” (SCHNEIDER, 1990, p. 15)

Com o intuito de dar mais ênfase ao diálogo entre os discursos, a interdiscursividade formadora de novos sentidos, voltaremos nosso olhar, nesta seção, ao jogo e à constituição da identidade material dos enunciados, a partir da relação com outros enunciados, que o perpassam, e as consequências desse processo. Essa discussão tornará mais consistente o jogo que há na constituição de um discurso. Esclarecerá as formas de controle que incidem sobre esse processo.

Para analisar os enunciados – as tarefas verbais de sala de aula – como traduções, não podemos desatrelá-los da cadeia discursiva em que estejam inseridos. Teremos o cuidado, como bem observou Foucault (2008), de não alhear os enunciados no tempo e no espaço. No tempo, pelo fato de não tomá-los como objetos isolados, únicos, frutos de uma criação original. No espaço, pela relação exterior, mesmo que material, que eles possam estabelecer com os outros enunciados, devido às especificidades, regularidades, que reverberam e os engendram.

É justamente devido às regularidades, no que há de repetível, que os enunciados podem ser analisados e/ou integrados a determinada cadeia/conjuntos de enunciados, ou formulações. Mas sempre admitindo com Foucault (1971) – quando trata do comentário, enquanto um dos procedimentos de controle do discurso – que, na repetição do mesmo, novos sentidos podem ser inaugurados, deslocando-se sentidos já dados na cadeia discursiva:

[...] o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito (FOUCAULT, 1971, p. 10) (Grifos do autor).

Há, na verdade, na relação entre os discursos, um jogo solidário de delimitação recíproca. Ao comentar, acrescenta-se um novo sentido aos discursos existentes e, produz-se um novo discurso. Contudo, para que o novo sentido constitua-se, ele precisa, sobretudo, apoiar-se noutro discurso referencial. Tanto o discurso primeiro quanto o comentário acerca dele, que podemos considerar discurso segundo, dependem um do outro. No tocante aos enunciados, esse jogo ressalta a ideia de **singularidade** – que se dá no plano da materialidade dos enunciados, ou enunciações –, e da **regularidade** dos enunciados – possibilidade de repetição, reatualização por diferentes enunciações.

Em relação a esse jogo dual, Foucault (1971) comprova que há um desnível entre texto primeiro e texto segundo. O comentário, ao mesmo tempo em que demanda, permite a construção de novos discursos – estatuto de discurso sempre reatualizável –, está destinado a dar ressonância àquilo que o texto primeiro não expõe abertamente, ao que ele guarda para além do exposto.

Foucault (1971) declara que o estatuto reatualizável do comentário ultrapassa o plano do dito. E o que de fato imprime a singularidade, o novo, situa-se no plano do acontecimento. Dessa maneira, “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado.” (FOUCAULT, 1971, p. 11).

Ademais, reforça-se, por conseguinte, o que difere um dado enunciado (entendido como um comentário) dos outros enunciados a que estão interligados.

Pois é naquilo que excede as estruturas, os limites – acabamento momentâneo –, que os enunciados irrompem como acontecimento, como constructos singulares (o acontecimento suscita a construção de sentidos – abertura do horizonte de significação), apesar de não mascarar as evidências, os liames com outros enunciados antecedentes, que lhe servem de base. Nem, tampouco, demarcar (com aspas, negritos, itálicos etc.) declaradamente esses liames. Foucault (2008) corrobora mais ainda conosco declarando que

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p. 31-32).

Com essas postulações de Foucault, queremos aproximar o conceito de tradução ao de comentário, tal como apresenta esse autor, na medida em que diante da discussão precedente, concebemos a existência de um discurso que é o discurso científico sempre retomado e transposto para a sala de aula. Atentaremos, portanto, especificamente, à mobilização de conceitos de uma esfera de atividade (espaço científico) à outra (a sala de aula).

Deter-nos-emos, com mais afinco, nos procedimentos que o discurso do professor coloca em circulação, num gesto tradutório de atribuir novas significações aos enunciados científicos, para fins didáticos. Destarte, ao lidar com os enunciados-comentários produzidos no contexto da sala de aula (na tarefa de explicar aos alunos), direcionaremos nosso escopo para o espaço “[...] de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações.” (PÊCHEUX, 2012, p. 51).

Dessa perspectiva, concebemos a interpretação como tradução, abertura para a trans-formação dos sentidos orientados pela posição social ocupada pelo professor e seus interlocutores. Como dissemos antes, texto-fonte e traduções

constituem uma rede, ou seja, são elos de uma mesma cadeia discursiva/de enunciados; ou dela distanciam-se sem, porém, desconectarem-se.

O excerto abaixo traz a voz de Bakhtin (1997) para dar mais consistência à discussão que tangenciamos até aqui.

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Estas reações assumem formas variáveis: podemos introduzir diretamente o enunciado alheio no contexto do nosso próprio enunciado, podemos introduzir-lhe apenas palavras isoladas ou orações que então figuram nele a título de representantes de enunciados completos. Nesses casos, o enunciado completo ou a palavra, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade na expressão, ou então ser modificados (se imbuírem de ironia, de indignação, de admiração, etc.); também é possível, num grau variável, parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como a opiniões bem conhecidas de um parceiro discursivo; é possível pressupô-lo explicitamente; nossa reação-resposta também pode refletir-se unicamente na expressão de nossa própria fala – na seleção dos recursos lingüísticos e de entonações, determinados não pelo objeto de nosso discurso e sim pelo enunciado do outro acerca do mesmo objeto (BAKHTIN, 1997, p. 317) (Grifos do autor).

Nosso texto, até aqui, demarcou de alguma forma, com o coro de vozes que o compõe, a inevitável interrelação que há entre as diversas produções verbais; mesmo nos casos em que a relação não é aparente. Tentamos trazer à luz as *tênuas fronteiras* que há entre eles e o trabalho de re-formulação empreendido pelos sujeitos.

Assim, caminhamos para reforçar que não há apenas repetição no exercício de re-formulação dos discursos existentes para os contextos a que se destinam.

## 5 PROCESSOS TRADUTÓRIOS NO GÊNERO DISCURSIVO AULA E AS MARCAS DE RE-FORMULAÇÃO NO DISCURSO PEDAGÓGICO ESCOLAR

[...] eu tenho uma luta muito grande com/com/com os alunos da sétima sé::rie::... sexta... PRA:: tentar inculcar... neles... o que... é verbo... e é uma graça::...” (Excerto de uma aula sobre regência verbal no 3º ano – [P1 A1])

Atendo-nos às marcas que circunscrevem o fio do discurso do professor no processo de transposição de conhecimentos a objeto de ensino, recorremos à Ribeiro (2005) para discutir sobre o efeito de obviedade próprio da voz científica e a hierarquia de vozes que se dá na constituição do discurso pedagógico escolar (DPE).

A autora, nessa discussão, refere-se ao DPE constitutivo do gênero discursivo aula universitária, todavia não descarta a literatura que versa sobre outros níveis de ensino – no caso, escola básica.

Segundo a autora, a hierarquia da sala de aula organiza-se da seguinte maneira:

[...] a voz do texto científico, enquanto objeto que deve ser transmitido, a voz do professor, enquanto transmissor de conhecimento, que media o texto, cria e organiza certas condições didáticas para que tal objeto seja ensinado (daí a estratégia da pergunta didática, por exemplo) e a voz do aluno que quase sempre não é ouvida (RIBEIRO, 2005, pp. 169-170).

Então, a partir da estruturação hierárquica das vozes que compõem o discurso de sala de aula, Ribeiro (2005, p. 173) esclarece que “[...] o processo de ensino opera ao mesmo tempo com representações do discurso científico de produção do conhecimento e do discurso pedagógico de transmissão de conhecimento.” A autora evidencia que cada representação deixa marcas que definem o discurso de sala de aula.

Essa articulação se revela por marcas que se traduzem em generalizações (presente genérico), definições, enunciados assertivos, seqüências explicativas, paráfrases, exemplos, objetivação de conceitos, etc. São marcas que revelam, ao mesmo tempo, a existência de um saber

inquestionável a ser aprendido e a possibilidade de tornar esse saber acessível ao aluno (RIBEIRO, 2005, p. 173-174).

Ancorada na concepção bakhtiniana de que a palavra ao ser dita já foi perpassada por vozes outras que abrem espaço para vozes futuras, a autora explicita que só é possível falar em discurso de sala de aula devido a esse processo de concatenação de vozes, de cálculos de contrapalavras, que antecedem e sucedem esse discurso; o próprio discurso do locutor/professor é uma contrapalavra do discurso científico, que suscita a contrapalavra do aluno.

[...] no processo mesmo de retomada do discurso científico para se constituir em discurso didático leva-se sempre em conta a compreensão do aluno. É, portanto, um trabalho que já traz em si cálculos de *contrapalavras* do aluno e em função desse cálculo o professor produz o seu trabalho de transmissão do saber, tendo sempre como medida o interlocutor (aluno) e, assim, o texto primeiro sofre a didatização no texto segundo, entrando no cálculo as representações das dificuldades dos alunos, o grau de desconhecimento que, supostamente, têm do conteúdo, a complexidade ou não do tema, etc. O discurso didático sofre, portanto, a dupla determinação do discurso que o antecede (o discurso científico) e do discurso que o precede (o discurso futuro do aprendiz). Nesse jogo de vozes mediadas pela voz do professor, há processos constantes de negociação entre a voz hegemônica (a voz do conhecimento) e outras vozes (RIBEIRO, 2005, p. 173) (Grifo da autora).

Esse processo de negociação sublinha as formas de controle, a dupla determinação, o jogo entre as vozes, que incidem sobre o discurso pedagógico. No caso da aula universitária, como bem demonstra Ribeiro (2005), há um duplo controle: discurso científico – marcado de autoridade –, e o discurso do aluno (discurso do aprendente). Ambos trazem em si marcas de objetivação próprias do discurso científico – o *efeito de obviedade*, que deve ser alcançado ou de que maneira deve ser desenvolvido.

Desse jogo de controle do discurso pedagógico irrompem, de acordo com Ribeiro (2005), as marcas do discurso científico, por ser o discurso hegemônico que orienta todo o processo de didatização, sempre posto sob a égide da verdade. Dessa maneira, o que seria, no âmbito científico, uma das possibilidades, uma das verdades, na aula, e aqui a autora inclui a aula da escola básica, ganha características de verdade única.

Ou seja, o que no discurso científico se apresenta como hipótese ou uma das possibilidades de compreensão da realidade, na sala de aula transforma-se em verdade absoluta, o que se marca no discurso do professor como efeito de

obviedade. Efeito de “[...] inexistência de dúvidas, de possibilidades outras. Mesmo na universidade, em que o professor é, muitas vezes, também o pesquisador, o conhecimento transmitido aparece como algo evidente, desprovido de dúvidas.” (RIBEIRO, 2005, p. 155).

Como bem constata a autora, o discurso de sala de aula é constituído pelo discurso pedagógico e pelo discurso científico, mesmo que numa escala hierárquica, em que este predomina sobre aquele. Entretanto, são as marcas linguístico-discursivas do DPE que podem dizer muito sobre as re-formulações, traduções, do discurso científico, enfim.

Neste capítulo, trataremos dos procedimentos discursivos a que recorre o discurso de sala de aula no processo de traduzir o discurso científico em objeto de ensino. O professor, orientado por representações que tem do lugar social que ocupa, do lugar que seu aluno ocupa e do conhecimento que supõe ser necessário para a aprendizagem do aluno, investe no trabalho de mediação entre o conhecimento e o aluno.

Destacaremos em cada item a seguir alguns dos procedimentos a que recorre o professor, orientado pela sua condição de um sujeito suposto saber e do aluno suposto não saber, como já observara Geraldi (1991). Estes procedimentos discursivos são: a pergunta didática, a mediação de sentidos do senso comum, construções parafrásticas, o recurso ao humor, a tradução suscitada pelo jogo interacional e a recorrência à exemplificação.

Para ilustrar esse gesto singular de inscrição dos sujeitos em seus discursos e desse discurso num quadro histórico, apresentaremos o primeiro procedimento utilizado pelo professor para traduzir os sentidos do discurso científico em conteúdo escolar: a pergunta didática (PD).

### 5.1 A pergunta didática ou retórica: tática desencadeadora do processo tradutório

Ribeiro (2005) já constatou, em sua pesquisa, que a pergunta didática (PD) é um dos procedimentos tradutórios que orienta a tarefa de transpor o conhecimento em objeto de ensino.

Esse procedimento torna-se parâmetro para que o locutor/professor instaure o jogo interlocutivo, invista na nova identidade material que construirá acerca do

discurso científico, a partir das suposições/representações que faz do objeto de ensino e do interlocutor/aluno, mesmo antes de iniciar a transposição/transmissão.

A PD pode ser comparada então com um termômetro que guiará o locutor/professor na relação com seu parceiro, o interlocutor/aluno, por fazer com que esse externalize o que sabe sobre o conteúdo, o que aprendeu e o que não aprendeu, além de conduzir, também, o próprio processo de ensino que consideramos como tradução, com todas as suas especificidades. A PD evidencia a relação do DPE com os discursos que o determinam, também.

No capítulo anterior, na seção em que discutimos acerca da tradução intralingual, discorreremos sobre a ideia de estrangeiro, com base em Ricoeur (2011), dentro de um mesmo campo linguístico. O jogo de perguntas e respostas é que torna estrangeiro o objeto em pauta e motiva, ao mesmo tempo, os processos tradutórios – a construção de sentidos; outrossim, provoca um distanciamento do próprio produtor do discurso, o professor no caso. Para Ricoeur (2011) esse jogo de questão e resposta é que instaura a busca por uma definição mais esclarecedora e/ou é responsável, em alguns casos, por estrangeirizar mais ainda.

Acrescentamos a essa discussão que o jogo pergunta e resposta/a PD, na maioria dos casos, desencadeia os processos tradutórios, justamente, por reforçar que o locutor e/ou interlocutor quiçá desconheçam, em parte, ou na totalidade, o objeto que será traduzido, com um modo particular de como dizer.

Concordamos com Ribeiro (2005) que a PD é mantenedora do discurso de sala de aula, pois o aluno percebe-a como tática desse discurso e entra no jogo como interlocutor, respondente, ou sente-se incumbido a construir uma réplica desse discurso, a compreendê-lo – e o esforço de compreender se dá num movimento dialógico; tanto com o interlocutor/professor, quanto com o conhecimento ensinado – outra consciência; o Tu que não se confunde com o autor (BAKHTIN, 1997), a voz científica, a voz do manual didático etc.

Ribeiro (2005) em seus estudos declara, também, que a PD demarca duas necessidades: de ensinar e de aprender. Constrói duas representações, a do professor *sujeito suposto-saber* e a do aluno *sujeito suposto-não-saber*. Essa discussão é tecida pela autora com base no que Ehlich (*apud* RIBEIRO, 2005) analisa quando se trata de uma situação da vida cotidiana, em que o interlocutor pelo desconhecimento sobre o que refere determinada pergunta não se obriga em

tecer a réplica que responderá a esse discurso. O que para Ribeiro (*op. cit.*) causaria o fim do discurso de sala de aula.

É recorrente nos dados que compõem o *corpus* da nossa pesquisa o uso da PD como forma de introduzir o que será trabalhado ou resgatar conteúdos que o professor supõe serem conhecidos pelos alunos. Iremos apresentar uma série de recortes, de diferentes aulas e diferentes professores, que constatarem o uso dessa tática além de estabelecer elos com outros pontos discutidos nessa seção.

Propomo-nos apresentar a PD em consonância com Ribeiro (2005) e em outras circunstâncias, recorrentes nos nossos dados, observadas por nós no decorrer das análises. Por exemplo, nos casos em que a PD é utilizada, geralmente, para iniciar a aula torna-se, também, um recurso que distancia o professor como interlocutor impelido a tecer a sua contrapalavra aos discursos que antecedem (discurso científico ou discurso do livro didático) e sucederão (discurso do aluno), e, conseqüentemente o levam a traduzir. A PD não deixa de ser, também, uma maneira de tangenciar o discurso do professor que consideramos como produto de tradução.

#### [04]

**P:** ah::... então olha só::... não esqueçam::... as características/quais são as características da carta?::... vamo lá::... rapidinho::... quais são as características da carta?::...

**AI5:** nome::...

**AI7:** data::...

**P:** primeiro::... a cidade::...

**Als:** ((comentários))

**P:** ah::... então a tua carta já tá falhando::...

**AI5:** eu nem sabia como é que fazia::...

**P:** Eras::... nós falamos na aula passada::...

**AI 7:** égua:: a professora explicou tanto::...

**P:** hein?::... a cidade::... olha a cidade pra onde a gente tá mandando::... né Bragança que a gente tá escrevendo?::... então a gente vai colocar Bragança::... aí que mais?::... a DAta::... que mais?::...

**AI7:** o mês::...

**P:** ahn?::...

**ALS:** ((risos))

**AI7:** o conteúdo da carta::...

**P:** o?::... o mês::...

**AI7:** o mês::...

**Als:** o ano::...

**AI7:** a hora e o dia::...

**P:** eita::... a hora e o dia... também não::... não precisa::... o conteúdo::... aí o que mais?::...

**AI7:** deixa uma linha em branco::...

**P:** deixa uma linha ou duas em branco::... que mais?::...

**AI7:** escreve ( )...

**P:** ahn?::... ( ) o vocativo::... né?::... que mais?::... aí vem a mensagem:: né?::... que você quer manda/que complicado::... ((Um aluno reclama que é muito complicado)) o que é complicado nisso?::... DEpois que terminou a mensagem::... que que a gente vai fazer?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** vai se?:::... vai se?:::... quando a gente fala com uma pessoa...

**A17:** despedir:::...

**P:** ah:::... tá:::... a gente vai se despedir:::... e depois?:::... PSIU:::... depois da despedida o que nós vamos fazer?:::...

**A18:** chorar:::...

**P:** a assinatura né?:::...

**A19:** a assinatura do indivíduo:::...

**P:** isso:::... da pessoa que está enviando:::... tá?:::... não esqueçam de colocar o nome do colega que fez a car-ta:::... tá?:::...

[P5 A1]

O recorte [04], extraído de uma aula em que o professor exige uma produção com o uso do gênero carta, discutido no plano das características estruturais numa aula anterior, percebemos o uso da PD como recurso mantenedor do discurso de sala de aula e como termômetro para constatar o que o aluno aprendeu (*então olha só:::... não esqueçam:::... as características/quais são as características da carta?:::... vamo lá:::... rapidinho:::... quais são as características da carta?:::...*).

Após a orientação sobre a atividade de produção textual, a professora distribuiu cartas de outra turma para cada aluno, em que eles na posição de remetentes deveriam responder. A PD nesse momento é utilizada com o intuito de averiguar e reforçar o conteúdo trabalhado na aula anterior. O aluno entra no jogo e tece sua réplica, manifesta-se, e corresponde com o intuito discursivo da professora:

**A15:** nome:::...

**A17:** data:::...

**P:** primeiro:::... a cidade:::...

**A1s:** ((comentários))

**P:** ah::: então a tua carta já tá falhando:::...

**A15:** eu nem sabia como é que fazia:::...

**P:** Eras:::... nós falamos na aula passada:::...

**A17:** égua::: a professora explicou tanto:::...

Note que o diálogo instaurado pela PD traz à tona o que os alunos compreenderam ou não acerca da discussão sobre o gênero carta; os próprios alunos (**A15** e **A17**) expõem e constatarem. **A17** ao tecer sua contrapalavra ao **A15**, que declara não saber das características do gênero carta, reafirma que compreendeu o conteúdo ensinado (**A17:** *égua::: a professora explicou tanto:::...*). Torna-se evidente o jogo interlocutivo suscitado/desencadeado pela PD. Os alunos entram no jogo e o discurso instaura-se (RIBEIRO, 2005).

O fragmento a seguir, de uma aula em que a professora (**P5**) discute sobre “arte literária”, reforça a análise precedente.

[05]

**P:** todo mundo entendeu... entendeu isso?... aquilo que é arte literária?... é:... qual é a matéria da arte literária?... o papel do artista nesse:... nesse processo de:... criador dessa arte:... todo mundo já entendeu isso aqui?...

**Al1:** ( )

**P:** mais ou menos?... como assim?... ah:... vocês querem que eu passe um fichamento ( )?...

**Als:** NÃO:... ((comentários))

**P:** como assim é não?...

**Als:** ((comentários))

**P:** ( )

**Als:** NÃO:...

**P:** não?... todo mundo entendeu né?... qual é a matéria que é usada na arte literária?...

**Al9:** é a palavra:...

**P:** a palavra:... é:... qual é:: a:... qual é o papel do artista:... o criador dessa arte literária?...

**Al:** ( )

**P:** trabalhar a palavra:... que mais?... ele tem:... o que também... dentro da sociedade ele tem o quê?... os seus direitos e os seus?...

**Als:** DEVERes:...

**P:** ( ) é fácil lidar com essa arte literária?... sim ou não?...

**Als:** NÃO:...

**P:** depende né?... não é fácil... mais alguns artistas conseguem:... o quê?... eles conseguem sobreviver dessa arte né?... e às vezes até:... mais do que sobreviver:... né?... até:... conseguem enriquecer:... né?... através dessa arte:... como é o caso de alguns artistas né?...

[...]

[P5 A3]

No recorte [05], depois de tecer uma longa discussão sobre a arte literária, com a participação dos alunos, a professora antes de concluir a aula, retoma alguns pontos para constatar o que os alunos apreenderam e, também, reforçar o conteúdo explicado com o uso da PD (*todo mundo entendeu... entendeu isso?... aquilo que é arte literária?... é:... qual é a matéria da arte literária?... o papel do artista nesse:... nesse processo de:... criador dessa arte:... todo mundo já entendeu isso aqui?...*). Nesse aspecto a PD controla a dispersão, direciona a discussão tanto do professor quanto atenção do aluno para o tema da aula, tem a função de elemento anafórico, de retomada.

Contudo, percebemos nos nossos dados outros objetivos e usos da PD. Há casos em que ela desencadeia o processo tradutório, faz o papel de elemento catafórico, antecipa o que será trabalhado. Antes de introduzir um novo conteúdo ou no decorrer da explicação, a PD, além de convocar o aluno para a interlocução, reafirmar a posição de suposto-não-saber, ao mesmo tempo instaura o diálogo com o discurso do livro didático (LD) e/ou discurso científico e distancia o professor, que

posteriormente mesmo sem obter uma resposta do aluno, investe na nova identidade material da memória discursiva acionada.

Numa aula de “Português II” – produção textual – ao explicar sobre os tipos textuais que são exigidos nos exames para ingressar nas universidades e, ao discutir, especificamente, sobre dissertação, o professor (P2) utiliza a PD como recurso para alargar ainda mais a discussão ao apresentar uma nova categoria (expressão-chave) que ele julga ser desconhecida pelo aluno.

[06]

P: [...] ( ) o importante:: é::... argumentar::... é de-fen-der a sua ideia::... isso é o mais importante::... a resposta em si::... não é tão importante::... e sim os argumentos que você usa::... e ele usa a palavra persuadir::... ((O “ele” é referente ao autor do texto lido pelo aluno)) vocês conhecem a expressão persuadir::?... persuadir é tentar convencer::... ah:: eu vou persuadir aquela menina a ficar comigo::... ou seja... tentar convencê-la::... a ficar com você... o poder da persuasão::...

[P2 A1]

A PD nesse recorte introduz uma nova expressão-chave à discussão (*e ele usa a palavra persuadir::... ((O “ele” é referente ao autor do texto lido pelo aluno)) vocês conhecem a expressão persuadir::?...*), acentua a necessidade de traduzir para o aluno que é convocado pelo jogo intersubjetivo. O professor logo em seguida, sem a expectativa de que o aluno teça uma resposta, investe na formulação discursiva sobre a categoria “persuadir” (*persuadir é tentar convencer::... ah:: eu vou persuadir aquela menina a ficar comigo::... ou seja... tentar convencê-la::... a ficar com você... o poder da persuasão::...*).

Nesse processo que consideramos de re-formulação, justamente, porque sem demarcar as vozes que compõem seu discurso – visto que o autor do material utilizado não conceitua o termo *persuadir* – o professor formula uma tradução do que seria aparentemente estranho ao aluno ou estrangeirizado pela PD, por supor que o aluno quiçá desconheça a expressão-chave utilizada pelo autor do texto selecionado para aula. Isso sem perder o contato com a discussão central da aula.

Daí, a partir de um campo de referencialidade, o professor formula uma nova identidade material para o discurso que se ocupa da argumentação. Ele introduz a ideia de que *persuadir é convencer*, como se estivesse acionando referências, outras vozes para o seu discurso, que nesse caso é a heterogeneidade discursiva. Em seguida, após o uso da exemplificação (*ah:: eu vou persuadir aquela menina a*

*ficar comigo::...*) ele imprime a singularidade no seu discurso (*o poder da persuasão::...*), antecipada pela expressão “ou seja”, e a tradução se dá por este gesto de reformular o já-dito, de introduzir exemplificações.

A PD pode ser, também, um mecanismo de controle da dispersão na construção de sentidos. Diante de inúmeras possibilidades de “como dizer”, controla, guia o discurso e, outrossim, auxilia o professor na seleção que deve ser operada em concatenação com o jogo interlocutivo de sala de aula. Ela serve para tangenciar o discurso, fazer a relação com o interdiscurso – que exerce uma autoridade parcial e que se apresenta nas marcas de reformulação, de repetição – e, assim instaura-se o princípio da autoria que se dá no intradiscurso – marcas de formulação, de singularidade.

No excerto [07] retirado da mesma aula de literatura do recorte [05], em que o professor discutia sobre a arte literária, a PD é utilizada com duas finalidades. A primeira é de retomar o que já foi explicado e a segunda é de fomentar a tradução de uma proposição poética que a professora usa para exemplificar a discussão que ela vem tateando sobre a matéria prima da arte literária que é a palavra.

[07]

P: metáfora::... uma das figuras de linguagem mais utilizadas é a me-tá-fo-ra::... né?::... e o que que é a metáfora?::... ((Alguém bate à porta. Um aluno responde que não tem ninguém. A professora abre. São alunos que chegaram atrasados.)) chegaram agora hein?::... bom dia::... tá?::... bom dia pra vocês::... pra quem chegou agora nós estamos falando um pouco a respeito da arte literária::... né?::... que a arte literária ela é o que?::... o que que é a arte literária?::... ahn?::... é a arte que a gente trabalha com/qual é a nossa::/qual é a matéria que a gente usa pra fazer a arte literária?::... a palavra né?::... a palavra verbal::... e a palavra?::... a oral e a?::... escrita né?::... o que que o poeta né?::... que vocês devem conhecer que ele/que ele fez parte né?::... do movimento literário chamado::... a arte moderna::... que é o Carlos Drummond de Andrade::... e ele fala uma COIsa::... que::... é muito pertinente da vida do poeta::... né?::... ele diz assim oh::... que::... é::... lutar com as palavra/com a palavra::... é a luta mais vã::... tanto mais ( )::... né?::... elas são muitos::... é mais ou menos assim:: eu não tô lembrando direitinho como é o poema tá?::... mais ele fala mais ou menos isso::... ( ) elas são muitas::... e eu pouco::... né?::... então o que ele quer dizer com isso?::... né?::... o que ele quer dizer com isso?::... lutar com as/com as palavras::... é a luta mais vã::... ahn?::... o que ele quer dizer com isso?::... que lutar com as palavras é a luta mais vã::... por quê?... porque você tem que conhecer:: muito bem as palavras::... né?::... você não POde lutar com uma coisa que você não conhece::...

[P5 A3]

Após introduzir sobre o uso de figuras de linguagem na arte literária, a professora direciona a discussão, com a PD, para uma das figuras de linguagem mais usadas na produção literária. A partir da resposta de um aluno, ela inaugura

um novo debate (*metáfora::... uma das figuras de linguagem mais utilizadas é a metáfora::... né?:... e o que que é a metáfora?:...*).

No decorrer dessa aula alguns alunos entram atrasados e interrompem a discussão. A professora para retomar o que já havia sido discutido e inserir os alunos que chegaram atrasados no jogo interlocutivo recorre à PD (*pra quem chegou agora nós estamos falando um pouco a respeito da arte literária::... né?:... que a arte literária ela é o que?:... (...) qual é a matéria que a gente usa pra fazer a arte literária?:... a palavra né?:... a palavra verbal::...*).

Ao resgatar o assunto a professora, para efeito de exemplificação, abre espaço para a introdução de um poema de Carlos Drummond de Andrade, em que o autor utiliza uma metáfora para falar da relação do poeta/escritor com a palavra. Mesmo nessas circunstâncias, a PD é acionada, pois funciona como controladora do processo tradutório (*ele diz assim oh::... que::... é::... lutar com as palavra/com a palavra::... é a luta mais vã::... tanto mais ( )::... né?:... elas são muitas::... é mais ou menos assim:: eu não tô lembrando direitinho como é o poema tá?:... mais ele fala mais ou menos isso::... ( ) elas são muitas::... e eu pouco::... né?:... então o que ele quer dizer com isso?:... né?:... o que ele quer dizer com isso?:... lutar com as/com as palavras::... é a luta mais vã::... ahn?:... o que ele quer dizer com isso?:... que lutar com as palavras é a luta mais vã::... por quê?..*).

#### 4.2 A mediação de sentidos do senso comum

Na passagem a conteúdo de ensino, o uso do senso comum, de categorias contextuais, familiares aos sujeitos envolvidos nas interações, torna-se um procedimento bastante usado nas explicações de professores, não apenas da escola básica. Nos nossos dados é frequente o uso desse procedimento.

O discurso científico traduzido/definido/(re)contextualizado com o uso do senso comum, recebe, dessa maneira, outra representação simbolicamente diferente. Isso sem ocasionar uma ruptura de sentido entre os discursos. Ou seja, instaura-se uma co-significação que contribuirá, sobremaneira, para que o aluno construa sentido(s) nessa passagem.

Dessa forma, a representação com o uso de sentidos do senso comum além de ser demandada pelo contexto/representação social em que se instaura o espaço discursivo, atende, outrossim, uma exigência do interlocutor imediato, do aluno no caso. Com o excerto a seguir, recortado de uma aula sobre “regência verbal e nominal”, evidenciaremos sobre a tradução com o uso do senso comum. Observe.

[08]

**P:** olha/a regência... à semelhança da concordância... verbal-nominal:... ela se relaciona com:... a estrutura:... da frase... e como um TERmo:: se relaciona:... a outro termo... então:... na regência existe um termo que ele é:... é principal:: e que nunca é dependente:... esse termo:... é importante... principal:... se chama sempre termo regente:... aquele que:... REge:... que manda:... [...]

[P1 A1]

Para (re)contextualizar o sentido de “regência”, a relação hierárquica de um termo com outro termo numa sentença, **P1** primeiro recorre a uma analogia. Aproxima, como se tivesse discutido anteriormente com a turma, à noção de concordância verbal-nominal. Depois, gradativamente, desenvolve a representação que pretende construir sobre regência (*então:... na regência existe um termo que ele é:... é principal:: e que nunca é dependente:...).*

Daí, investe em outros desdobramentos até chegar no momento de verter o discurso teórico/científico em senso comum (*então:... na regência existe um termo que ele é:... é principal:: e que nunca é dependente:... esse termo:... é importante... principal:... se chama sempre termo regente:... aquele que:... REge:... que manda:... [...]).*

Assim, “que manda...”, nesse recorte, representa simbolicamente a palavra marcada como familiar ao aluno, ou seja, “termo principal” é recontextualizado com uma categoria local, com outra identidade sócio-culturalmente determinada. Supostamente, “termo que manda” está muito mais próximo do universo de referência dos alunos do que “termo principal”, daí, o trabalho do professor em adequar o conhecimento ao universo cultural do aluno.

No decorrer dessa aula outras categorias, definições da gramática normativa, aparecem e é pela PD que **P1** grifa o termo aparentemente estranho e enceta a tradução logo em seguida. **P1** incumbido a transpor esses conhecimentos, por julgar serem desconhecidos dos alunos, didatiza-os, utilizando categorias cristalizadas no espaço da docência.

[09]

P: [...] pronome in-de-fi-nido::?... vocês acham que é indefinido?... é indefinido?... ((alunos comentam em voz baixa)) pronome indefinido... ((tom assertivo)) você ge/generaliza::... né?... o pronome indefinido::... ele serve pra... ge-ne-ralizar... alguma coisa... (som incompreensível) Ele::... tudo... nada... qualquer... eles generalizam... certo?... enquanto o::... possessivo indica posse... né?... indica a quem pertence... a que pessoa do discurso... pertence...  
[...]

[P1 A1]

Ao explicar sobre a transitividade de um verbo, que recebeu como complemento um pronome indefinido (*nada*), que exerce a função de complemento adverbial (objeto direto), **P1** propõe uma definição de pronome indefinido, geralmente aplicado à 3ª pessoa gramatical, que exprime/assimila sentidos de indeterminação. **P1**, diante de um grupo tão heterogêneo desses pronomes (como bem demonstram Cunha & Cintra (2008) em sua *Nova gramática do português contemporâneo*), produz a seguinte objetivação que condensa a complexidade das definições científicas sobre esses pronomes (*o pronome indefinido::... ele serve pra... ge-ne-ralizar... alguma coisa... (som incompreensível) ele::... tudo... nada... qualquer... eles generalizam... certo?...*).

É certo que com essa tradução ele reforça uma conceituação tradicional que atribui um sentido unitário à classe dos pronomes indefinidos. Sentido ancorado/categorizado no senso comum, portanto. Entretanto, aqui estamos atentos ao trabalho de transformação de um saber sistematizado em saber comum.

Noutra aula em que o **P1** discute, a partir do LD, sobre “colocação pronominal”, o caso da ênclise, próclise e mesóclise, que gerou bastante polêmica entre os alunos (na seção “O recurso ao humor” apresentaremos um excerto que analisaremos a abordagem do professor sobre esse tema), ele, seguindo a sequência do LD, introduz a discussão sobre “colocação dos termos na oração”. Os autores do LD (CEREJA & MAGALHÃES 2005) exemplificam um caso de inversão desses termos com um texto de Millôr Fernandes (“O que eu entendo dos jornais?”). Após a leitura do texto por um aluno, o professor inicia uma discussão sobre a quebra das convenções sintáticas do português. Observe os turnos de fala no excerto que segue.

[10]

**P:** ah:: muito bem... entenderam aí?...

**AL 2:** ah:: tem muitas palavras complicadas...

**AL 3:** é mesmo professor:....

**P:** o problema não são as palavras... as palavras não são complicadas... é que ele/ele escreveu de uma forma... desconexa:....

**AL 2:** o que é isso?:.... ((fala ao mesmo tempo que o professor))

[P1 A2]

Nesse excerto fica bastante evidente a exigência por uma (re)contextualização do tema abordado pelo LD, que nada mais é que a tradução de uma teoria do campo científico que estuda acerca da sintaxe da língua portuguesa. Diante da pergunta didática, que parece ter a função de instaurar o ato interlocutivo, os alunos não recebem em questionar, não silenciam diante daquilo que consideram estranho.

Depois desses turnos o professor inicia a discussão sobre o texto, seguindo o roteiro de leitura que propõe o LD; uma espécie de exercício de interpretação textual que conjuntamente vai desenvolvendo o tópico da gramática normativa que deve ser trabalhado. Com o recorte subsequente apresentaremos o momento em que o professor recorre ao sentido do senso comum para esclarecer sobre a escrita anticonvencional de Millôr Fernandes, em que ele desrespeita o princípio da colocação dos termos na oração.

[11]

**P:** (...) N.:.... leia e responda...

**AL 15:** não:....

**P:** SÓ leia então:....

**AL 15:** eu não:.... eu não sei como é esse nome... esquisito aí:....

((risos))

**P:** Millôr Fernandes... Mi-llôr:.... Fernandes:....

**AL 15:** ah tá:.... "nesse texto... Millôr Fernandes brinca com um princípio... sintático que rege... a combinação das palavras... na frase... que princípio:: é esse?:.... indique-o:...."

**P:** aí ele dá três oportunidades aí:.... você tem trinta e três vírgula nove por cento... de acertar:.... é "o princípio da colocação do verbo em relação ao sujeito da oração?:...."

**ALS:** não:....

**P:** é "o princípio da colocação dos termos na oração?:...." ou é "o princípio da concordância do adjetivo com o substantivo?:...."

**ALS:** ((comentários))

**P:** ele tá brincando aí... com um... um desses princípios:.... com o princípio sintátiCO:.... que rege... a combinação das palavras:.... qual desses ( )

**AL 2:** é o último aqui:.... tá tão grande...

**P:** hein?:....

**AL 2:** "o princípio da concordância do adjetivo com o substantivo..."

**P:** mais NUNca:....

((comentários))

**P:** qual seria N.?:....

**AL 3:** ah:.... qual seria eu não sei não:.... mas se eu fosse fica/eu marcava a:....

P: qual?::...

AL 3: a segunda::...

P: a segunda?::... o princípio da colocação dos termos na oração?::... certo::... é isso mesmo::... são os termos da oração... ele não tá... falando aqui... concordância::... de regência::... cê vê que::... ele/ele troca... por que o texto é esquisito?::... porque::... ele escreveu trocando a/as::... as posições dos termos da oração::... sujeiTO... predicaDO... verbo::... então ele fez uma bagunça aí::... e por isso algumas vezes não dá pra entender completamente... mas::... algumas coisas::... apesar da/da mudança se dá pra compreender::...

[...]

[P1 A2]

Depois de perguntar que princípio sintático não é levado em conta por Millôr Fernandes na escritura do texto e que causa certa estranheza ao leitor, **P1**, diante da resposta ainda muito indecisa do **AL3**, tenta tornar familiar aos alunos esse princípio proposto sem muitos esclarecimentos pelo manual didático (*por que o texto é esquisito?::... porque::... ele escreveu trocando a/as::... as posições dos termos da oração::... sujeiTO... predicaDO... verbo::... então ele fez uma bagunça aí::... e por isso algumas vezes não dá pra entender completamente...*).

À definição que o manual propõe, “como o princípio da colocação dos termos na oração”, o **P1** produz uma nova retextualização, com o intuito de explicar, suscitada pela PD (*por que o texto é esquisito?::...*), recorrendo à uma categoria familiar que esclareça a “desordem” dos termos na construção de Millôr (*então ele fez uma bagunça aí::...*). Essa (re)contextualização produz outra representação simbólica e co-significativa com relação a que propõe o manual didático.

Acreditamos que o professor, na posição de tradutor, esforça-se para produzir imagens que sejam assimiláveis ou, ainda, que levem os alunos, num movimento paralelo, de acordo com o conteúdo proposto, a partir da linguagem conceitual, a construir sentidos, com uma linguagem quiçá (in)esperada para o ambiente da sala de aula. É como se os interlocutores firmassem uma espécie de pacto, pois o intuito da construção/formulação (in)esperada é causar uma ressonância semântica no interlocutor.

Por conseguinte, essa linguagem leva o interlocutor a pensar a partir de imagens típicas do cotidiano, das cenas enunciativas vivenciadas por eles, dos sentidos do senso comum. Assim, com o uso dos sentidos do senso comum, o jogo operado por essa permuta de linguagens produz uma nova representação do conhecimento.

A tradução nessas circunstâncias produz um saber que é construído num espaço que extrapola a situação de produção do(s) discurso(s). Um saber que se

situa para além do ato interlocutivo. E nesse sentido há a transposição do contexto inicial do ato para outro contexto de valores.

Ademais, o professor ao recorrer aos sentidos do senso comum conduz o interlocutor à imagens que exigem um cálculo de sentidos diante de discursos totalmente e/ou aparentemente “desconexos” e que, *a posteriori*, passam a situar o interlocutor num espaço além da teoria, num contexto transverbal. O saber, nessas circunstâncias, situa-se e depende da criatividade dos sujeitos envolvidos no ato de construí-lo e aprendê-lo, conectados a um campo de referencialidade familiar, contextual.

Vejamos no recorte [12], da mesma aula sobre “Regência verbal e nominal”, como o P1 provoca esse deslocamento ao traduzir o conceito de uma categoria da gramática normativa que não era foco da aula, mas que está inserida na discussão.

#### [12]

**P:** é::... olha::... quando ele fala de::... no-mi-nal... de... ele está se referindo... é::... a três termos... substantivos... substantivo... adjetivos... ou... advérbios... a regência nominal ela é mais comum com substantivo e adjetivos... e::... mais claramente acontece... com::... uma palavra... que é advérbio... né luz?... ((refere-se ao aluno que está conversando)) então qualé o termo... né?... que::... SUPri... é::... alguma coisa aqui do adjetivo?... o quê::?... ((comentários)) tá no primeiro quadrinho... o que é que diz lá?... ele diz assim olha... dá licença... "estou impressionada::... com o seu QUARto filho"... qualé/qualé a expressão aqui?... aqui quando ele fala termo... pode ser mais de um... né?... pode ser duas... com uma palavra... duas palavras... três palavras... tá::?... então... "estou impressionada com seu quarto... filho"... então quais são::... as palavras que::... são exigidas... pra justificar impressio-na-da?... quais são::?... já sabe aí::?... ((dirige-se a um grupo de alunos. Eles dizem “não” sinalizando com a cabeça)) não sabem::?... olha de novo do teu lado aí... é bem aqui o primeiro quadrinho... ((aponta para o primeiro quadrinho da tira no livro)) "estou impressio-na-da::"... "estou impressionada filho"... ( ) o que é que completa o sentido do/das palavras?...

**AL 12:** com seu quarto...

**P:** com seu quarto... né?... o termo que é exigido pelo "impressionada" é... "com o seu quarto"... tá vendo a palavra filho aí no final::?... antes da vírgula::... na segunda vírgula... depois da vírgula... é::... qual é a função sintática... do “filho”?... aposto... vocativo... sujeito?...

**AIs:** ((Comentários))

**AI 1:** vocativo...

**P:** predicado?...

**AI 1:** eu acho que é vocativo...

**P:** por quê?... que é vocativo?... é um termo de chamamento né?... "vem cá filho da mãe... ((voz risonha)) estou impressionada com o seu quarto... filho"... o vocativo ele po-de::... perambular na frase... pode ficar no início... ele pode ser encaixado no meio... ou no final... mas sempre ele vem... né?... ou entre vírgulas... se for no meio... né?... ou depois::... de vír-gu-la... se for no início... tem a vírgula... aliás... no final depois de vírgula... e::/e::... antes de vírgula se for no início... "FI-lho"... vírgula... "estou impressionada com seu quarto"... "estou impressionada"... vírgula... "filho"... vírgula... "com seu quarto"... mais é um termo de chamamento... "fi-lho"... tá chamando... HEI... você aí::... "fi-lho"... tá?... é um vocativo...

[...]

[P1 A1]

O **P1** constrói uma representação com uma linguagem totalmente diferente da linguagem estritamente conceitual, ele não se prende ao contexto puramente teórico, objetivo e sintético do universo científico. Por isso, cria um simulacro, uma imagem que substitui o que poderia situar-se apenas no âmbito do conceito. Isso pode até ser uma exigência do próprio espaço que é “sala de aula”<sup>28</sup>, onde sujeitos e linguagem constituem-se conjuntamente atendendo às especificidades da situação de interação.

Como consequência desse procedimento, o que no discurso da gramática tradicional é considerado como um constituinte independente da oração, por isso é designado como um “[...] termo estranho à estrutura argumental da oração, que constitui por si só uma frase independente [...]” (PERINI 1995, p. 91), que pode ser deslocado sem causar prejuízo ao sentido produzido no contexto circunstancial da construção, ganha no discurso de sala de aula uma imagem que exprime muito bem a ideia de independência e movimento, de possibilidade de deslocamento, e que substitui a linguagem conceitual (*o vocativo ele po-de::... perambular na frase... pode ficar no início... ele pode ser encaixado no meio... ou no final... mas sempre ele vem... né?... ou entre vírgulas... se for no meio... né?... ou depois::... de vírgula... se for no início... tem a vírgula... aliás... no final depois de vírgula... e::/e::... antes de vírgula se for no início...*).

Noutra aula sobre “colocação pronominal”, o caso da ênclise, próclise e mesóclise, o **P1** constrói outra representação, recontextualizada, bastante interessante, a partir do conceito gramatical, bastante complexo para os alunos, apresentado pelo LD (CEREJA & MAGALHÃES 2005).

[13]

**AL 6:** "agora... deixe-me só... por favor..." ((Conclui lendo o que está entre parênteses)) "elimine a vírgula... depois da palavra 'agora'..."

**P:** você vai fazer a frase sem a vírgula... como é que ficaria... agora?::... hein C... como é que você::... (experimental)::... não tem a VÍRgula:: aí... pra/pa::... o advérbio AGora::... ele vai se encontrar::... ele vai se encontrar::... com a vírgula aí...

**AL 2:** ((aluna responde em tom de voz inaudível))

**P:** ISSO::... isso::... ouviu lá::... ô::... M... e o::... J.?::... ouviu?::... ((comentários))

**P:** C. como é que fica agora a frase?::...

**AL 6:** agora *me* só::...

<sup>28</sup> Santos (2005), em seus estudos, evidencia, também, a necessidade de valorizar, no caso da formação (continuada) de professores, o modo como os professores representam, conduzem, organizam e incorporam no cotidiano da docência os conhecimentos produzidos na esfera científica.

**P:** Isso::... como não tem vírgula... o advérbio agora::... na nossa regra... ele é imático::... né?... ((risos)) fazer igual a professora a::... a::... muito braba... "esse negócio... não gosto de língua que tem palavra imática"... ( ) agora me deixe.. só por favor...  
[...]

[P1 A2]

No decorrer dessa aula houve muita polêmica quanto ao uso do pronome pessoal oblíquo proclítico, enclítico e mesoclítico. Os alunos expressaram muita resistência às regras de uso desse pronome, incomuns no português falado no Brasil. A grande maioria desconhece a regra por completo (no item em que discorreremos sobre “O recurso ao humor”, mostraremos um recorte que apresenta bem essa situação).

Para didatizar, recontextualizar aos alunos, os casos em que o verbo é precedido de palavras de valor negativo, pronomes relativos, conjunções subordinativas, advérbios ou locuções adverbiais, pronomes neutros indefinidos, demonstrativos (etc.) e que o pronome pessoal oblíquo átono da posição mesoclítica passa a ser usado na proclítica, o **P1** apresenta outra representação que expressa essa mudança de contexto e de linguagem. Ele cria uma regra bem contextual, (o *advérbio agora::... na nossa regra... ele é imático::... né?...*), com base no exemplo proposto em uma atividade do LD (*agora, deixe-me só, por favor.*) – a intenção da atividade é que os alunos depreendam que no caso de advérbios que antecedem o verbo e que estão separados por vírgula na oração, como o advérbio “agora” do exemplo, ao retirar a vírgula o pronome muda de posição, passa a assumir a posição proclítica (( ) *agora me deixe... só por favor...*).

Diante dessa análise, percebemos que diferentemente da linguagem científica<sup>29</sup>, que costuma atribuir um sentido mais direto às suas descrições, deixando transparecer com mais força a objetividade, o professor situado em outro espaço, sem o compromisso com a produção do conhecimento nos moldes da comunidade científica, produz um saber tecido com uma linguagem que evidencia o jogo imaginário dele (do professor) em relação aos alunos e ao próprio conteúdo. Ou seja, na tentativa de facilitar a compreensão ele produz sentidos sintetizados com uma linguagem carregada de senso comum.

<sup>29</sup> Chauí (2000) em sua obra “Convite à filosofia” tece uma dicotomia fortuita acerca da Linguagem simbólica e linguagem conceitual.

### 4.3 Construções parafrásticas

Ribeiro (2001, p. 86) define em seus estudos sobre paráfrases<sup>30</sup> que essas construções constituem-se como “[...] recursos expressivos que refletem muito bem esse movimento discursivo de recorrência a um já-dito, ao mesmo tempo que remete para sentidos futuros.” Esses recursos amplificam, portanto, o estatuto reatualizável do já-dito, que pode ser desdobrado em outras construções que possibilitam a (re)significação.

No Capítulo 3, na seção em que discorreremos acerca da tradução intralingual (3.1 A tradução no rastro da tradição), discutimos os processos tradutórios dentro de uma mesma comunidade linguística e apresentamos a expressão aforismática de que é sempre possível dizer a mesma coisa de outro modo. Ricoeur (2011) afirma que fazemos isso quando reformulamos um argumento que não foi compreendido. Posteriormente, esse autor, ao refletir esse processo de retomada como um ato tradutório, re-formula a proposição apresentada anteriormente e imprime um novo sentido ao já dito, amplifica-o. Dessa maneira, não se diz a mesma coisa de outro modo, mas se diz outra coisa além do já-dito.

E é esse movimento de recorrência, de retomada do discurso, para amplificar, especificar, explicar, enfim, traduzir que observaremos nos recortes<sup>31</sup> que serão analisados neste item, dispostos a seguir.

[14]

**P:** faltar O quê::?... né?... quando aparecer esse "O quê::?"... é porque o verbo... **o verbo exige complemento...** a ação do verbo ele se estende::... ele vai além... dele... se você parar (numa vírgula)... você perde o sentido... e verbos tran/intransitivos e::... eles são completos::... neles próprios... eles são completos...  
[...]

[P1 A1]

[15]

**P:** [...] ( ) **então não/não/é:: não sejam incoerentes::...** não fujam da proposta::... o que você faria::?... o que você faria::?... seja objetivo::... claro::... seja sim-ples::... as melhores redações são as mais simples::... CLAreza é fundamental::... então sejam claros::... tá?... **sem muito rodeio::...** não seja prolixo::... ou seja... ficar enrolando::... objetivo... direto... e claro::... tá bom::?..  
[...]

[P2 A1]

<sup>30</sup> “A paráfrase: uma atividade argumentativa”.

<sup>31</sup> Nos recortes desta seção destacamos com negrito os enunciados-fonte e sublinhamos as construções parafrásticas desses enunciados.

As construções parafrásticas dos enunciados [14] e [15] são todas de natureza explicativa, que visa precisar ou especificar alguma informação; apesar de parecer tautológico, essas construções evidenciam uma das especificidades do gênero discursivo aula.

No enunciado [14] quando o professor discute sobre a transitividade dos verbos reformula por duas vezes o enunciado (*o verbo exige complemento*) e reforça a explicação com as construções (*a ação do verbo ele se estende*), (*ele vai além*). Instaure, assim, um movimento parafrástico que consolida a explicação, porque o P1, orientado pela tarefa de ensinar, joga com a pressuposição de que o outro ainda não compreendeu e, assim, vai encaminhando seu projeto de dizer com diferentes re-formulações do que seja o objeto direto. Nesse jogo parafrástico o P1 pressupõe ou a incompreensão ou almeja que a cada retomada/re-formulação o aluno construa a compreensão (RIBEIRO, 2001).

No enunciado [15], retirado de uma aula sobre produção textual, diante de um tema (“O que você faria se hoje fosse seu último dia de vida?” – proposta de redação do processo seletivo da UFPA 2006) e de um roteiro de propostas para discutir sobre o ato de dissertar no plano da escrita, o P2, ao apresentar duas proposições que considera importantes para o aluno, investe em paráfrases reformuladoras tanto no intuito de explicar quanto de simplificar numa linguagem mais acessível para facilitar a construção de sentido(s).

Então, para proposição (***então não/não/é:: não sejam incoerentes::...***), P2 cria a re-formulação (*não fujam da proposta::...*), como se o termo “incoerentes” não fosse suficiente para atingir os interlocutores, nem estivesse adequado ao sistema de referência dos interlocutores, dificultando, assim, a sua adesão ao discurso. O mesmo se dá para a proposição (***sem muito rodeio::... não seja prolixo::...***). P2, apesar de utilizar o enunciado “*sem muito rodeio*” que talvez não cause tanta estranheza aos interlocutores, contudo ao ampliar esse enunciado utiliza o termo “prolixo” que supostamente deva distanciá-los. Por isso, introduzindo uma paráfrase através do operador “ou seja”, P2 traduz, construindo, gradualmente, outros sentidos ao termo estranho, reforçando, assim, o argumento de que ao dissertar os alunos devem ser claros (*ou seja... ficar enrolando::... objetivo... direto... e claro::...*).

Sobre esse jogo parafrástico concordamos com Ribeiro (2001) que

Deslocar, por jogos parafrásticos, um nível de linguagem para outro, resulta de uma perspectiva argumentativa e, portanto, a gradação explicitada pela passagem de um nível de linguagem para outro produz efeitos de sentido que vão além da pura informação (RIBEIRO, 2001, p. 117).

Trazemos mais um recorte para evidenciar que essas construções parafrásticas ao reforçarem as táticas argumentativas do locutor, nas práticas discursivas, assinalam, também, o momento em que os discursos são reconfigurados, não apenas no plano da materialidade, mas do sentido (RIBEIRO, 2001).

[16]

P: Não:... ( ) pronomes relativos... nós temos o "que":... **que é o mais famoso** né?... **ele é::... universal... cabe em qualquer parte...** aí depois vem::... o plural do "que"... que é o "qual":... os "quais":... as "quais"... ( ) aí tem o pronome "que":... o pronome "onde"... o pronome "cujo"... ele é::/**são pronomes relativos... que une duas frases... na realidade ( ) relativo é que ele relaciona::... ele conecta... né?**...

[...]

[P1 A2]

Nesse enunciado há dois casos de construções parafrásticas que exprimem com mais ênfase um tom de explicação definidora e de didatização do conteúdo. Primeiro o professor, ao introduzir o argumento de que o pronome relativo “que” (**é o mais famoso**), mais utilizado, portanto (**ele é universal**), reconstrói esse enunciado-fonte com o intuito de fazer com que o aluno entenda ou pressupondo que ele não tenha entendido (cabe em qualquer parte...). Essa reformulação ao explicar o enunciado-fonte desdobra-o numa linguagem menos formal, como se o aluno não tivesse atingido a amplitude do sentido produzido pelo professor, expresso com a palavra “universal”. O movimento discursivo que aí se instaura é:

Linguagem comum (**o mais famoso**) ⇔ linguagem científica (**universal**) ⇔ linguagem comum (**cabe em qualquer parte**).

Ainda nesse excerto, o professor, na tentativa de tornar menos abstrato o conceito de pronome relativo, re-formula o que ele define como (**são pronomes relativos... que une duas frases...**). Daí ele investe em re-formulações que expandem a classificação/definição, dos termos apresentados como pronomes

relativos, com duas construções – (*na realidade ( ) relativo é que ele relaciona::...*), (*ele conecta... né?...*).

#### 5.4 O recurso ao humor

Os discursos com tom humorístico, nos seus mais variados matizes, conseguiram romper as barreiras impostas pelos tabus, pelas interdições, e são bastante utilizados pelos professores nas salas de aula. Não que eles sejam introduzidos apenas em gêneros específicos, em que o humor constitua uma especificidade marcante, mais aparente – como no caso das piadas.

No DPE – pelo menos é o que constatamos nos nossos dados –, o professor faz uso de um humor lúdico – até mesmo os que não costumam adotar uma postura lúdica – para flexibilizar o conteúdo aparentemente desinteressante/complexo, julgando, com esse recurso ao humor, atingir o interesse dos alunos pelo conteúdo. Selecionamos os enunciados dispostos a seguir para observarmos os momentos em que os professores fazem uso do humor e analisarmos que linguagem e efeito(s) de sentido(s) são produzidos.

[17]

P: [...] que é vocativo?... é um termo de chamamento né?... vem cá filho da mãe... ((voz risonha)) estou impressionada com o seu quarto... filho...  
[...]

[P1 A1]

Já utilizamos outros recortes dessa mesma aula ([P1A1]) nas seções anteriores para ilustrar outro mecanismo de tradução. Importa-nos aqui o tom expressivo do humor, presente na passagem em que o professor, para consolidar a explicação sobre um termo, utiliza uma construção familiar aos alunos, carregada de um tom humorístico (*vem cá filho da mãe... ((voz risonha))*), para fortalecer a ideia de chamamento.

O professor joga com a familiaridade dos alunos com a expressão e ao mesmo tempo com o cunho moral que ela traduz, por isso o tom jocoso que se imprime na voz do professor carregada de riso.

No enunciado [18], depois de tanta resistência dos alunos diante do tema “Colocação pronominal”, o caso da ênclise, próclise e mesóclise, o professor aciona o recurso do humor e atinge o intuito discursivo do DPE, que é o de fazer com que os alunos entendam o conhecimento traduzido para a aula.

[18]

**P:** olha o teu namorado se aproxima de ti e diz assim mesmo::... "me beija::..." aí é próclise...

**AL 5:** tu é doido é?::...

**ALS:** ((risos))

**P:** certo?::... aí você antes de chegar perto dele... "beije-me::..."

**AL 3:** e no caso dele fugir e beijar logo::...

**ALS:** ((risos))

**P:** ( ) "êpa::... beijou-me::..." daí é ênclise...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** mas uma jovem educada vai ouvir::... o pedido dele... não vai logo se atracar...

( )

**AL 3:** é... tem que ouvir::... as palavras românticas::...

**P:** certo?::... então olha::... aí diz assim::... "além dessas duas colocações::..." cadê:: A::... termine lá::... agora já sabe né A.?::...

**AL 2:** já::...

**P:** que é ênclise... próclise::... aí depois ele vai falar... no terceiro... que é MESÓclise::...

**AL 3:** aqui sim a gente tamos entendendo::...

[...]

[P1 A2]

Nesse enunciado, os turnos de fala evidenciam bem a adesão dos alunos, que estavam totalmente dispersos, ao jogo interlocutivo de sala de aula. O professor taticamente recorre ao tom humorístico para dar fluxo à aula. O conhecimento, agora descontextualizado de uma linguagem hermética, ganha novo contexto com uma linguagem informal, descontraída, cotidiana. As contrapalavras de **AL3** é que dão o cálculo da aceitabilidade da estratégia didática do professor (*aqui sim a gente tamos entendendo::...*).

Noutra aula, diante de um texto bastante complexo para os alunos, pelo fato de trabalhar com casos de concordância verbal que muito se distanciam das regras do português falado no Brasil, o professor, também, aciona o recurso do humor lúdico. Neste enunciado o professor introduz o gênero piada como um recurso à explicação.

[19]

**P:** [...] sempre que a gente chega ou sempre que a gente vai... temos que usar... a preposição que é justamente "A"... certo::?... tem até uma:: frase::... é::... o pessoal brinca muito com essas situações que... o cara marcou um encontro com a namorada::... e deu as indicações da onde ele estaria:: esperando... aí quando ela chega na porta do restaurante liga pra ele... ele diz "eu estou::... na mesa

seis:... estou sentado na mesa seis:... logo próximo da porta:... " aí a moça entra:... dá meia volta pela/a mesa seis:... vê um copo sobre:... um guardanapo:... e ele sentado ao lado:... aí ela volta:... aí:... começa a ligar... "sim você não me viu::?..." disse "vi... mais como você mentiu pra mim:... eu não quis ficar:... você disse que estava na mesa seis:: na mesa seis eu só vi um copo..." ((risos)) ou seja... ele não estava NA MEsa... ele estava... a mesa... né?...

ALS: ((risos e comentários))

P: ( ) o médico:... é:... assistia... o jogo... então... a ideia é... é/é/é até uma/uma... ( ) o médico ajudando lá o jogo acontecer:... ou seja ( ) se não tem a preposição... né?... o médico assistia ao jogo... como se ele estivesse:... ajudan::do o jogo... na verdade ele assiste AO jogo... né?... então existem muitas vezes uma... é/é/é... anedotas pra que a gente...

[...]

[P4 A1]

No enunciado [19] o P4, aparentemente muito sério, diante de tanta resistência dos alunos que ignoraram a leitura e a explicação (mecanizadas) do material sobre regência verbal (preparado pelo próprio professor), recorre à piada como forma de conduzir o conteúdo de ensino, especificamente a regência dos verbos “chegar” e “ir”. O efeito de sentido que se pretende encaminhar com a piada é a ambiguidade causada pela troca da preposição “a” por “em”.

Ao provocar a descontração da turma, e atrair a atenção dos alunos, o professor prepara o acolhimento dos interlocutores para aridez do tema de ensino.

Como podemos observar, nos enunciados [17], [18] e [19] o professor recorre a temas ou comportamentos que produzem efeito de humor. No entanto claramente observa-se ser esta uma tática de descontração e explicação do conteúdo de ensino, que o professor pressupõe que seja complexo aos alunos. Possivelmente, com a representação de que o humor pode ser um elemento motivador ou facilitador da aprendizagem, o professor une o tom humorístico com a explicação do conteúdo. Por este procedimento os professores conseguem a adesão dos alunos ao jogo interacional. Ademais a explicação ganha fluxo na aula.

## 5.5 A tradução suscitada pelo jogo interacional

Embora estejamos certos de que o jogo interacional ocorre em toda situação de linguagem, aqui interessa-nos identificar e analisar as marcas do jogo interacional orientadas pelo projeto de dizer do professor, na condução do conteúdo a ser ensinado. O outro (aluno) é convocado a entrar no jogo da interlocução, ou seja, há uma injunção “marcada” que convoca explicitamente o outro para entrar no jogo

interlocutivo da aula (no caso do recurso ao humor percebemos a tática da injunção de forma direta e indireta). Assim vejamos:

[20]

**P:** [...] vamos lá... essa parte aí: "conceituando"... ((refere-se à sessão do livro)) quem gostaria de ler::?... *queres ler::* **J::**?... *hein?*... essa parte aqui?...

**AL 8:** (som incompreensível)

**P:** "é:: o pronome"... ((aluna continua a leitura em voz muito baixa)) ó/ok... brigado ( )... aí ele dá um exemplo aqui... que nós já lemos... então ele explica:: *que::... né?*... que um termo... precisa de outro... pra completar o sentido... o termo *que::... exige... que precisa... é chamado de::... é::* regente ou subordinante... e o termo *que comPLE-ta::* o sentido... *de::* outro termo... *é::* chamado de::... *regido... ou subordinado... aí diz aqui...*

[...]

[P1 A1]

No recorte [20] o professor convoca os alunos a tomarem parte da aula (*vamos lá...*) e aponta para o texto que cada um tem em mãos com o dêitico "aí". Num primeiro momento, interpela a todos de uma só vez a se manifestarem sobre o desejo de ler o conteúdo expresso no livro que todos têm em mãos. Como não obtém a manifestação dos alunos, a seguir interpela individualmente (*queres ler:: J::?...*). O operador conversacional (*hein? essa parte aqui?...*) indicia a insistência do professor em obter a adesão do aluno para entrar no jogo da sala de aula, até que obtém a réplica da aluna que passa a ler o trecho do livro.

Como se pode observar, esta participação do aluno, lendo o trecho do livro, funciona como um processo de oralização do LD, produzindo dois efeitos de sentido: a suposta participação do aluno na aula e o ponto de partida para a explicação do professor. O retorno ao texto se faz por um ritual escolar: a leitura do professor, a leitura do aluno, a oralização do texto em sala pelo aluno e a explicação do professor. Resta perguntarmos pelo efeito produtivo desse gesto.

Na seção em que discorreremos sobre PD, apesar de ressaltarmos o uso da pergunta para desencadear o processo tradutório, não descartamos tanto a função fática (para testar se o interlocutor está no jogo) quanto a função retórica, que o professor formula e responde, sem esperar uma resposta do aluno), que essas perguntas também podem exercer (CORACINI, 2002). Todavia, consideramos que essas PD exercem, também, a função de convocar os alunos para o jogo interacional. O enunciado [21] exemplifica bem essas possibilidades.

[21]

**P:** [...] ( ) o importante:: é::... argumentar::... é de-fen-der a sua ideia::... isso é o mais importante::... a resposta em si::... não é tão importante::... e sim os argumentos que você usa::... e ele usa a palavra persuadir::... ((O “ele” refere-se ao autor do texto lido pelo aluno, que não faz parte do livro didático)) vocês conhecem a expressão persuadir::?... persuadir é tentar convencer::... “ah:: eu vou persuadir aquela menina a ficar comigo::...” ou seja tentar convencê-la::... a ficar com você... o poder da persuasão::... vamos:: parágrafo::... D. você pode ler um parágrafo:: D.?... ((O aluno não sabe em que parágrafo parou a leitura. O professor orienta.)) “em suma::...” não é isso::?...

**ALS:** ((comentários))

**AL 6:** é::... ( ) "em suma:: dissertação implica discutir ideias::... argumentar:: para organizar o pensamento::... defender pontos de vistas::... descobrir (suas ações) e:: resultando no necessário conhecimento do assunto que se vai abordar::... aliado a (uma variedade) de posições sobre esse assunto::... ((Risos e comentários sobre a leitura feita pelo aluno.))

**P:** tá bom::...

[...]

[P2 A1]

**P2**, por ter apresentado o termo “persuadir” mencionado pelo autor do texto trazido para aula de produção textual – o tipo textual objeto da discussão era dissertação –, convoca os alunos para interação com uma pergunta retórica (*vocês conhecem a expressão persuadir::?...*), pois logo em seguida ele traduz o termo destacado para que os alunos ficassem atentos (*persuadir é tentar convencer::... “ah:: eu vou persuadir aquela menina a ficar comigo::...” ou seja tentar convencê-la::... a ficar com você... o poder da persuasão::...*).

Ao final, depois de pedir para que um aluno leia o próximo parágrafo do texto, mesmo sem obter resposta, **P2** situa-o no jogo e depois de situá-lo na leitura utiliza a PD com função fática, para testar se o aluno aderiu ou não ao jogo. Logo em seguida ele responde iniciando a leitura do texto.

No recorte **[22]** a PD exerce a mesma função de convocar e manter os alunos no jogo, além de chamar a atenção para o que o professor vai apresentar.

[22]

**P:** nada... certo::... nada... aí... é/os autores eles explicam... que... o verbo encontrar... ele quanto a transitividade... ele é transitivo direto... vocês sabem como é que a gente acha... dentro do contexto o verbo transitivo direto?... dentro da FRAse::?... é fazendo a pergunta "o quê::?"... depois do verbo... ou "quem::?"... "quê?"... né?... "o quê?"... ou "quem?"... "o quê?" ou "quem?"...

[...]

[P1 A1]

## 5.6 A recorrência à exemplificação

A exemplificação é um recurso muito comum no gênero discursivo aula. Parece até que se trata de algo banal nesse gênero. Nas aulas que compõem o *corpus* da nossa pesquisa, em quase todas há a presença desse recurso que, muitas vezes, antes mesmo de ser operado é anunciado pelo locutor com a expressão “por exemplo” – que pode sinalizar a investida do professor no processo tradutório.

Os exemplos, além do que o próprio termo expressa, pode ser utilizado com intencionalidades diferenciadas. Dependendo da intenção discursiva do sujeito ao utilizar a exemplificação, o sentido que ela provoca pode exercer outras funções além da exemplificação. É o que tentaremos mostrar com base nos recortes selecionados para este item.

[23]

P: [...] E:: AINda:: verbos que podem ter vários significados::... e uma única regência... aí::... esse é menor né?... ( ) tem só uma regência... exige só uma:: preposição::... a ele... por exemplo::... ele diz aqui... "esse caso careCE::... de importância"... aí diz o seguinte... CAREcer aqui::... tem o sentido... a acepção de não ter::... quer dizer... esse caso não tem importância::... que ele carece de importância... este menino carece de um par de tênis novos... carecer aqui... já tem o sentido de::... precisar::... necessitar::... este menino::... precisa ( ) de um par de tênis novos::...  
[...]

[P1 A1]

[24]

é::... por exemplo::... nós temos uma escritora aqui na sala::... vocês sabiam disso?:...  
Als: ((uns dizem que não, outros que sim))  
P: ( ) a L::... né?:... então eu te pergunto L?:... todas as vezes que você escreve::... nos seus poemas::... você escreve é... o sentimento que tá ali ele é seu?:...  
AIL: não::... às vezes não::...  
P: nem sempre é seu::... né?:...  
AIL: às vezes eu escolho algum tema::...  
P: pode falar mais alto?:...  
AIL: às vezes eu escolho algum tema que eu possa::... incluir na minha poesia::... e ali escrever::...  
P: e o sentimento ele é::... seu::... ele é sempre seu?:... ou::...  
AIL: não::... ((ao mesmo tempo que a professora fala)) não::... às vezes ele tem a/tem pessoas que pedem até pra mim escrever::... aí::... com isso eu pergunto::... ( ) qual é a emoção?:... é::... o que você quer passar pra essa pessoa?:... aí nisso não só meus sentimentos... às vezes daquela pessoa::... ou até mesmo assim só inspiração mesmo pra (querer) escrever::...  
P: certo::... às vezes é até uma inspiração::... ( ) que você tem::... né?:... por exemplo naquele poema que você me mostrou::... a respeito da guerra:: né?:... ela escreveu um poema né?:... que falava/que o tema do poema era a guerra::... né?:... então::... eu pergunto pra ti::... L::... é::... tu já participou alguma vez de alguma guerra?:...  
AIL: não::...  
A1: da segunda guerra::...((risos))

P: não:... então como foi que tu escreveste esse poema da guerra?... o sentimento né?... ( ) eu falo a respeito de sentimento:... ( ) quando tu expressou esse sentimento... esse sentimento era teu?... ou foi um sentimento que tu inventaste?... foste buscar em outra:... em outra pessoa:...

ALL.: é um sentimento que eu fui buscar em outra pessoa:...

P: perceberam agora a diferença do::/do:... da pessoa que escreve o poema... pro EU-poético?... né?... o EU-poético:... ele é:... ele é uma invenção do/do:... do poeta:... né?... nem sempre:... nem sempre... algumas vezes ele é o próprio poeta:... mas nem sempre aquele sentimento:... que tá expresso ali no poema:... ele é:... do poeta:... né?... muitas vezes o poema vai buscar:... uma inspiração em uma OUtra pessoa né?... pra expressar aquilo/aquele sentimento:... né?... não quer dizer que seja sempre o poeta que tá sentindo aquilo ali:... algumas vezes o poeta sente:... outras vezes... ele vai buscar inspiração em outra:... né?:...

Al10: professora:... lê o poema dela pra gente:...

P: tu queres que eu leia o poema?:...

Als: lê professora:... ((comentários))

P: deixa eu ler o poema dela:... tu não queres ler L.?:... lê você:...

((a turma se agita, a professora pede silêncio))

Al4: na frente professora:...

Als: na frente:... ((comentários))

P: tem que aproveitar né?... ( ) uma poeta na sala:...

Al1: pode ir de com força:...

ALL.: "as guerras":...

( )

Als: ((ao término da leitura todos aplaudem e gritam))

[P5 A4]

[25]

P: agora vamos vê esse outro texto aqui:... é:... “por que dissertar:?”... dissertação nada mais é do que a defesa de uma TEse:... a tese é a ideia:... um ponto de vista:... né?... “um ponto de vista defendido com a ideia que será defendida:...” isso é uma tese:... e a dissertação é exatamente isso:... E::/E:... nós fazemos isso corriqueiramente:... no nosso dia-a-DIA:... é:: na nossa vida diária... nós estamos quase que a todo momento:... defendendo:: pontos de vista:... por temas:: sei lá:: temas banais:... tipo:... é:: time de futebol:... remo e Paissandu:... não tem essas discussões (agravantes):... loiras ou morenas:?:... comida que eu gosto comida que eu não gosto:... prefiro doce a salgado:... então a todo momento a gente tá:... é:... discutindo essas ideias:: ah:: não gosto:... não gosto assim:... não gosto assim:... ah:: tal:... então esses/quando você tá:... travando essas discussões:... você manifestando o seu ponto de vista:... ( ) ou você está defendendo a sua ideia:... isso é dissertar:... uma simples discussão:... você prefere doce a salgado:... ah eu não gosto de doce... gosto de salgado:: e tal:... você já tá dissertando:... loiras ou morenas:?:... “não eu prefiro morenas:: e tal:... prefiro loira:?” dissertação também:...

[...]

[P2 A1]

No excerto [23] extraído de uma aula sobre regência verbal e nominal, mais especificamente no momento da explicação sobre a regência verbal, **P1** mescla as exemplificações com a explicação – explica, exemplifica, exemplifica, explica. Mesmo seguindo o manual e os exemplos apresentados nele, **P1** reformula e formula novos exemplos com base nos do LD.

No primeiro exemplo, apesar de o LD ter proposto uma construção para exemplificar o sentido do verbo carecer, para então reforçar a transitividade indireta desse verbo, **P1** reformula outro exemplo para deixar mais explícito ao aluno (esse

*caso não tem importância:... que ele carece de importância...).* No segundo, **P1** formula novamente um exemplo que de alguma forma retoma a proposta do LD, mas evidencia outra acepção do verbo “carecer” (*este menino carece de um par de tênis novos... carecer aqui... já tem o sentido de:... precisar:... necessitar:... este menino:... precisa ( ) de um par de tênis novos:....*).

No enunciado [24] O **P5**, após uma longa discussão na tentativa de explicar o que é o eu-poético, tenta construir uma exemplificação mais próxima dos alunos e coloca-se como poeta para tentar explicar a voz que “fala” pelo texto. Ou seja, a desconexão entre texto e autor. Exemplifica, também, com textos de autores canônicos. Todavia, cada vez que os alunos expressam que ainda não entenderam, ele recorre à outras exemplificações. A cada exemplificação o **P5** constrói uma reformulação e retoma o enunciado fonte (*(...) o eu-poético... ele era uma://ele é como se fosse uma invenção do poeta né?:... ele não é:.... o próprio poeta:.... às vezes o poeta:.... ele se mistura com o eu-poético:.... mas o eu-poético ele é:.... a invenção do/do poeta né?:... ele uma/é uma/digamos assim uma outra personagem que o poeta cria:....*).

O **P5** provoca uma interação maior com os alunos ao utilizar como exemplo uma espécie de entrevista com um poeta da própria turma. Então, diante do autor-aluno o **P5** amplifica a discussão sobre o eu poético, até chegar ao ponto em que ele pressupõe que os alunos tenham entendido (*perceberam agora a diferença do://do:.... da pessoa que escreve o poema... pro EU-poético:.... né?:... o EU-poético:.... ele é:.... ele é uma invenção do/do:.... do poeta:.... né?:... nem sempre:.... nem sempre... algumas vezes ele é o próprio poeta:.... mas nem sempre aquele sentimento:.... que tá expresso ali no poema:.... ele é:.... do poeta:.... né?:... muitas vezes o poema vai buscar:.... uma inspiração em uma OUtra pessoa né?:... pra expressar aquilo/aquele sentimento:.... né?:... não quer dizer que seja sempre o poeta que tá sentindo aquilo ali:.... algumas vezes o poeta sente:.... outras vezes... ele vai buscar inspiração em outra:.... né?:....*).

A PD que aparece nesse enunciado apenas reforça que o projeto de dizer do professor foi executado a partir desse exemplo bastante contextual. O **P5**, ao perguntar, afirma que a diferença entre eu-poético e poeta ficou clara agora. Pela exemplificação instaura-se um contexto transverbal, uma situação real de comunicação. Portanto, **P5**, ao utilizar essa exemplificação, conecta a teoria à vida.

No enunciado [25], P2 recorre também ao recurso da exemplificação buscando algo que seja mais próximo do aluno, ou da realidade vivida. O P2 para traduzir a proposição (“*dissertação nada mais é do que a defesa de uma TEse:....*”), lida no texto<sup>32</sup> selecionado para aula de produção textual, resgata uma memória sobre discussões comuns, da realidade vivida dos alunos, para fazer com que eles entendam com mais clareza (*E::/E:.... nós fazemos isso corriqueiramente:.... no nosso dia-a-DIA:.... é:: na nossa vida diária... nós estamos quase que a todo momento:.... defendendo:: pontos de vista:.... por temas:: sei lá:: temas banais:.... tipo:.... é:: time de futebol:.... Remo e Paissandu:.... não tem essas discussões (agravantes):.... loiras ou morenas::?... comida que eu gosto comida que eu não gosto:.... prefiro doce a salgado:....*).

Todos os procedimentos, considerados por nós nesse estudo como processos tradutórios, evidenciam os limites, as tênues fronteiras, entre o DPE e os outros discursos que o povoam. Sobretudo, eles nos dão mostra da passagem, transposição, tradução, dos conhecimentos a conteúdo de ensino. Outrossim, podem nos dizer muito sobre as táticas, as razões, as escolhas operadas no intuito discursivo (*projeto de dizer*) do sujeito professor a partir do jogo interlocutivo que se instaura no gênero discursivo aula. Ainda, sobre a linguagem e os sujeitos que se constituem nas interações verbais.

---

<sup>32</sup> O P2 não declara a fonte e o autor do texto no material reproduzido para a aula.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Lugar ermo em que nada acontece, onde a monotonia cochila em rede tecida por aranhas bocejantes”, dirá algum incauto sobre o deserto. Mas dar-se-á com nosso amigo o mesmo que com os amantes da teoria. Seu parecer carecerá de vida. Esta, como se sabe, só se dá na vivência. Um milhão de palavras reunidas em teoria não diz o aí ou o aqui ou o agora do estar, que é o mesmo que ser, e só existe de estranheza em estranheza, como um macaco a saltar de galho em galho, para o qual cada intervalo entre um galho e outro é o vazio gravitacional, cada espaço entre vazios contém a possibilidade de quebras e, portanto, de esborrachamento e costelas fraturadas. É quando golfadas de sangue costumam dizer enquanto dão cor à língua: “Há vida aqui”. (PANTOJA, 2010, p. 58-59)

Intrigados com discursos bastante veiculados de que o professor da escola básica é um mero reproduzidor dos discursos científicos, ou dos discursos dos manuais didáticos, e por esse motivo adota uma postura neutra frente aos conhecimentos historicamente produzidos, foi o ponto de partida para realização/sistematização dessa pesquisa.

Ademais, vivenciando a aula como acontecimento e inseridos nos gestos enunciativos desse espaço, passamos a investigar os procedimentos que o professor adota na construção do seu discurso, conjuntamente com a comunidade discursiva que compõem a sala de aula, para verter o discurso científico/o conhecimento para o discurso pedagógico escolar. Nosso trabalho analítico foi o de dar relevância aos efeitos de sentido gerados por esses procedimentos na interação entre professores e alunos. Os efeitos de sentidos produzidos, mais especificamente, no ato de transformar o conhecimento científico em objeto de ensino.

Por conseguinte, considerando a aula como gênero discursivo, aportados na teoria bakhtiniana de gênero, investigamos o discurso do professor a partir do jogo interlocutivo que se dá nesse espaço de interação verbal.

Diante da complexidade que é a sala de aula, buscamos, inicialmente, concepções que consideram que tanto a linguagem quanto os sujeitos constituem-se nas interações sociais, num movimento ininterrupto de constante abertura. Por esse motivo os discursos produzidos nas interações de sala de aula estão, também, em constante diálogo com outros discursos que os antecedem e sucedem e geram os processos de compreensão (BAKHTIN, 1997), interincompreensão (MAINGUENEAU, 1998) e intercompreensão (AUTHIER-REVUZ, 1997), apresentados no decorrer da dissertação. A dialogicidade, dessa forma, teve um papel fundamental no nosso estudo.

E para analisar esse diálogo entre os discursos na formação de novos discursos, no gênero discursivo aula, tomamos como fundamentação basilar as teorias sobre tradução, sem ignorar os conceitos de tradução interlingual e intralingual até chegar numa tradução de tipo bem específico: a tradução interdiscursiva. Daí, para considerar o gênero discursivo aula como um processo tradutório, levamos em conta os sujeitos envolvidos nesse processo, as posições que cada um assume e o contexto sócio-histórico-cultural em que essa esfera de atividade se desenvolve, além de considerar as representações que os sujeitos fazem um do outro, no jogo interlocutivo, e do conhecimento.

O professor/tradutor ao realizar seu projeto de dizer assume uma posição que exige uma postura responsiva responsável com a formação linguística dos alunos. Essa atitude o leva a ultrapassar e tornar tênues as fronteiras que poderiam impedir o acesso aos conhecimentos (definições teóricas) produzidos historicamente numa linguagem totalmente conceitual, estabilizada.

Nesse movimento o professor, no jogo interlocutivo com os alunos, produz saberes ao realizar e recontextualizar o discurso do universo científico que chega até às salas de aula. A transposição para o contexto da sala de aula aliada à experiência vivida dos interlocutores (professores e alunos) não provoca uma ruptura drástica com as teorias propostas pelos currículos escolares. Todavia, engendram perspectivas outras que desestabilizam os conhecimentos, a memória do discurso científico, na produção de saberes; possibilitados pelo diálogo entre os discursos.

Esse processo reivindica um trabalho do sujeito professor que inevitavelmente deixa marcas no trabalho com a linguagem na sala de aula. E assim como Geraldi (1997), acreditamos que não seja possível “[...] retraçar o já dito de forma neutra, como se fosse apenas a palavra do outro [,da ciência,] que estivesse novamente sendo dita.” (p. 134).

Enfim, nosso estudo apresentou uma pequena mostra do universo institucional tão abrangente e complexo que é a sala de aula e um pouco da nossa experiência com as tessituras dialógicas, discursivas, identitárias e languageiras operadas nesse espaço. Vivenciando a dinâmica da sala de aula passamos a entender melhor a natureza dessas tessituras, tão importantes para os professores de língua.

Todas as situações epigráficas dispostas em nosso trabalho evidenciam o diálogo com outras vozes que o perpassam e o constituem. A escolhida para este momento que preferimos intitular de considerações finais, por não ter tom de conclusão, finalização, mas abertura para novas perspectivas, pesquisas futuras, revela muito sobre o que constatamos, especialmente no Capítulo 4, ao analisarmos os dados coletados nas aulas: o professor na tentativa de dar cor à língua, vida à teoria, retextualizada de maneira (re)contextualizada, dentro de quadros de referencialidade que conectam as teorias propostas com a realidade vivida dos alunos.

Aí reside a pertinência em trazer a voz do escritor, filósofo e amigo, *companheiro de trilha*, Edilson Pantoja, pois estamos em consonância com ele quando diz que “Um milhão de palavras reunidas em teoria não diz o aí ou o aqui ou o agora do estar, que é o mesmo que ser, e só existe de estranheza em estranheza [...]” (2010, p. 59).

## 6. REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1982). **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**: elementos para uma abordagem do outro no discurso *In*: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11- 80.

\_\_\_\_\_, Jacqueline. **Palavras incertas**: As não-coincidências do dizer. Tradução Claudia R. Castellanos Pfeiffer *et. al.* Revisão Técnica da Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin N. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Tradução de João Barreto *apud* BRANCO, Lucia Castello (org.). *A tarefa do tradutor, Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 82-98.

BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BURKE, Peter & HSIA, R. Po-Chia (orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. Título original: Cultural Translation in Early Modern Europe.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português**: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. Volume 1, 2 e 3: Ensino Médio. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2005.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática: São Paulo, 2000.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Pergunta-resposta na aula de leitura**: um jogo de imagens *in* CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**: língua materna e língua estrangeira. 2ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas – Uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley Cintra. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. e AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996 [1971].

\_\_\_\_\_, Michel. **A arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens – Estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 176 p.

\_\_\_\_\_, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. 20ª Ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino S. Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

PANTOJA, Edilson. **A pedra de babel**. São Paulo: All Print Editora, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni P. Orlandi – 6ª edição, Campinas: SP Pontes Editores, 2012.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português**. SP: Ed. Ática, 1995.

PIETRI, Émerson de. **A constituição do discurso da mudança do ensino de língua materna no Brasil**. Campinas, S.P: UNICAMP/Instituto Estadual de Campinas, 2003.

PONZIO, Augusto. **Encontro de palavras: o outro no discurso**. Pedro & João Editores. São Carlos, 2010. 176p.

PRETI, Dino (org.). (1997). **Análise de textos orais**. 3 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP.

RIBEIRO, Nilsa Brito. **A paráfrase: uma atividade argumentativa**. Dissertação de Mestrado. Campinas, S.P: UNICAMP/Instituto Estadual de Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_, Nilsa Brito. **Entrecruzamentos de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino**. Tese de Doutorado. Campinas, S.P: UNICAMP/Instituto Estadual de Campinas, 2005

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SANTOS, Cosme Batista dos. **Um assunto puxa o outro: a representação da coerência textual na formação do alfabetizador**. Tese de Doutorado. Campinas, S.P: UNICAMP/Instituto Estadual de Campinas, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Língua Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras: Ensaio sobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento**. Tradução: Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

## ANEXO A

As normas de transcrições adotadas e adaptadas de Pretti (1997) são as seguintes:

- **P** Professor;
- **AL** Aluno(a);
- **AL (x)** Aluno identificado no turno de fala por um número sequencial;
- **ALS** Alunos;
- ( ) (incompreensão de palavras ou segmentos);
- [...] (supressão de parte do texto);
- **(hipótese)** (Hipótese do que se ouviu);
- / (truncamento);
- **MAIÚSCULA** (entoação enfática);
- ::: (prolongamento de vogal de acordo com a extensão);
- ... (pausa de qualquer extensão);
- (( )) (comentários do transcritor ou do analista);
- - - - - (Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático);
- “ ” (Citações literais durante a gravação);
- - (Silabação);
- ? (Interrogação).

Pretti (1997) elenca algumas observações que não constam na lista anterior, mas que consideramos válidas para esclarecer melhor as convenções adaptadas e adotadas por nós. São as seguintes:

1. *Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.)*
2. *Fáticos: **ah, éh, ahn, hun, tá** (não por está: tá? você estava brava?)*
3. *Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.*
4. *Números por extenso.*
5. *Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)*
6. *Não se anota o **cadenciamento** da frase.*

7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::....* (**alongamento e pausa**)

8. Não se utiliza sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de **pausa**.

## ANEXO B

### Aulas transcritas<sup>33</sup>

#### [P1 A1]

((os alunos conversam, em voz alta, enquanto o professor organiza-se para iniciar a aula))

**AL 1:** professor::... professor::... qual é a página?...

**AL 2:** treze::... ((tom jocoso))

**AL 1:** eh professor::... a gente já estudou esta página...

**P:** já::?... duzentos e noventa e cinco?... ((professor pergunta se já foi trabalhada esta página do livro)) tem certeza?...

**ALS:** já::...

**AL 1:** não::... o senhor não explicou... o senhor só mandou a gente ficar fazendo::... o exercício...

**P:** certo...

**AL 1:** invés de... o senhor só mandou a gente ficar fazendo o exercício...

**AL 2:** regência verbal e nominal... ((aluno ler o título da página))

**P:** regência verbal e nominal... ((o professor ler ao mesmo tempo))

((os alunos continuam a discussão se o professor teria explicado ou não o assunto/conteúdo))

**P:** olha/a regência... à semelhança da concordância... verbal-nominal::... ela se relaciona com::... a estrutura::... da frase... e como um TERmo:: se relaciona::... a outro termo... então::... na regência existe um termo que ele é::... é principal:: e que nunca é dependente::... esse termo::... é importante... principal::... se chama sempre termo regente::... aquele que::... REge::... que manda::... e::... o termo::... que está::... é::... relacionado a ele::... é chamado de termo regido... vamos olhar: aqui: o::... a::... a tiRA::... (som incompreensível) então diz assim olha::... é::... (som incompreensível) "na língua portuguesa::..." ((professor inicia a leitura da tira humorística e o AL 1 dá continuidade))

**AL 1:** "...há verbos humanos que exigem... a presença de outros termos para formar sentidos"...

**P:** certo... verbo a gente sabe o que é::... né?... é aquela palavra... que nós podemos... é/flexionar... e::... ela se relaciona... sempre::... a um aspecto de tempo::... melhor forma da gente... é/descobrir o que é um VERbo... é::... relacionar (som incompreensível) a esse::... é::... aspecto temporal::... presente passado e futuro... eu canto... presente... cantarei... futuro... cantei... né?... é/passado... e::... eu tenho uma luta muito grande com/com/com os alunos da sétima sé::rie::... sexta... PRA:: tentar inculcar... neles... o que... é verbo... e é uma graça::... porque pra eles tudo é verbo... é:: MEsa... é:: quadro... aí a gente brinca... eu quadro... tu quadra... ele quadra... ((risos)) aí pra vê:: se cai a fi-CHA::... vê se eles entendem::... que::... verbo a gente pode... né?... coloca::... é/colocar pronomes::... na frente e::... é::... conjugar... flexionar::... em::... MOdo... pessoa... tempo... então aqui diz aqui... "compare as frases a segulR::..." olha a primeira frase... ele dá um par de frases... os autores... qual é a::... primeira frase?...

**AL 3:** "você não deve encontrar nessa bagunça..."

**P:** pois é::... aí a segunda frase olha... bem::... parecida...

((aluno olha para o professor sem saber onde deve ler))

**P:** a segunda FRAse...

**AL 3:** "você não deve encontrar nada... nessa bagunça..."

**P:** tem só uma diferençazinha aí::... não é?... (som incompreensível) "você não deve encontrar:: nessa bagunça..." e a outra... "você não deve encontrar NAda:: nessa bagunça..." letra a::... ((exercício do livro)) lê lá M. pra gente...

**AL 4:** "qual delas tem sentido mais preciso do que a outra?..."

**P:** muito bem... MA. o que é que tu acha?... a MA. que tirou... oito e meio... ((média da 3ª avaliação)) ((a aluna não responde))

**AL 5:** ela esqueceu então...

((risos))

**P:** MA... MA... tu andaste colando, MA.?... ((MA. sorri e não diz nada)) qual dessas duas frases... a primeira ou a segunda... tem sentido mais completo?... quem que acha que é a primeira levanta a mão... ((os alunos não levantam a mão)) só eu?... ((risos)) quem acha que é a segunda... que tem o sentido mais completo?... ((a aluna MA. levanta a mão)) é::... tá certo MA... nota dez pra você... né?... é a segunda frase... letra b... ((refere-se a outra questão do exercício)) agora leia::... a letra b MA... pra alguém responder...

**AL 6:** "o verbo... encontrar... é... transitivo direto... em uma das frases acima... que termo ele... exige para completar seu sentido?..."

<sup>33</sup> As aulas estão dispostas neste anexo obedecendo a ordem em que foram transcritas. As informações no início de cada aula serve de controle para o arquivamento dos dados.

**P:** muito bem... dá uma olhadinha na segunda frase... que termo?... quando ele fala termo... ele está se referindo a paLAvra:... né?... que termo... que elemento... que paLAvra... completa o sentido do verbo encontrar... alguém responda aí... porque a MA. já...

**AL 6:** o que?... ((aluno não consegue encontrar a questão que o professor se refere))

**P:** dá uma olhadinha fo-fa:... na segunda frase aí...

((risos))

**P:** tá vendo?... dentro do box... de amarelo... tá lendo dentro do box... tá?...

((risos))

**P:** vocês não devem encontrar nada nessa bagunça... né?... porque é uma bagunça cruel... qualé a palavra aqui:... que completa o sentido do verbo encontrar?... completa... aqui... que/olha na primeira frase... o verbo fica incompleto quando você diz: "você não deve encontrar nessa bagunça..." ( ) na segunda frase... eles colocaram uma palavra que completa o sentido do verbo...

**AL 7:** nada...

**P:** nada... certo:... nada... aí... é/os autores eles explicam... que... o verbo encontrar... ele quanto a transitividade... ele é transitivo direto... vocês sabem como é que a gente acha... dentro do contexto o verbo transitivo direto?... dentro da FRase::?... é fazendo a pergunta "o quê::?"... depois do verbo... ou "quem::?"... "quê?"... né?... "o quê?"... ou "quem?"... "o quê?" ou "quem?"... você diz assim mesmo... "você não deve encontrar:... nessa bagunça..." a pessoa vai perguntar... "o quê?"... "quem?"... se for um monte de pessoa... pode ser quem... né?... se ele se referir:... de uma forma... é/figurada... da pessoa... como:... bagunça:... esse cara é uma bagunça... uma festa... você não vai encontrar... a:: T. por exemplo:... a:... J... nessa bagunça... e aqui ele completou com:... olha esse daqui é um pronome... não é um pronome "nada"... vocês sabem me dizer... qual é a classificação desse pronome?... em:... J?... NADA:... é:... qualé a classificação?... é pronome... tratamento?... pronome definido?... pronome... pessoal?... pronome possessivo?... pronome demonstrativo?... você sabia que nada... aqui... nesse caso... nada é/ele é um pronome?... como TUDO:... alguém... nenhum... qualquer... eles estão na mesma relação... lembra como é o nome desse... pronome?... hein/hein::?... hein:... J.?  
J.?  
J.?

**AL 8:** como é?...

**P:** não ouviu nada?... como é que nós classificamos?... é pronome olha... porque tem o pronome pessoal... pronome de tratamento... pronome... demonstrativo... pronome definido... pronome demonstrativo... desses cinco aí... o que é que você acha?...

**AL 8:** não lembro não...

**P:** não lembra?... CHUta um:: desses:... alguém sabe?... desses cinco... o que é que você marcaria aí?... que dê...

**AL 8:** pronome indefinido...

**P:** hein?...

**AL 8:** pronome indefinido...

**P:** pronome in-de-fi-nido::?... vocês acham que é indefinido?... é indefinido?... ((alunos comentam em voz baixa)) pronome indefinido... ((tom assertivo)) você ge/generaliza:... né?... o pronome indefinido:... ele serve pra... ge-ne-ralizar... alguma coisa... (som incompreensível) Ele:... tudo... nada... qualquer... eles generalizam... certo?... enquanto o:... possessivo indica posse... né?... indica a quem pertence... a que pessoa do discurso... pertence... segunda questão... quem gostaria de ler... a nossa amiga aqui... ((aproxima-se da aluna)) lá embaixo... ela disse: "ai meu deus... Jesus Cristo... eu:... me encontraram aqui..."

((risos))

**AL 9:** humm:... ai ai:... falaram de brincadeira aqui...

**P:** não:... não não não não:... ela já respondeu... ela já soou por causa do "de:: NAda::"...

**AI 9:** (som incompreensível)

**P:** é::...

**AI 9:** "no terceiro quadrinho da tira... há dois verbos no transitivo: faltar e saber... indique o termo que complementa o verbo faltar...

**P:** ah:... ela disse que existem dois ver/verbos né?... TRANsitivos... lá no terceiro... lá no terceiro quadrinho... da/da tira... então ela diz aqui... "por EXEMplo... se faltar luz em casa... eu sei:... direitinho onde encontrar as minhas coisas::"... então... a pergunta é:... ( ) o comando diz... indique... né?... descubra... descreva o termo exigido pelo verbo... faltar... não trouxeste te-u li-vro hoje R.?  
R.?

**AL 10:** esqueci:...

**P:** hein?... qual é M... o que é que acha isso aí?...

((aluna balança a cabeça sinalizando "não"))

**P:** não:... não acredito... M. não a credito... olha... bem aqui:... olha pro verbo faltar:... ai você pergunta... faltar o quê?... por exemplo... se faltar:... se fal/se faltar em casa... né?... eu sei direitinho... aí você vai faltar:... qualé a pergunta que você vai fazer?...

**AL 6:** faltar o quê?...

**P:** faltar O quê::?... né?... quando aparecer esse "O quê::?"... é porque o verbo... o verbo exige complemento... a ação do verbo ele se estende:... ele vai além... dele... se você parar (numa vírgula)... você perde o sentido... e verbos tran/intransitivos e:... eles são completos:... neles próprios... eles são completos... e:... aí às vezes em que a gente usa... são:... expressões:... é:... complementos... circunstanciais... de modo:... de tempo:... de:... lugar... de pessoa... né?... eu digo "choveu"... choveu... agora eu posso dizer... "choveu ontem"... aí já coloco uma pala/(som incompreensível)... de certa forma né?... nem sempre... às vezes é:... a gente sente que

precisa... é:... esclarecer determinadas formas verbais... é:... com/com pronomes... né?... com advérbios:... (som incompreensível) que são/que é... que faltar em M.??...

**AL 6:** luz...

**P:** LUZ... POR EXEMPLO... se faltar:: o quê?... LUZ... né?... eu achei legal a do cara... a resposta dele... porque... e/ele fez uma bagunça encima do... da cama dele... né?... ((mostra a imagem do livro para dois alunos)) e a mãe dele disse: "que bagunça::"... ele achava que... já estava tudo arrumadinho... guarda-roupa::... pen-ti-adeira::... tudo arrumado... e ela disse: "ah... quando falta luz por exemplo... eu sei onde eu achava que coloquei a coisa" ele disse mesmo assim... "não tem problema faltar luz eu acho... não tem onde procurar... só tem um lugar onde procurar... ((risos)) ele disse que no quarto dele é mais simples de encontrar as coisas... porque tá tudo em só lugar... é li-vro::... é vio-lão::... é pa-tins::... né?... é:... aparelho de::... fazer... (alteres)... e assim por diante... ah::... tem uma terceira questão aqui... ((professor está olhando para o livro)) an::... ler pra nós por favor... vai:: tá aqui em:: riba...

**AL 11:** "na frase do primeiro quadrinho... indica o trecho exigido pelo adjetivo (impressionado/impressionados)..."

**P:** é:... olha::... quando ele fala de::... no-mi-nal... de... ele está se referindo... é:... a três termos... substantivos... substantivo... adjetivos... ou... advérbios... a regência nominal ela é mais comum com substantivo e adjetivos... e::... mais claramente acontece... com::... uma palavra... que é advérbio... né luz?... ((refere-se ao aluno que está conversando)) então qualé o termo... né?... que::... SUPri... é:... alguma coisa aqui do adjetivo?... o quê::?... ((comentários)) tá no primeiro quadrinho... o que é que diz lá?... ele diz assim olha... dá licença... "estou impressionada::... com o seu QUARto filho"... qualé/qualé a expressão aqui?... aqui quando ele fala termo... pode ser mais de um... né?... pode ser duas... com uma palavra... duas palavras... três palavras... tá::?... então... "estou impressionada com seu quarto filho"... então quais são::... as palavras que::... são exigidas... pra justificar impressio-na-da?... quais são::?... já sabe aí::?... ((dirige-se a um grupo de alunos)) ((eles dizem não sinalizando com a cabeça)) não sabem::?... olha de novo do teu lado aí... é bem aqui o primeiro quadrinho... ((aponta para o primeiro quadrinho da tira no livro)) "estou impressio-na-da::"... "estou impressionada filho"... ( ) o que é que completa o sentido do/das palavras?...

**AL 12:** com seu quarto...

**P:** com seu quarto... né?... o termo que é exigido pelo "impressionada" é... "com o seu quarto"... tá vendo a palavra filho aí no final::?... antes da vírgula::... na segunda vírgula... depois da vírgula... é::... qualé a função sintática... do filho?... aposto... vocativo... sujeito?...

**AI 1:** vocativo...

**P:** predicado?...

**AI 1:** eu acho que é vocativo...

**P:** por que... que é vocativo?... é um termo de chamamento né?... "vem cá filho da mãe... ((voz risonha)) estou impressionada com o seu quarto... filho"... o vocativo ele po-de::... perambular na frase... pode ficar no início... ele pode ser encaixado no meio... ou no final... mas sempre ele vem... né?... ou entre vírgulas... se for no meio... né?... ou depois::... de vírgu-la... se for no início... tem a vírgula... aliás... no final depois de vírgula... e::e::... antes de vírgula se for no início... "FI-lho"... vírgula... "estou impressionada com seu quarto"... "estou impressionada"... vírgula... "filho"... vírgula... "com seu quarto"... mais é um termo de chamamento... "fi-lho"... tá chamando... HEI... você aí::... "fi-lho"... tá?... é um vocativo... agora lembra a diferença de aposto/entre aposto e vocativo?...

**AL 12:** ((O aluno responde, mas o som está/é incompreensível.))

**P:** é:: justamente... o aposto ele é um termo que es-cla-rece::... ele ex-pli-ca::... né?... tá?... é::... sempre o termo anterior... você é/você diz assim mesmo... né?... é::... o professor H... nosso convi-da-do... né?... ele está participando da aula... pra::... fazer a sua... tese de mestrado... então... esse "nosso convidado"... seria o::... o:: aposto... o termo que está esclarecendo quem é::... o:: professor H::... ou apresenta a ideia... ou explican::do... ou esclarecen::do... é::... "CONceituando::"... "conceituando"...

((os alunos conversam)) vamos lá... essa parte aí: "conceituando"... ((refere-se à sessão do livro)) quem gostaria de ler::?... queres ler:: J::?... hein?... essa parte aqui?...

**AL 8:** (som incompreensível)

**P:** "é: o pronome"... ((aluna continua a leitura em voz muito baixa)) ó/ok... brigado ( )... aí ele dá um exemplo aqui... que nós já lemos... então ele explica:: que::... né?... que um termo... precisa de outro... pra completar o sentido... o termo que::... exige... que precisa... é chamado de::... é: regente ou subordinante... e o termo que comPLE-ta:: o sentido... de:: outro termo... é: chamado de::... regido... ou subordinado... aí diz aqui... "se faltar luz... em: CAsa::..." aí ele mostra que... faltar::... é o termo::... o quê?... regente ou regido?... ((aluno diz: "ah::... professor...")) regente... e::... o objeto diREto::... o "OB" é objeto direto... "VTD" é verbo transitivo direto... né?... e "luz" eu tenho aqui o termo?...

**AL 1:** regido...

**P:** regido::... o termo::... em que o verbo faltar::... ele necessita::... "ASSIM::"... aí ele traz a explicação... alguém pode ler o box::... ((comentários)) lê MA... aí dentro por favor... "Assim::"...

((aluna não encontra o box. O professor vai até à carteira e aponta)) bem aqui... "assim::... quando::"... vírgula...

**AL 6:** "( ) quando o termo regente é um verbo... chamamos regência verbal... quando o termo regente é um nome... substantivo adjetivo ou advérbio... ocorre... regência nominal"...

**P:** ó/obrigado... vocês tão vendo aqui... depois da palavra nome que ela leu... existe aqui... um sinal de pontuação aqui... como é que nós chamamos pra esse sinal aqui?...

**AL 1:** um travessão?...

**P:** um travessão... né?... e você encontra ante/antes da palavra substan-ti-vo::... e depois da palavra verbo::... então mais adiante nós temos aqui:: um DUplo:: travessão... quando é que nós usamos?... vocês notem:: que

aparece uma coisa estranha... apesar deles usarem o travessão:... os autores... eles usaram a vírgula... né?... pra que então que serve o travessão aqui... nesse sentido?...

((aluno responde, porém o som é incompreensível)) ((três alunas saem da sala. O professor pergunta se elas "( ) vão cair fora?"))

**P:** é:: justamente... quando você quer:: ressaltar::... expressão... uma expressão::... uma palavra... né?... e::... chamar:: atenção::... você usa o duplo travessão... (poderia) usar a vírgula só... entretanto::... é::/é::... não seria tão forte... né?... mas::... então... o/o/é::... substantivo... adjetivo... o advérbio::... ele se referem a uma palavra... eles estão explican::do::... uma palavra... anteriormente dita... qualé essa palavra?... hein:: menina::?... qual é essa palavra?... ((o professor se aproxima de um aluno e pergunta quanto ele tirou na prova)) ( ) olha só essa menina sábia... oito e meio... não é:: fácil não::... tu não colaste da::... ((risos))

**AL:** não::...

**P:** não::... eu sei::... dá uma olhadinha aqui... ( ) olha só o nome "ressaltar"... ((sorrir)) o nome ressaltar... é nome... né?... e olha quando o termo regente é um NOME::... aí ele explica::... que o nome::... né?... ele... nunca é um verbo... mas ele pode ser::... três tipos/três classes de palavras... pode ser um substantivo::... ele requer que você explique... diga alguma coisa... né?... um substantivo... um adjetivo... ou::... um advérbio... né?... o mais comum... são os substantivos... eles são transitivos... eles pre-ci-sam::... que você diga "o quê::?"... explique... né?... vá além... tá?... oh... que vê... o verbo necessitar::... necessitar é um transitivo direto::... "eu necessito de você"... né?... mas se eu dizer "temos necessidade"... necessidade é substantivo do verbo necessitar::... né?... se relaciona... necessitar::... verbo... necessi-da-de:: subatantivo... eu digo assim... "sabe que eu necessito"... ah:: "eu tenho necessidade"... se eu::... você vai dizer... dentro dum contexto... não sabe o que é::... necessidade de quê?... né?... "de quê::?"... "ah:: eu tenho necessidade de::"... liberdade... aí esse termo "de liberdade" vai completar o sentido... aí nós chamamos de complemento nominal::... no-mi-nal... porquê?... ((rir da pronúncia nominal)) complemento nominal::... por que ele completa o sentido de um nome... né?... "a sala está cheia::"... "olha eu fui lá a sala estava cheia"... qualé a pergunta que você vai fazer::?... ((aluno responde em voz baixíssima)) DE quê::?... era de gente... de água... de/de/de/de/de trens::... né?... então/se nós pararmos "estava cheio"... então é um adjetivo... ele é transitivo... ele precisa::... né?... que a gente::... complete o sentido... do termo... né?... então:: ele é um nome:: transitivo::... o adjetivo aí... é um adjetivo transitivo... ele pre-ci-sa::... ele não::... ele não... simplesmente::... é::... né?... caracteriza::... ou qualifica::... uma coisa... né?... aqui ele precisa que::... vá adiante... passe aqui::... é::... subs/o/o/existe um substantivo que ele só (se completa)... verbos::... são completos::... os verbos transitivos/intransitivos::... ele não precisa passar para cá::... não sei como eu tava pensando::... ( ) na::... no::... na primeira questão "você não deve encontrar::... nessa bagunça"... SE você::... é mudasse pro verbo aparecer::... é::... supriria a necessidade... ou então::... "você não deve entrar::... nessa bagunça::"... ( ) não precisa colocar outra palavra::... "nesta bagunça" é uma::... né?... é um::/um complemento... circunstancial de::... lugar::... é/é/é lugar... aonde está as coisas... "olha você não deve aparecer:: nessa bagunça"... suPRIRia::... mas::... quando eu uso o verbo encontrar::... ele tem que colocar o complemento... por que o VERbo sozinho::... ele::... você daquilo que::... você vai no banheiro "mãe não quero ir só::... vamo lá comigo?"... né?... não acontece?... vamo beber água aí... você/você/uma pessoa pede pra beber água... mas já vai com outra... não?... né?... ((risos)) se eu deixo ele ir lá beber água::... com o complemento::... então precisa::... agora aquela pessoa aqui é::... auto-suficiente... né?... "professor eu vou beber água"... sai lá fora::... volta::... às vezes não volta::... então::... vocês já entenderam aqui::... que::... a regência é essa::/é esse relacionamento::... é onde tem um termo::... né?... subordinante:: ou regente::... e E-xi-ge:: um termo::... subordinado ou::... regido... pra completar o sentido... se não houver aquilo/a/a frase fica sem sentido::... dentro de um determinado conTEXTto::... tá::?... então vamos olhar aqui regência verbal::... eles dão um exemplo::... depois eles dão uma lis-ta::... né?... daqueles verbos que mais trazem::... dificuldades::... na::... na escrita::... não é nem na falada:: que a gente::... na linguagem coloquial::... né?... a gente usa um pelo outro::... e::... nem se dá conta::... mas::... você vai prestar um concurso... é::... vestibular::... o outro concurso público... o:/o concurso às vezes não-público... o que é que vai ocorrer?... eles vão exigir::... que você utilize:: a::... língua padrão::... a norma padrão... né?... a língua de maior presTÍgio::... É:: essa aqui que a gente aprende nos livros::... então você vai ter que escrever com ( )... e ainda de acordo com as situações::... vocês lembram que eu falei pra vocês:: que::... é::... existem::... é::... enunciados aí::... a::... sequências discursivas::... né?... vocês são TEXTto::... que tem TIpos::... eles apresentam tipos::... né?... aí tem descritivo::... é::... ( ) que des-CRE-ve::... FALA::... ( ) apresenta um ambiente::... aqui::... "ah a sala de aula ela::... é ::... da cor::... né?... bege::... ela tem::... né?... a::... um revestimento de::... de:: lajota cinza::... as cadeiras são::... né?... tem um estilo moderno::... é::... aí vai descrevendo... são verdes etc... elas são colocadas em::... filas indianas::... em::... é::... tantas filas/você vai descrevendo... pode descrever ambiente::... pessoas... aí nós temos:: é::/tipo que é::... é o tipo narrativo::... que apresenta sequência::... tá?... ele vai contando a história aí::... então::... né?... DEpois::... não é?... e::... vai::... prosseguindo::... né?... usando::... determinados elementos que vão encadeando::... é::... a:: história... né?... e::... a gente vê que é uma sucessão de::... né?... de tempo... aí predomina isso aí a gente chama sequência... de dissertação narrativa... já tem a argumentativa::... no qual a pessoa escreve um texto dentro e coLOca::... exem:plos::... e ele diz "olha eu sou a favor porque::"... né?... aí fala::... consequentemente::... né?... ele com-pa-ra::... né?... tamBÉM::... uma coisa com outra... e assim... por diante::... aí tem::... aí tem por exemplo a sequência que eles chamam de::... a::... con-ver-sacional... que é um diálogo::... onde você vê uma::... uma piada::... né?... duas pessoas conversando... então é uma/um/conversação... conversacional... dialogal... é::... e tem::... aqueles que::... que apenas é/são instrucional::... um tipo instrucional::... né?... receita de bolo::... a::... o caso do::... do que a conta do telefone que você recebe::... né?... uma::... um manual::... né?... tudo aquilo que dá instrução... né?... você quê::... não tá:: contando uma história::... ele tá dizendo como você deve fazer::... como você deve preceder::... né?... é instruído... leia antes de usar::... ( ) veja se::... é::... a tomada::... ela é::

cento e dez:... né?... se for:... se não for:... se for duzentos e vinte... muda:... aí vai dizer que o aparelho tem:... é:... um seletor pra cento e dez e duzentos e vinte:... tá:?... a gente vê aqui que existe um diálogo: aqui... né?... dentro da/do texto aqui:... né?... ((refere-se a tira utilizada no exercício)) a mãe fala/fala:... mas aí o filho fala alguma coisa:... então:... deixa eu dizer mais uma coisa aqui:... no/é importante:... né?... às vezes um TEXto:... ele pode ter vários dessas/desses tipos... essa/essa maneira de escrever... como eu tava falando aqui:... de/da ( ) a gente vai entregar:... de uma forma:... por exemplo um relatório ele é muito bom/bem tratado... né?... você vai descrever ali no relatório... vai expor:... né?... mas um/um/uma carta:... um bilhete... ele já vem mais pro lado:... né?... pessoal:... informal:... né?... coloquial:... do que um relatório:... tá?... então aí por isso que é importante a pessoa saber:... a:... a questão da regência... a regência verbal:... pra não:... é usar:... de forma:... é:... incorreta:... porque você pode até pensar... não mas a maioria não sabe... mas sempre tem alguém lá que já estudou... sabe:... escuta com ouvido... afinado lá:... escuta você:... falando:... e às vezes dói no ouvido da pessoa:... ( ) tá:... regência verbal:... "há verbos que admitem mais: de uma regência:... geralmente a diversidade de regência corresponde a uma diversidade do significado do verbo:..." ((excerto do livro)) por exemplo:... o verbo agradar no sentido de acariciar:... é transitivo direto:... quem acaricia... acaricia alguém:... ou alguma coisa... né?... enquanto no sentido de satisfazer: ou contentar é transitivo indireto... então ele dá um exemplo aqui ó:... nessa parte... quem gostaria de ler:?... você leu R. hoje?... por que você ficou tão assustada:?... ((risos)) gente quase a/a R. tomou um SUSto assim:... ficou bran::ca:... olha... pergunta pro professor H. aí:... na universidade você vai ter que... fazer exposição:... você vai ter que falar:... né?... imagina quando chegar:... "vamos agora ouvir a R. .... ela não:... desmaia:... toda vez... lá:... ((risos)) ah: leva para o hospital:... eh: desmaia:... tem que ter um ( ) lá perto:... ((risos)) vai dá ataque nela:... pode até dá um AVC né:?... ((gargalhadas)) então vai treinando logo aqui:... vai perdendo a (vergonha:)... hei é sem vergonha R.... entendeu?... tem que ser bastante sem vergonha:... se não:... ((gargalhadas)) olha gente mas: no bom sentido:... tá?... viu?... esse e sem:... aí a outra palavra vergonha... tem o sem:... tracinho vergonha... esse é o descarado:... né?... ((risos)) o tranBiqueiro:... ((voz risonha)) a tranbiqueira:... tá?... viu?... não é uma palavra só não:... ((gargalhadas))

**AL:** ta-di-nha professor:...

**P:** né?... ela gostou demais desse: ( ) ((voz risonha)) e agora já criou coragem pra ler:?... lê um pedacinho:... ((a aluna diz não balançando a cabeça)) NÃO:?...

**AL:** professor libera logo professor:... vai dá sete horas...

**P:** tá:... mais deixa/vamos ver só essa parte aqui:... aí vocês dão uma olhada lá:... antes de fazer o exercício... é:... na próxima semana... "a mãe:... comovida... agradava o filho choroso:..." então esse agradar é de ficar lá fazendo cafuné:... acariciando:... eu não vou nem chegar perto da R. .... que ela é/ela vai dá um PUlo: pra ali:... "ai meu deus:..." é:... e a segunda frase?... veja bem... que um sentido que:... satisfazer:... né?... vamo tentar:... "suas palavras agradavam AO: público"... suas palavras agradavam ao/a única diferençazinha aqui... é:... a preposição:... "A"... mas se dissesse "a mãe comovida agradava AO: filho choroso:... aí seria... diferente:... ela comprou um brinquedo:... ((risos)) deu alguma coisa que tava choroso:... "ah: tá bom tá bom meu filho:..." vem aqui olha um bricadi/brinquedinho aqui pra você aqui:... ( ) aí é agradar AO: né?... mas:... é:... no contexto aqui:... é no sentido que ela o abraçou:... o acariciou:... "CERTos verbos no entanto:... são empregados em acepção semelhante com mais de uma regência:..." veja:... é:... um exemplo... "a voluntária distribuía:..." ( ) o quê?... distribuía o quê?... a quem?... né?... distribuía o quê?... o que é que ela distribuía?...

**ALS:** leite:...

**P:** leite:... a quem?...

**ALS:** às crianças...

**P:** às crianças... tá... é um verbo/verbo... distribuir:... NEsse sentido aqui:... ele é transitivo direto e indireto... ele exige dois objetos:... distribuía o quê?... a quem?... agora:... né?... é:... A:: voluntária distri-bu-ía:... o quê:?...

**ALS:** leite...

**P:** agora vai dizer:... com quem?...

**ALS:** com as crianças...

**P:** com as crianças... aí é um:... adjunto adverbial de companhia:... não é isso?... é ou não é:?... vocês não acham que é de companhia?... eu digo vem comigo... não é companhia:?... né?... só vem:... vem co-mi-go:... ou então vem com eu:... ((aluno reclama dos carapanãs. os outros riem)) olha:... quando a pessoa é: usa: um/um/um/um xampú muito cheiroso as carapanãs elas querem te usar:... ((risos)) então veja:... mudou né?... o sentido:... ele verbo transitivo direto... apenas:... ele distribuía o quê?... leite... E:: AlNda: verbos que podem ter vários significados:... e uma única regência... aí:... esse é menor né?... ( ) tem só uma regência... exige só uma: preposição:... a ele... por exemplo:... ele diz aqui... "esse caso careCE:... de importância"... aí diz o seguinte... CAREcer aqui:... tem o sentido... a acepção de não ter:... quer dizer... esse caso não tem importância:... que ele carece de importância... este menino carece de um par de tênis novos... carecer aqui... já tem o sentido de:... precisar:... necessitar:... este menino:... precisa ( ) de um par de tênis novos:...

**AL 6:** não entendi essa primeira...

**AL 1:** também não entendi não professor...

**P:** como é que é:?...

**AL 1 :** não entendi a primeira frase...

**P:** ah:... este caso carece de importância:?... significa que... ele não tem importância:... ( ) gente:... a gente vai entrar numa discussão... numa briga... nisso aí?... né?... esse fato:... não carece de importância:... não tamo/precisamos estar dando trela:... bola: pra isso... entendeu?... carecer... e agora se você procurar um dicionário:... ele vai dá OUtras: acepções pra carecer... né?... certo?...

**AL 6:** entendi não...

((risos))

**P:** PORque ELE QUER explicar o seguinte...

**AL 6:** eu entendi...

**P:** que CAREce...

**AL 6:** isso aí eu entendi professor... não entendi:... é usado numa frase... entendeu?...

**P:** porque nós acostumamos a usar nessa frase aí... a gente agora/talvez vocês ( ) estejam ouvindo pela primeira vez:... esse/essa construção aqui... essa FRase:... aí disse... égua... é usado assim... você quer vê é/a questão do ver/verbo assistir:... lembram que falei pra vocês?... você pode usar ele como transitivo... Direto... é/que significa dar:: assistência:... cuidar:... né?... a enfermeira Assiste o paciente:... o médico assistiu... né?... o:... o doente... ou seja... ele deu assistência... ele cuida:... foi socorrer:... mas o verbo assistir eu digo assim... um/um médico... assiste... é:... eu digo o médico assiste:... é:... deixa eu ver aqui... a novela... aí tá lá:... se chama verbo... só que essa novela tem que ter crase:... na/né? o/o acento... grave lá... marcando a crase... que/ocorre a crase... né?... então tem que... assinalar... né?... uma palavra su/masculino... você diz assim olha... o médico assiste AO jogo:... ele não assiste o jogo... porque ele num/presta socorro... assistência... o jogo... ele assiste ao jogo... tá... e vocês assistem à novela:... sendo com acento... é:... GRAve:... marcando a crase... assiste à:... você assiste à:... à o quê?... assiste à:... à o quê?... à novela... tá?... ( ) aí eu digo assim mesmo:... L. aonde você assiste?... já ouviu isso aí?... sendo dito:... é você... onde você mora?... no sentido de:... uma acepção do verbo assistir:... onde você assiste?... é tipo uma vez... eu perguntei pra uma:... Aliás:: eu não perguntei não... eu estava junto com uma:... empregada... ela foi tirar algo e fui ajudá-la ... né?... mas eu era/eu era a-adolescente:... e:... mas eu era ela a pessoa que:/que/que veio do/do interior... não sei se era de Irítuia:... e chegou um/um senhor lá:... e:... começou a conversar com a gente depois ele disse "ah... desculpe-me... me perdoe... é:... qualé a sua graça?... aí essa menina... desandou a achar graça... e achava graça... ( ) e achava graça... achava graça... e:... aí/aí... percebeu aí disse/aí disse assim mesmo:... "ah:... ora me desculpe... eu quis dizer:... é:... como é que você se chama?... ((risos)) ele queria sa/qualé sua graça?... é qualé seu nome?... vocês já tinham ouvido isso?...

**ALS:** já:...

**P:** pois é... se alguém pergunta a tua graça... não mostra teus dentes não... ((risos))... ( ) qualé a sua graça?... G:... sua serva... ainda tem aquele que diz sua serva hein:... a seu dispor:... então... se alguém perguntar assim simplesmente... J:... onde você assiste?... não vai perguntar:... assistir o quê?:... a TV?:... eu assisto na tv:... aqui em casa... ((risos)) tá?... aonde você mora?:... e ele é intransitivo... olha verbo estar:... ele pode ser verbo de ligação:... na maioria das vezes ele é verbo de ligação:... né?... a G.: está com frio:... verbo de ligação... G... né?... com frio... pior ainda... agora:... se for no sentido:... né?... é:... de permanecer:... de ficar:... ele é intransitivo... eu digo TÁ:... A G. estÁ:... na casa dela... a G. estÁ:?... às vezes as pessoas não perguntam quando chegam lá:... fulana estÁ:?... fulano estÁ:?... ele não precisa dizer... está em casa:... está no/porque?... é/no sentido que quer dizer... ele permanece aí:... tá?... agora:... eu estou doente é diferente:... deu estar em casa... estar em casa... é/é/o verbo é transitivo/intransitivo:... né?... e o em casa:: é o adjunto adverbial de lugar:... eu estou onde?:... em casa... agora... eu disse ah:: eu estou doente... eu doente:... ( ) e você pode mudar o verbo por estar:: por andar:... eu ando doente:... eu permaneço doente:... eu me sinto doente:... vai ser:... vai dá a ideia sempre de verbo... que ele:: é descartável:... ele tá ali só pra ligar:... ele é um verbo de ligação:... porque o mais importante:: é o adjetivo:... ou o substantivo... ou adjetivo que tá se referindo... tá?... eu doente... dá pra entender... né?... agora se eu digo assim mesmo/se você diz... é... eu:: um copo:... e aí dá pra entender:... eu um copo?... você diz... eu comprei um copo... eu roubei um copo... eu chutei o:: copo:... ((voz risonha)) né?... aí você pode... preencher o verbo... e vê:... cada verbo que você coloca:... ele:... vai dá:/vai exigir... é um/é um sentido:... vai dá um sentido diferente:... certo?... ENTão: eles vão tratar aqui... ( ) das:... nessa página aqui que você pode olhar:... no/na sua casa:... os verbos que:... são:... mais comuns... no/não são só esses não:... aqueles que:... os autores:... é:... percebem que os alunos têm mais dificuldade de:... ( ) vamos olhar só:... olha:... tem o assistir... depois vocês vêem... mais o aspirar:... né?... ele pode ser verbo transitivo direto:... se o sentido dele for de:... ((emitiu som de inspiração)) respirar:: sorver:... né?... e:: pode ser aspirar no sentido de:: de desejar:... ((o professor despede-se de duas alunas que saem da sala)) aí então aqui o exemplo:... "os atletas aspiravam ganhar ( )"... isso quer dizer o quê?... os atletas... aspiravam a conquista do mundial:... aí seria o quê?... eles de-se-ja-vam:... né?... pretendiam:... tá?... mudou o/a/o/mudou a preposição:... aspirava a:... e o outro é só... aspirava... aí não é "o quê:?"... a pergunta do primeiro é sorver:: ( ) aspiravam o quê?... o ar:... o outro?... é aspiravam A quê:?... tá JÓia:?...

**ALS:** tá:...

**P:** deem uma olhadinha lá:... ((refere-se à tabela dos verbos sugerida pelos autores))

#### [P1 A2]

((Os alunos conversam em voz alta enquanto o professor entra em sala e comenta que está com problema na voz: "a garGANTa:...". Diz que está a base de mel e gengibre. Eles continuam indiferentes ao professor. Até que alguém pergunta: qual é a página. A turma silencia, enquanto dois alunos discutem sobre um trabalho de língua inglesa. Enfim, o professor interrompe anunciando o número da página...))

**P:** pá:gina trizes e vinte e dois... ((os alunos ignoram novamente o comando. E, continuam a discussão sobre o trabalho))

**P:** não é FÁcil:... ( )

((os alunos continuam a conversa. O professor resolve conversar com eles também. Um celular toca e o aluno sai da sala para atender - "oi pai..."))

**AL 1:** o senhor era pa/pa pra descansar:....

**AL 2:** deu muita aula...

**AL 1:** o senhor nunca falta...

**AL 3:** ou senhor veio hoje pra não vim a amanhã?...

**P:** por falar Nisso... é verdade... não... mais amanhã é a primeira aula nossa...

**AL 3:** não... é o último horário...

**P:** eu não vou dar aula amanhã pra vocês...

**AL 3:** por quê?:.... ((tom irônico)) o que que vai acontecer?:.... ((risos))

**P:** foi bom ter lembrado... não... é porque eu vou ter que viajar a Belém...

**AL 2:** oh meu deus:.... ( ) a gente vai ter quatro aulas pra fazer nosso trabalho...

((comentários))

**P:** mais eu acho que amanhã eu tenho hora vaga... no segundo horário... se for eu vou entrar aqui:....

**Als:** não:.... ((comentários e risos))

((os alunos comentam que terão aulas de outras disciplinas e não terão horário vago como haviam comentado))

**P:** então vocês vão/eu vou até comunicar eles... ((coordenação pedagógica))

((os alunos comentam que terão apenas as últimas aulas vagas, que seriam as de língua portuguesa))

**P:** ai ó:.... ((alunos comentam)) pois é:.... aproveita e faz o trabalho...

((os alunos comentam que farão o trabalho de química))

**P:** é:.... eu deixo um trabalho... também... de português pra vocês fazerem:....

**Als:** não:....

**P:** vocês fazem rapidinho... faz o teste logo... é:.... depois fica fazendo o trabalho (som incompreensível)

**AI 2:** NÃO professor:....

**P:** tá:.... vamos ao (adjunto) nominal:.... nós já: resolvemos:.... o exercício... da PÁgina trezentos e vinte e quatro:....

**AI 2:** ((fala ao mesmo tempo)) o exercício sem estudar a/o assunto...

**P:** que era pra testá-las:.... mais acho que a princípio a gente não fez não... né?...

**AI 2:** não:.... (vambora estudar o assunto...) a gente não fez não...

((os outros alunos comentam))

**P:** tá:.... então vamos fazer a terceira questão... página trezentos e vinte e quatro:.... ((os alunos comentam que o professor não explicou o assunto)) hei:.... J:.... Lê pra gente aí J:.... o comando da terceira questão por favor:....

**AI 3:** não sei ler não... eu... professor...

**AI 4:** pera aí:.... tudo isso aí professor?:....

**P:** oh... o nosso amigo lá:....

**AI 4:** deixa/deixa eu ler aqui professor?:....

**P:** leia ( )... página cento e vinte e quatro:....

**AI 4:** cento e vinte e quatro?:....

**P:** é a trezentos e vinte e quatro:....

**AI 4:** reescreva as frases a seguir:.... fazendo as alterações... indicadas... entre parênteses... e observando a colocação... pro/pronominal própria... da variedade padrão...

**P:** tá?:.... então a gente viu que existe uma colocação... olha: própria:.... o comando diz que é/você vai usar:.... a colocação pronominal PRÓpria... da:.... língua padrão... o que não temos na língua coloquial:.... você tá lá... no/no/no... é:.... almoçando... a farinha tá mais distante de você... né?... o que é que você diz pra/pa pedir a farinha?:....

**AI 4:** passa a farinha:....

**P:** você fala:.... DEI-ME por favor a farinha:.... ou ( )...

**AI 4:** me veja... passa pra cá:.... ((risos))

**P:** claro... não quer usar o pro/a colocação você diz... mais assim... de qualquer forma... não vai dizer passe-me...

**AI 4:** me da aí...

**P:** ah... me da aí... tá certo... me da aí... né?...

((alunos comentam em tom irônico o "me da aí..."))

**P:** não é ERRAdo... tá gente?:....

**AI 3:** não:....

**P:** é:.... é uma outra forma de falar... só que não é:.... a língua padrão...

**AI 5:** qual é a padrão?...

**AI 3:** padrão?...

**P:** é a que nós aprendemos aqui:.... é a língua de maior PREStígio...

**AI 5:** (não é como eu aprendi a falar?:....)

**P:** na língua padrão você é igual/pedir a farinha... você/tu ia dizer assim mesmo... passe-ME a farinha...

**AI 4:** passe-me a farinha... ((voz risonha))

**P:** dei-me... pra cá a farinha...

**AI 5:** dei-me:....

**P:** mais na/na linguagem coloquial... na não padrão... seria assim... me dá a farinha aí... aí começa com ME... mais a regra:.... gramatical da língua padrão diz que a gente deve começar com VERbo... e não com pronome...

então dei-me:... ou dá-me se for tu... dá-me tu... (som inaudível) sim:... letra A:... como é que ficaria?:... J... agora lê:... ( )

((outro aluno lê))

**AL 5 (J):** eu sabia que ele ia lê:... ((risos))

**AL 4:** "emprestei-lhe... todas... as revistas... de ciências..." aí entre parênteses... "troque emprestei... por... emprestarei..."

**P:** muito bem... têm DOIS tempos aí:... um tá no tempo... emprestei...

**ALS:** passado:...

**P:** passado né?... pretérito perfeito:... indicativo... e:: emprestarei?:... futuro do presente... do indicativo:... agora como é que ficaria?... começando a frase?... emprestarei-lhe:...

**AL 4:** emprestarei-lhe:...

**P:** como é que vai ficar?:... hein... M?... O::?... como é que ficaria a frase?:... você não pode começar com o pronome:... né?... aqui... na linguagem:... culta:... na língua padrão... ((os alunos ficam em silêncio)) olha:... é:... semelhante... ao o que/a F. ((questão anterior: "contaria-me tudo, se eu quisesse")) da segunda... lembra que nós falamos lá... que... poderíamos ir/contar-me-ia tudo... contrariando tudo... (cria outro verso...) como é que ficou lá?:...

**AL 1:** contar-me-ia...

**P:** isso:... então é a mesma coisa em relação ao "emprestarei"... como é que vai ficar?...

**AL 1:** ((responde num tom de voz baixo))

**P:** Isso:... agora lê ALto aí:... fale alto pra todo mundo ouvi/prá J. ouvir:... pra C. ouvir...

**AL 6:** eu tô ouvindo...

**P:** a F.:... como é que vai ficar?:... a menina que é/que é:... safea em matemática:...

**AL 3:** não sei fazer esse um...

**P:** não sabe esse um?:... é:... envolve logo matemática... UM:... como é que vai ficar?:...

((o professor tenta obter a resposta e pergunta para outros alunos. Eles conversam sobre a questão e riem))

**P:** diga lá é::/é:::... A. como é que vai ficar a frase?:...

**AL 2:** emprestar-lhe-ei...

( )

**P:** ouviram como é que vai ficar?:...

**ALS:** não:...

**P:** ela já falou... duas vezes:...

**AL 5:** ela tá falando muito alto professor:...

((risos))

**P:** não:... eu acho que:... que o pessoal... do teu lado tá falando muito alto... então OLHA:... agora escuta:... ( ) já... fale lá A.:...

**AL 2:** emprestar:... lhe-ei...

**P:** é que ele não entendeu... é tão CULto:... ((risos))

((comentários e risos))

**AL 5:** emprestar-me?:...

**AL 2:** emprestar... tracinho... lhe... tracinho ei...

**P:** emprestar... lhe... ei:... ((fala ao mesmo tempo que a aluna)) emprestar... hífem... lhe:: hífem ei:... emprestar-lhe-ei:...

**AL 5:** emprestar-lhe-ei... ((ao mesmo tempo que o professor))

**P:** todas as revistas de ciências... escreveram lá?:... escreveram?... emprestar-lhe-ei...

**AL 3:** emprestar-lhe-ei...

**P:** e:: se::/se:: o/o/o:... agora A... entendeu?... ((aproxima-se do aluno que teve dificuldade para entender o uso da ênclise e da mesóclise))

**AL 5:** desculpa aí:...

**P:** agora: é/é:... escutem:... é:... ( ) agora Se EU colocasse um NÃO:: na frente... ou nunca... NUNca... aí é emprestarei:... as revistas... todas as revistas de ciências... como é que ficaria... eu coloco o NUNca antes... agora construo a frase com um nunca antes... ((alunos comentam como ficaria)) advérbio de tempo antes... ((refere-se ao "nunca")) NUNca?:...

**AL 5:** ((responde, mas não dá para ouvir))

**P:** isso:... nunca LHE... emprestarei... o advérbio... ele atraia:... o pronome... nunca lhe emprestarei... agora se começar com o verbo:... no futuro:... ou futuro do presente... ou futuro do pretérito... você vai ter... que colocar... na língua padrão... abrir o VERbo... nós chamamos isso de ME::sóclise... mesóclise... MEso... meio... então a colocação pronominal no meio do verbo... mesóclise... será que tem outra língua... hein H.:... que abre o verbo... pra entrar o pronome?:... em inglês é sempre depois do verbo:... né?... *give-me*... né?... ( ) é interessante né?... nossa língua:... será que no latim:... tem alguma coisa assim:... que:... esse fenômeno... ( ) tá:... a letra B:... ((exercício)) quem é que lê pra nós?:... aí... leia M... ((aproxima-se da aluna. Os colegas riem)) oh M. minha filha... eu dou um ponto pra ti... ( ) é a Mag.:... não tem Mag. aí?:...

**ALS:** não:... ((risos))

**P:** ah... tem uma Mag. ali no segundo ano... ( ) Ale.:... lê pra nós:... a B da terceira... viu Ale.?:... ( ) lê a B C. pra gente:...

**AL 6:** "agora... deixe-me só... por favor..." ((Conclui lendo o que está entre parênteses)) "elimine a vírgula... depois da palavra 'agora'..."

**P:** você vai fazer a frase sem a vírgula... como é que ficaria... agora?::... hein C... como é que você::... (experimentar)::... não tem a Vírgula:: aí... pra/pa::... o advérbio AGora::... ele vai se encontrar::... ele vai se encontrar::... com a vírgula aí...

**AL 2:** ((aluna responde em tom de voz inaudível))

**P:** ISSO::... isso::... ouviu lá::... ô::... M... e o::... J.?::... ouviu?::...

((comentários))

**P:** C. como é que fica agora a frase?::...

**AL 6:** agora me só::...

**P:** Isso::... como não tem vírgula... o advérbio agora::... na nossa regra... ele é imático::... né?... ((risos)) fazer igual a professora a::... a::... muito braba... "esse negócio... não gosto de língua que tem palavra imática"... ( ) agora me deixe.. só por favor... letra C::... ((exercício)) é::... J. lê pra nós... a letra C... por favor...

**AL 3:** "chamar... lo... ei... para fazer parte da equipe de... atletismo... no próximo mês..." parênteses... "coloque a frase... na forma negativa"... ((O comando está entre parênteses))

**P:** usando o não:: né?::... tá... forma negativa::... como é que ficaria?::... olha::... começando a frase::... a forma de acordo com a linguagem... é essa forma que cita aí::... "chamá-lo-ei"...

((comentários))

**P:** como é que ficaria?::...

**AL 5:** ((responde num tom de voz baixíssimo))

**P:** NÃO::... aí ele é::... né?... advérbio ele a-TRAI::... o::... o "lo"::... ele vai ser transformado tá?... por isso que o verbo tá... no lugar dele... ( ) a forma "lo"::... é... o... "r"... chamar::... invés de chamar::... aí... chama... o "r"... ele foi assimilado pelo "l" aí... chamá-lo-ei... agora NÃO::... como é que ficaria D.?::... NÃO?::...

**AL 7:** ((responde em voz baixa e o professor não entende))

**P:** como é que fica?::... O. como é que fica?::... eu ouvi a O. dizendo... "não disse"...

((comentários))

**P:** como é que ficaria?::...

**AL 2:** não chamarei::...

**P:** certo::... não:: chamarei... tá?::... não chamarei para fazer parte da equipe de atletismo... não:: chamarei... letra D::... ô::... O. lê pra gente::...

**AL 8:** "conversei com o gerente... o gerente disse-me... que não aceitava devolução... de mercadorias..." ((comando entre parênteses)) "junte as frases... empregando... o pronome relativo 'que'..."

**P:** tá::... você vai reconstruir::... colocando o pronome relativo "que" e vai mudar::... a questão do "disse-ME"::... aí... como é que ficaria?::... "conversei com o gerente QUE"::... ((comentários)) certo::... "conversei com o gerente que::... me disse::... que não aceitava devolução de mercadoria..." ( ) JAC... quer ler a/a::... letra E pra gente?::... Lê JAC... letra E encima... ( )

**AL 9:** ah professor... não vou ler não::...

**P:** TAM-bém::...

**AL 5:** "Márcia enviou-lhe essa carta de recomendação..." entre parênteses... "troque Márcia por quem... e coloque a frase na forma interrogativa..."

**AL 1:** não::... ((ao mesmo tempo))

**P:** é isso mesmo... ((ao mesmo tempo)) como é que ficaria?... "enviou::..."

**AL 5:** "essa carta de recomendação..." "quem lhe enviou?..."

**P:** certo::...

**AL 5:** "quem lhe enviou?::..."

**P:** certo... "quem lhe enviou essa carta de recomendação?::..." L::... é::... vocês vão fazer curso superior::... lá vocês vão ter que apresentar seminários... vão ter que falar... vocês ter que ler::... aí vai ficar muito feio::... quando o professor pedir::... aí disser... "não::... não tô com vontade... não sei ler... tudo mais::..." ((imprime tom de timidez))

**AL 10:** não sei nem se eu vou chegar lá::...

**P:** aí vocês vão ter que dá/vai sim já tá no terceiro ano::... vai casar antes?::...

**ALS:** já é casada::...

**P:** já casou?::...

**AL 10:** já::...

**P:** mas prossiga::... porque... não sabe se::... derepentemente o marido... pode vir a FAlecer::...

**AL 10:** cruz credo::... ((risos)) (fala ao mesmo tempo)

((comentários e risos))

**P:** (aí vai ficar na roça) não né?::... ( ) e:: aí::... vai ser lavadeira?::... pelo menos você vai dizer assim... gente me paguem que eu leio pra vocês...

((comentários e risos))

**P:** olha agora... terceira forma simples... vocês têm bem aqui... na página... o enredo da:: de/da prótese... no quadro::... no quadro::... tem um quadro aqui... lilás... ((refere-se ao box no livro didático)) aí ele indica um exemplo aqui... olha... "palavra negativa... como... não::... nem::... nunca... ninguém... nem um caso... jamais... etcetera..." né?... "não seguida de pausa..." ou seja... não tendo vírgula... se houver uma pausa... uma vírgula... requer... o verbo... o/o::... pronome antes do verbo... PRO::... tá?::... a ideia de próclise... que é a colocação... antes do verbo... é PRO::... tá?... ÊNclise::... é depois do verbo... e:: mesóclise... é no... ver-bo::... o verbo se abre para você colocar o pronome::... Exemplo::... alguém ler o exemplo... pra nós aí...

((um aluno tece um comentário, mas o som é inaudível))

P: hein?::... ler pra nós o exemplo G...

AL 3: onde é mesmo professor?::...

P: no quadro... no/depois do segundo pontinho embaixo... "nunca..."

AL 3: "nunca nos revelou... sua verdadeira identidade..."

P: isso::... tá vendo o nunca?::... ele atrai... tá?::... então vem pra... é::... se alguém chegar e disser... nunca revelou-nos... não/não::... não é... a pessoa tá falando... não tem problema... mas::... não é a::/aceitável de acordo com a::/a::... a língua padrão... depois?::... no segundo pontinho... qual é outra palavra?::... advérbio::... que?::...

AL 3: "não seguido de vírgula..."

P: Exemplo...

AL 3: "depois... me dirigi... ao bal/balcão... de informações..."

P: agora... se tivesse a vírgula... "depois::..." se fosse assim... "depois..." vírgula... como é que ficaria a frase?... ((os alunos conversam)) hein?::... se eu dê/se eu der uma pausa aí?::... "depois..." aí::... né?::... coloca a vírgula... como é que ficaria?::...

AL 3: ((aluna comenta. som incompreensível))

P: essa é a frase normal::... né?::... sem vírgula...

AL 2: ( ) dirigi-me...

P: ah::... sim E... agora tiran/colocando a vírgula... é/é::...

AL 2: dirigi-me::...

P: dirigi-me... aí... "depois... dirigi-me ao balcão de informações..." ( ) "depois::... dirigi-me..." não tendo... pausa... pra perto do::... advérbio depois... né?::... ( ) havendo vírgula... aí já fala... "havendo vírgula depois da palavra negativa ou do/de advérbio... usa-se a::... ÊNclise..." né?::... tá?::... "NÃO... disse-me ele... não me deve mais nada..." "em seguida... despediu-se de todos gentilmente..." agora vamos ver... o caso do pronome... ( ) ((os alunos conversam sobre outras coisas. O professor chama atenção de uma aluna que está rabiscando outra página do livro. Poucos alunos estão com livro, e o professor utiliza apenas o livro como base para a aula)) casos em que ocorrem... a colocação do pronome... antes do verbo... ((o professor situa a aluna na leitura))

AL 11: "o rapaz que me procurou vendia... enciclopédias::..." é esse?::...

P: é::... então olha::... quando vier pronomes relativos e::... pronomes indefinidos... vocês sabem quais são os pronomes reais?::...

((os alunos balançam a cabeça negativamente))

P: Não::... ( ) pronomes reais... nós temos o "que"::... que é o mais famoso né?::... ele é::... universal... cabe em qualquer parte... aí depois vem::... o plural do "que"::... que é o "qual"::... os "quais"::... as "quais"::... ( ) aí tem o pronome "que"::... o pronome "onde"::... o pronome "cujo"::... ele é::/são pronomes relativos... que une duas frases... na realidade ( ) relativo é que ele relaciona::... ele conecta... né?::... é::... isso ele tá dizendo... há:: um antecedente... eu digo olha... a casa:: onde moro é bonita... "onde"::... é pronome relativo... né?::... moro... casa... a casa... eu podia dizer... a casa em que moro... é bonita... aí aparece o "que"::... aí... a propósito... me lembrei de uma coisa aqui... muito comum... que se fala... é usar o onde... em qualquer frase... quando... não tem o sentido... de local... (ele não é locativo...) né?::... e::... aí então::... né?::... a pessoa... deixa eu ver uma frase... ele diz assim mesmo... ( ) se eu lembrar eu digo pra vocês... mas o "onde"::... ele sempre é "locativo"::... se emprega num local... num lugar... mas às vezes se usa o "onde"::... nas frases... que não era pra empregar o onde... ele devia empregar o "que"::... o "qual"::... mas não "onde"::... tá?::... então o outro exemplo... olha... o "que" lá e o "quem"::... pronomes indefinidos::... alguns pronomes indefinidos::... hein J.?

AL 12: o que... professor?::... deixa eu::...

P: pronomes indefinidos... tu tá falando pra dédeu aí::...

((comentários e risos))

AL 12: o que que tem?::... oh besteira...

P: não fich/não/não fique... estressada aí::... nem se defina tá?::...

AL 12: oh besteira...

P: pronomes indefinidos... lembra de algum?::... olha nós temos pronome de tratamento... que referência::... né?::... é::... vossa majestade... vossa alteza::... né?::... mais coloquialmente "você"::... né?::... ( ) pronome possessivo "me"::... ou "teu"::... "sua"::... pronome::/pronome indefinido... não lembra?::... você fala aber/em GErAl::... ele vinha até ali... eu disse... eu vi duas pessoas ali... aí eu disse "eu vi al-gu-mas pessoas"::... ( ) algumas pode ser três... quatro... né?::... ( ) então... ALGUmAs::... tudo::... nada::... ninguém::... alguém::... são pronomes de/indefinidos... eles atraem o pronome pra perto deles tá... pra cá::... antes do verbo... olha/agora::... o tercei/quarto pontinho::... ( ) das conjunções... subordinativas... exemplo::... qual é o exemplo aí?::... ( ) lê E::... o exemplo da::... da conjunção::... subordinativa::...

AL 13: "pensei que lhe dariam... o emprego..."

P: humm::... olha::... a conjunção aí é (confiante) tá?::... é o "que"::... tá?::... e:: na realidade... essa aí é uma conjunção::... acho que é uma conjunção integrante aqui... né?::... coordenativa... é substantiva... integrante... quem sabe... o que?::... é::/foi o do tipo em:: aqui?::... ( ) pensei que lhe dariam emprego... é uma conjunção integrante... Aí:: ocorre próclise... também::... quando houver::...

AL 3: ( ) quando houver o que professor?::...

P: (não tá fácil né?::...)

AL 3: não::... ( )

P: gente é::... o meu relógio biológico aqui... né?::... tá... podem ir ( )

((os alunos estavam totalmente dispersos e ansiosos pelo intervalo. O professor interrompeu falando sobre o relógio biológico dele que estava avisando que era hora do lanche))

## 2ª PARTE

((os alunos retornam do intervalo e conversam sobre uma "fruta" bastante diferente: "cutite"))

**P:** já::... então vamos lá...

**AL 3:** qual é a "pagina"?... ((pronuncia a palavra sem acentuação tônica))

**P:** a "pagina" é::... trezentos e vinte e quatro... aí diz aqui... "ocorre próclise também... quando houveR..." trezentos e vinte e quatro... ((um aluno pergunta novamente o número da página)) trezentos e vinte e quatro::... olha... "quando houver... preposição::... seguida de::... (Psiu::...) tá?...((os alunos conversam num tom de voz alto. Ignoram a leitura do apontamento)) "em seguida o verbo tá no gerúndio... aí olha como exemplo... "EM se tratando:: de brigas familiares... não me meto..." e esse é::... essa é uma construção::... aqui clássica... né?... em se tratando... em se falando... em se pensando... em se pensando... aí::... e "se" vai pra perto do em... quando for... no gerúndio...

**AL 2:** mas só quando for gerúndio é?...

**P:** é:: nesse sentido aqui... é... em se tratando... porque se começasse no infinitivo é::... se começasse no... usando o verbo... ( ) trata-se de... por tratar-se de... ( ) infinitivo pessoal... né?... precedido de preposição... ((o professor antes de explicar passa para tópico seguinte. A voz dele é quase incompreensível. o professor cochila entre uma explicação e outra)) "para se desculparem... enviaram à menina flores e bombons..."

**AL 2:** eu só queria os bombons...

**AL 3:** eu as flores... é tão romântico ganhar flores...

**AL 2:** eu sei... mas eu não quero ganhar as flores... eu quero só os bombons... ((risos)) ( ) FLOR... a gente não como né?... ((risos))

((enquanto isso o professor dorme. Ele percebe que estava cochilando, toma um susto e rapidamente comenta o próximo tópico))

**P:** e olha só:: as optativas::... tá?... ((enquanto isso os alunos ainda discutem sobre flores e bombons)) como::... como essa aqui olha... orações (optativas)... com sujeito antes do verbo... (psiu::...) "Deus lhe PAgue::..." "Deus lhe pague moço..."

**Als:** ((os alunos continuam a conversa sobre flores e bombons de chocolate))

**P:** aí... eles então/então... eles fazem uma observação... ( ) "havendo entre o pronome oblíquo e a palavra que exerce atração... um termo... ou oração intercalada..." nesse caso é uma oração intercalada... né?... entre o sujeito e predicado... "a próclise continua sendo necessária..." exemplo... "nunca... é bom saberem... lhe pedi dinheiro..." porque seria "nunca lhe pedi dinheiro..." "nunca... é bom saberem... lhe pedi dinheiro..." agora::... pronome/colocação pronominal em relação aos termos com-pos-tos::... e as locuções verbais...

**AL 2:** ( ) professor:: o senhor não explicou (nem o começo dessa parte aqui) ((referindo-se ao *box* "emprego da próclise" que o professor leu entre um cochilo e outro))

**P:** oi?...

**AL 2:** o senhor não explicou:: essa parte aqui... o senhor pulou logo pro exercício...

**AL 3:** ( ) o senhor não pulou logo para próclise... "enclise"... sei lá... "mesoclise"... ((fala ao mesmo tempo que o professor))

**P:** "ÉNCLise":... que "mesoclise"... ((fala ao mesmo tempo)) ((corrige a aluna que pronuncia sem o acentuação tônica))

((comentários e risos))

**AL 3:** se o senhor fosse explicando aqui agora dava pra entender... ((ao mesmo tempo que o professor))

**AL 1:** como é?... ((fala ao mesmo tempo que o professor))

**P:** próclise... ênclise... mesóclise... ((fala ao mesmo tempo que os alunos))

**AL 3:** umbora de novo... explica essa parte aqui pra nós... Ó::...

((os alunos exigem esclarecimentos/traduições dos tópicos que o professor apenas leu))

**P:** explica o que... aqui logo no início?...

**AL 3:** é:: daqui oh::... colocação pro/pronominal... colocação... pro-no-minal...

**P:** olha::... a razão da gente começar com a/com o exercício... é que vocês::... venham::... escrevendo... falando... aí/a::... ver o senso... com exceção... da ( ) mesóclise... né?... que é:: mais difícil... lá... ( ) falar-te-ei... dir-te-ei...

**AL 3:** dir-te-ei?::...

**P:** dir-te-ia::...

**AL 3:** humm:::...

**P:** tá... então me vê lá o "assalto"...

**AL 3:** assalto?::...

**P:** colocação pronominal::... é/é::... A::...

**AL 2:** tá difícil::...

**ALS:** ((riem, pois não entenderam o que o professor pediu)) ((o professor ainda cochila. Os alunos brincam que vão pegar papel higiênico para limpar a baba))

**P:** o texto::... do::... do Millôr Fernandes::...

**AL 2:** umbora lá... ((ao mesmo tempo que o professor)) ((A "AL 2" inicia a leitura do texto "o que eu entendo dos jornais" do Millôr Fernandes))

(...)

**P:** ah:: muito bem... entenderam aí?...

**AL 2:** ah:: tem muitas palavras complicadas...

**AL 3:** é mesmo professor::...

**P:** o problema não são as palavras... as palavras não são complicadas... é que ele/ele escreveu de uma forma... desconexa:...

**AL 2:** o que é isso?:... ((fala ao mesmo tempo que o professor))

**P:** você teria que montar:.... a frase:.... ((os alunos estão totalmente dispersos, manuseiam os celulares.)) ok:.... vamos lá:.... é:.... primeira questão do exercício:.... "embora esse texto:...." vai lá:.... ((pede para o aluno ler))

**AL 2:** "combine palavras de uma forma anticonvencional... é possível depreender deles algum sentido?... tente responder..."

**P:** lá no "nascimento":.... ((tópico do texto de Millôr)) ( ) letra A:.... qual é a profissão da Senhora Alonso/Alonso Santos:.... que Alonso é sobrenome né?... por exemplo... MARgarida: Alonso Santos:.... aí:.... o:/o nome do marido é: José Alonso Santos... aí colocaram...

**AL 2:** Alonso Santos:.... Senhora Alonso Santos:....

**P:** aí se a/aí diz assim... quer saber aqui... qual é:.... a profissão da senhora... Alonso Santos:.... ((pausa. Ninguém responde)) qual a profissão:/:é "nascimento"... ((professor reforça onde está a informação no texto)) você tem que olhar:.... nas duas linhas... que falam sobre nascimento...

**AL 1:** decoradora?...

**P:** decoradora:.... LEtra B:.... "quantos anos fez o banqueiro Valter Campos?:...." "Aniversário":.... ((sinaliza o tópico para extrair a informação. Os alunos comentam entre si.))

**AL 2:** cinquenta anos:.... ((responde com insegurança))

**P:** cinquenta anos:....

**AL 2:** a impressão é que são cinquenta anos:....

**AL 3:** é:....

**P:** mais não tá dizendo aqui... que:.... foi escrito de uma forma anticonvencional?:....

**AL 3:** tá tudo errado:....

**P:** não é o que se: espera:.... né?... "onde se casaram... a Senhorita Sandra... Carvalho... e o engenheiro Nóbrega: Santos:...."

**AL 2:** num convento (beneditinos)...

**P:** Isso:.... num convento beneditinos... ( ) "quando faleceu o general Batista Nolo?:...."

**AL 3:** quando?:....

**AL 2:** cin-co:.... e mei:....

**AL 3:** cinco e meia da madrugada...

**P:** cinco e meia da madrugada:.... né?:.... aí hoje:.... ele fala... ( ) cinco e meia da madrugada de hoje... humm?... pertinaz:.... é: PERsistente:....

**AL 2:** ah é?:....

**AL 3:** não sei:....

**AL 2:** tá tão esquisito isso:....

((comentários))

**AL 3:** é o que?:....

**AL 2:** (pertinência...) ((tom de voz muito baixo))

**P:** persistente...

**AL 3:** quer dizer o quê?:....

**P:** perseverante:.... ( ) tá:.... exercício número dois... G:.... cadê as/as: duas?:....

**ALS:** mais:....

**P:** pegaram o beco?:....

((comentários e risos))

**P:** número dois... é a segunda questão:.... "a língua portuguesa... embora admita certa liberdade... na ordem da... colocação dos termos na oração... não permite certos tipos de inversão que possam prejudicar o sentido dos enunciados:.... quando a frase apresenta a disposição... sujeito... verbo... complementos... predicativos ou adjuntos... dizemos que ela se encontra na ordem: DIREta... reescreva as frases a seguir... colocando as palavras na ordem direta... e dando a elas... sentido LÓgico:...." letra A:.... vá C.... leia pra gente:.... umbora C. leia...

**AL 2:** lê logo:....

**P:** N.: lê pra nós:....

**AL 13:** "a pista já está:...." a pista é?:.... "a pista já... está... na polícia... do... assaltante..."

**P:** agora:.... coloca na ordem... ( ) tá na ordem INVERsa aí:....

((comentários))

**AL 3:** o assaltante/o assaltante já está:.... ( ) na pista da polícia...

((risos))

**AL 3:** ( ) o assaltante já está na pista da polícia:....

**AL 2:** não:....

**ALS:** não:....

((comentários))

**AL 3:** a polícia já está... na pista do assaltante:.... ((risos))

**P:** cer:to:.... a polícia já está na pista do assaltante:....

((comentários))

**P:** letra B: de G:.... ( )

**ALG:** oi?:.... letra B?:....

**P:** B:.... ((ao mesmo tempo))

**ALG:** "o estado do... satis/satisfatório... é:: menino..."  
**P:** como é que ficaria... agora::...

**AL 5:** como é o nome?:...

**P:** na ordem direta::... ((alguém bateu à porta, mas não entrou. Isso tornou-se motivo para comentários))  
**P:** como é Fica::... é "o estado::..."

**AL 3:** "o estado do menino..." ((fala ao mesmo tempo que o professor))  
**P:** "é satisfatório..." né?... aqui... o sujeito... verbo são predicativos do sujeito... letra C::... alguém dê o livro por favor::... aí pra::... pra D::... ela tá se escondendo ali::... letra C::... M:: lê a letra C pra gente::...

**Als:** ((os alunos comentam o fato da M. não querer ler))  
**P:** O. lê::... você que é::... ( ) letra C::...

**ALG:** ela acerta tudinho professor::... ( )

**AL 14:** eu não::... ((fala ao mesmo tempo que o colega)) pra fazer o que professor?...

**P:** letra C O::...

**AL 14:** (pra botar no normal?...) **P:** pra ler primeiro...  
**AL 14:** "o festivo estava extremamente o::... ((risos))  
**P:** Isso::...

**AL 3:** "extremamente o ambiente..."  
**P:** qual seria o sujeito aí?:...

**AL 2:** o ambiente...  
**P:** o ambiente né isso?:... e o predicado?:... agora na ordem indi/direta...  
**AL 3:** satisfatório...  
**P:** satisfatório é o estado (dos livros)... ((comentários))  
**P:** ( ) o ambiente estava extremamente... festivo... terceira questão::... N::... leia e responda...  
**AL 15:** não::...  
**P:** SÓ leia então::...

**AL 15:** eu não::... eu não sei como é esse nome... esquisito aí::... ((risos))  
**P:** Millôr Fernandes... Mi-Ilôr::... Fernandes::...

**AL 15:** ah tá::... "nesse texto... Millôr Fernandes brinca com um princípio... sintático que rege... a combinação das palavras... na frase... que princípio:: é esse?:... indique-o::..."  
**P:** aí ele dá três oportunidades aí::... você tem trinta e três vírgula nove por cento... de acertar::... é "o princípio da colocação do verbo em relação ao sujeito da oração?:..."  
**ALS:** não::...  
**P:** é "o princípio da colocação dos termos na oração?:..." ou é "o princípio da concordância do adjetivo com o substantivo?:..."  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** ele tá brincando aí... com um... um desses princípios::... com o princípio sintáticoCO::... que rege... a combinação das palavras::... qual desses ( )  
**AL 2:** é o último aqui::... tá tão grande...  
**P:** hein?:...  
**AL 2:** "o princípio da concordância do adjetivo com o substantivo..."  
**P:** mais NUNca::... ((comentários))  
**P:** qual seria N.?:...  
**AL 3:** ah::... qual seria eu não sei não::... mas se eu fosse fica/eu marcava a::...  
**P:** qual?:...  
**AL 3:** a segunda::...  
**P:** a segunda?:... o princípio da colocação dos termos na oração?:... certo::... é isso mesmo::... são os termos da oração... ele não tá... falando aqui... concordância::... de regência::... cê vê que::... ele/ele troca... por que o texto é esquisito?:... porque::... ele escreveu trocando a/as::... as posições dos termos da oração::... sujeiTO... predicaDO... verbo::... então ele fez uma bagunça aí::... e por isso algumas vezes não dá pra entender completamente... mas::... algumas coisas::... apesar da/da mudança se dá pra compreender::... ( ) "que efeito de SUB-versão::... desse princípio sintático provoca::..." que efeito a:: subversão... desse princípio sintático provoca?:...  
**AL 2:** complicou... totalmente::... diz... logo::... ((risos))  
**P:** olha::... o Millôr::... o Millôr Fernandes... ele era humorista... ele es/é o que ele faz... é/e/e::... porTANTO o efeito que ele quer causar aqui... é o efeito de humor::... é engraçado...  
**AL 3:** aqui não tem nada engraçado...  
**AL 2:** a D. disse logo... que essas palavras ficarem::...  
**AL 3:** tá tudo embaraçado::... ((risos))  
**AL 2:** o efeito de humor::... ((comentários))  
**P:** olha::... (ela) termina a frase do falecimento... "a viúva deixa o extinto..." ((risos)) a frase tem sentido... entretanto... não é:: o sentido::... é::... do contexto... quem foi que deixou quem aí?...

((comentários em tom de voz baixo))

P: qual é o sujeito aqui? hein?:::...

AL 2: o extinto:::...

P: ( ) o exTINto... né?:::... o extinto deixa a viúva... o extinto é o falecido... você vê que ele brincou com:::... a ordem das palavras:::... na frase... por isso que não tem nexo... você lê:::... parece um pouco... esquisito aí:::... ( ) tá:::... vamos continuar:::... "conceituando:::..." C. você que exigiu:::... leia... por favor:::... ((refere-se à reivindicação pela explicação do conteúdo))

AL 3: "ao ler os textos e responder às questões anteriores... você observou que há um princípio sin-tá-ti-co que rege a combinação das palavras na frase... o sentido que se quer dar a um texto depende da colocação... das palavras qué/que o constituem... na língua portuguesa... chamamos de ordem direta... aquela em que os termos da oração... se dispõem na sequência sujeito mais verbo mais complemento..."

P: que pode ser:::... olha aí/olha:::... por que tá:::... entre:::... entre parênteses aí?:::... porque tem uma explicação:::... então é/é/é:::... os autores colocaram... mas eles não precisavam colocar:::... mas eles:::... tá dizendo que o comPLEmento:::... aí ele está explicando:::... objeto direto:::... objeto indireto... tá?:::... os parênteses é usado aqui... para você colocar uma:::... ( ) fazer uma explicação... é algo acessório... não é obrigatório... tá:::... aí que mais?:::... ( ) pode continuar:::...

AL 3: "quando ocorre uma alteração nessa disposição dos termos... dizemos que a oração está na ordem inversa... concluindo:::... colocação é o modo de dispor na ordem... na ordem direta ou inversa... os termos que compõem a oração..." já? continuo?:::... "embora certas colocações sejam consagradas pelo uso... como o em/emprego do sujeito... pós/pós-posto... ao verbo na voz passiva... pronominal..."

P: vê aí... por que ele usou... os parênteses:::... pra levar uma explicação né?... tá?:::... ((refere-se a um novo par de parênteses que aparece no texto: "(Consertam-se computadores", por exemplo"))

AL 3: "consertam-se... computadores por exemplo... na língua portuguesa... a estrutura da oração admite bastante liberdade... de colocação... é comum empregarmos a ordem inversa... quando temos a inter/internação..."

P: a intenção:::...

AL 2: a intenção:::...

((risos))

AL 3: "por exemplo... de::: enfatizar algum termo da oração... no caso do texto do humorista... Millôr Fernandes a subversão da ordem dos termos da oração tem a intenção de provocar humor... há entanto:::..."

AL 2: "entretanto:::..."

AL 3: "entretanto... certos princípios básicos... quanto à colocação que devem ser... considerados na linguagem... escrita e falada... um desses princípios é o da colocação dos pronomes pessoais... oblíquos... a/a/átonos:::..."

P: os pronomes pessoais oblíquos átonos:::... ( ) os tônicos... são TI:::... ME:::... SE:::... os átonos é... TE:::... LHE:::... SE:::... LHE:::... né?:::... ( ) eles não tem:::... é:::... um acentoônico... próprio... eles têm/eles:::... funcionam em funÇÃO:::... a pronúncia deles em função... da PALavra:::... né?... eles se ligam à palavra... não... é o VERbo:::... tá?:::... até aqui embaixo:::... olha... "colocação pronominal..." quem quer ler aí?:::...

AL 5: M:::...

((comentários e risos))

P: tá:::... então vamos começar lá de trás:::... oh O:::...

((risos))

AL 14: o que é pra ler professor:::... a colocação pronominal?:::...

P: Isso:::...

AL 14: tudinho?:::...

P: a:::até oblíquos:::... ( )

AL 14: "colocação pronominal... os pronomes pessoais oblíquos átonos... me... te... se... o(s)... a(s)... ((risos e comentários sobre a maneira como o aluno leu)) nós e vós... podem/podem estar em três posições... em relação ao verbo ao qual se ligam... leia a tira a seguir e observe a colocação dos pronomes oblíquos..."

P: tá... brigado:::... agora:::... quando tu leres... novamente viu:::... O.?:::... (você vai ler assim) os pronomes átonos/oblíquos átonos... ME:::... te:::... se:::... o:::... os:::... a:::... as:::... NOs:::... e VOS:::... se colocar os acentos aí:::... ( ) vai ficar nós... vós... que são pronomes pessoais... do caso reto:::... que funcionam como sujeito:::... nós vamos... à feira... mas você diz... nós nos vimos... ontem... tá... então a tira:::... quem quer ler a tira?:::...

ALS: a C:::...

P: a C:::...

ALS: ((risos))

P: oh::: C:::...

((comentários e risos))

P: vai lá C:::... leia lá::: sobre... o "overman" ((Título da tira humorística))

AL 6: "próxima missão... combater o rabiscador de cédulas... deseje-me boa sorte Esquilo... ((na tira é "Ésquilo")) esqueci que o Esquilo sou eu:::..."

((risos))

P: pois é:::...

((comentários))

P: olha:::... vocês lembram da/na/na:::...

AL 3: ( ) ele bateu no poste... chega quebrou... olha:::... não dá de perceber que é um poste?:::...

P: é:... porque:... ele é forte:...

ALS: ((risos))

AL 3: ele é forte:...

((Os alunos e o professor tecem comentários sobre o fracasso do herói "overman". O professor diz que o "overman" é a versão paródica do *superman*))

P: ok:... agora:... a:... A:...

AL 2: aí:... "na tira foram empregados dois pronomes pessoais... oblíquos... átonos... me:... no segundo quadrinho... e se no terceiro quadrinho... observe que eles ocupam duas posições diferentes em relação ao verbo... 'me' está colocado depois do verbo... e 'se' antes do verbo... no caso do pronome 'me'... dizemos que há:..."

ALS: ênclise:...

P: ênclise:...

AL 2: "no caso do se... que há proclise..."

P: PRÓclise:...

ALS: próclise...

AL 3: é uns nomes esquisito né?:...

P: ÊNclise?:... é:/é:... tá?:... então a gente tem... ênclise:... próclise... e mesóclise:... agora vamos olhar:... porque a gente/a C:... a C. não... a A:... ela leu:... mas é bom a gente olhar:... aqui:... né?:... olha... no/no segundo quadrinho:... ele diz sim/o quê?:...

AL 2: depois do verbo:... o "me":...

P: pois é:... aí vamos pegar... o segundo quadrinho:... aqui no:/na: tira:... isso:... leia:... o que diz lá?:... é:... A:...

AL 2: na segunda daqui?:...

AL 3: "não:... deseje-me: boa sorte..."

((risos))

P: tá vendo começa com verbo... e o pronome:... oblíquo... átono:... ME:... está... depois do verbo:... deseje-ME:... ele não começou... me deseje:... me deseje boa sorte Esquilo:... deseje-me boa sorte:... aí fala que:... o pronome se... está no terceiro quadrinho:... leia lá:...

AL 2: "além dessas duas colocações... o pronome oblíquo átono..."

P: não/não/aqui:... esqueci:... lá:... lá/no terceiro quadrinho...

AL 2: "esqueci que Esquilo se mudou..."

P: se: mudou... o verbo/o "se"... em relação ao verbo mudou... então:... ele DESEje-me... o pronome me:... primeira pessoa... está:... é:... ( ) relacionado ao verbo deseje... e: no segundo/no terceiro quadrinho:... está/é:... relacionado... ao... verbo... mudou... tá?:... se mudou... aí ele poderia dizer assim mesmo... "que (Esquilo) mudou-se..." não é G.?:...

((comentários e risos))

AL 2 : próclise:...

AL 3: professor... essa próclise... sempre vem... antes do verbo?:...

P: ISSO:... isso:...

AL 2: é: tá aqui oh:... ((ler apontando no livro))

P: olha o teu namorado se aproxima de ti e diz assim mesmo:... "me beija:..." aí é próclise...

AL 5: tu é doído é?:...

ALS: ((risos))

P: certo?:... aí você antes de chegar perto dele... "beije-me:..."

AL 3: e no caso dele fugir e beijar logo:...

ALS: ((risos))

P: ( ) "êpa:... beijou-me:..." daí é ênclise...

ALS: ((comentários e risos))

P: mas uma jovem educada vai ouvir:... o pedido dele... não vai logo se atracar... ( )

AL 3: é... tem que ouvir:... as palavras românticas:...

P: certo?:... então olha:... aí diz assim:... "além dessas duas colocações:..." cadê: A:... termine lá:... agora já sabe né A.?:...

AL 2: já:...

P: que é ênclise... próclise:... aí depois ele vai falar... no terceiro... que é MESÓclise:...

AL 3: aqui sim a gente tamos entendendo:...

P: hei:/hei A:...

AL 2: oi:?:...

P: eu lembrei que a primeira vez que eu vi... também isso aí:... eu larguei um ( ) "proclise"... mesmo:... "mesoclise":... ((risos))

AL 2: é:... complicado:... ((risos))

P: então:... ((risos)) então:... vai lá:...

AL 2: "o pronome oblíquo átono... pode estar no meio do verbo... colocação denominada... mesoclise..." ((ler novamente sem a ênfase decorrente da acentuação gráfica))

P: MESÓclise:...

AL 5: MESóclise:...

AL 2: "veja o exemplo:..."

P: JÁ:... pronuncia... MESÓclise:...

**AL 2:** mesóclise:...

**P:** isso:: mesóclise...

((comentários))

**AL 2:** ((tenta ler o exemplo)) “recebê-los”::... é::... é esse negócio tá complicado...

**AL 3:** recebê... los-emos::...

**P:** recebê-los-emos::... ( )

**AL 3:** a fra/frase muda::... (fica) meio esquisita::... o que é significa mesmo?:::...

**ALS:** ((risos))

**AL 3:** recebê-LO-emos::...

**P:** nós o receberemos... nós os::... né?:::...

**AL 5:** nós os receberemos::... ( )

**P:** nós os receberemos... ((ler ao mesmo tempo que o aluno))

**AL 3:** ( ) português é complicado::...

**AL 2:** é não::...

**P:** é não::... minha filha você fala todo dia... e fala muito bem::...

**AL 3:** ah::... mais eu sei falar errado::...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** não senhora::... se você falasse errado::... as pessoas não compreenderiam::...

((comentários))

**AL 2:** mais o pessoal ali atrás fica falando entendeu::...

**P:** sim mais aí não tem nada::... só porque ele tá usando a variedade coloquial... não padrão...

**ALS:** ((comentários))

**P:** o popular::... e::/e::... que serve a/a/a::...

**AL 2:** faltou só essa parte::...

**P:** pois é::... então olha lá... ÊNCLise::... então a colocação pronominal... em relação ao verbo::... pode ler::...

A::... ( ) tá::... A. leia...

**AL 2:** “é a colocação normal do pronome na variedade padrão...” ( )

**P:** então veja... na variedade padrão o normal::... o/o:: o pronome venha DEpois do verbo::... tá?:::...

**AL 2:** início da frase... né professor?:::...

**P:** não só no início de frase::... no início de frase... é obrigatório::... tá?:::... mas é::...

**AL 3:** ( ) sempre vem depois...

**P:** esse aí né?:... é a colocação do pronome::... aí vem as variações::... olha... a próclise e a mesóclise::... vamos lá::... PRÓclise::... próclise...

**AL 2:** “é a colocação do pronome... quando antes do verbo há palavras que exercem atração sobre ele... na frase a seguir por exemplo... a conjunção subordinativa ‘que’... exerce atração sobre o pronome... esqueci que... o Esquilo ‘se’ mudou...”

**P:** tá vendo aí o O::... aqui o SE::... “esqueci que o Esquilo ((Esquilo)) se mudou...” esqueci que Esquilo mudou-se::... “esqueci que o Esquilo se mudou...” MESÓclise::... ((o professor passa para o tópico seguinte sem esmiuçar o exemplo sobre próclise))

**AL 2:** “é a colocação do pronome... quando o verbo se encontra no futuro do presente... ou no futuro do pretérito... do modo indicativo... desde que não haja condições de próclise...” ((Lê o exemplo)) “o torneio de xadrez... realizar::-se-á... no início da primavera... contar-lhe-ia o segredo... se pudesse::...”

**AL 3:** ((risos))

**P:** olha::... é muito comum::... se vocês examinarem::... é::... convites... convites::... de casamento... de aniversário... né?:::... aí... vem lá né?:::... ah::... o::... fulano de tal fulana de tal::... geralmente os pais::... o convidam para o enlace matrimonial de seus filhos... né?:::... José Pedro... ( ) Joaquina... José tudo::... né?:... aí/aí::... vem lá né?:... é::... né?:... QUE::... SE realizará... aí vem o que tem ( ) realizar-se-á::...

**AL 3:** hum... hum::...

**P:** que::... realizar-se-á::... porque eles querem colocar BOnito::...

**AL 4:** eu nunca recebi esse::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** é (formático)?::... não::...

**AL 3:** eu sabia::...

**AL 2:** a única/o único lugar que eu já vi é na bíblia::...

**AL 3:** o que?:::...

**AL 4:** o que menina?:::...

**AL 2:** essa/esse::/esse modo de/de::...

**AL 3:** esse modo esquisito né?:::... ((risos))

**P:** realizar-se-á?:::...

**AL 4:** esquisito mesmo::... ((risos))

**AL 2:** eu já::... ( )

**P:** não:: mais é::... porque no caso... porque::... nesse caso... ( ) na linguagem erudita::... a bíblia ela tem::... ela::... ela prima por essas construções::... já nas::... bíblias:: é::... modernas::... elas já::...

**AL 2:** é tem bíblia::... até::... na nova ordem ((acordo ortográfico)) do português::...

**P:** ahn?:::...

**AL 2:** nova língua::... aquela coisa... que tá na nova ordem::...

**P:** sim:... mais porque atualizaram né?::... o::... é/é::... existe uma/existe uma::... atualização do vocabulário::... existe também uma atualização ortográfica::... ( ) os acentos aí::... erros:: e os hífen::... né?::... é::... modificados... agora::... eu achava muito legal... micro ônibus::...

**AL 5:** micro ônibus?...

**P:** era separado::... aí... mas::...

**AL 5:** mudou muito agora...

**P:** micro ondas::... separa né?::... repetição das vogais::... não é isso?::... é::...

**ALS:** ((comentam em voz baixa))

**AL 2:** só sei da::...

**P:** co::-operador::... aí é junto né?::... cooperador::...

**AL 5:** cooperador::...

**ALS:** ((comentam que acham estranho))

**P:** sim::... mas é::... olha o que eu tô falando pra vocês... é verdade::... é::... convites... ( ) pra ficar bonito::... né?::... rico... realizar-se-á::... né?::... ( ) era se realizará... mas pra ficar bonito::... pra ficar::... ((risos)) erudito::... aí:: a pessoa... eu/eu::... eu lembro que o/que o::... que o convite do meu casamento::...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** eu mandei umas duas vezes... pra lá::... porque veio errado::...

**AL 3:** ( )

**P:** ( ) só que daquela época::... ( ) há vinte cinco anos atrás...

**ALS:** ui::... ((risos))

**P:** ( ) eles faziam a matriz::... né?::... ( ) na tipografia::... né?::... então ( ) eles montavam aquela chapa pra fazer o/o:: convite::... e eu já sabendo disso::... eu fui lá com o cara::... e disse você vai mudar e eu vou olhar::... ( ) eu tive que co/que fazer::... ir duas vezes lá pra fazer correções::... porque ia::... estava errado lá no::...

**AL 2:** ((som incompreensível))

**P:** já pensou lá::... errado lá::... ( ) se formou em português::... é fajuta esse professor::... tá bom::... eu disse é... foi a::... foi a::... opinião de uma aluna que disse que era pra ficar errado assim::...

**ALS:** ((os alunos comentam que o horário da aula acabou))

**P:** já?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** deixa eu fazer a chamada aqui::... eu gosto desses alunos... ( ) eles são::... ATENtos::... ao HORÁRIO::...

### [P1 A3]

((Os alunos conversam antes do início da aula))

**P:** olha::... ( ) vamos olhar aqui::... o pronome o-blí-quo::... pode estar::... é::... ( ) então leia pra nós por favor::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** já::...

**AI1:** aonde?::...

**AI2:** no início::...

**P:** tá::... vai lá::...

**AI1:** "o pronome oblíquo pode está::..."

**P:** sim::... e aí::... primeiro ponto... primeiro pontinho::... ( )

**AI1:** "em relação ao verbo principal::... ( ) ((os alunos fazem muito barulho durante a leitura dificultando a compreensão do que está sendo lido))

**P:** EXEMPlo::... vamos jogar lá um exemplo::... logo lá::... eu quero::...

**AI3:** me casar::...

**P:** contar-lhe a verdade::...

**AI3:** ( )

**P:** a outra op/tá::... então::... ilustrando aí a::... ( ) eu quero contar-lhe aí::... verbo no infinitivo::... contar::... contar-lhe a verdade::... segundo pontinho::... G::... lê aí::...

**AIG.:** o segundo?::...

**P:** é::...

**AIG.:** pro::...

**P:** proclítico::...

**AIG.:** "proclítico ou enclítico::... em relação ao verbo auxiliar::..."

**P:** exemplo::... é o segundo terceiro exemplo lá::... eu li::...

**AI3:** ( )

**AIG.:** onde é?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** isso::... a segunda frase aí::... a segunda e a terceira::...

**AIG.:** ("eu quero lhe contar a verdade::... eu quero contar-lhe a verdade::...")

**P:** então olha::... em relação ao verbo::... principal::... é::... a norma culta diz que só pode::... vim depois dele::... ( )

**AI3:** ( )

**P:** agora se você:... olhar em relação ao verbo auxiliar:... ele pode vim no começo:... ou seja... antes do verbo:... eu lhe quero (contar a verdade)... ou enclítico em relação ao verbo auxiliar:... eu quero lhe contar a verdade:... resumo:... você pode utilizar da forma que você quiser né?... antes... durante... depois:... ((risos))

**AI4:** professor:... conjuga o verbo vir aí:...

**P:** verbo vir:... mas em que tempo que é:... presente... passado... futuro:...

**AI4:** presente... presente:...

**P:** ((o professor conjuga))

**AI4:** nós o que?:...

**P:** vimos:... é a mesma forma do verbo ver no passado né?:... olha nós vimos um acidente a pouco:...

**AI4:** legal... legal:... depois eu lhe pergunto outro:... ( )

**P:** se eu souber responder:... se não eu peço ajuda ao professor H:... se nós não soubermos:... a gente vai pesquisar ( )... agora é:... número três:... ( ) agora mesoclítico:...

**AID.:** "mesoclítico em relação ao verbo auxiliar:... ( )"

**P:** exemplo:... é o último:... tava ( ) no box:... amarelinho:...

**AID.:** ah tá?:...

**P:** a última frase:...

**AID.:** ter-lhe-ia:... é esse aqui é... ter-lhe-ia?:...

**P:** é:... ter-lhe-ia:...

**ALS:** ((comentários))

((alguns alunos chegam atrasados))

**AI4:** professor qual é a página?:...

**P:** trezentos e vinte e cinco:...

**ALS:** ((Comentários))

**P:** tá então:... ter-lhe-ia contado a verdade... se a soubesse:... não pode ser:... lhe teria contado a verdade se soubesse:... é:... teria lhe contado a verdade se soubesse:... e nem:... teria lhe contado:... a verdade se soubesse:... nem teria contado-lhe... esse que não aceita mesmo:... ( ) olha isso é a norma padrão:... tá?:... variedade padrão:... na variedade não padrão ( )... eu teria lhe contado:... teria lhe contado:... se eu soubesse:... agora na:... norma:... culta:... variedade padrão:... agora:... iniciando lá o segundo lá:... se houver:... fator:... ou motivo:... de próclise:... teremos:... olha qual é o fator de próclise:... são a:... o que tá bem aqui no box lilás:... aqui na:... na página:... trezentos e vinte e quatro:... tá?:... presença de pronomes:... e advérbios:... né?... é:... conjunções:... ( ) orações objetivas:... infinitivas:... infinitivo pessoal ( )... se houver:... o:... nós vamos/vai ter:... a:... vai ocorrer a próclise:... por exemplo:... eu quero:... contar-lhe a verdade:... ( ) eu quero lhe contar a verdade:... aí como é que ficaria aqui:... nesse caso?:...

**AI3:** como é?:... ( )

**P:** olha:... o "que" lá:... é pronome:... tá?:... ( ) a conjunção integrante:... faz parte do que eu quero dizer:... dizer o quê?:... né?:... diz que:... nem quero contar a verdade:... essa é a/a primeira possibilidade né?:... ou então:... ele foge:... e vai lá pra trás do verbo:... principal:... disse que quero contar-lhe:... a verdade:... ficou esquisito não ficou?:...

**Als:** ((comentários))

**P:** eu diria:... disse-me que quero:...

**AID.:** disse-me?:...

**AI3:** disse-me não:...

**P:** disse-lhe:... que quero contar a verdade:... agora olha o já:... o já é advérbio:... e ele é:... fator atrativo:... atrai:... o pronome oblíquo:... lhe pra perto dele:... já lhe estou contando a verdade:... ( ) já estou:... já lhe estou contando a verdade:... ou então:... já estou contando-lhe:... a verdade:... ou então:... com:: o verbo:... uma locução né?:... tinha contado a verdade:... já lhe tinha contado a verdade:... no caso aqui seria:... o tempo composto:... tá?:... isso aqui:... os outros são locuções:... estou contando:... que eu já lhe tinha contado a verdade:... alguém lê aqui no box:... lilás aqui do lado:... "construções brasileiras:..."

**AI5:** "são tipicamente brasileiras as construções:... em que:... os pronomes aparecem sobre os dois verbos:... como neste exemplo:... quero lhe falar:... tenho que falar:... tenho que lhe falar:... estou lhe falando:..."

**P:** ok:... então pra/é:... apresenta aqui uma construção:... tá:... a sintaxe aqui:... vai ser diferente:... certo?:... a maneira de combinar aqui na frase:... o brasileiro vai:... é:... vai colocar quero em vés de quero lhe falar:... ou quero falar-lhe:... no português diz eu quero falar-lhe:... ( ) tá?:... então:... no Brasil é/é/é:... o verbo ele:... ele fica:... entre os verbos e solto:... fazendo ( ) ao verbo falar falar falando:... exercícios:...

**AI4:** aonde?:...

**P:** é:... leia esta tira:... por que o:... os autores escreveram aí... leia ESTA tira?:... e não leia essa tira:... hein A.?:...

**AIA.:** acho que é porque é esta aqui:...

**ALS:** ((Risos e comentários))

**P:** é porque é/é realmente:... é porque a gente vai ler ESTA aqui embaixo:... se tivesse encima seria:... você leu essa:... passou:... você leu essa:... tá?:... olha sábado:... esse sábado:... passou:... este sábado:... essa aí a gente ainda não sabe:... ( )

**AI:** ( )

**P:** então lê lá:... na tira:...

**AIA.:** eu?:...

**ALS:** ((comentários))

P: leia ESTA tira:... ESTA tira:...

AIA.: (...)

ALS: ((risos))

P: muito bem lido A.:...

ALS: ((risos e comentários))

P: você:... arrasou:...

AIA.: tem que incorporar o personagem:...

P: lê de novo:... lê de novo:...

AI1: lê de novo A.:...

ALS: ((comentários))

P: ( ) olha:... é outro dia:...

AIA.: todo mundo já leu já professor:...

P: a plateia ( ) eles querem ouvir ( ) a mesma performance:...

AIA.: ( ) foi a minha última peça:... eu vou me aposentar:...

ALS: ((risos))

P: tá bom:... já que tu não quer lê:... vamo lá:...

AIA.: umbora... o senhor faz a mulher:...

ALS: ((risos))

P: vai lá:... mais faz com voz grossa aí:...

AIA.: a voz de quem?:...

P: do homem:...

AIA.:(...)

P: (...)

ALS: ((risos e aplausos))

AIA.: é nós professor:...

P: é verdade:... A. e A.:... não tem o Alberto Roberto:... nós é A. A.:...

ALS: ((risos))

P: ( ) mas eu já sei:... isso é fome:...

ALS: ((risos))

P: isso é automático:... mexeu com alguma tripinha lá:...

ALS: ((risos e comentários))

P: mas o camarada se assustou né?:... olha lá o:... ((refere-se ao personagem da tira humorística)) vamos exercer a atividade:... reescreva:... ( )

AI6: professor repete professor:...

P: reescreva só com um "e":... reescreva:... ( ) eu fui procurar lá no dicionário ( ):... não achei:... ( ) reescreva:... só com um "e":...

ALS: ((comentários))

P: será que foi o/o:... redator aí:... que ficou dormindo ( )...

ALS: ((comentários))

P: porque eu tô olhando agora aqui... nesse tá reescreva:... mas lá tá:... reescreva:... é pena que eu deixei (porque) o livro pesa:... e eu deixei:... ( )

ALS: ((comentários))

P: tá gente recreio:...

AI3: já?:...

## 2ª PARTE<sup>34</sup>

((Os alunos retornam do intervalo, conversam e fazem muito barulho. O professor retorna para sala de aula após 15 minutos))

P: ( ) bateu a campã?:...

ALS: ((risos))

AIG.: faz é tempo professor:...

ALS: ((comentários e risos))

P: ( ) sim agora vamos responder:... ( ) então... reescreva:... reescreva:... a frase do terceiro quadrinho:... empregando o pronome oblíquo átono "me":... em todas as posições possíveis:... na locução verbal:... (destaque) a mudança de acordo com a variedade padrão:...

ALS: ((comentários))

P: hein:... quais são as possibilidades?:...

ALS: ((comentários))

P: ela só estava me ajudando:... como é que ficaria?:... vamos mover o pronome aí:... me:... poderia ser:... ( ) ela só me estava ajudando:...

AIA.: ela só estava ajudando a apertar o espartilho:...

P: não... o "me" tem que está:...

ALS: ((comentários))

P: fale lá A.:...

AIA.: ela estava me ajudando a apertar o espartilho:...

<sup>34</sup> nomeamos de segunda parte a continuidade da aula depois de um intervalo

**P:** idiota não é:... ((risos)) tô brincando:... ((usa a mesma expressão da tira humorística))

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ( ) ela só estava me ajudando a apertar o espartilho:... aí ele falou o quê?::...

**AI3:** idiota::...

**P:** como é que ficaria?::... ela::... só... estava... ajudando... a apertar... o espartilho::... levando em consideração a locução estava::... ajudando::...

**AI7:** e professor pode ser assim::... ela só estava ajudando-me?::...

**P:** pode::... pode::... tá?::... ela só estava ajudando-me::... e outra possibilidade::... tem outras possibilidades::... ela só estava ajudando-me::... como poderia ser outra forma?::...

**AI7:** ela::...

**P:** só nessa/nessa expressão que eu tô dizendo::... ela::... só estava::... me ajudando::... né?::... ela só estava ajudando::... sim?::...

**AI6:** pode ser... ela só me estava ajudando?::...

**P:** pode::... é mais esquisito::... mais pode::... né?::... ela só me estava ajudando::... pode ser::... ainda tem outra possibilidade::...

**AI8:** não tô entendendo é nada::...

**P:** olha::... é a mesma como tá escrito aqui... mas você vai usar o hífen::... ela só estava-me::... ajudando::... tá vendo que esse daqui::... é uma construção brasileira::... ela só estava... meaju/ajudando::... uma construção coloquial::... popular::... o brasileiro usa::... mas na sintaxe portuguesa::... ( ) ela só estava-me::... com hífen::... estava-me ajudando::... ou::... ela só estava::... ajudando-me::... no Brasil::... ela só estava me ajudando::... tá?::...

**AI6:** e professor::... esse ajudando-me::... ( )

**P:** é::... se não fica ajudando:-me::...

**AIA:** ajudando-me::...

**P:** ajudando-me::... é ajudando-me::... ele faz parte (da própria) palavra::... mas ele é átono::... né?... ele não soa forte::... olha::... é por isso::... olha::... os pronomes átonos::... é por isso que::... por exemplo::... AMA-LÁ::... vou ama-lá::... aí não tem um acento no "a"?::... porque é oxítônica::... né?... por exemplo o lhe::... ele não tem::... ele não tem::... é::... acento próprio::... então ele não tem::... não é::... é::... a sílaba não é forte::... ela é átona::... ela não é tônica::... então::... prender-lhe::... olha::... aí prendê-lo::... SIM::... é número dois::... "reescreva::... as frases::... a seguir::... empregando os pronomes oblíquos átonos::... de acordo com as outras possibilidades de colocação próprias::... da variedade padrão::..."

**AI3:** por favor::... fale de novo::...

**P:** olhe::... a letra A::... M. (que chegou) atrasada::...

**AIM:** "vim mais cedo para os ajudar..."

**P:** brigado::... como seria a/a/a::... outra possibilidade::... lembre-se::... quando o "r" vai mudar pra "l" tá?::... olha::... "vim mais cedo para os ajudar::..." o pronome oblíquo ( ) tá proclítico::...

**AIA:** mais o exemplo tá no plural::... ((Diz ao mesmo tempo que o professor))

**P:** ahn?::...

**AIA:** tá no singular ou no plural o/o ajudar aí?::...

**P:** não::... o que o/o/o ajudar é vocês né?::... os ajudar::... vim mais cedo para os ajudar::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** não mais aí::... o/o/o lhe::... vai/vai::... vai fazer o verbo ficar::... no sentido direto::... mais aqui o verbo é transitivo direto::... quem ajuda... ajuda alguém::... então sempre vai ter o::... sempre::...

**AI6:** ajudá-los::...

**AIA:** ( ) os ajudar::... ((diz ao mesmo tempo que AI6))

**P:** ajudar::... agora como tá no plural::... ajudá-los::... ((diz ao mesmo tempo que AIA.)) certo?::... o fonema "r"::... ele::... muda::... para "l"::... questão de pronúncia::... vim mais cedo para::... ajudá-los::... mais aqui no Brasil::... vai falar::... muito tranquilamente dessa forma::... vim mais cedo para os ajudar::... B::... ((refere-se a letra B da questão)) é::... a::... D. lê pra gente a letra B aí::... "vai buscar Dalila::..." ((brinca cantando o refrão de uma música))

**ALS:** ((risos))

**AID:** ( )

**P:** brigado::... agora essa aqui::... pode notar::... que vocês vão ver::... será que é só uma opção?::... mais de uma opção::... duas ou mais opções?::... olha::... "por educação::... por educação::... você lhe devia ter cedido::... o lugar::..." quais são as possibilidades?::... olha::... você não pode trazer esse pronome mais pra frente::... né?::... ( ) então você só tem que empurrar pra lá::... com hífen ou sem hífen::... ( ) então vamo lá::... qual seria a primeira opção?::... você::... por/por educação você::...

**AI6:** devia-me::...

**P:** isso::... devia-LHE::... só uma palavra::... devia-lhe::... com hífen::... por/por educação::... você devia-lhe::... ter cedido o lugar::... outra possibilidade::... por educação::... você::... devia::... bem popular aí::... devia::...

**AI3:** ( )

**P:** é assim::... deixa eu tirar a frase::... por educação::... a/a parte que a gente vai olhar é essa::... ( ) a original é essa::... você lhe devia ter cedido o lugar::... aí a L. já construiu uma::... empurrando::... o pronome né?::... ( ) pra frente aqui na frase::... aí ficou assim::... por educação você... devia-lhe::... com hífen::... devia-lhe::... ter cedido o lugar::... ( ) já temos uma das possibilidades::... qual outra?::... R::... não o R. é lá na outra sala::...

**ALS:** ((risos))

**P:** R:.... é R.??:....

**ALS:** é:....

**P:** e aí R??:.... como é que é??:.... por educação você:.... lhe devia ter cedido o lugar:.... aí ela falou... por educação:.... você devia-lhe:.... ter cedido o lugar:.... ( ) vocês tão brincando aí de/de/de:.... como é o nome??:.... jogo da velha??:....

**AI3:** não nós estamos apenas debatendo:.... (os itens) do seu assunto:....

**ALS:** ((risos))

**P:** se alguém enforcar aí:.... já tá dizendo:.... beijo não beijo... beijo não beijo:....

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ah tá:....

**AI7:** não:.... quer vê aqui oh:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ela falou que era jogo da velha:.... não falou??:.... ( )...

**ALS:** ((comentários))

**AI7:** se eu quisesse beijar ( )...

**P:** não:.... mais é porque você é uma menina bonita:....

**ALS:** ((Comentários))

**P:** tá:.... ( )

**AIA:** só pelo nome já tá valendo não tá??:....

**ALS:** ((Risos e comentários))

**P:** vamo lá:.... J:.... ( )

**ALS:** ((comentários))

**P:** por educação:.... você lhe devia ter cedido o lugar:.... é a original:.... segunda opção:.... por educação:.... você devia-lhe:.... ter cedido o lugar:....

**AIJ:** ter cedido-lhe o lugar:....

**AI3:** não:....

**P:** você sabe que a única opção que pode:.... acontecer é:.... é cedido-lhe:....

**AIA:** cedido-lhe:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** porque:.... não existe:.... é:.... ênclise:.... quando o verbo está no particípio:.... amado:.... cedido:.... partido:.... né??:.... nunca vai o pronome:.... oblíquo vem depois do particípio:.... formando:.... por exemplo:.... a pessoa diz assim:.... eu tenho te amado muito:.... ele não pode dizer:.... amado-te:.... ( ) o particípio ele rejeita:.... essa colocação:.... ainda quer dizer né??:.... ((voz risonha)) o cara vai dizer assim:.... não acredito:.... levar esse furo todo:.... ((risos)) tá então:.... excluindo o que o A. falou:.... que ele disse assim mesmo é:.... por educação:.... você:.... devia ter cedido-lhe:.... o lugar:.... então lembre-se:.... não aceita tá??:.... cedido:.... contado:.... amado:.... brincado:.... partido:.... feito:.... fazido:....

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** pode crer A:.... você que está me olhando com seus olhos de longe:.... bem:.... ((Tudo isso é um pedido para que a aluna diga mais uma possibilidade de resposta))

**ALS:** ((comentários))

**AIA:** eu tô rouca:....

**P:** mas sim:.... tá rouca... mas não tá louca:.... ( )

**ALS:** ((risos))

**P:** G:.... dá pra:.... é:.... diz alguma coisa aí:.... D:.... o que você diria??:.... uma construção que poderia ser:.... mas nós temos uma:.... já:.... e uma que não é:.... que não pode ser nunca:.... tá?... o A... ele participou:.... mostrando uma construção que não é aceita:.... ( ) na norma:.... de acordo com a variedade padrão:.... na variedade não padrão ( ) pode até que dizer dessa forma:.... sim:.... G:.... tá na ponta da língua:.... que ela tá assim:.... ( )

**AI6:** humm:.... não sei como:.... eu já tentei todas as formas e ainda não encontrei nenhuma:....

**P:** vai empurrando pra frente:.... ( ) mas não tão pra frente:.... também peraí né?... porque:.... vai empurrando pra frente... empurrou tão pra frente que:....

**AI6:** professor:.... só pode usar "me"??:....

**P:** não:.... sempre vai ser o "lhe":....

**AI3:** entendeu:....

**AI6:** ah:.... então não compreendi professor:....

**P:** mas:.... ( )

**AIA:** mas sempre vai ter só o "lhe":.... ( )

**AI6:** o menino fez "lhe":.... o senhor disse que não pode:....

**P:** só o "lhe":.... que não dá:.... ((diz ao mesmo tempo que AI6.))

**AI6:** eh professor??:....

**P:** fale:....

**AI6:** ( )

**P:** ter-lhe??:.... tá certo:.... ter-lhe:.... essa é uma possibilidade né??:.... por educação:.... você devia TER-lhe:.... cedido o lugar:.... e tem uma forma que é:.... mais popular:.... essa forma ter-lhe:.... é uma forma:.... mais erudita:.... né?... erudita... ter-lhe:.... agora como você diria:.... se você:.... fosse falar:.... essa mesma frase??:.... aí:.... com o pronome nesse mesmo lugar:.... você teria que mudar uma coisinha só:.... a pronúncia mudaria:....

pouca coisa:... ( ) como é que ficaria?:... por educação:... você:... devia:... ter:... o lugar... cedido o lugar:... (comparar) com ter-lhe cedido o lugar:... ter-lhe:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** hein?:...

**AI6:** tê-lo não?:...

**P:** não:... o lhe tem que ser:... é o lhe sempre:... não é tê-lo:... ( ) é o lhe:... pronome:... ( )

**AI6:** podia... ter... lhe cedido o lugar:...

**P:** como é que é?:...

**AI6:** ter lhe cedido:...

**P:** não fofinha:... tem outro:... olha só:... ( ) a opção original é essa aqui:... a frase original:... por educação você LHE devia ter cedido o lugar:... por educação:... segunda frase:... você devia-lhe:... ter cedido... o lugar:... foi o que ela falou:... depois ela falou também:... por educação:... você:... devia:... ter-lhe:... cedido o lugar:... e essa última:... que nós falamos... que ela falou:... ela pode ter:... uma outra/uma pronúncia ( )... ela vai ter que tirar uma coisinha só:... e vai mudar a pronúncia:... a ênfase só:... o que você tiraria daqui?:... o hífen:... tira o hífen:... ficaria assim:... por educação:... você devia ter:... LHE:... cedido o lugar:... né?:... ter lhe:... ter:... lhe:... cedido o lugar:... ou ter lhe cedido o lugar:... é o que mais comumente eles falam:... sabias?:... sabias G.?:...

**AI6:** sabia:... então é:... só não pode ser cedido-lhe:... tá?:... ouviste A.?:... isso aí vai dá namoro:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** não mais não é óbvio:... não tem Deus do céu não:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** é... esse negócio de ter encostado:... fazido:... depois (tá assim) batendo a mão:... ((professor esfrega uma mão na outra)) ( ) mas olha:... ( ) ela é uma boa jovem:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ela escuta:... é uma jovem "bundibunda":...

**ALS:** ((risos))

**P:** ( ) "bundibunda" é recatada:... e "bundico" é:... um rapaz distinto né?... sério:... não é leviano:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá:... letra C:... O. tua voz já limpou agora:... você:...

**AIO.:** já:...

**P:** letra C:...

**AIO.:** é pra lê é professor?:...

**P:** é:...

**ALO.:** "os presos se tinham revoltado contra o diretor:..."

**P:** é uma forma que a gente... dificilmente vai falar né?:... mas é certo... os presos se tinham revoltado contra o diretor:...

**AI6:** nome esquisito né?:...

**AI6/AI6:** eu falaria tinham se revoltado:...

**P:** agora:... né?:... os presos:... tinham se:... tinham se:...

**AI6:** os presos tinham se revoltado contra o diretor:...

**P:** olha:... é... os autores aqui só deram essa opção:... mas:... eu diria que eu podia dizer assim mesmo:... os presos tinham... se revoltado contra o diretor:... não é possível pessoal?:... é:... e:... é a forma bem brasileira... de se revoltar:... agora lê a forma/a única que não pode:...

**AI6:** não tá aí não?:...

**P:** é depois do verbo aí?:... revoltado-se:... porque é participio:... a minha forma de:... é:... é/é de ser dito:... ( ) revoltado:... participio do verbo revoltar:... então:... o que estaria completamente desacordo:... né?... com a norma padrão:... e até na variedade não padrão não se usa:... seria:... os presos tinham revoltado-se... contra o diretor:... pode ser que alguém muito erudito né?:... é:... utilize essa construção aí:... mas:... ( ) não é aceitável:... eu não sei se por causa da eufonia:... questão do som:... do bom som:... aliás isso seria cacofonia né?:... ( ) mal som:... ( ) mas eu acho:... mas eu gostei dessa atitude viu:... louvável:... primeira pessoa que eu vejo que joga:... erra o cesto:... e vem pra encestar:... porque os outros jogam:... escondem a mão:... ((fala isso a um aluno que jogou o papel e errou o cesto, mas foi juntar))

**ALS:** ((comentários))

**P:** nota dez:... é:... letra D:... D de doida:...

**ALS:** ((risos))

**AIA.:** que é professor?:...

**P:** letra D:... quem gostaria de ler aí?:...

**AI3:** A:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( )

**AI7:** qual é professor?:...

**P:** a letra D:...

**AI7:** segunda questão?:...

**P:** da segunda questão:... página duzentos e vinte e seis:...

**AI7:** "quero lhe enviar imediatamente os recibos do aluguel:..."

**P:** você leu duma forma:... como é que você leu aí?:...

**AI3:** manda ela lê de novo:...

**P:** só a primeira parte:... até o enviar:...

**AI7:** quero lhe enviar:... imediatamente:... os recibos do aluguel:...

**P:** tá:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha:... qual seria a outra possibilidade:... lhe quero enviar não pode... porque a gente sabe que:... a língua:... a língua::/variedade padrão:... a norma culta:... ela repele:... essa construção que você começa com o pronome:... na linguagem coloquial não:... ( )

**ALS:** ((comentários))

**P:** qual seria a possibilidade:... M.?:... ( ) só em relação ao/ao quero lhe enviar:... qual seria outra construção:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** você não quer enviar-lhe não?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** como é que seria?:...

**AIM.:** sei não professor:...

**P:** mas você falou aí:... ( ) provavelmente você esteja certa:... fale lá:... G. .... outra forma de você dizer a frase:...

**AIG.:** quero enviar-lhe:... imediatamente os recibos:...

**P:** certo:... quero enviar-lhe:... certo:... quero enviar:... tracinho hífen lhe:... quero enviar-lhe:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** não tem outra possibilidade:... você não pode dizer:... lhe quero enviar:... ( ) letra D:...

**AI7:** letra E:...

**P:** letra E:... ou letra Ê:... qualquer uma das duas tão certas tá gente:... ( )

**ALS:** ((comentários))

**AI7:** não:... não é letra Ê:... é letra E:...

**P:** letra Ê:...

**AI7:** letra E:...

**AIA.:** vão brigar agora:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ( ) mas foi bom você falar dessa forma:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) ela pode ser pronunciada:... de duas formas:... como fonema E:... ((som fechado)) ( ) ou com o fonema E:... ((som aberto)) ( ) então:...

**AIA.:** mané:...

**ALS:** ((risos))

**P:** ( ) tá legal?:... infelizmente deveria ter duas letras:... para representar cada fonema:... ( )

**AIA.:** acabou a melhor aula do mundo:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**AIA.:** me desculpa professor... me desculpa:...

**AIG.:** acabou:...

**P:** ( ) "por acaso você está se referindo a minha última viagem?:..."

**AIA.:** por acaso você refere-se a minha última viagem?:...

**P:** mas aí você mudou a/a frase:... porque a frase é uma locução verbal:... está se referindo:...

**AIA.:** certo:...

**P:** está referindo:... não pode mudar isso:... você pode mudar o pronome:...

**ALS:** ((comentários))

**AI6:** referindo-se:...

**P:** certo:... referindo-se:... por acaso você está referindo-se:... a minha última viagem?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** e se fosse referido?:... caberia lá atrás?:... por exemplo... por acaso:... não... eu estou me:... referindo:... a última viagem:... daria eu estou referindo-me?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá vendo?:... ( ) referido:... referido... não pode:...

**ALA.:** o referido está sendo culpado:... ((os alunos estão muito agitados, pois se aproxima o horário da saída))

#### [P1 A4]

((Os alunos conversam enquanto o professor não inicia a aula))

**P:** olha:... página cento e setenta:... e:: dois:...

**AL1:** ninguém trouxe o livro não professor:...

**P:** cento e setenta e dois:... o advérbio:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** página cento e setenta e dois:... advérbio:... (vocês) não gostariam de chegar mais pra frente:... que tá mais quentinho:...

**AL1:** aí não é mais frio é não?:...

**P:** não:... não tá frio aqui não:...

**AL2:** professor libera mais cedo que tá cho-ven-do:...

AL3: é verdade professor:....  
P: e/e não está chovendo?:....  
AL2: tá chovendo:....  
AL3: vai chover mais grosso:....  
AL2: aí eu não posso pegar chuva:.... se não eu vou adoecer:....  
ALS: ((risos))  
P: mas não te afoba não:.... a gente arruma aquele guarda-chuva ali oh:.... aquela parabólica ali:....  
AL2: da S.?:....  
AL4: teu guarda-chuva S.:....  
P: mas a S./os dois vão juntinhos aí:....  
ALS.: não:.... ((comentários))  
P: ela te leva/ela te leva até a sua casa:....  
ALS: ((comentários))  
ALS.: caminhos diferentes entendeu?:....  
P: página cento e setenta e dois:....  
AL1: não trouxe livro:.... ( )  
P: a L. também não trouxe livro:.... não foi L.?:....  
ALL.: não:....  
P: mas gente existe sempre um recurso quando chove:.... a gente pega é:.... sacola plástica:.... um saco plástico bonito:.... coloca dentro:.... ainda usa na cabeça:.... ((refere-se ao livro didático)) tranquilo:.... chega aqui só:.... tira:....  
((entram dois alunos que estavam jogando ping-pong no pátio da escola))  
ALS: ((comentários))  
P: ah:.... lá na frente?:....  
ALS: ((comentários))  
P: ah sim:.... é ping-pong né?:....  
ALS: ((comentários))  
P: qual é o certo:.... é ping-pong ou tênis de mesa?:....  
AL3: ping-pong professor:....  
AL5: é tênis de mesa:....  
P: big-bol ou chiclete?:....  
AL2: chiclete:....  
ALS: ((comentários))  
AL3: não é big-big não?:....  
ALS: ((risos e comentários))  
P: big-bol ou big-big?:.... é ping-pong ou tênis de mesa?:....  
AI6: tênis-pong:....  
ALS: ((comentários))  
P: ( ) existe as duas palavras?:.... tênis de mesa e:.... é:.... ping-pong?:....  
ALS: ((comentários))  
P: existem as duas palavras?:.... existe F.?:....  
((duas alunas se despedem e saem da sala))  
ALF.: não:....  
P: existe:.... existem as duas palavras ping-pong e tênis de mesa?:....  
AL2: como assim eu não entendi:....  
P: não:.... se as duas palavras ping-pong e tênis de mesa?:....  
AL1: existe:....  
P: existem ou não existem?:....  
AL1: existe:....  
ALS: existe:....  
P: qual é a diferença entre as duas?:.... ping-pong e tênis de mesa é a mesma coisa?:.... ou são coisas diferentes?:....  
AL1: é a mesma coisa ( ) não é não?:....  
P: tu tá perguntando ou respondendo?:....  
AL1: tô respondendo:....  
P: tá certo:.... ( ) são a mesma coisa:.... agora:.... por quê?:.... é:.... qual a diferença?:.... são a mesma coisa né?:.... mas qual a diferença?:.... no termo das palavras?:.... ping-pong e tênis de mesa:....  
ALS: ((comentários))  
AL3: é a forma contraída de:.... tênis de mesa:....  
P: ah é:.... então que dizer:.... a forma que eles dão é a ping-ling-pon-long?:.... aí ficou ping-pong?:.... ( ) é a forma contraída que cê tem:.... de ping-lin-ling-pon-long:.... aí ele disse ah vamos chamar de ping-pong:....  
AI1: porque chamaram ping-pong antigamente:....  
P: não:.... é:.... deixa eu dá uma dica pra vocês:....  
AL4: ( )  
P: isso:.... olha:.... ele já:.... sacou ali:....  
ALS: ((comentários))  
P: isso:.... ping-pong:.... ping:.... pong:.... bem-te-vi é o nome da/da/do passarinho?:....

**AL:** é:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** bem-te-vi é o nome do pássaro?:...

**ALS:** não:...

**P:** não:.... eu não sei como é o nome do/do:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** é:.... bem-te-vi:....

**AI3:** como é o nome dele?:....

**ALS:** ((comentários))

**AI3:** passarinho nome dele:....

**P:** eu não sei como é o nome:.... vocês sabem como é o nome do bem-te-vi?:....

**AI4:** é bem-te-vi:....

**P:** não não:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** o nome científico dele:....

**ALS:** não:....

**P:** olha:.... o nome científico de ping-pong é tênis de mesa:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** é oficial:.... tênis de mesa:.... daquela ave amarela:.... que canta bem-te-vi?:....

**AI3:** ninguém sabe:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** eu eu:.... eu também não sei não:.... mas deve ter um nome:.... agora bem-te-vi é... nós chamamos:.... quando nós é:.... dizemos assim mesmo:.... então:.... a menina:.... foi correndo:.... e pulou no garapé:.... tibum:.... como é que nós chamamos:.... pra imitação escrita do som?:.... escreve lá tibum:....

**AI3:** tibum:....

**P:** o americano escuta *splash*:.... é verdade:.... *splash* quando alguém cai na água:.... nós dizemos tibum:.... mas eles escutam *splash*:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ele falou ainda agora:.... ping-pong:.... e o passarinho que faz bem-te-vi:.... bem-te-vi:.... é uma figura de linguagem:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha:.... a prosopopeia:.... nós temos a prosopopeia:.... que é a imitação:.... ((Uma aluna interrompe a explicação para pedir licença, pois quer sair da sala)) ( ) hei P. lembra o que é uma prosopopeia?:....

**AIP.:** sei:.... é uma:.... exagerada:....

**P:** não isso é uma hipérbole:.... hipérbole:.... prosopopeia:.... é quando você dá vida a seres inanimados:.... você dá qualidades humanas:.... você diz que o vento acariciava:.... o cabelo da donzela:.... o vento acariciava:.... ele não tem mãos:.... aí você tá dando vida ao vento:.... né?:.... personificando:.... então a gente pode dizer prosopopeia ou personificação:.... mas quando a gente imita o som:.... alguém veio à porta e bateu:.... toc-toc:....

**AI3:** toc-toc:....

**P:** o relógio faz tic-tac-tic-tac:.... então imitação do som:.... como é que nós chamamos essa figura de linguagem?:.... é parecido com prosopopeia:....

**AI1:** é:....

**P:** termina com peia:....

**AI1:** termina com peia professor?:....

**P:** termina:....

**ALS:** ((comentários))

**AI3:** onomatopeia:....

**P:** certo:.... quem falou:....

**AI1:** T:....

**P:** certo T:.... o-no-ma-to-peia:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** onomatopeia:.... bem-te-vi:.... ping-pong:.... são onomatopeias:.... tá?:.... tibum:.... toc-toc:.... fon-fon:....

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ok:.... então nós vamos pra página aqui:.... as palavras:.... olha "conceituando:...." ((refere-se ao título da sessão do livro didático)) "as palavras que se referem principalmente:...." ((o professor interrompe a leitura sem dar nenhuma explicação aos alunos))

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha o exe/é:.... a questão número quatro:.... ele tem um exercício muito interessante:.... viu E:....

**AI1:** T:....

**P:** T:.... ( )

**AI3:** C:....

**P:** C:.... ( ) você vai preencher com palavras aqui:.... qualquer palavra ( )... preenche aqui:....

**AI6:** qual é a página professor:....

**P:** página cento e setenta e dois:.... exercício número quatro:.... "transpondo:.... a linguagem visual:.... para linguagem verbal:...." a visual é desse quadro aqui olha:.... aonde tem uma:.... uma mulher:.... uma criança:.... é um quadro de Monet:.... e o nome do quadro é:.... ( ) eu acho que é São Lázaro né?:.... é estação rodoviária São Lázaro:.... ( ) quase não dá pra vocês verem né?:.... aqui olha:....

**ALS:** não:...

**P:** aqui:... olha:... ((tenta mostrar aos alunos que estão sem o livro)) o nome do quadro é:... ( ) ((diz o nome do quadro em francês)) estação rodoviária:... São:... Lázaro:... aqui:... tá vendo:... aí dá pra olhar:... mostra pra eles aí:... oh/oh/oh T:... a:... o quadro:... a pintura:... isso é uma estação rodoviária chamada São Lázaro:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** muito bem:... então agora na questão:... você vai preencher:... tá?:... você vai preencher essas lacunas com pedidos:... diz assim oh:... uma mo-ça:... e uma menina:... es-tão:... lugar:... cite um lugar aí:... estão?:...

**AI7:** na praia:...

**P:** onde?:... na praia:... mas só que ele manda:... no caso seria pra olhar aqui né?:... não tem praia aqui:... tá?:...

**AI3:** na praça:...

**P:** na praça:... ( ) é:... tempo:... na praça é lugar:... tempo:... uma moça e uma menina estão:... na praça:... tempo:...

**AI1:** chuvoso:...

**P:** não:... tu vais colocar uma palavra:... que significa tempo:... chuvoso se refere a chuva:... tempo... como hoje... amanhã... ( ) ontem:...

**AI6:** nublado:...

**P:** quarta-feira:... domingo:... uma/uma moça e uma menina estão:... no lugar:... aí estão na praça:... numa praça:... aí tempo:...

**AI6:** ontem:...

**P:** estão numa praça ontem?:... não dá:... estão numa praça?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** certo:... dia seis:... né?:... mas só aqui:... estão tá no presente:... estão numa praça:... pela manhã:... a moça está sentada:... encostada:... onde?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá:... no banco:... o cãozinho do homem:... agora olha o lugar:... onde ele mora... onde dorme... ( ) o cãozinho dorme?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** deitado:... e agora:... lugar:... no chão?:...

**ALS:** no chão:...

**P:** tá:... dorme:... o cãozinho dorme deitado no chão:... ( ) o cãozinho dorme tranquilamente no chão:... ela veste um vestido azul:... tem uma ga/gargantilha preta:... lugar?:...

**AI3:** no pescoço:...

**P:** no pescoço:... no chapéu também preto:... seus cabelos ruivos caem:... modo e lugar:... tá caem:... de que maneira:... em que lugar:... os seus cabelos:... ruivos:... caem:...

**AI3:** ( )

**P:** caem:...

**ALS:** no pescoço:...

**P:** no pescoço né?:... no seu colo:... ah não:... no seu colo seria o cachorro:...

**AI3:** é:...

**P:** ele tá no seu colo:... é:... no ombro:... e:... modo?:... no ombro é no lugar:... modo?:... podia ser ternamente:... podia ser:... cai o cabelos:... de que modos os cabelos caem no ombro:...

**AI4:** suave:...

**P:** suavemente:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** suavemente:... tranquilamente:...

**AI:** rapidamente:...

**P:** aí:... fala lá:... ela traz:... a mulher né?:... a mulher traz:... lugar?:... um livro aberto:... a mulher traz:...

**AI:** na bolsa:... ((risos))

**P:** ( )

**ALS:** ((comentários))

**AI3:** no braço:...

**P:** no braço:... é:... no braço:... na perna:... nos braços... nas mãos:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** a menina está:...

**AI3:** sentada:...

**P:** modo?:... sentada:... não:... é:... aí seria a menina está:... é:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** (deitada):... e olha:... modo?:...

**AI3:** rapidamente:...

**P:** rapidamente para cena:... agora lugar:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** a cena:... da rua:... a/atrás das grades:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** atrás das grades:... ah tá:... muito bem:... agora:... essas palavras:... ou são advérbios ou são locuções adverbiais:... quando é só uma palavra:... ela é um advérbio:... quando:... são duas:... ou mais palavras:... vão

formar uma locução:... adverbial:... vamos lá:... "as palavras que se referem principalmente:... ao verbo:... dando ideia de lugar tempo modo causa:... etcetera:... são chamadas de advérbio:... então vamos definir o que é advérbio:..."

**AI3:** "advérbio é a palavra que indica:... as circunstâncias em que se dá a ação verbal:..."

**P:** muito bem:... tá:... o advérbio é a palavra que indica:... é a palavra que indica:... as circunstâncias em que se dá:... a ação verbal:... aí fala lá:... "o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio denomina-se:... adjunto adverbial:..." eu acho que eles erraram aqui:... devia ser locução adverbial:...

**AI3:** verdade:...

**P:** "o conjunto de duas ou mais palavras que tem o valor de um advérbio... denomina-se?..." ah:... mas é porque ele tá olhando aqui no/no ponto de vista:... é:... sintático:... da relação:... é... essas palavras elas... a gente não vai dizer:... é um advérbio:... como ontem... hoje... tá?... aí:... quando aparecer a palavra ( )... é:... todos os dias ele vem aqui:... diariamente ele vem aqui:... é um advérbio:... tá?... ( ) quando a gente diz:... todos os dias ele vem aqui:... aí nós temos uma:... é um adjunto adverbial:... porque um pode substituir o outro:... tá?... e/exemplo:... "as crianças:..."

**AI3:** ( )

**P:** "as crianças junta/juntam os restos de feira:... entre risos e gritos:..." veja a palavra... a expressão destacada:... entre risos e gritos:... isso seria um advérbio ou:... uma:... ou um adjunto adverbial?...

**AI6:** um adjunto adverbial:...

**P:** adjunto adverbial:... porque é mais de uma palavra:... e também a locução adverbial:... é:... são duas ou mais palavras:... eu vou lá às vezes:... é:... eu vou lá de quando em quando:... de vez em quando:... aí você tem:... uma:... locução adverbial:... duas ou mais palavras:... "valores semânticos dos advérbios e das locuções adverbiais:... os advérbios e as locuções adverbiais:... são classificadas de acordo com seu valor semântico:... ou seja com o sentido dele dentro do:... texto:... dentro do seu contexto próprio:... isto é:... com o sentido que apresenta:... ou as circunstâncias que indicam:... alguns dos valores semânticos dos advérbios:... e das locuções adverbiais são estes:... de tempo:..." veja lá de tempo:...

**AI3:** ontem:...

**P:** ontem:...

**AI3:** hoje... agora... antes... depois:...

**P:** pode ser:... depois de amanhã:... né?... anteontem:... é:... tem o valor de tempo:... e modo?...

**AI3:** bem... mal... assim... ( )

**P:** "e todos os advérbios/quase todos os advérbios terminados em:... mente:... como por exemplo:... felizmente:... suavemente:... semanalmente:... saiu repentinamente da reunião:... e não se justificou:..." alguns advérbios de lugar:...

**AI3:** aqui... ali... lá... abaixo... acima... longe... fora... dentro:...

**P:** tá?... um exemplo:...

**AI3:** ( ) ((leu o exemplo do livro, mas o som é incompreensível))

**P:** ok:... tá vendo perto ali:... ( ) dúvida?...

**AI3:** possivelmente:... qui-ça:...

**P:** quiçá:... a gente quase não usa esse quiçá:... mas significa:... ( ) por ventura:... talvez:... talvez chegue a tempo:... ( ) o talvez da... frase:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** dúvida?... quais são as dúvidas aqui?... são três aqui:... possivelmente:... por ventura:... e quiçá:... talvez:... chegue a tempo pra assistir ao casamento:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) afirmação:... possivelmente:... quiçá:... dúvida:... talvez chegue a tempo:... para assistir ao casamento:... e afirmação?...

**ALS:** ((comentários)) ((os alunos respondem ao mesmo tempo))

**P:** leia o exemplo:...

**AI3:** ( )

**P:** negação:...

**AI3:** não... nem... nunca... ( )

**P:** exemplo:...

**AI3:** "ela não está bem... falo de hoje:..."

**P:** ok:... tá:... tem uma:... uma observação que diz... além de ter valores semânticos:... as locuções verbais:... adverbiais:... podem ficar em outras circunstâncias:... como assunto:... companhia:... vejam os exemplos:... "a conferência falou sobre literatura brasileira:... foi ao teatro com os amigos:... só sairá da escola:... com autorização:... fez o edifício:... conforme o projeto:... projeto:... ( ) preparou-se com eles:..." tá?... agora encima lá na tira:... tá:... o assunto:... em cima da tirinha:... ( ) diz assim... "e o sol vai nascer no Leste e vai se pôr no Oeste:..." aí:... por que não ao contrário?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** sei lá:... pra falar a verdade:... por sugestão é:... das samambaias:... "a função sintática do advérbio:... o advérbio é ( )... desempenha na frase:... a função de adjunto adverbial:... classificando-se de acordo:... com as circunstâncias que:... acrescentam algo ( )... ao adjetivo ( ) ou ao advérbio:... exemplo:... meio tonta:... deixou-se cair na cama:..." qual seria o advérbio aí?... meio ou tonta?...

**AI3:** meio:...

**P:** meio é numeral:... meio tonta:...

**AI3:** tonta:...

**P:** tonta?:::...

**AI3:** tonta:::... porque:::... ( ) ((um aluno chega ao final da aula e os outros alunos comentam sobre a chegada dele e interrompem a justificativa do AI3))

**P:** tá meio tonta:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha meio tonta:::... o advérbio é meio:::... meio:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** vocês sabem que:::... tem uma grande confusão no uso do meio:::...

**AI3:** é:::...

**P:** tem:::... porque ele pode ser numeral:::... quando é metade:::... olha eu quero:::... meia melancia:::... tá?:::... aí depois você corta meio melão:::... pra eu comer com meio limão:::... então meio:::... ele varia:::... quando ele é:::... numeral:::... meio e meia:::... né?... aí eu digo olha:::... nós devíamos cortar essa porta:::... ao meio:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** agora quando:::... meio é advérbio:::... ele não varia:::... é sempre meio:::... a dificuldade maior se dá:::... quando a gente vai fazer:::... a concordância do meio com:::... o adjetivo:::... por exemplo:::... né?:::... eu digo assim mesmo:::... a S:::... é:::... ficou meio tonta ou meia tonta?:::...

**AI6:** meio:::...

**P:** a S. levou uma bolada no rosto:::... ficou meio tonta ou meia tonta?:::...

**AI6:** meia:::...

**ALS:** meia tonta:::...

**P:** meio tonta:::... meia tonta:::... qual é a metade da S. que ficou tonta?:::...

**ALS:** ((comentários))

**ALS:** a cabeça:::...

**P:** ( ) meia é a metade:::...

**ALS:** meio:::...

**P:** meio:::... significa um pouco:::... um tanto:::... mais o menos:::... aí você usa a palavra:::... meio:::... né?:::... quando você vai fazer com o masculino não tem problema:::... porque sempre vai ser meio:::... né?:::... olha ele está muito cansado:::... mas ela está meio cansada:::... né?:::... o M. está:::... meio perto:::...

**AIM:** desta meia:::...

**ALS:** ((comentários))

## [P2 A1]

((o professor fez algumas considerações acerca dos tipos textuais, antes de iniciar a aula. Discutiu sobre o perfil das instituições de ensino superior com relação às propostas de produção textual na prova do vestibular))

**P:** ( ) agora vem no ENEM e na UEPA pede... sempre texto dissertativo:::... eles são meios conservadores nisso aí... agora:::... as universidades particuLares:::... aí já muda um pouco:::... já pede narração:::... é:::... descrição é difícil mas pode acontecer:::... né?... que a descrição geralmente ela tá dentro da narração:::... tá dentro da narração... ( ) as instituições públicas:::... é dissertação:::... agora as particulares não... já:::... já:::... mudou um pouco... geralmente a UFRA teve ano que deixou duas:::... ou a dissertação ou a narração... o aluno tinha que escolher:::... tinha duas propostas:::... aí o cara faz a que ele tem mais facilidade... né?...

((um aluno pergunta sobre algo que o professor havia prometido. o som é incompreensível. só entendi quando o professor disse que trará na próxima aula. Depois continuam conversando enquanto os outros chegam com as cópias do texto que será utilizado para a aula.))

**P:** bem turma:::... é:::... ((alguns alunos chegam com o texto. os que estavam na sala param de conversar)) vamos trabalhar:::... você faria isso:::?... e:::... ( ) escrever é prática:::... a gente não aprende a escrever:::... olhando o outro escrever:::... a gente aprende escrever escrevendo:::... tá:::?... é:::... como os padeiros mesmo... é::: mão na massa:::... não tem jeito:::... um bom/um bom escritor:::... um bom produtor de texto:::... é aquele cara que LÊ... muito:::... e escreve muito também:::... se você observar... essa já é a terceira ou quarta proposta de redação:::... então:::... é:::... já trabalhei com alunos que chegaram no terceiro ano:::... disseram que fizeram... viu professor H... uma redação... quantas redações vocês fizeram até hoje:::?... uma:::... no terceiro ano... uma redação:::... e:::... mais o professor de português tem uma tarefa ingrata:::... porque:::... o português... o conteúdo... -- não desmerecendo as outras disciplinas ...- o português também... tem a parte da gramática... tem a parte da literatura... e tem a parte da produção de texto... e/e isso só prum... professor:::... só praquele tanto de aula:::... fica um pouco:::/difícil trabalhar tudo isso:::... então é:::... por isso que às vezes chega isso aí o aluno no terceiro ano fez uma redação:::... nós já estamos fazendo a quarta esse ano:::...

**AL 1:** é a terceira:::...

**P:** é:::... claro ainda pu/ainda não devolvi algumas:::... porque corrigir redação não é fácil:::... mas o importante é escrever:::... claro que se tiver alguém para orientar::: é melhor ainda:::... mas o importante é escrever:::... aí eu tenho certeza que quando vocês chegarem LÁ no terceiro ano:::... no final do terceiro ano:::... claro que ainda pode ter dificuldades:::... mas conforme você for praticando vai diminuindo:::... essas dificuldades:::... eu trouxe hoje aqui:::... uma proPOSta:::... que foi a proposta da UFPA de 2006:::... tá?... é:::... “o que você faria:::... se hoje fosse seu último dia de vida:::?...” vocês já pensa/pararam pra pensar nisso:::?...

**AL 1:** no meu último dia:::?...

**P:** sim:::... se aparecesse DEus:::... ou:::... sei lá::: o diaBO::: sei lá quem::: ((os alunos dão gargalhadas)) aparecesse assim::: olha:::... aqui/agora:::... pra vocês assim:::/depois dessa aula... olha:::... só resta/você só tem:::... esse dia:::... só resta esse dia pra você:::... o que você:::... o que você faria:::?... olha:::...

**AL 1:** assistiria o big brother:....

((os alunos riem))

**P:** esse verso que tem aqui: tá vendo:?... “é seu último dia:....” olha:....

((um aluno faz um comentário, mas, devido o barulho, não dá para entender.))

**P:** ( ) uma das coisas que eu falei logo no começo é ler com atenção a proposta:.... não é o último dia pra todo mundo:.... não é o mundo que vai acabar:.... a proposta (é) o que você faria se fosse o SEU: último dia:....

**AL 2:** ah:: tá:....

**P:** tem pessoas que escrevem:.... ah:.... eu faria não sei o quê:.... como se o mundo todo fosse se acabar:.... não é:.... é como se fosse o seu último dia de vida:.... o que você faria:?... se hoje... só te restasse esse dia:.... e:.... é:.... a proposta traz uma música do Paulinho Mosca:.... não sei se vocês lembram dessa (música)... ((o professor canta e os alunos riem))

**ALS:** não... não:.... não... não:.... ((risos))

**P:** e a intenção aí:.... viu turma:?... você vai dizer o que você faria:.... e o mais importante é:: justificar:.... porque você faria isso:.... ah:.... eu ia à igreja... ia rezar:.... esperar a hora da morte:.... você/você tem que justificar porque você faria isso:.... entendeu?... ele dá um exemplo aqui na proposta:.... olha:.... ((um aluno faz um observação, mas o som é incompreensível))

**AL 1:** professor:.... como é ( ) aí:?... ((O som é incompreensível. Pela resposta do professor dá para supor a pergunta do aluno.))

**P:** é:.... você pode escrever de duas maneiras... em verso:.... em prosa:.... o em verso:.... é em forma de poema:.... que tem ritmo... musicalIDADE:.... sonorIDADE:.... Rima:.... um texto em verso:.... o texto em prosa é esse como nós estamos habituados: a escrever:.... é como nós falamos:.... ninguém fala rimando por aí: pelo menos não:.... normalmente:.... esse é um texto em prosa:.... como você escreve:.... como tá escrito/oh: a música é em verso:.... ((mostra o musipoema de Paulinho Mosca.)) essa canção é em verso:.... agora quando você virar um pouco o texto lá:.... o seu:.... tem vários textos: em prosa:.... tem ponto parágrafo... ponto em seguida:.... tá:?... vamos lá:.... tem um espaço aqui olha:.... eu SUGiro:.... sugestão:.... que não façam nesse espaço:.... faz na folha da redação:.... a folha da redação que dei pra vocês:.... tá:?... eu sugiro que seja na folha da redação:.... que tá liberado lá:.... mas:.... principalmente porque vocês o outro texto tá na costa... então esse texto é para vocês leem: então é bom/ é preciso guardar:.... mas quem quiser fazer aqui também:.... fica a critério de vocês:.... vamo lá:.... ((prepara-se para iniciar a leitura do texto que servirá de base para produção textual)) “o último dia:....” Paulinho Mosca e ( )... “meu amor:.... o que você faria... se só te restasse esse dia:.... se o mundo fosse acabar:.... me diz:.... o que você faria:?... ia manter sua agenda:?... de almoço:.... ódio e apatia:....” ou seja você faria as mesmas coisas que está acostumado a fazer:?...

**AL 3:** não:....

**P:** se fosse seu último dia hoje:?... “ou ia esperar os seus amigos:.... na sua sala vazia:?...” ia chamar os amigos pra uma reuniãozinha:.... “corria pro shopping center:.... ou pra uma academia:?... pra ser/prá se esquecer:.... que não dá tempo:.... pro tempo que já se perdia:.... andava pelado na chuva:?... ( ) corria no meio da rua:?...” fariam isso:?... “entrava de roupa no mar:?...” com celular e tudo:?... “trepava sem camisinha:?...” oba:.... ((A turma se agita; risos e comentários...)) “abria a porta do hospício:?... trancava a da delegacia:?... ( ) parava o tráfego e ria:?...” olha a canção mostra:.... possíveis respostas pra pergunta:.... né:?... tipo assim... o que é que você faria:?... andava pelado na rua:?... andava no mar:.... de roupa:?... possíveis respostas... mas: o que interessa é a de vocês aí:.... o que você faria:?... e justificar:.... quer vê vamos ver aqui:.... “conforme revela o texto 'o último dia'... há diferentes respostas... que uma pessoa poderia dar a pergunta:.... o que você faria se só te restasse esse dia:?... imaginem que também lhe fizesse essa pergunta:.... e escrevam um texto em prosa:.... em que você expresse sua resposta:.... justificando-A:.... com argumentos con-sis-tentes:....” ((Orientações para desenvolver a proposta)) então olha:.... surgirão várias respostas pra essa pergunta aqui na sala:.... mas o mais importante é você justificar:.... por que: você: faria:.... isso:?... tá:?... ah:.... entrava no mar: tipo:.... é:.... de roupa e tudo?... por que você faria isso:?... essa é a velha questão aí:.... é você justificar a sua resposta:.... (veja:....) nós temos que ser bem coerentes aí:.... eu já vi algumas gravações que o cara fazia: MIL coisas:.... ia a shopping:.... viaJAvá não sei pra ONde:.... volTAvá:.... chaMAVá a família... ((comentários sobre a impossibilidade de fazer tudo isso em um dia))

**P:** ( ) você tem um dia:.... você tem um dia:.... tá bom:?... não é nada:.... não vão inventar:.... que ia fazer planos pra não sei o que:.... ia se formar:.... ((comentários e risos)) cuidado:.... entendeu como é:?... é/é/é a questão da coerência:.... leia com atenção a pro-pos-ta:.... a proposta é bem clara:.... ( ) então não/não/é: não sejam incoerentes:.... não fujam da proposta:.... o que você faria:?... o que você faria:?... seja objetivo:.... claro:.... seja sim-ples:.... as melhores redações são as mais simples:.... CLAreza é fundamental:.... então sejam claros:.... tá?... sem muito rodeio:.... não seja prolixo: ou seja... ficar enrolando:.... objetivo... direto... e claro:.... tá bom:?... claro você terá outros momentos... se você é um bom escritor: você terá outros momentos: pra mostrar o seu talento:.... mas a redação:.... principalmente o vestibular:.... é clareza:.... é você ser compreendido:.... (e eu vou falar:....) quem quiser usar essa parte aqui: fique a vontade:.... ((refere-se ao espaço - de umas dez linhas - que está abaixo da proposta no material copiado.)) mas é melhor (fazer) numa folha a parte:.... tá bom:?... essa redação aí:....

**AL 3:** vale quantos pontos:?...

**P:** agora vamos vê esse outro texto aqui:.... é:.... “por que dissertar:?...” dissertação nada mais é do que a defesa de uma TEse:....” a tese é a ideia:.... um ponto de vista:.... né?... “um ponto de vista defendida com a ideia que será defendida:....” isso é uma tese:.... e a dissertação é exatamente isso:.... E::/E::.... nós fazemos isso corriqueiramente:.... no nosso dia-a-DIA:.... é: na nossa vida diária... nós estamos quase que a todo momento:.... defendendo: pontos de vista:.... por temas: sei lá: temas banais:.... tipo:.... é: time de futebol:.... remo e

Paissandu:... não tem essas discussões (agravantes):... loiras ou morenas:?... comida que eu gosto comida que eu não gosto:... prefiro doce a salgado:... então a todo momento a gente tá:... é:... discutindo essas ideias: “ah: não gosto:... não gosto assim:... não gosto assim:... ah: tal:...” então esses/quando você tá:... travando essas discussões:... você manifestando o seu ponto de vista:... ( ) ou você está defendendo a sua ideia:... isso é dissertar:... uma simples discussão:... você prefere doce a salgado:... ah eu não gosto de doce... gosto de salgado: e tal:... você já tá dissertando:... loiras ou morenas:?... “não eu prefiro morenas: e tal:... prefiro loira:...” dissertação também:... tá:... então... a todo momento a gente tá dissertando:... faz parte do nosso cotidiano:... AGORA:... - e nós sabemos fazer isso muito bem - agora às vezes existem temas:... que:... tem maior alcance:... que atingem a maioria da população:... né:?... temas de importância social:... relevância social:... né:?... aBORTo: maioria peNAL:... privatizações:... aí: nós também:... a: aí também:... (às vezes) é necessário dissertar:... tá:?... aí:... que às vezes o cara sente dificuldade:... nesses temas aí:... tá bom:?... vai dissertar alguma coisa que nós fazemos:... (às vezes) quase todo dia:... que é defender uma tese... defender um ponto de vista:... eles vão lançar um texto aqui: olha:... esse lado aqui primeiro olha:... ((mostra o texto que foi copiado para aula)) “pra que dissertar:?...” tá bom:?... “pra que dissertar:?...” o F. lê pra gente:... ( ) você pode ler pra gente:... ((O aluno diz que não.))

**AL 4:** onde é: que tá:?...

**P:** um parágrafo F:... “pra que dissertar:?...” aqui olha:... ( ) já: F?... só um parágrafozinho:...

((O aluno começa, com um tom de voz muito baixo. Uma aluna, com um tom de voz alto lê no lugar dele.))

**AL 4:** “dissertar:...”

**AL 5:** “dissertar é um ato:... praticado pelas pessoas de toda ( ):...”

**P:** olha:...

((Apesar da aluna ler em voz alta, o som, a dicção, é incompreensível.))

**AL 5:** (( risos)) ai professor:...

**P:** tá bom: tá ótimo:... ( ) continua filha:... tá bom:... ((risos))

**AL 5:** “é mundial a preocupação:... com a AIDS:... com a solidã/com a solidão:... a população: muitas vezes em casos: de divergência e opiniões:... cada um defende seus pontos: de vista em relação...” ( )

**P:** então tudo isso é/é dissertar:... tá bom:?... e é aquilo que eu falei:... a/a/a gran/a dificuldade às vezes:... é dissertar sobre alguns: temas:... é:/é: como ele citou aí:... violência... maioria peNAL:... é:... aborto:... às vezes o cara sente dificulDADE:... no colocar isso no papel:... tá?... mas dissertar não é naDA:... coisa que você nunca fez na vida: não:... tá bom:?... nós temos que melhoRAR:... os nossos textos: nessas condições aí:... os textos mais formais:... que exigem maior cui-DA-do:... na hora de escreVER:... entendeu:?... porque olha: em outras situações:... mensagem de texto pelo telefone:... MSN:... orkut... facebook:... nisso aí parece que nós somos bem eficientes na hora de nos comunicarmos:... a gente se comunica muito bem nessas situações:... situações informais:... mas existem outras situações:... que exige um texto mais bem cuidado:... bem elaborado:... tá?... dissertar inclusive nesses pontos aí:... nesses temas:... Aí: paREce: que a PEdra:... costuma apertar o sapato:... é nessa hora:... de fazer um texto mais foRMAL:... mais bem elaborado:... e isso é com PRÁtica:... que nós temos que fazer... você pode ler o/o:... ((Aluno sinaliza que não.)) pode sim:... ((Outro aluno se prontifica para ler; ele faz a leitura em voz muito baixa))

**P:** olha:... tá:... nos nossos textos:... nos nossos textos dissertativos:... nós temos que convencer um pouco de a nossa opinião é/é a correta:... de que a minha opinião é a verdadeira:... e eu estou correto:... entendeu como é:?... eu tenho que TENTar:... mudar a opinião do outro:... e se eu não conseguir mudar: professor: pelo menos enfraquecer a opinião do outro:... às vezes:... ( ) a pessoa que tem bons argumentos:... né?... ou seja... ele defende bem: a sua ideia:... ele pode até não mudar a sua opinião:... mas pelo menos en-fra-que-ce:... e aí quando você estiver escrevendo uma dissertação: você tem que pensar exatamente nisso:... tá:?... você tem que ser:/os seus argumentos tem que ser bem escolhidos:... (bem complicados:... ) bem FoRtes:... ( ) se você não conseguir mudar a opinião do outro:... pelo menos enfraquece:... e a opinião ( ) não é tão importante assim:... tipo sobre:... é:... foi nosso prova:... nossa última prova... né?... se você achava que o jovem:... deveria responder como adulto: ou:... devia ter penas mais suaves: mais brandas... a resposta em si: não é tão importante:... “ah: eu disse que sim... que o jovem tem que ter penas mais duras... eu tô ferrado:...” ( ) o importante: é:... argumentar:... é de-fen-der a sua ideia:... isso é o mais importante:... a resposta em si:... não é tão importante:... e sim os argumentos que você usa:... e ele usa a palavra persuadir:... ((O “ele” refere-se ao autor do texto lido pelo aluno, que não faz parte do livro didático)) vocês conhecem a expressão persuadir:?... persuadir é tentar convencer:... “ah: eu vou persuadir aquela menina a ficar comigo:...” ou seja tentar convencê-la:... a ficar com você... o poder da persuasão:... vamos: parágrafo:... D. você pode ler um parágrafo: D?... ((O aluno não sabe em que parágrafo parou a leitura. O professor orienta.)) “em suma:... não é isso:?... ((comentários))

**AL 6:** é:... ( ) “em suma: dissertação implica discutir ideias:... argumentar: para organizar o pensamento:... defender pontos de vistas:... descobrir (suas ações) e: resultando no necessário conhecimento do assunto que se vai abordar:... aliado a (uma variedade) de posições sobre esse assunto:...” ((Risos e comentários sobre a leitura feita pelo aluno.))

**P:** tá bom:... gente olha:... a gente só escreve bem daquilo que a gente conhece:... né?... só pode escrever uma/uma coisa... dissertar... defender alguma coisa:... pra você ter bons argumentos: você precisa conhecer:... tá:?... então a regra de ouro:... só escreve bem daquilo que a gente conhece:... a gente não conhece o assunto:... o que é que a gente vai fazer no papel:?... NAdA:... não tem como escrever alguma coisa se você não sabe: não conhece o assunto:... tá:?... então pra ser um bom escritor:... pra ser um bom produtor de textos:... produtor de textos eficiente:... é necessário ser um bom leitor também:... também:... se não fica meio complicado... as mocinhas lá atrás:... tão quase dormindo:... frio: frio:... ((chovia durante a aula)) do

inverno:... aquele ba-ru-lhinho da chuva batendo no telhado:... e a casa não é forrada:... e fica:: aqueles pinguinhos ficam caindo assim:... eita:... e DORme mesmo:... ((Alunos comentam e riem.))

**AL 7:** pinga na panela:...

**P:** meninas:... vocês podem ler meninas:... vocês não têm texto:?...

**AL 7:** não por isso:... ((Aluno empresta o texto.))

**P:** olha:... é por isso que eu gosto da turma: ( )... solidariedade:... ( ) “ao emitir:...” quarto parágrafo:... vamo lá (meu amor):: só um parágrafozinho:... só pra espertar o sono:... não:?... você pode:?... vamo lá: vamo lá:... é o quarto: já:... vamo lá:...

**AL 8:** “ao emitir um ponto de vista sobre o assunto:... de dado conhecimento:...” ((O restante do áudio é incompreensível.))

**P:** (é que) esse parágrafo eu acho que é bem isso:... é:... nós estávamos conversando agorinha:... enquanto vocês estavam tirando cópia:... aqui/aqui com o C. aqui:... e ele falou o seguinte:... “professor: e a narração também:... a:... a descrição também:... nós vamos trabalhar:?” sim:... mas olha:... eu falei com ele: a/as faculdades públicas:... as principais:... elas preferem o cara fazer uma dissertação:... numa dissertação se você é uma pessoa CRítica:... se você é uma pessoa que SAbe:: defende:: seu ponto de vista:... que tem ideias criativas:... e se você sabe resolver problemas:... geralmente os temas são problemas sociais:... meio:: am-bi-ente:... é::é:... trabalho:... tra/trabalho infantil:... trabalho ES-cra-vo:... é:... sobre os idosos:... geralmente são problemas:... ele quer saber a sua opinião:... sobre isso:... se você é um cara crítico:... se você é um cara bem informado:... se você tem boas ideias:... porque:... essas instituições querem pessoas assim:... pessoas críticas:... pessoas reflexivas:... algumas empresas:... elas:... um critério de/de admissão:... é o uso redação também:... eu sei/não sei... é::é:: a CIBRASA usava: a pessoa usava redação:...((Refere-se a fábrica de cimentos da cidade)) hoje pra você tirar a habilitação:... carteira de habilitação:... de trânsito:... você precisa também:... ter uma redaçãozinha também:... entendeu?... porque você se mostra:... na redação você se DESnuda:... você se mostra... tinha um professor de redação que a primeira coisa que ele fazia - português aliás - primeiro dia que ele conhecia a gente:... redação:... que na redação da pra conhecer um pouco:: da bagagem do que é o aluno:... conhecer um pouco do aluno:... então é por isso que a redação é importante no vestibular:: até hoje:... porque/elimina muita gente ainda:: a redação... quem quer saber se o cara é um cara CRI-a-ti-vo:... REFlexivo:... sabe defender seu ponto de vista:... tem bons argumentos:... e na dissertação é o melhor local pra você mostrar isso:... não é contando:... não é narrando:... contando uma história:... ( ) não é tá contando uma história:: nem tá descrevendo... embora seja importante claro... mas na dissertação:: é onde você se mostra mesmo... você vai se desnudar:... você vai mostrar sua opinião... e:... falando:... a gente fala:: às vezes:... tem um peso:... mas no texto tem mais peso:... tá documentado:... por isso tem gente que não gosta de escrever... entendeu?... por que tá::/palavras o vento leva... por que quando a gente fala alguma coisa... né?... parece que não tem tanto peso quando a gente esCREVE:... tá?... daí a importância da dissertação... não tirando a importância da narração:: e da descrição:... tá?... mais um parágrafo... ( ) ((Um aluno lê. Porém o som incompreensível))

**P:** opa:... opa opa opa:... ((risos)) tem um negócio importante olha:... só um minuto... eu vou repetir olha:... ( ) “a produção de um texto dissertativo é uma exigência unânime... nos vestibulares:...” continua:... ((O aluno retoma a leitura do texto; não dá para entender a dição.))

**P:** é gente:... vocês não:... porque esse negócio de mesa de bar não é pra vocês não:... mais o professor H. deve saber:... mesa de bar o cara trava cada discussões:... às vezes até se eXALta um pouco:... mas vocês devem dar uma honestos:... ficam discutindo né ( ) claro discutir discussão saudável né:?... ((risos)) discutir ideias:... a gente não discute pessoas:... a gente discute ideias:... né?... ninguém discute pessoas:... sim ideias:... olha:... a gente tem um exemplo aqui:... de tex-to:... dissertativo:... né?... vamos ver só esse texto a gente pega vai embora... tá bom:?... ((A turma fica agitada. Aproxima-se o horário da saída)) vamo LÁ:...

**AL 9:** professor:: rápido:: vai chover:...

**P:** ( ) JÁ:... vai lá:... texto dissertativo:... vamo lá:... pra terminar com esse texto:... psiu:...

((O aluno inicia a leitura e a turma continua agitada. Não dá para entender o que foi lido.))

**P:** ponto parágrafo né?... tá bom gente:... na próxima aula a gente continua a discutir isso aí:...

### [P3 A2]

((alunos conversam em voz alta enquanto a professora tenta iniciar a aula))

**P:** já:?... ((Tenta chamar atenção dos alunos; eles continuam...)) psiu:..... ((A professora conversa com os alunos que sentam próximo à carteira dela. O som é incompreensível. Os alunos fazem muito barulho)) bom:... psiu:..... mais uma vez:..... eu:: vou:: avisá-los:... pra amanhã o que é que pra vocês trazerem:?...

**AL 1:** um real:...

**AL 2:** um relato pessoal:...

**P:** um relato pessoal:...

**AL 3:** um real:?... ((risos))

**AL 2:** não é não:...

**P:** é um re-la-to pessoal:... (alguém aí) tem um relato pessoal:?...

**ALS:** não:...

**ALS:** sim:...

**P:** da aula passada...

**ALS:** não:...

**P:** é um tipo de texto em que o narrador:: protagonista... ou seja... você mesmo está contando:... uma história importante...((Alguns alunos perguntam quando a professora pediu essa tarefa. Ela interrompe a explicação e diz que foi na aula passada.)) eu quero que vocês façam:... escrito para me entregar:... depois a gente vai ver o que vai fazer com esses relatos:... então:... ((Os alunos voltam a conversar em voz alta.)) então:... vocês podem relatar:... o primeiro beijo:... ((os alunos discutem agora sobre o primeiro beijo.)) vocês podem relatar:... psiu:... sobre uma pessoa importante na vida de vocês:... um avô:... uma vó:... uma pessoa que passou (e deixou marcas):... vocês vão apontar:... psiu:... um fato: vivo: por vocês:... ou uma pessoa importante:... uma pessoa importante na vida de vocês:... o importante que seja:... psiu:... um relato: psiu:...((os alunos não conseguem calar para ouvir as orientações. A professora interrompe a explicação várias vezes.)) essa atividade será para próxima aula:... pra aula de hoje:... psiu:... cada dupla:... recebeu um único texto:... com exceção do grupo:... ( ) que recebeu essa manhã:... só um minutinho que o cartaz é importante:... bom:... aqui vocês:... têm vários textos:... cada grupo vai ficar com um texto desses:... é que a gente vai fazer a divisão:... ((alguns alunos não param de conversar.)) olha só:... ((A professora comenta sobre o que acontecerá após o intervalo, diz que textos as duplas ficarão responsáveis. Porém o som é quase incompreensível, bastante fragmentado, pois os alunos conversam em voz alta. A voz da professora fica abafada))

((Pausa para o intervalo.))

((Os alunos retornam do intervalo. Conversam em voz alta; outros gritam. É difícil ouvir a voz da professora.))

**P:** eu vou recolher os relatos:... corriji-los:... ((Um aluno questiona a professora sobre o relato. O barulho é tanto que não dá para ouvir o diálogo.)) psiu:... ((A professora tenta amenizar o barulho.)) olha só gente:... enquanto eu vou pedindo o relato de vocês:... (todos fizeram? já:?... né?...)) enquanto eu vou corrigindo os relatos... eu peço que alguém:... já inicie nosso novo assunto:...

**AL 1:** L:...

**AL 2:** L?... cadê o L?...

**AL 1:** gazetou:...

((os alunos riem e conversam))

**P:** quem pode... gente... copiar do livro:?...

**AL 3:** ninguém não:...

((os alunos riem e brincam: "o fulano:..."))

**P:** nós vamos ver um assunto: que provavelmente vocês já leram na oitava série:... sons e letras:... alguns foram meus alunos lá/também nós vamos revisar:... nós vamos estudar um pouquinho de fonética e fonologia...

**AL 4:** de novo:...

**P:** ainda lembram o que é fonética:?...

**ALS:** não:...

**AL 4:** de NOvo:...

**P:** pois é:... o problema é que vocês não lembram mais o que é isso:...

**AL 4:** parece que foi ontem:... não... eu lembro professora... um pouquinho assim:...

**P:** (pois bem... então vocês vão lembrando:...)

((A discussão agora, é sobre a tinta da caneta que não quer largar do quadro branco.))

((Enquanto a aluna copia o assunto novo, a professora senta e corrige o relatório dos alunos que fizeram. Ela sugere que eles leiam para os colegas, após a correção. A maioria exita... Mesmo enquanto eles copiam o texto do quadro, não conseguem silenciar...))

#### [P4 A1]

((Continuação sobre Regência Verbal e Nominal. A professora trouxe cópias de um material produzido por ela (exercícios e tabela de verbos com as respectivas regências))

**P:** ( ) "chegar" e "ir":... o que que acontece:?... com o "chegar" e o "ir:?"... exige a preposição "A" (quando o sentido for de lugar:...) é por isso quando a gente vai:... a gente vai:?... "AO:" banheiro né:?... quando a gente chega: chega: "A": escola:... né:?... "cheguei na escola sete horas:..." não: você não chegou na escola... "cheguei à escola:..." quem chega: chega a algum lugar:... quem vai: vai a algum lugar:... certo:?... olha:... "cheguei ao cinema vinte minutos atrasado..." "vou ao cinema duas vezes por semana..." sempre que a gente chega ou sempre que a gente vai... temos que usar... a preposição que é justamente "A"... certo:?... tem até uma: frase:... é:... o pessoal brinca muito com essas situações que... o cara marcou um encontro com a namorada:... e deu as indicações da onde ele estaria: esperando... aí quando ela chega na porta do restaurante liga pra ele... ele diz "eu estou:... na mesa seis:... estou sentado na mesa seis:... logo próximo da porta:..." aí a moça entra:... dá meia volta pela/a mesa seis:... vê um copo sobre:... um guardanapo:... e ele sentado ao lado:... aí ela volta:... aí:... começa a ligar... "sim você não me viu:?"... disse "vi... mais como você mentiu pra mim:... eu não quis ficar:... você disse que estava na mesa seis: na mesa seis eu só vi um copo..." ((risos)) ou seja... ele não estava NA MEsa... ele estava... a mesa... né?...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ( ) o médico:... é:... assistia... o jogo... então... a ideia é... é/é/é até uma/uma... ( ) o médico ajudando lá o jogo acontecer:... ou seja ( ) se não tem a preposição... né?... o médico assistia ao jogo... como se ele estivesse:... ajudan::do o jogo... na verdade ele assiste AO jogo... né?... então existem muitas vezes uma... é/é/é... anedotas pra que a gente... então vocês vão iniciar um conjunto de verbos... ( ) e aí vocês tem que ter cuidado com a regência das preposições:... né?... "esquecer" e "lembrar"... o verbo "esquecer" e o verbo

"lembrar"... também tem as duas situações... a transitividade direta e indireta... olha:... quem esquece... esquece algo... ou esquece... de algo... eu posso dizer... "R. cadê o teu exercício:?"... ele ia dizer... "esqueci-o..." né:?"...  
**AI 1:** não:?"...

((os alunos estranham e comentam a forma apresentada pelo professor.))

**P:** ou então esqueci... o exercício:... o exer-cí-cio... é direto ou indireto isso aí:?"...

**ALS:** direto...

**P:** e se eu dissesse assim:... numa outra pergun/eu te perguntei SObre o exer-cí-cio... "eu esqueci dele:?"... tem preposição ou não:?"...

**AL 2:** não... ((em voz baixa))

**P:** tem ou não tem:?"...

**AL 3:** tem:?"...

**P:** nesse caso aí a/a transitividade muda não é:?"... ou o R. esqueceu o exercício... ou esqueci/esqueceu DO exercício... a gente não usa as duas coisas:?"... então pode fazer... essa construção direta... ou indireta:... ou seja... esse verbo esquecer:... ( ) a gente se esquece a conta e esquece DE:... pagar a conta:... também né:?"... esquece/esqueci a conta... esqueci DE:... ou esqueci DA conta:... né?..." então note que a gente (está) em situações que exigem:... é:... é construções diferentes:... oh:... aí nós temos o exemplo olha... leiam lá:... o esquecer e lembrar:... ((O aluno ler em voz muito baixa. A professora ler junto com ele)) "esqueCI-ME do livro..." tu é o esquecido o livro:... ( ) "lembrei-ME... do fato:... "esqueceram-me a chaves..." perceberam aí:?"... ((Os alunos conversam em voz alta. A voz da professora fica incompreensível.)) vocês estão percebendo aí que esse pronome tá sendo complemento também... quem é o esquecido aí:?"... "esqueci-me..." EU:... esqueci-ME... esse "me" não é o "eu"... ( ) do livro que é objeto direto... certo:?"... tá claro esse:?"...

**ALS:** humRum:?"...

**P:** informar:... o que que acontece:?"... ele pode ser também transitivo direto... e pode ser transitivo indireto:... e numa mesma construção pode utilizar os dois/as duas (prejudiciais)... dar notícias e esclarecer:... não é?..." e:... nos dois casos vai ter o mesmo significado:... né?..." informar... é dar notícias... né?..." ( ) leia lá o exemplo... ((A leitura do aluno é inaudível)) "nos jornais... informaram O público..." né?..." depois... "a secretária informou... a nota... AO aluno..." ou eu posso informar... a alguém:... ou eu posso informar ALgo:... a alguém:... então eu tenho as duas transitividades na segunda construção:... informo o quê?... a nota:... quem informou a nota... informou a nota... A alguém... aí já encontra uma outra complementação:... certo?..." é:... ainda tem um outro caso depois desse aqui olha... "a secretária informou O aluno... DA... nota..." né?:".... que tinha tirado... "morar" e "residir"... o que que acontece... eles vão ser... esses aqui não têm nem segredo... eles vão ser intransitivos por quê?... porque vão tá relacionados sempre a lugar... que vai ser adjunto adverbial:... que a gente já sabe que adjunto adverbial:... ele não vai ser complemento... certo:?"... olha... "existe adjunto adverbial com preposição em..." esta é a observação... por ser um adjunto adverbial... ele vai... exigir essa preposição... especifica aí... "obedecer" e "desobedecer"... é o que:?"... esse... que a a gente costuma usar como direto... ele é indireto... quem obedece... obeDEce... "ÀS"... alguém... ou "À" alguém... quando a terminação for "A" alguma coisa... né?..." é por isso que quando você fala há sinalização com a crase é porque aparece lá a a:... preposição a... não é:?"... obedeça À sua mãe... obedeça AO seu pai... né?..." obedeça:... às determinações... por exemplo... se tiver alguma:: complementação... feminina ele vai/vai utilizar... o A da regência... da/do verbo obedecer:... digamos que fosse... a determinação... aí o que que acontece... aí eu vou pegar esse que é do verbo... vou pegar esse que... é... da palavra feminina e eles vão acabar... gerando... isto aqui... ((escreve no quadro: a + a = à)) a/a crase... crase é a extensão (desse estudo de regência)... só vai aparecer crase:... diante de verbos que exige... a preposição "A"... esse aí é um caso... tá:?"... aí o exemplo:... "o bom motorista obedece às:: leis:... do trânsito... por que ÀS:: está:: cra-sea-do:?"... porque a palavra leis aí... é feminino... e tem também a regência do verbo... obedecer... junto os dois... "Felipe... desobedeceu a seus... superiores... isso é esse A... não recebendo aí a palavra seus... que além de ser pronome... é masculino... não precisa crase porque não exige o a artigo só tem a preposição... tá claro:?"...

**ALS:** não...

**P:** qual é o próximo?..." pagar e perdoar... é a mesma situação do último caso... quem paga... paga algo... se esse algo foi pago... foi... feito a alguém... pago a alguém... né?..." pago a alguém:... ((Alunos comentam em voz baixa.)) ( ) pagar... perdoar... se eu pago... eu pago algo... ou então pago alguém... se a conjunção... exigir essa... por exemplo... já paguei o R.... não é?..." ou então já paguei AO R:... o que eu devia pra ele... então eu tenho aí... uma outra construção... quem paga... vai ter algo... direto né?..." se eu pago algo... eu tenho um objeto direto... pra eu estar:... cumprindo com esse pagamento... né?..." paguei a conta ao banco... digamos que fosse... então tem paguei a conta... usando a (linguagem) direta... ao banco (linguagem) indireta... eu posso utilizar uma expressão mais comum... tanto com uma das:... das transitividades... "já paguei a Jane..." pronto:... sem dizer...

**AL 4:** não entendi... ( ) ((Os alunos conversam em voz baixa))

**P:** ou paguei A a jane... o que eu devia... né?..." então eu posso ter:... devendo um pouco o contexto:... é a mesma coisa que perdoar:... quem paga a dívida... né?..." também pode perdoar a dívida... a alguém... é a mesma:... tem "preferir:?"... vejam lá o verbo preferir:... vejam lá o verbo preferir ( )

**AL 5:** só o exemplo?..."

**P:** não ver a transitividade... ele é transitivo direto/indireto... oh:... aliás... ele é transitivo direto e indireto... só direto... e se eu quiser utilizar como indireto/só direto ( ) ((A turma, desconcentrada, conversa não mais em voz baixa. Um aluno que tenta acompanhar a aula pede silêncio: "psiu:...") olha ele vai ser transitivo direto e indireto se ele tiver... o sentido de quê:?"... querer:: antes:... escolher entre duas ou várias... coisas... é aquela historia... prefiro português... como é que a gente utiliza:?"... prefiro português de que matemática... né:?"... que seria prefiro português:?"...

**AL 6:** prefiro matemática...

((risos e comentários))

**P:** prefere matemática é::?... como é que é::?... eu prefiro português... prefiro português a matemática... né?...

**AL 7:** prefiro biologia:::...

**P:** (vamos) ter as duas opções... aí eu vou ter o quê?... verbo transitivo di::-re-to:::... ((Fala com tom de dúvida.)) direto ou indireto?... ou as duas coisas::?...

**ALS:** os dois...

**AL 8:** os dois professora... ((Com tom de brincadeira.))

**P:** prefiro o quê::?... português... a... matemática... aí traz aí a preposição A... ((Após esta análise, a professora comenta que isso tudo nos dá fundamento para aprendermos a forma instituída mais aceita da língua portuguesa.)) nós temos lá olha... "prefiro o amor a guerra::: depois tem... "preferimos a alegria... não aceitamos a (dor)..." certo::?... esse preferimos a alegria... só com um/um... complemento direto... ( ) sim::: vamos analisar o outro verbo... é o verbo "querer:::" leia lá o que acontece com o verbo querer::: ele transitivo direto::: presta atenção... querer no sentido de desejar::: né?... "eu quero..." né?... quero alguma coisa que a gente pede...

**AL 7:** eu quero alguém:::...

**P:** "eu quero trocar de óculos..." então eu/eu... eu tenho uma transitividade direta... agora ele pode ser verbo transitivo indireto... em qual situação?... ( ) olha::: no sentido de estimar... querer bem... aí eu tenho ele::: transitivo indireto::: e ele exige a preposição::: a::: né?... ( ) eu quero a meus pais... eu quero bem a meus pais... fica (subentendida) a expressão bem... olha... ela queria um disco... é::: da Gal Costa... era o álbum que ela queria... é diferente quando diz... eu quero a meus amigos... ( ) ou seja... quando eu digo... eu quero a meus amigos... ( ) está subentendido que eu não quero eles pra mim... então::: tá entendido aí::?... eu::: gosto deles né?... quero bem... né isso::?... né::?... ((Os alunos ignoram a aula e conversam em voz alta.)) ( ) quando a gente quer a gente não quer apenas o outro... ( ) psiu::: simpatizar:: e antipatizar::: o que que acontece?... é igual o verbo namorar:: né?... o verbo namorar não tem algo:::...

((A transcrição foi interrompida, pois após o intervalo o áudio ficou comprometido, inaudível))

#### [P5 A1]

((Os alunos organizam-se para iniciar a aula))

**P:** ( ) hoje nós temos uma tarefa... PSIU::: eu estou aqui com as cartas... tá?::: de informática/da turma de informática::: vocês irão responder as cartas da turma de informática::: tá legal?:::...

**AI1:** tá:::...

**P:** eu vou entregar uma pra cada um::: de vocês::: PSIU::: vamos entender::: ( ) olha só::: PSIU::: vamos entender qual é a atividade de hoje::: ((Os alunos conversam em voz alta. A voz da professora fica quase inaudível)) você vê quem ( )... vamos entender a atividade de hoje::: é::: eu vou entregar a carta que os alunos da turma de informática fizeram::: tá?::: e vocês vão responder essa carta::: tá?::: e depois que vocês terminarem a gente vai é::: eu vou ler pra vocês::: tá?::: ((Os próprios alunos pedem que os colegas façam silêncio)) se vocês deixarem eu falar::: uma crônica::: é::: aí nós vamos ver qual é a característica da crônica... e depois nós vamos produzir uma crônica... tá?:::...

**AI1:** oh meu Deus:::...

**P:** eu vou entregar uma pra cada um::: e vocês irão responder::: é no sorteio::: tá?... lembrem-se como é::: que a gente faz uma carta... quais são as características da carta::: que que tem::: uma carta?:::...

**AI2:** que isso professora?:::...

**P:** ah:: mais o pessoal aqui de trás não escuta o que eu falo::: olha::: eu vou entregar uma:: CARTa::: da turma de informática::: uma pra cada um de vocês::: vocês irão responder::: a carta da turma de informática::: tá?:::...

**AI2:** e eles vão responder a nossa?:::...

**P:** e eles vão responder a de vocês:::...

**AI3:** professora eu fiz... professora eu fiz com as minhas palavras:::...

**P:** tomara que dê uma pra cada um::: ((Os alunos conversam em voz alta. Fazem muito barulho)) hei hei hei::: sem tolice::: tá?::: olha::: eu acho que não vai dá pra todo mundo::: aqui as cartas::: psiu::: ((Um aluno dá uma sugestão, mas o som é compreensível)) não é::: embora sentarem juntos::: ( ) um junta com outra pessoa pra responder a carta::: tá?::: olha:: não se esqueça::: psiu::: não esqueçam que vocês terão que devolver essa carta ao final::: então vocês vão::: é::: vocês vão responder à pessoa::: que escreveu::: CAro::: aí você vai ver o nome da pessoa::: caro::: querido::: né?:::...

**AI1:** professora::: ((Alguns alunos comentam que as cartas não têm o nome dos remetentes))

**P:** psiu:::...

**AI3:** professora::: professora::: pode fazer atrás?::: ou pode fazer ( ):::...

**P:** não::: atrás não... tem que ser noutra folha::: tá?:::...

**AI2:** professora::: mas tipo assim::: é como se eu fosse responder a carta de um menino é?:::...

**P:** isso::: exatamente:::...

**AI4:** mas professora tá difícil::: eu não saí do eu:::...

**ALS:** ((Risos))

**P:** pois é::: aí::: ((Os alunos conversam)) olha só::: presta atenção::: quem não conseguir ler a carta::: e aí você vai::: né?::: escrever a carta pro colega... né?::: psiu::: e aí você pode até fazer uma crítica::: né?:::...

é:.... em relação à letra:.... que você não entendeu:.... que ele poderia ter escrito com uma letra melhor:.... ( )

TÁ?:.... PSIU?:.... vocês entenderam como é a atividade?:....

ALS: ((Os alunos não respondem, pois conversam em voz alta))

P: TÁ?:.... olha:.... lembrando:.... tá?:.... que vocês não podem esquecer:.... PSIU?:.... as características da carta:.... quais são as características da carta?:....

((Alguns alunos respondem em voz baixa))

P: vocês lembram que a gente:/:que a gente:.... falou na aula passada em relação à carta?:....

AI5: lembro:....

P: será que ainda existe gente que se corresponde através da carta?:....

AI5: sim:....

ALS: não:....

P: NÃO?:....

AI5: existe... eu... mando cartinha pro meu namorado:....

P: existe sim:....

ALS: ((Os outros alunos discutem))

P: eu falei pra vocês na semana passada... que existem algumas cidades: que ainda têm:.... a/é:.... que não têm acesso à Internet:.... que não têm: é:.... meios de comunicação:.... então eu fiz/tão eficiente quando a gente tem é:.... nas cidades mais desenvolvidas: né?:.... portanto:.... nessas cidades:.... ainda têm/a comunicação ainda é através da?:....

AI5: da carta:....

P: exatamente:.... né?:.... não:.... é:.... vocês lembram que eu falei que a carta é um gênero que ainda não saiu de circulação por completo:.... né?:.... então portanto:.... a gente tem que aprender:.... né?:.... esse descon/JÁ penSOU:.... se um dia a *Internet* falhar e passar assim:.... digamos assim:.... um ano: sem pegar?:....

ALS: ((Os alunos comentam com tom de desespero. A professora ri))

AI5: professora eu virava purpurina:....

P: já PENSOU:.... JÁ penSOU:.... né?:.... já pensou se o telefone falha né?:.... a *Internet* cai... dá um problema lá no satélite:.... vocês já pensaram nisso?:.... qual seria o meio:.... PSIU?:.... ah mas essa sala é muito barulhenta:.... ah... é muito barulho... assim não dá:.... a minha voz não pode com a de vocês:....

AI5: depois a senhora fala ( )...

P: então:.... qual seria um MEIO:.... que a gente poderia solucionar esse problema?:.... né?:.... pra se comunicar com uma pessoa:.... né?:....

ALS: ((Comentário. Som incompreensível))

P: não... mas o telefone teria falhado:....

ALS: ((comentários))

AI6: ia ser todo mundo triste:....

P: ia ser todo mundo triste?:.... não:.... ainda teria uma solução pra gente:.... né?:....

AI6: e se o correio entrasse em greve:....

P: aí quando o correio entra em greve... o que que a gente faz?:.... a gente usa qual o meio?:....

AI: *Internet*:....

P: não... sem *Internet*:.... PSIU?:.... sem a *Internet*:.... sem o telefone celular:.... ou o telefone fixo:.... e sem:.... o correio/o correio entrando em greve o que que a gente faz?:....

ALS: ((comentários e risos))

P: ainda tem um outro meio de comunicação que vocês não falaram:.... o:.... rá-dio:.... né?:....

ALS: ((Comentários))

P: ah:.... então olha só:.... não esqueçam:.... as características/quais são as características da carta?:.... vamo lá:.... rapidinho:.... quais são as características da carta?:....

AI5: nome:....

AI7: data:....

P: primeiro:.... a cidade:.... ((comentários)) ah:: então a tua carta já tá falhando:....

AI5: eu nem sabia como é que fazia:....

P: Eras:.... nós falamos na aula passada:....

AI 7: égua: a professora explicou tanto:....

P: hein?:.... a cidade:.... olha a cidade pra onde a gente tá mandando:.... né Bragança que a gente tá escrevendo?:.... então a gente vai colocar Bragança:.... aí que mais?:.... a DAta:.... que mais?:....

AI7: o mês:....

P: ahn?:....

ALS: ((risos))

AI7: o conteúdo da carta:....

P: o?:.... o mês:....

AI7: o mês:....

ALS: o ano:....

AI7: a hora e o dia:....

P: eita:.... a hora e o dia... também não:.... não precisa:.... o conteúdo:.... aí o que mais?:....

AI7: deixa uma linha em branco:....

P: deixa uma linha ou duas em branco:.... que mais?:....

AI7: escreve ( )...

**P:** ahn?::: ( ) o vocativo::: né?::: que mais?::: aí vem a mensagem:: né?::: que você quer manda/que complicado::: ((Um aluno reclama que é muito complicado)) o que é complicado nisso?::: DEpois que terminou a mensagem::: que que a gente vai fazer?:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** vai se?::: vai se?::: quando a gente fala com uma pessoa...

**AI7:** despedir:::...

**P:** ah::: tá::: a gente vai se despedir::: e depois?::: PSIU::: depois da despedida o que nós vamos fazer?:::...

**AI8:** chorar:::...

**P:** a assinatura né?:::...

**AI9:** a assinatura do indivíduo:::...

**P:** isso::: da pessoa que está enviando::: tá?::: não esqueçam de colocar o nome do colega que fez a carta::: tá?:::...

**AI10:** professora::: a gente faz aqui o nome da ( )?...

**P:** não vocês vão respondendo aqui:::...

((Nesse ponto da aula vários alunos juntamente com a professora discutem sobre o desfecho da carta ao mesmo tempo e o som fica incompreensível))

**P:** PSIU::: um de cada vez::: tá::: então vocês vão responder como Faustão... como se fosse lá no Rio de Janeiro::: ((A carta foi enviada ao Programa Domingão do Faustão)) mas a equipe dele estava aqui em Bragança... não tava?:::...

**AI8:** já foi::: já foi embora já:::...

**AI5:** já foi embora:::...

**P:** tá::: então vamos amarrar aqui::: vocês querem mandar do Rio de Janeiro:::...

**AI2:** de Bragança é melhor:::...

**AI5:** ah não::: deixa assim mesmo:::...

**AI7:** não... do Rio de Janeiro:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU::: eles vão saber que foram vocês que responderam a carta:::...

**AI7:** professora::: vão imaginar que é do Faustão:::...

**P:** ahn?:::...

**AI7:** ( )

**ALS:** ((comentários))

**P:** não olha::: mas o Faustão vai responder como vocês:::...

**AI7:** então:::...

**AI5:** ah professora::: de Bragança mesmo:::...

((comentários))

**P:** de quem é essa aqui?:::...

**AI5:** é Bragança professora:::...

**P:** certo::: Bragança::: porque::: PSIU::: a comissão representante estava aqui em Bragança::: então eles vão responder::: daqui de Bragança::: vocês são a comissão do Faustão::: do Faustão::: que vai responder a carta::: daqui de Bragança::: tá legal?:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU::: agora eu não quero ouvir::: nenhum barulhinho nessa sala... que eu quero todo mundo respondendo a carta::: agora... HOJE::: PSIU::: nós vamos fazer::: uma coisa::: tá?::: eu vou já parar de falar pra vocês concentrarem pra/prá responder::: tá?::: HOje nós vamos fazer uma coisa que nós fizemos ao entregar nossa car-ta::: que é a nossa revisão textual::: tá::: vocês vão::: escrever o tex/primeiro vocês pensar::: né?::: vão ler a carta do colega::: vão::: é::: pensar no que vocês vão responder pro colega né?::: COmo se vocês fossem a comissão::: do Faustão respondendo::: tá?::: depois o que que vocês vão fazer::: depois que responder a carta do cole/vocês vão revisar o texto::: vão ler novamente::: pra ver::: se o colega que vai ler a carta se ele vai... vocês não estão tendo dificuldade pra::: pra::: psiu::: ((Um aluno ia comentar algo)) calma::: deixa eu terminar de falar::: vocês não estão tendo dificulda/algumas pessoas aqui não estão tendo dificulda-de::: pra responder a carta::: pela LE-tra::: é::: por alguma palavra que não entendeu::: é::: tá difícil de ler::: não tá?::: então vocês vão fazer::: depois/depois que terminar o texto::: vocês vão reler o tex-to::: de vocês::: o que vocês escreveram pra ver se o colega que vai tá lá na outra sala... se ele vai entender a resposta... da comissão do Faustão::: será que ele vai entender?::: né?::: então nós vamos fazer essa revisão... tá legal?::: então pode começar::: ((Após a discussão sobre a estrutura da carta, a professora destina o tempo restante da aula para produção. Contudo alguns alunos não conseguem parar de conversar)) olha hei::: PSIU::: turma de pesca por favor::: todo silêncio é pouco pra fazer a concentração::: na hora de escrever um texto::: tá?::: então vamos é::: ter concentração e dar concentração pro colega::: lembre-se que eu falei aqui::: uma/uma fala aqui::: que o meu direito acaba quando começa o do outro::: né?::: então o colega::: ele tem o direito de ter silêncio pra poder fazer o trabalho dele::: tá?::: então vamos fazer silêncio::: ((Agora mais calmos iniciam a produção. Poucos conversam.)) ah::: mais ainda tão fazendo barulho::: mais não dá não::: olha::: nós vamos fazer um dia aqui só de silêncio pra vocês aprenderem o que que é silêncio::: ((As conversas continuam)) olha enquanto vocês estão produzindo o texto eu vou lá embaixo pegar::: o diário de classe de vocês tá?::: não esqueçam::: tá?::: que vocês terão que fazer::: PSIU:::...

**AI8:** silêncio::: égua:::...

**P:** a revisão textual:... o que é essa revisão textual?:... é você ler:... como se você fosse o colega vai receber lá:... se ele vai entenDER:... aquilo que você colocou lá no texto:... tá?... porque/porque/porque esse TEXto que vocês estão escrevendo aí:... vocês/é:... eu vou entregar lá na outra sala:... né?::...

**ALS:** ( )

**P:** lá/lá/lá...

**ALS:** ((Risos))

**P:** tá?... e aí é:... e aí os colegas lá da outra sala:... eles vão:... né?... eles vão ler o texto:... então vocês têm que escrever de uma forma:... que o colega entenda o que você tá:... querendo transmitir pra ele... a mensagem né?... que o impor-TAN-te:... o importante é o colega entender a men-sa-gem:... tá?... entende/se ele entender a mensagem:... né?... que vocês tão tentando transmitir pra ele tá tudo bem... como tem algu/algumas pessoas aqui:... que não conseguiram entender a mensagem do colega:... né?... então aí você já vai escrever:... né?... como é que você vai escrever pro colega que você não conseguiu entender?... né?... vai ficar:... vai/não vai ficar difícil essa comunicação?::...

**ALS:** vai::...

**P:** né?... então você tem que fazer a revisão do seu texto:... ler:... como se você fosse outra pessoa que fosse ler o texto... tenTAR:... né?... tentar:... se colocar no lugar do colega que vai ler o texto:... tá?... aí eu não quero borrado:... nem riscado:... né?... tem que fazer:... passar a limpo pro colega entender:... *all right?*::...

**AI5:** *all right?*::...

**AI8:** *all right?*::... ((risos))

**P:** vocês vão colocar o nome de vocês:... tá?... aí vocês vão colocar assim:... né?... vocês vão colocar lá assim:... é:: da comissão:... do Faustão::...

**AI5:** olha aí::...

**P:** né?... aí... aí você vai e assina o seu nome:... não precisa vocês colocarem que vocês são da turma de pesca:... nem nada disso que:... os colegas:... eles vão pensar que foi mesmo o Faustão que::...

**AI5:** ah::...

((Uma pessoa do instituto entra na sala com o controle do condicionador de ar))

**P:** é::... ( ) diminui um pouco a temperatura... que tá um pouco quente:... ((A professora fala com a pessoa que a sala está quente)) olha:... depois eu não quero que ( )...

**ALS:** ((Os alunos brincam e pedem para a pessoa que trouxe o controle do condicionador de ar para colocar -2))

**P:** ((depois de alguns minutos)) já acabaram?::...

**AI5:** eu já::... pode entregar professora?::... pode... entregar?::...

**P:** quem terminou pode entregar... só não pode fazer barulho que ainda tem colega fazendo::...

**P:** já:: terminaram?::...

**ALS:** não::...

**AI9:** axo?::... axo axo::... ( )

**P:** ( )

**AI9:** ( )

**P:** isso é na *Internet*::... eu já falei pra vocês que a linguagem da internet:... é diferente da linguagem:... escrita:... da linguagem:... olha a linguagem vir-tual:... é diferente da linguagem re-al::...

**AI5:** a linguagem falada:: é diferente da linguagem escrita...

**P:** exatamente::...

**AI5:** eu só falo... agora eu não sei fazer::...

**ALS:** ((risos))

**P:** acho é com CH::... tá?...

**AI8:** pode escrever com letra ( )?...

**P:** oi?::...

**AI8:** olha::... ((Aluno levanta e mostra o caderno à professora))

**P:** não::... vê aí::... tu pode colocar esse negocinho aqui assim não oh?::...

**AI6:** não pode assim ( )?...

**P:** olha::... presta atenção::... esse negocinho aqui oh?::... vocês não vão usar isso não::... isso aqui::... PSIU::... o que foi que eu falei pra vocês?::... isso aqui é linguagem da *Internet*::... tá?... não é pra colocar isso aqui não::... ( ) pra se despedir::... como eu falei::... um abraço::... até logo::... tá?...

**AI:** ( )

**P:** sim com certeza::... desde que você (mantenha) as características da carta::... na outra linha::... ponto::... terminou a mensagem::... ponto::... pega a outra linha... um abraço::... ou carinhosamente::... ou::... atenciosamente::... ou::... até logo::... até a vista::... até daqui a pouco::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá?... olha até daqui a pouco não né?... porque::... vocês não vão vê-los logo logo::... né?... mas ( )::...

**AI10:** pode ser de caneta vermelha professora?::...

**P:** ahn?::...

**AI10:** pode ser de caneta vermelha não?::...

**P:** quem terminou coloca aqui na mesa::... por favor::... olha então esse aqui oh::... PSIU::... ((Alguns alunos entregam as cartas e a professora tece comentários sobre os textos))

**P:** vocês::... OLHA... cada::... hei::... PSIU::... presta atenção::... no que eu vou falar::... eu quero ler pra vocês:: aqui::... o::/a crônica que eu trouxe hoje::... a carta do colega que vocês tão/tão respondendo::... é desse lado aqui::... aqui a carta dele é desse lado aqui::... ((Isso são orientações para os alunos que estão entregando a carta)) do lado esquerdo::... né?... é a carta do colega::... né?... e do lado direito::... é a carta que vocês estão

respondendo: tá? ((refere-se à posição das cartas sobre a mesa do professor)) vamo lá: vocês ainda estão nesse negócio: da carta: tá?

**Al:** ( )

**P:** olha só: deixa eu: fala só uma coisinha pra vocês: tá? vamos REver: as características de uma carta: como é que a gente/vocês não tem hábito de escrever carta: né? então por isso vocês estão assim meio em dúvida: né? porque se vocês tivessem o hábito de escrever carta sempre: vocês saberiam né? já: direitinho como é que faz: então ISSO que é importante a gente tá/está trabalhando isso aqui... vai que um dia vocês precisam: mandar uma carta: né? vai que um dia vocês estão: é: é: pleiteando uma vaga numa universidade aí lá: fora: né? nos Estados Unidos: no Japão: lá não sei onde né? e vocês precisam fazer uma carta: né? pedindo essa vaga: aí: como é que vocês vão fazer a carta se vocês não sabem fazer? né verdade? então... por isso que é importante a gente aprender a fazer uma carta... porque a carta: ela ainda faz parte: né? da nossa vida: lembram que eu falei pra vocês que o gênero literário: oh: desculpe-me: gênero literário não: é que é tanta aula: de literatura de português: ((A professora interrompe a explicação para chamar atenção de alguns alunos que estão fora da sala)) então olha só... prestem atenção: como é: a característica da carta? vocês ainda não estão: tão assim: entrosados com essa característica: tá? olha lá: ((a professora rediscute todas as características da carta, desde o cabeçalho)) **Al:** eu trouxe para vocês hoje: tá? essa crônica aqui do Rubem Braga: só que: vocês demoraram a escrever a carta: não vai dá tempo... então na próxima aula eu vou ler porque: essa crônica do Rubem Braga: ela é: no estilo da carta: tá? então aqui oh: né? ((Mostra a formatação da crônica do Rubem Braga no livro)) recado ao senhor novicentos e três: aí/aí ele vai começar: vizinho: vírgula: vizinho é o vocativo: né? como ele cham/invocou: o vizinho dele né? mas ele poderia ter colocado: caro vizinho: né? também: aí olha só como ele fez: vírgula: né? depois do vizinho: ele colocou uma vírgula: então eu posso trazer na próxima para cada um de vocês darem uma visua/é: visualizar esse texto: tá? vizinho: vírgula: aí olha como ele iniciou a carta pro vizinho: com letra maiúscula: né? "vizinho: quem fala aqui é o homem do hum mil e três:" e assim ele vai iniciar: né? aí ao final ele se despede né? e assim ( ) inteiro: só que aqui não tem porque aqui é uma crônica: tá? mais eu/essa crônica está no estilo da carta: e aí na próxima aula eu leio pra vocês: tá legal? beijos: muito obrigada:

#### [P5 A2]

((os alunos entram e alguns entregam uma produção textual (carta), sobre o resultado da "Dança da Galera" - quadro do programa "Domingão do Faustão" - que ficou como dever de casa. A professora reclama que recebeu poucas cartas. Uma aluna diz "aqui tá a minha professora...". E a professora: "AGora:"))

**P:** tá aí: é: eu pedi pra que vocês fizessem a resposta da carta do pessoal lá: da sala de informática... não foi isso?...

**ALS:** NÃO:

**P:** não é aqui não... eu Tô espeRANdo: tá: é: a ponto de: de hospedagem... me entregar a carta... pra que eu possa fazer a prova... eles vão responder a carta de vocês: e vocês vão responder a deles... só que: MAS: porém... todavia... no entanto: eu ainda não entrei nesta sala... né? então: o que acontece... ( ) não peguei as cartas não... e aí na próxima semana: ((daí a professora entrega os textos de alguns alunos)) aqui: essa aqui: é C... vamo vê: S... L... é: bom meus amores: então é isso... tá? é: eu vi: assim vocês terem: alguns probleminhas que: o: que VI: mais: ( ) que achei assim: mais: mais: assim: problemático: né? esse mais é com "i" ou com "s"? com "is" ou com "s"?... aliás...

**Als:** com "is"...

**P:** com "is"... tá vendo como ele adiciona: o que eu vi de MAIS: problemático... né? foi: a questão do "mas"... com "s"... só com "s"... e o MAis... que termina com "is"... tá? então... por isso que eu tô: reFORçando aqui: vocês pra explicação... né? todo dia: vocês tem/peguem essa anotação aqui: tá? ((refere-se a anotação em letras grandes feita por ela no quadro)) TODO dia vocês têm que olhar pra essa anotação: ok? ( ) esse probleminha aí do "mas" com "s" e do "mais" com "is"... a maioria de vocês tem esse problema... vocês não/ainda não conseguem identificar quando usa o "mas"... só com um "s"... e "mais" com "is"... tá? ainda não tão conseguindo: vocês sabem que existe essa diferença... eu já percebi... isso... mas na HOra de escreVER: ainda ficam confusos na hora de colocar: tá? então é preciso... que a gente revise essa explicaÇÃO: sem-pre que puder... tá legal?... bom: aí agora... vocês fizeram a carta que eu pedi?...

**ALS:** fizemos:

**P:** tá... eu vou passar pra pegar: tá?...

**Al1:** que carta?...

**Al2:** humm: A...

**P:** ah... sim: aí eu vi também um problema assim:

**ALS:** ((Discutem sobre a carta que a professora irá recolher))

**P:** vocês não: ((alguns alunos levantam para entregar as cartas)) tá? olha só: ( ) na primeira carta que eu passei pra vocês... eu vi problema com as carcteris-ti-cas de uma car-ta: ( ) as características desse gênero: porque muitos de vocês não colocaram a cidade... nem a data... não fizeram nada: só/foram escrevendo direto: OUtras pessoas: colocaram assim... colocaram a data aqui encima: ((desenha no quadro uma página para demonstrar a estrutura da carta)) aí aonde era o vo-ca-ti-vo: que é onde/quando você

vai chamar a pessoa: né? o que foi que colocaram? colocaram o título do texto: tá? e a carta não é/não tem título: é uma carta... ela tem que ter as características que contém uma carta... não é um TEXto qualquer: né? esse gênero carta: não precisa de título: tá? por quê? porque você vai colocar a ci-da-de: vai colocar a da-ta: depois você vai fazer o vocativo: caro/ca-ro: eleitor: por exemplo: né? se for uma carta pra um eleitor: caro eleitor: aí: DEpois você vai iniciar a sua CAR-ta: não precisa de título: certo? aí MA-is/aí depois que você escreveu toda a sua mensagem: você vai colocar o quê? ((enquanto os alunos pensam, a professora brinca e emite um som: "cri...cri...cri...cri..."))

**AI3:** assinatura...

**P:** não: senhora: antes da assinatura e do nome?:

**ALS:** ((comentam e alguns respondem: "despedida:..."))

**AI3:** cordialmente... abraço...

**P:** a despedida né? beijos... abraços... depende da/proximidade que você tiver com seu leitor: né? se for uma pessoa ím/mais íntima... você vai colocar beijos... abraços: né? se não: você vai colocar... atenciosamente... se for pra... pra uma: autoridade você vai colocar... RES-pei-tosamente... né? depende aí da proximidade que você tem... com seu leitor: e aí depois o que mais?:

**AI3:** a assinatura:...

**P:** a a-ssi-na-tura: né? o seu nome: certo? alguém ainda tem alguma dúvida com relação a isso?:

**AI4:** não:...

**AI3:** não:...

**P:** não... porque nós vamos passar: já pra OUTro: gênero: tá? aí eu preciso saber se vocês estão já craques nesse gênero carta: e eu/e eu ainda não vi: ainda não vi essa firmeza:...

**AI4:** ((som incompreensível))... gêneros textuais:...

**P:** DE-no-vo:...

**AI4:** só aqui: narrativa:...

**P:** não... isso é TI-po textual: ( ) BOM... eu vou passar pra pegar as cartas... tá? quem mais terminou?: ((Pergunta enquanto recolhe as cartas. Um aluno pergunta alguma coisa e a professora para na carteira dele para esclarecer. Enquanto isso os outros conversam)) OLHA: quando vocês terminarem aqui... ((a professora interrompe o que iria dizer, pois alguns alunos conversam em voz alta e outros entregam as cartas)) olha hoje eu trouxe um amigo pra vocês:...

**ALS:** ((Comentários))

**P:** esse aqui é bem velhinho... já tá até saindo as páginas:...

**AI3:** tá igual o meu:...

**ALS:** ((risos))

**AI3:** dicionário:...

**P:** quem quer dá olhada num nome?:

**AI5:** eu:...

**P:** é: então procura aí pra mim a palavra comissão:...

**AI3:** comissão:...

**AI4:** Ariadne: né professora?: ((risos)) ((brinca dizendo ser o nome da aluna))

**P:** vocês SABem como é que a gente OLHA o dicionário?: sabem?: todo mundo sabe?:

**AI3:** sei:...

**P:** a gente procura por ordem alfabética... né? a-b-c: vocês sabem a ordem alfabética?:

**AI5:** sim:...

**ALS:** ((Comentários. Os alunos fazem gracinhas.))

**P:** olha: quando a gente vai fazer a PROva: tão temida PROva do vestibular: né? eles deixam a gente levar o dicionário de língua estrangeira: então... portanto: vocês têm que aprender: como olhar no dicionário: porque às VEzes: o dicioNÁRIO: ele é o nosso/ao invés do nosso amigo na/prova... ele acaba sendo o nosso inimigo... tá: ela vai soletrar aí pra mim... como é que escreve a palavra comissão: bora lá:...

**ALS:** "c" "o":...

**P:** só a::/a nossa colega que tá com o dicionário: "c-o":

**AI5:** "m-i":

**P:** "m-i":

**AI5:** "s-s":

**P:** "s-s":

**ALS:** "a":

**P:** "a":

**AI5:** tio: "o":

**P:** tá? é assim: que escreve a palavra: co-mi-ssão: tá? MUITas pessoas escreveram/a palavra comissão com "ç": ((refere-se a comissão organizadora da "Dança da Galera")) por isso: que eu trouxe hoje/hoje o nosso amigo di-cio-ná-rio: tá? porque o dicioNÁRIO: ele não é: o nosso inimigo: muito pelo conTRÁRIO: ele é o quê? ele é NOsso?: amigo: por quê? por que que ele é nosso amigo?:

**AI6:** ele nos aJUda professora:...

**P:** porque ( ) quando a gente tá aperreado: ele tira a nossa DÚvida: porque no dicionário: né? como está escrito lá: as palavras: né? e os SIGNificados das palavras: né? da norma: CULta: enTÃO: a gente precisa né? do/do dicionário: pra gente/prá ele/prá ele nos ajudar: não é verdade?:

((os alunos conversam e a professora pede silêncio)) tem muita gente por aí:... que diz que o dicionário é o pai dos burros:... não é verdade?... mas será que ele é o pai dos burros?...

**ALS:** não:...

**P:** muito pelo conTRÁRIO:... ele é o pai dos inteligentes:... né?... por quê?... só quem usa o dicionário é que é inteligente:... (quer dizer) não é só quem usa:... mas:...

**AI3:** quem estuda:...

**P:** quem estuda:... quem usa:... né?... quem faz uso do dicioNÁRIO se torna mais inteligente:... por quê?... porque vai ver:... como a palavra é de FAtO:... escrita:... como ela é escrita:... como ela é... escrita... como é:/como é de verdade:... né?... por quê?... porque a gente não tem às vezes cerTEza:... como ela é:... se é com "c"... se é com "ç"... se é com "ss"... e aí:... né?... o dicionário vai mostrar pra gente:... como é:... então por isso:... é:... ( ) eu vou tentar trazê-lo:... todas as aulas:... eu vou pegar o dicionário lá:... da/porque a/a nossa biblioteca abre só oito horas:... aí:... fica um pouco difícil às vezes trazer o dicionário que tem lá... que o dicionário de lá:... que tem lá na biblioteca:... ele é melhor que esse aqui:... porque esse aqui é um MI-ni-dicionário:... né?... então... portanto se ele é mini:... ele não contém TODas as palavras:... né?... contém assim:: algumas:... mas o dicionário... o outro que é maior:... ele contém mais palavras:... não quer dizer que contenha TODas também:... mas contém mais:... e aí a gente vai:... fazer o uso do dicionário:... tá legal?... alguém quer ver mais alguma palavra?...

**AI4:** ela falou/ela quer professora:...

**P:** quer?... quer vê o dicionário?... tá com alguma dúvida em alguma palavra?... hamm?...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** bom:... eu vou deixar o dicionário aqui na minha mesa:... quando vocês tiverem alguma dúvida:... é só:... vir aqui:... e: ver:... tá?...

**AI4:** ela que professora:...

**P:** cuidado que o meu já tá velhinho:... saindo as páginas:... certo?... bom:... mas aí:... eu pedi:... pra que vocês fizessem uma car-ta:... ( ) pro nosso diretor de ensino:... professor P. M.:... foi isso?... aí:... eu ainda não vi as cartas de vocês:... daqui a pouco vou dar uma olhada:... porque eu vou fazer a:... vou fazer a:... a triA::gem:... o que pode... e o que não pode:... tá?... aí vocês falaram assim:... na semana passada:... que queriam né?... que trouxessem não sei que:... pra cá:... ( )

**AI6:** o Luan Santana:...

**P:** o quê?...

**AI6:** Luan Santana:...

**ALS:** ((risos))

**P:** o Luan Santana?...

**AI6:** claro:...

**P:** ah não:... eu tô brincando:... lá na semana passada:... ( ) sim:... aí vocês me diSSEram:... na semana passada:... que vocês... tinham algumas REIvindicações a fazer:... não é isso?... bom:... aí eu só quero deixar uma coisa BEM clara pra vocês... depois se vocês quiseram REfazer a carta de vocês:... eu deixo:... tá?... é:... ontem eu estava dando aula na turma de informática:... e aí:... eu estava conversando com eles a respeito... de quando a gente faz:... é:... assim cartas para reivindicar as coisas... aí eu tava dizendo pra eles:... que quando a gente faz é:... uma:... quando a gente escreve:... ou mesmo fala:... né?... ( ) através da linguagem oral:... é:... quando a gente PEde alguma COIsa... quando a gente reivindica... a gente também não tem SÓ que:... mostrar que não/tá ruim:... a gente tem que falar também a respeito do quê?... a respeito das coisas boas:... né?... por exemplo:... aqui:... é:... uma instituição:... vocês só tem coisas pra reclamar:... ou vocês também têm coisas pra agradecer?...

**AI3:** pra agradecer:...

**AI5:** pra agradecer:...

**P:** a gente tem coisas pra agradecer também:... né?... então:... como eu disse pra eles ((alunos da turma de informática)) o que ficava mais FÁcil:... primeiro a gente falava as coisas boas:... e depois falar das coisas:...

**AI3:** ruins:...

**P:** das coisas ruins:... das coisas que a gente queria reivindicar:... porque se torna mais fácil né?... da gente conseguir:... por quê?... porque PRImeiro a gente eLO-gia:... né?... e aí depois a gente:...

**AI3:** mete o pau:...

**P:** ops:... não:... mete o pau não:... depois a gente né?... é:...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** fala que:... não tá bem:... aí:... ((pede silêncio)) ( ) vocês lembram da semana passada eu falei ( ) que eu tinha trazido um texto pra ler pra vocês aqui na sala?...

**ALS:** não:...

**P:** não?... não foi aqui que eu falei?...

**ALS:** não:...

**P:** ( ) tá?... olha só:... eu trouxe um texto:: pra vocês hoje:... tá:... que é/é uma CRÔNica:... tá?... que ele foi escrita em forma de uma car-ta:... eu trouxe esse texto EXAtamente pra vocês é:... perceberem:... né?... algumas características de uma carta nele:... tá?... é:... ESSE TEXto:... é do Rubem Braga:... tá?... que é um cronista... brasileiro:... e ele fez essa... alguém sabe me dizer o que que é uma crônica?...

**AI5:** uma história:...

**P:** uma história:... de quê?...

**AI4:** de negócio aí:...

**P:** de negócio?...

**Als:** ((risos))

**P:** han?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) uma crônica:... ela é uma história de fato... como a colega falou:... né?:... SÓ que ela fala a respeito de COLsas:... coti-di-anas:... né?:... por exemplo... esse texto aqui ele vai tratar:: a respeito de relacionamento entre vizinhos:... tá?:... e AÍ:... é:... esse relacionamento às vezes ele é bom:... às vezes ele é RUÍm:... às vezes ele é:...

**AI4:** mais ruim:...

**P:** mais ruim ainda:... ((voz risonha)) esse mais é com "i" ou com "s"?:...

**ALS:** com "i":...

**P:** ou:: desculpa:... eu só quero dizer "i":... com "is" ou com:: "s"?:...

**ALS:** "is":...

**P:** "is":... por quê?:...

**AI3:** porque tá acrescentando:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá acrescentando o quê?:... adicionando o quê?:... mais ruim:... né?:... MAIS:... né?:... ele não é só ruim:... ele é MAIs: ruim:... né?:... como se:... acrescentasse mais coisas ruim:... né?:... então tá:... vamos lá:... eu vou ler o TEXto:... portanto:... eu preciso de quê?:...

**ALS:** silêncio:...

**P:** muito bem:... "recado ao SEnhor:... 903:... "... aí Olha SÓ:... ESSE texto aqui:... como ele é uma CRÔNica:... ele tem o título né?:... aí vejam bem como ele/como ele fez:... né?:... antes de iniciar a carta:... ele co/ele pôs o título aqui encima olha:... ((mostra a crônica no livro)) "recado ao senhor 903":... aí ele vai iniciar a carta:... um pouco diferente:... porque não é o gênero carta aqui:... né?:... é uma crônica:... tá?:... mas ele fez em forma de... car-ta:... vamos ler:...

(...)

((daí a professora inicia a leitura da crônica; os alunos, atentos, fazem poucas interrupções))

**P:** gostaram?:...

**ALS:** sim:...

**P:** vocês entenderam?:... sobre o que o texto fala?:...

**ALS:** ((os alunos comentam, contudo o som é incompreensível))

**P:** ah:... eu tenho outra carta que eu preciso entregar:... a da F:... da minha chara:... tá?:... sim?:... e aí?:... sobre o que que o texto fala?:...

**AI6:** sobre a vida dos vizinhos:...

**AI7:** sobre:...

**P:** sobre o relacionamento entre dois vizinhos:... né?:... esse relacionamento entre os dois vizinhos:... ele é:: bom?:... ele é conflituoso?:... como é que é esse/esse relacionamento?:...

**AI8:** ele é conflituoso:...

**P:** ele é conflituoso por quê?:...

**AI8:** porque o:: vizinho do apartamento de cima... usa:/faz barulho e atrapalha o sono do:... (vizinho individualista:...)

**P:** certo:... e o vizinho de cima ele tem razão ou não?:...

**ALS:** não:...

**P:** e o vizinho de baixo ele tem razão ou não?:...

**ALS:** tem:...

**P:** tem?:... vocês acham que ele tem?:... é:... mas aí:... vocês acharam o quê?:... que:... ele só:... ele/primeiro ele falou TOrdos os problemas que ele... que achava que ele come-ti-a:... mas ao final o que que ele fez?:...

**AI8:** é pra:... ( )

**ALS:** ((comentários))

**P:** ele fez uma CRÍtica ao vizinho:... né?:... por que o vizinho:... só reclamava... mas o vizinho tambÉM:... não fazia parte dele:... né?:... de chegar lá:: bater na porta... dizer que queria participar da festa... né?:... então AÍ:... ele primeiro/ele enumerou tudo aquilo que ele/o vizinho reclamava dele:... né?:... ou seja... ele FEZ:... aquilo que disse pra vocês fazerem:... né?:... PRImeiro a gente só elogia:... nesse caso:... ele usou o quê?:... ele fez:... o oposto:... né?:... ele colocou tudo aquilo que o vizinho criticava nele... como se fosse uma forma de ELOgio:... às críticas que o vizinho estava fazendo:... e AÍ AO final:... que que ele fez?:... ele deu uma RASteira no vizinho né?:... quando ele fez o que?:... a crítica dele sobre... aquilo que o vizinho vinha fazendo:... entenderam?:... aSSIM:... deSSA forma:... que é pra vocês escreverem a CARTa:... que EU pedi:... né?:... pro diretor de ensino:... priMEIRO:... vocês vão:... o quê?:... vocês PODem:: fazer:: dessa forma:... não quer dizer que tenha que ser sempre assim:... mas:... é mais fácil... quando a gente mostra primeiro os nossos erros:... no caso ( )... vocês vão mostrar primeiro o quê?:... os elogios... né?:... e aí:... depois:... ao final:... ou na metade da CARTa:... vocês vão fazer:... a crí-ti-ca:... entenderam como é?:... por exemplo:... o vizinho:... né?:... ( ) quando ele foi escreVER:: ao vizinho do novicentos e três:... primeiro ele colocou TOrdas as críticas que o vizinho fazia:... como se fosse uma forma de elogiar:... não... você está certo:... eu realmente faço barulho:... eu:: e o oceano atlântico:... fazemos barulho:... somente nós dois:... né?:... bramimos:... né?:... e aí eu vou pedir pra minha colega aqui:... procurar:... cadê o dicionário?:... pode procurar aí:... a palavra bramimos:... ( ) né?:... eu e o oceano atlântico:... BRAMImos:... né?:... então:... SÓ:: eles dois faziam barulho enquanto todos:... sé/olha:... olha:: o tom:... o tom que ele fala:... né?:... só nós dois bramimos

enquanto todos os outros estão em silêncio... é: o que que ele quer dizer aí? né? SErá: MESmo: né? que só eles dois fazem barulho enquanto todos os outros estão silenciosos: né? então: não tem essa palavra né? mais ela está relacionada: a/é: a barulho né? deixa eu ver: tem uma outra palavra aqui: também: é: consTERnado: procura aí: a palavra consternado:

**AI6:** tem bramido:

**P:** hãh?:

**AI6:** tem bramido:

**P:** tem?: veja aí: ( ) como fica...

**AI6:** grito de pessoa furiosa: barulho ou estrondo do mar: tempestade ( )...

**P:** Isso: muito bem: agora a outra... consterNado: ((professora pede silêncio)) tá: enquanto ela procura aí: a gente: tá: então olha só: é: ((os alunos conversam)) eu vou pedir: ( ) eu vou pedir que vocês escrevam uma outra car-ta: ((os alunos reclamam)) mas vocês são muito pre-gui-çosos:

**AI8:** pra quem é professora agora?:

**P:** gente: olha só: vocês já se perceberam: qual é o curso que vocês estão fazendo coMlgo?: ((um aluno comenta sobre o curso técnico)) não: não: eu tô falando comigo:

**AI8:** língua portuguesa:

**P:** língua portuguesa: redação: literatura: e Aí: vocês não querem es-cre-ver?: que coisa:

**AI9:** eu quero:

**ALS:** ((comentam que sim))

**P:** ahn?:

**ALS:** ((mostram-se dispostos para executar a atividade de produção textual))

**P:** aí vocês vão escolher: com qual é a turma... que vocês vão querer se relacionar:

**ALS:** ((conversam em voz alta))

**P:** vocês vão escrever uma carta tá?: pra uma das turmas daqui: do ensi/do integrado: da manhã: falando a respeito desse relacionamento: entre vizinhos: né? ( ) então: vocês são vizinhos: né? é como se vocês fossem: ((pede silêncio)) ( ) é: bom: então: vocês vão escrever uma car-ta né? pra:/pra alguma turma aqui da/da instituição... que vocês queiram se relacionar: pode ser a turma de infor-má-ti-ca: né?: pode ser a turma de PESca: pode ser a turma de:

**AI6:** edificações:

**P:** não: edificações não: é: hospedagem: eu falei a respeito do integrado... tá?:

**AI5:** integrado da manhã... né professora?:

**P:** é: porque eu só dou aula pra essas turmas: então eu só posso levar a carta de vocês: né? eu poderia levar pra outras turmas também... mas é mais/se torna mais fácil: levar pra essas turmas:

**AI8:** de pesca também?:

**P:** ahn?:

**AI8:** de pescaria...

**P:** de pesca também tá?: aí vocês vão fazer uma car-ta... né?: falando a respeito desse relacionamento de vocês... né?: elo-gi-ando alguns pontos: e também criticando outros pontos: tá legal?: igual como a carta/mas o menos pa-re-ci-da: não quer dizer que é IGUAL: né?: mais o menos parecida: à carta: né?: que o vizinho do novecen/do mil e três: fez para o vizinho do novecentos e três... entenderam?:

**AI6:** entendemos:

**P:** aí eu vou fazer: mais uma vez: vou falar mais uma vez: tá?: a respeito das características da carta: primeiro: nós vamos colocar o quê?:

**ALS:** ((respondem ao mesmo tempo))

**P:** a data/a cidade: data: enfim: DEpois: o voca-ti-vo: aí vem/depois de vocativo eu faço o quê?: vírgula: depois da vírgula eu faço o quê?: eu deixo um espaço: e aí?:

**AI5:** início a carta:

**P:** início a carta: aí eu inicio a carta com/com letra minúscula ou letra maiúscula?:

**ALS:** maiúscula:

**P:** maiúscula: aí eu vou escrever o quê?: toda a minha:

**AI8:** história:

**P:** mensagem: depois que eu escrever toda a minha mensagem eu vou fazer o quê?:

**ALS:** ((som incompreensível))

**P:** as despedidas né?:

**ALS:** é:

**P:** depois que eu fizer as despedidas eu fazer o quê?:

**AI6:** botar o nosso nome:

**P:** ahn?:

**AI6:** botar o nosso nome:

**AI10:** assinatura:

**P:** assinatura: aí acabou a carta:

**AI8:** nome:

**P:** acabou?:

**ALS:** não:

**P:** de repente por algum motivo: nossa: esqueci de colocar alguma coisa:

**AI6:** P.S.:

**P:** aí o que é que eu vou fazer lá?:

**AI6:** P.S.:...

**P:** P.S.:... que significa o quê?:... *post?*:... *post-escriptum*:... eu já falei que é uma sigla:... latina né?:...

**AI10:** professora:...

**P:** pesquisou?:...

**AI10:** pesquisei:...

**P:** muito bem:... a colega aqui pesquisou... olha que legal:... umbora ver a pesquisa dela:... que legal:... ( ) umbora ver se nós estávamos certos na nossa:...

**AI6:** umbora:...

**P:** no que nós falamos aqui no sábado( )... P.S.:... é L. né?:...

**AI10:** L.

**P:** a L. pesquisou aqui:... umbora ver:... "P.S.:... é uma expressão em latim:... *post-scriptum*... significa algo que você queria ter escrito no texto:... mas se esqueceu:... ou por qualquer outro motivo não colocou no texto principal:... então escreve-se P.S. no final:... e acrescenta o texto que foi desejado... que for desejado..." entenderam o que que é o P.S.?:...

**AI8:** entendemos:...

**P:** como eu falei na aula passada... como tá aí no texto da colega:... ela pesquisou muito bem:... parabéns:... viu querida:... por/é:... sigam esse EXEMPlo:... tá?:...

**AI8:** vamos seguir:...

**P:** é:... o P.S. é alguma coisa que por algum motivo você esqueceu:... né?:... mas que você precisa colocar:... então aí você abre né?:... lá:... o P.S.: né?:... e aí escreve o texto:... que você deixou de colocar:... né?:... ou a mensagem que você esqueceu:... por algum motivo... e aí você coloca no P.S.:... olha eu vou passar aqui o/o/o livro pra vocês darem uma olhada:... tá?:... só pra vocês verem como é que ele fez aqui:... ele coloca o voca-ti-vo:... vírgula... aí na próxima linha ele deixa o espaço né?:... e começa a escrever com letra maiúscula/prá vocês visualizarem bem isso aqui:... da mensagem:...

**AI8:** professora:... é o seguinte:... é pra escrever ( ):...

**P:** é:... não é só pra elogiar não:... vocês vão escrever:... né?:... é:... colocando:... se o fato do amigo de vocês...

**AI:** ((Som incompreensível))

**P:** não:... mas vocês vão:... se eles tão por aqui:... pela lá/pela lá:...

**ALS:** ((os alunos questionam))

**P:** você não precisa colocar específico/pode... pode:... fazer críticas:... como falei:... cê pode fazer/é colocar tanto:... o que você:... o que é positivo:... quanto o que é negativo:...

**AI8:** ((aluno faz um questionamento, mas o som é incompreensível))

**P:** sim:... sim:... sim:... tá?:...

**AI5:** e pra gente vai ter alguma (carta)?:...

**P:** vai com cer-te-za:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** alguém fez o trabalho de literatura?:...

**ALS:** nós:...

**P:** a entrega é hoje:... tá?:...

**AI10:** o que professora?:...

**ALS:** trabalho de literatura:...

((Alguns alunos levantam e entregam o trabalho. Eles conversam em voz alta))

**P:** olha só:... umbora fechar aqui:... ((refere-se ao conteúdo)) vamos fechar aqui:... vamos fazer aqui uma/uma:... um acordo:... ( ) eu gostaria que todos vocês escrevessem:... pra uma sala em específico:... porque depois:... eu vou passar a carta de vocês PRA eles:... e vou pegar a carta deles e passar pra vocês:... tá?:...

**AI8:** mas é pra um aluno em específico?:...

**P:** não:... um aluno/uma turma em específico:... por exemplo:... pode ser a turma de informática:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** podem fazer fazer pra ( ):... pra hospedagem:... ((Pede silêncio)) OU PRA pesca:... que é aqui do lado:... vocês não querem fazer pra pesca?:...

**ALS:** não:...

**AI8:** sim:... sim:...

**P:** eu acho melhor:... não:... ((Pede silêncio novamente)) lembram que eu falei pra VOcês que eu vou pegar tudo?:... As cartas da turma de hospedagem pra vocês:... então vocês podem fazer pra turma de hospedagem:... tá?:... que fica aqui embaixo:... bem aqui embaixo:...

((Os alunos batem o pé no chão para fazer barulho para os vizinhos da sala de baixo))

**P:** será que o nosso barulho atrapalha a sala/nós vamos ouvir deles:... ((Alguns alunos exageram e a professora pede a compreensão)) né?:... ( ) eu vou dizer uma coisa pra vocês:... um dia desse:... ((Interrompe e pede silêncio)) você sabia que os nossos professores nós também temos conflito com uma turma aqui?:...

**AI5:** quem é professora?:...

**P:** a nossa sala:... de professores... É EMbaixo:... de uma TURma:... né?:... e aí a turma/toda vez que a turma entra que a turma sai a gente sabe tudo:... porque é um barulho que meu Deus do céu:... né?:... ENTão:... é nesse sentido/será:... vocês nunca imaginaram:... né?:... que vocês aqui em cima fazem barulho pra turma lá debaixo?:... né?:... vocês podem até perguntar:... né?:... se/OU: se tá tudo bem:... se vocês não tão fazendo barulho pra eles:... né?:... se eles não tão tendo nenhum tipo de problema:... tá?:... então aí vocês:... ((Alunos

conversam)) vamos fechar um acordo aqui:.... tá?:.... nós vamos escrever pra turma de hos-pe-da-gem:.... não é pra um aluno:.... não é pra um aluno em específico:.... é pra turma:.... tá?... a turma de hospedagem:.... tá?:.... ((Os alunos reclamam))

**AI5:** professora cuidado:.... ( )

((A turma fica agitada))

**P:** olha eu vou fazer a chaMAda:....

**AI8:** tá:....

**P:** olha essa carta é pra entregar hoje:.... tá?:....

**AI8:** credo professora:....

**AI:** é pra entregar agora professora?:....

((Os alunos discutem/negociam com a professora o prazo de entrega. Eles pedem para entregar no dia 08/05, dizem que é o dia internacional da mulher - que de fato é 08/03. Daí a professora explica o motivo de se comemorar esse dia. Depois alguns alunos perguntam detalhes sobre a carta que será enviada à turma de hospedagem. A professora esclarece que os alunos têm vinte e sete minutos para fazer a carta - é o tempo que resta para finalizar a aula. Poucos alunos concentram-se na produção. A professora faz a frequência. Uma aluna questiona o fato de ter de escrever para a turma de Hospedagem, pois não conhece ninguém da turma. A professora determina que eles escolham o destinatário: Hospedagem ou Engenharia de Pesca))

**AI8:** professora não seria mais fácil pra Pesca?:.... a gente nem convive com o pessoal de Hospedagem:....

**P:** tá:.... então façam para a turma de Pesca... agora ( ) :....

**ALS:** ah:: professora:....

**AI:** ah já comecei:....

**AI4:** a Senhora entrega pra hospedagem:.... entrega pra Pesca:....

**P:** então umbora fazer assim:.... quem quer fazer pra Pesca... faz pra Pesca:.... Quem quer fazer pra hospedagem... faz pra Hospedagem tá?:.... ok?:.... certo?:.... vocês entenderam como é pra fazer:....

**AI5:** não:....

**P:** vou explicar mais uma vez:.... tá?:.... vocês vão fazer uma carta:.... pra alguma turma aqui:.... tá?:.... pra/da instituição:.... sendo que tem que ser do primeiro ano:.... do integrado:.... que são as turmas que eu trabalho:.... né?:.... pra ficar mais FÁcil de entregar/a carta pra eles:.... eles responderem a carta de vocês:.... tá?:.... aí vocês vão fazer essa carta pra turma:.... e vão:.... é:.... e nessa carta vocês vão fazer como a/a/a carta que eu li hoje pra vocês:.... da (crônica) né?:.... vocês vão comentar a respeito da convivência de vocês:.... se essa convivência é boa:.... é:.... se vocês têm alguma COIsa pra elogiar essa turma:.... né?:.... se não tiver:.... ou/ou sim ou não vocês também vão colocar:.... aquilo que:.... tá:.... fazendo conflito entre vocês... barulho:.... ou se a turma é bagunceira:.... se atrapalha a aula de vocês:.... se não atrapalha... se eles ficam aqui no corredor:.... conversando:.... se atrapalha vocês... sim ou não:.... tá?:.... e aí:.... vocês vão:.... é:.... comentar:.... vão fazer esses comentários:.... a respeito:.... é:.... como denunciar:.... como colocar:.... o conflito:.... e também vai colocar:.... né?:.... aquilo que tá bom:.... aí vocês podem colocar:.... u-ma:: so-lu-ção pra esse conflito que:.... que vocês tão/que vocês acham que tem:.... tá legal?:.... entenderam?:.... sim ou não?:.... ficou difícil?... é:.... então tá:....

((Os alunos comentam entre si))

**P:** não:.... não é se:.... vocês que vão:.... gente:.... tem atividade:.... eu não posso dizer:.... façam desse jeito:.... vocês têm que decidir:.... como vocês/vocês tem:.... permissão pra decidir o que vocês vão fazer:.... se vocês vão fazer primeiro:.... é:.... eu SÓ falei hoje de manhã:.... o (seguinte):.... que fica mais fá:cil: né?:.... primeiro quando a gente elogia:.... né?:.... porque aí vocês:.... a gente não vai só:.... ah tá não sei o quê:.... tá conflituoso:.... né?:.... vocês fazem barulho:.... e tal:.... é:.... primeiro vamos pedi/quando a gente começa elogiando:.... né?:.... a pessoa começa:.... ela fica com GOS-to pra ler a coisa:.... né?:.... porque você vai primeiro elogiar:.... e depois:.... você vai colocar:.... o conflito:.... né?:.... ficam/eu falei só: que fica mais fá:cil:.... agora se vocês querem fazer primeiro:.... é:.... o conflito depo/isso aí vocês decidam:.... tá?:.... eu só disse:.... que é mais prazeroso pra pessoa que tá lendo:.... né?:.... ( ) por exemplo:.... se eu fosse receber uma carta de vocês né?:.... fossem falar:/mandar uma carta pra mim:.... professora F.... aí não seria melhor:.... mais prazeroso se eu lesse primeiro os elogios que vocês vão fazer:.... a meu respeito:.... e a minha aula:....

**AI6:** de rocha:....

**P:** né?:.... e aí lá no final:.... quando ia me deparar né?:.... com as:.... com as problemáticas:.... né?:.... com as:.... pro-ble-máticas:.... né?:.... lá:: embaixo... aí se tornaria o quê?:.... é:.... ( ) eu ia ver o seguinte:.... poxa:: a/aquela turma realmente eles:.... me elogiaram:.... assim assim:.... e eles colocaram aqui:.... o que tá faltando:.... né?:.... a/é:.... o conflito: que tem entre a gente:.... né?:.... o que eles não estão entendendo:.... bacana:.... aí:.... se torna mais fácil... prazeroso pra esse leitor:.... do que primeiro:.... ele pega aqui:.... a isso tá ruim... isso tá errado:.... isso tá assim:.... ah eu não vou nem ler isso aqui:.... (pô) isso tá tudo assim:.... né?:.... então é isso que eu quero dizer:.... se torna mais:.... prazeroso:.... não quer dizer:.... que seja certo ou errado:.... isso aí vocês que vão decidir:.... como vocês vão fazer:.... eu não posso dizer também que vocês devem fazer desse jeito:.... tá?:.... vocês/vocês... é:.... não tinha um programa no:.... na:.... globo:.... há um tempo atrás:.... você decide:.... né?:.... ( ) aqui também é assim:.... você decide:.... o que você vai fazer:.... tá legal?:....

((A professora dá uma pausa nas explicações e reserva o final da aula para produção da carta. A maioria dos alunos não consegue produzir a carta))

**P:** posso falar algo?:....

**AI5:** pode:....

**AI8:** professora terminei:....

**P:** terminou?:.... essa agora?:....

**AI8:** é:...

**P:** vocês fizeram a revisão?:...

**ALS:** não:...

**AI8:** que revisão?:...

**P:** eu já falei a respeito da revisão do texto: aqui?:...

**ALS:** não:...

**P:** olha:... ((pede silêncio)) todas as vezes que a gente escreve:... primeiro: a gente pensa né?... tem a ideia:... né?... fica lá pensando:... né?:... aí depois a gente vai passar essa ideia pro papel:... depois que a gente passar a ideia pro papel... a gente precisa fazer uma revisão:... por quê?:... por que sempre que a gente escreve um texto:... né?... qualquer pessoa:... isso aí é:/é o escritor... melhor escritor: que tem na terra:... na face da terra:... ele precisa fazer:... a revisão do texto... né?:... o que é essa revisão?:... depois que ele escreveu ele vai... ler: aquilo que ele escreveu:... né?:... e ÀS VEZES ele precisa ler mais de uma vez:... né?... ler a primeira:... aí ele encontrou alguns erros: né?:... erro de ortogra-fia:... uma vírgula que ficou fora do lugar:... ou:... uma:... é:... ele precisava colocar:... talvez ele colocou um ponto e não era um ponto:... era um ponto de exclamação:... né?:... era um ponto em seguida/ele botou um ponto em seGULda:... e não era um ponto em seguida:... era um ponto de exclamação:... né?:... então a gente precisa ler novamente:... né?:... o ( ) a primeira vez:... já fez alguns né?:... algumas correções:... ele lê: a segunda vez:... né?:... pra isso a gente precisa:... da nossa/da ajuda do nosso amigo dicionário:... também:... né?:... eu fiquei com dúvida em tal palavra:... será que a palavra... comissão ela é escrita com "ç" com "ss"... como ela é escrita?:... né?:... aí eu vou lá no dicionário e vejo:... tá?:... então vocês escrevem:... parece assim que vocês estão:... com:... com:... vontade:... de se livrar do texto:... como se ele fosse:... um bicho de noventa e nove cabeças:... né?:... e não é isso... não é desse jeito que a gente faz as coisas:... tá?:... o que eu percebo:... que:... a mai-oria:... das cartas que me entregaram:... o fato delas não estarem assim:... tão adequadas:... é por isso:... porque vocês:... ((parece)) que queriam se livrar:... da coisa:... não é assim:... a gente tem que ter: cuidado com nosso texto:... né?:... tratar ele como se ele fosse:... o nosso bibelô: a coisa mais importante pra gente:... eu não vou tá escrevendo ele de qualquer jeito:... tenho que:... né?... poxa quantos anos eu já estUDEI:... né?:... o que será que eu aprendi: nos anos que eu/que eu passei:... né?:... até a oitava série pra chegar aqui?:... então eu preciso utilizar esses conhecimentos que eu tenho:... né?:... esses conhecimentos que eu adquiri ao longo desses anos:... pra poder seguir adiante:... então:... é:... é preciso que seja feita essa revisão do texto por vocês mesmos:... pra que depois:... vocês me entreguem... eu faço a minha correção... tá?:... então não me entreguem o texto:... ah eu vou entregar pra professora:... não é desse jeito:... precisa ser feito uma revisão:... que é essa revisão?:... é ler o texto:... é:... ver o que não tá adequado:... né?:... tentar enxergar de alguma forma o que não está adequado:... né?:... e: ler:... é:... no mínimo uma três vezes:... vocês sabiam que vocês têm que ler no mínimo umas três vezes?:... o texto que vocês fizeram?:... e tem gente que não está fazendo isso:... então:... por favor:... façam a revisão:... não entreguem o texto de qualquer jeito:... não ficou bom?:... né?:... não quero o texto também todo: riscado: não:... por favor:... vocês não estão mais:... né?:... no jardim de infância:... precisa:... é:... se riscou:... façam novamente:... tá?:... porque:... é:... isso daí esses/essa/é/isso é/é... é feito pegar um texto assim:... todo borrado:... todo riscado:... né?:... né?:... porque você tem que ter:... clareza:... né:... é/a pessoa que tá lendo:... tem que ter clareza do texto:... agora o texto:... agora o texto todo borrado... nesse caso a pessoa não vai entender:... tá?:... então:... beijos amores:... foi um prazer está com vocês hoje aqui:...

**AI8:** igualmente professora:...

**P:** tá:... façam as anotações de vocês:... o que vocês não entenderam:... eu não entendi o que que é esse P.S.?:... o que que é:... eu não entendi essa/essas características da carta... por favor façam:... a/a/a:... é:... façam essas anotações:... do que vocês não estão entendendo:... como é esse mais com "i": mas com "s":... eu ainda não entendi/mas com "is" mas só com "s":... eu ainda não entendi isso direito... professora:... é:... explique novamente tá?:... eu preciso que vocês façam essas anotações:... pra que a gente dê andamento na nossa aula... pra que vocês entendam:... tá?:... oh professora não estou entendendo:... a sua linguagem não tô conseguindo captar:... né?:... então... é:... fale diferente:... use gírias: que nós precisamos ouvir também as gírias: né?:... então por favor eu preciso que vocês façam essas anotações:... tá legal?:... estamos conversados?:...

**ALS:** sim:...

**P:** tá?:... beijos amores... até a próxima aula:... tá?:...

### [P5 A3]

((Enquanto a aula não inicia, alguns alunos conversam com a professora e tentam sanar algumas dúvidas sobre a última aula))

**P:** certo?... podemos começar:... ( ) tá:... então vamos lá:... podemos começar:... bom dia a todos:... tá?:...

**AI8:** bom dia:...

**P:** hoje nós vamos ver um pouquinho:... vamos falar um pouquinho:... a respeito de:... arte literária:... tá?:... é:... bom:... a arte literária ela não é na-da:... não é nada:... que vocês ainda não conheçam:... né?:... por quê?:... porque a arte literária:... ela:... tem um modo de se expressar:... e ela se expressa através do quê?:...

**AI:** ( )

**P:** M:...

**AIM:** através da:... da escrita:... ((risos))

**P:** através da escrita?.... será que é através da escrita:: que ela se expressa?.... ela se expressa através do quê?.... da: palavra:.... e aí?.... ela se expressa através da palavra:.... e:.... mas é qualquer palavra:: que ela se expressa:.... a arte literária?.... é qualquer palavra?.... é de qualquer jeito?.... como é essa palavra?....

**AI1:** ela é bem curta:....

**P:** ahn?.... ela é bem curta?....

**AI1:** ((risos))

**P:** curta:....

**AI1:** é:....

**P:** e como ela pode ser curta?.... hum?....

**ALS:** ((comentários))

**P:** como é que ela pode ser curta?.... ( ) por que essa palavra:.... né?.... que ela é:.... a palavra da arte literária:.... ela é uma palavra o quê?.... tra-ba-lha-da:.... mol-da-da:.... ela não é qualquer palavra:.... digam:.... qualquer texto pode ser um poema?.... qualquer texto pode ser uma poesia?....

**AIS:** não:....

**P:** não:.... por que não?.... eu acabei de falar:....

**AI1:** ( )

**P:** por que o texto né?.... o texto literário:.... o texto da poesia:.... o texto da prosa:.... ele tem que ser um texto o quê?.... trabalhado:.... moldado:.... né?.... e aí:.... pra gente ter:.... a arte poética... a gente precisa utilizar:.... é:.... o quê?.... a gente precisa:.... é:.... de que/de que:.... é:.... digamos assim:.... de que matéria nós precisamos:.... né?.... a palavra trabalhada ou seja:.... nós precisamos:.... da:.... do/da:.... das figuras de linguagem:.... né?.... então pra que o nosso texto seja um texto:.... literário:.... pra que ele seja uma poesia:.... pra que ele seja uma prosa:.... ou que agora né?.... lembra que eu expliquei pra vocês?.... que a:.... é:.... até o século dezoito:.... né?... mais ou menos:.... né?... dezessete:.... por ali:.... a gente é:.... não chamava de:.... literatura:.... ele era de quê?.... de?....

**AI1:** poesia:....

**P:** chamava de poesia:.... né?.... tudo era poesia né?.... aí depois:.... mudou porque entrou o Romantis-mo:.... e aí com o Romantismo:.... o que que aconteceu?.... houve essa mudança:.... porque/porque:.... os textos eles não eram mais escritos apenas em forma de poesia:.... eles passaram a ser escritos também:.... né?.... também porque a poesia não deixou de existir:.... né?.... eles passaram a ser escritos em: prosa:.... né?.... e aí:.... que foi incorporado também:.... ( ) o romance: né?.... lembra que também eu expliquei pra vocês?.... eu não sei se aqui nessa sala eu expliquei:.... que nem todo romance é romântico:.... ((Alguns alunos balançam a cabeça sinalizando que não)) não?.... eu não expliquei pra vocês?....

**AI1:** explicou:.... explicou:....

**P:** eu falei... não falei?.... falei pouquinho não foi?.... pois é:.... então nem todo romance é romântico:.... romance é a forma de escrita:.... né?.... ( ) todos a partir do/do:.... dessa:.... escola literária:.... tudo foi considerado romance:.... por quê?.... porque estava escrita em forma de: prosa:.... tá?.... e nem todos são românticos:.... porque NEM TODos: os romances falam de amor:.... por exemplo:.... vocês já viram aquele livro:.... a menina que roubava livros?....

**AI1:** já:....

**AI2:** já:....

**P:** ele é escrito em forma de romance:.... mais ele não fala de amor:.... deixa eu ver um outro livro:.... o caçador de pipas:.... vocês já ouviram falar do caçador de pipas?....

**AI1:** já:....

**AI3:** já:....

**P:** ele também é escrito em forma de romance:.... mais ele não é:.... um romance que fala de amor:.... então nem todos os romances:.... né?.... falam a respeito de amor:.... eles falam:.... né?.... eles têm/é a forma de escrita que é considerada romance:.... mas isso não quer dizer:.... que eles sejam todos:.... que todos eles tenham o mesmo tema que é o amor:.... nem todos eles têm:.... embora tenha romances que falam de amor:.... e aí nós consideramos eles de romances românticos:.... tá?.... bom:.... então:.... de que eu tava falando mesmo?.... ((risos))

**AI1:** de romance:....

**P:** não:.... fora essa parte do romance:....

**AIS:** ((comentários))

**P:** tá:.... sim aí eles:.... todos eles né?.... nós: é:.... a poesia né?.... pra que seja considerado:.... ((O texto poético no sentido estrito da palavra)) é:.... uma poesia:.... a gente precisa:.... do quê?.... das figuras de linguagem né?.... ( ) a principal figura de linguagem:.... é a:/a/a:.... é a:.... poética:.... né?.... que essa/a figura poética:.... a figura de linguagem:.... a figura de linguagem:.... tá certo?.... tá certo professor?.... ((Pergunta ao pesquisador)) acho que eu tô me confundindo... não é figura de linguagem:.... é figura de?....

**AI4:** figura de pensamento:....

**P:** de pensamento?....

**AIS:** ((risos))

**P:** não... acho que é figura de linguagem mesmo:.... tá:.... tá certo né?.... não... é tá certo: tá certo:.... é isso mesmo:.... tá:.... aí a gente: utiliza essa figura de linguagem que a gente chama de poética né?.... onde ela tem:.... é:.... a principal:.... característica dela:.... é o quê?.... é passar a?.... passar a?.... a mensagem:.... né?.... tá?.... e:.... que mais?....

**AI5:** de uma forma que as pessoas possam entender:....

**P:** de uma forma que os leitores possam entender:.... muito bem:.... só que:.... utilizando todas as outras figuras de linguagem que a gente conhece né?:.... como a:.... a metalinguagem:.... deixa eu ver qual é a outra:.... metalinguagem:.... a mentalin/a metalinguagem centra no:.... qual mais: qual mais que tem?:.... ( )

**AI:** ( )

**P:** não:.... a ( ) não:.... né?:....

**AI6:** ( )

**P:** metáfora:.... uma das figuras de linguagem mais utilizadas é a me-tá-fo-ra:.... né?:.... e o que que é a metáfora?:.... ((Alguém bate à porta. Um aluno responde que não tem ninguém. A professora abre. São alunos que chegaram atrasados.)) chegaram agora hein?:.... bom dia:.... tá?:.... bom dia pra vocês:.... pra quem chegou agora nós estamos falando um pouco a respeito da arte literária:.... né?:.... que a arte literária ela é o que?:.... o que que é a arte literária?:.... ahn?:.... é a arte que a gente trabalha com/qual é a nossa:/:qual é a matéria que a gente usa pra fazer a arte literária?:.... a palavra né?:.... a palavra verbal:.... e a palavra?:.... a oral e a?:.... escrita né?:.... o que que o poeta né?:.... que vocês devem conhecer que ele/que ele fez parte né?:.... do movimento literário chamado:.... a arte moderna:.... que é o Carlos Drummond de Andrade:.... e ele fala uma COIsa:.... que:.... é muito pertinente da vida do poeta:.... né?:.... ele diz assim ó:.... que:.... é:.... lutar com as palavra/com a palavra:.... é a luta mais vã:.... tanto mais ( ):.... né?:.... elas são muitos:.... é mais ou menos assim: eu não tô lembrando direitinho como é o poema tá?:.... mais ele fala mais ou menos isso:.... ( ) elas são muitas:.... e eu pouco:.... né?:.... então o que ele quer dizer com isso?:.... né?:.... o que ele quer dizer com isso?:.... lutar com as/com as palavras:.... é a luta mais vã:.... ahn?:.... o que ele quer dizer com isso?:.... que lutar com as palavras é a luta mais vã:.... por quê?... porque você tem que conhecer: muito bem as palavras:.... né?:.... você não POde lutar com uma coisa que você não conhece:.... olha:.... quando: a gente vai/eu vou uma comparação assim bem:.... bem bem bem:.... pra vocês entenderem mais ou menos isso aí:.... é quando a gente vai:.... é:.... pra uma guerra:.... né?:.... por exemplo:.... quem vai:.... lutar:.... antes do a:/:do:/:daquele cara que vai pra:.... praquele MMA: sei lá o que né?:.... ((Sigla usada para luta livre)) vocês conhecem aí?:....

**AI1:** conhecem:....

**P:** tá muito em alta isso né?:.... antes deles irem pra lá:.... pr'aquela:.... arena né?:.... não é arena né?:.... não é arena né?:.... mais:....

**AI6:** ( )

**P:** como é o nome daquele negócio lá?:....

**AI5:** tatame:....

**P:** tatame:.... ele vai:.... antes dele ir prali:.... ele vai o quê?:.... ele vai?:.... conhecer:.... o adversário dele:.... não é verdade:....

**AI1:** alguns:....

**P:** não vai conhecer o adversário:....

**AI1:** alguns:....

**P:** e aí?:.... alguns?:.... não mas:....

**AI1:** tem uns que:.... ( )

**P:** não eu sei:.... primeiro ele vai treinar:.... não vai treinar?:.... né?:.... então de certa forma ele vai conhecer:.... né?:.... a:.... a:.... toda a forma né?:.... que ele vai:.... tudo que ele vai fazer lá no tatame:.... ele vai treinar:.... antes né?:.... até o adversário dele:.... ele vai conhecer:.... vai ver antes vídeos né?:.... em relação:.... ao?:.... ao outro adversário:.... né?:.... então a mesma coisa:.... é:.... o que o Carlos Drummond quis dizer né?:.... assim:.... como eu disse pra vocês:.... é uma comparação bem:.... que não tem nada a ver:.... mais é só pra vocês entenderem mais ou menos:.... como é que é:.... né?:.... então antes deu conhecer o meu adversá/antes deu ir lutar com meu adversário:.... eu tenho que conhecê-lo:.... não é verdade:.... então:.... lutar com as palavras:.... é a luta mais vã:.... por quê?:.... porque as palavras:.... né?:.... é:.... eu tenho que conhecê-las:.... e é difícil conhecer as palavras:.... né?:.... é difícil conhecer as palavras?:.... pra gente é:.... não é difícil?:.... é bem difícil né?:.... porque elas são muitas:.... olha o que ele diz:.... elas são muitas:.... e eu pouco:.... né?:.... então:.... quanto que é difícil:.... né?:.... a gente conhecer:.... as palavras:.... e a gente precisa de uma ajuda pra conhecer as palavras:.... que eu já até trouxe pra vocês aqui na sala:.... não trouxe?:.... o que foi que eu trouxe na semana passada?:....

**AI5:** um dicionário:....

**AI1:** o pai dos burros:....

**P:** o pai dos burros?:....

**AI2:** o pai dos sabidos:....

**ALS:** ((risos))

**P:** negativo:.... o pai dos inteligentes né?:.... bom:.... isso que eu falei pra vocês foi só uma comparação assim bem:.... que não tem muito a ver:.... tá?:.... mais é só pra vocês entenderem mais ou menos:.... como é:.... essa luta com as palavras:.... tá?:.... então vamos copiar um pouquinho agora?:....

**AI1:** ah não:....

**P:** ah sim:....

**ALS:** ((comentários))

((A professora copia o assunto discutido no quadro. Alguns alunos conversam enquanto copiam))

**P:** ( ) olha: copiem direitinho para na hora que vocês forem estudar:.... vocês conseguem ler o que vocês escreveram:.... ( )

**AI2:** ( )

**P:** ( )

**AI7:** professora:.... tenho uma dúvida:.... já que o texto nem sempre vai aparentar ser um texto romântico:.... por exemplo... como é que a gente vai saber identificar isso?:....

**P:** como assim um texto nem sempre vai parecer ser um texto romântico... mais romântico em que sentido:... na forma de escrita:...

**AI7:** a senhora disse que um romance:... nem sempre ele vai falar de amor:... então como a gente vai saber que ele é um romance:...

**P:** o romance:... presta atenção:... o romance é a forma de escrita:... tá?... se o teu texto tá escrito em prosa:... ele vai ser considerado como TODos:: os textos que estão escritos em prosa:... eles vão ser considerados romance:... tá?... agora ele só vai ser romântico:... ( ) romance romântico:... quando o tema dele for o amor:... quando não for o amor:... ele só vai ser considerado romance:... tá?... deu pra você entender agora?...

**AI7:** mais ou menos:...

**P:** mais ou menos:... deixa eu repetir novamente:... ( ) o romance é a forma como você vai escrever:... lembram que eu falei pra vocês que:... a gente:... escrevia:... é a gente escreve em forma de poesia e em forma de prosa:... né?... a forma em prosa:... como é: a prosa?... essa forma como a gente escreve hoje normal:... sem ter ri-ma:... né?... sem ter essa preocupação com a metrificação:... isso aí é a poesia:... a poesia é escrita em forma de metrificação:... é a gente tem a questão da sílaba poética:... a gente tem a:... a rima:... né?... então isso é poesia:... se a nossa forma de escrita não for po-e-sia:... aí ( ) o texto ele vai ser considerado romance:... tá?... se não for em forma de poesia:... tá?... aí ele só vai ser romance romântico:: quando tem por tema o amor:... entendeu agora?...

**AI7:** obrigado professora:...

((A professora volta a copiar o assunto no quadro))

**P:** ( ) bom:... então nesse processo:... né?... já que vocês já terminaram:... nesse processo:... há uma pessoa:... que a gente não pode esquecer:... quem é essa pessoa?...

**ALS:** eu:...

**P:** eu?... ahn?... o poeta né?... por quê?: porque esse poeta:... ele é a pessoa que produz o texto:... né?... o texto literário:... mas ele também é uma pessoa comum como a gente:... né?... porque esse poeta também tem as suas obrigações na sociedade:... né?... como todos nós:... né?... ele tem os seus direitos e os seus deveres:... como nós:... então:... esse poeta que sobre/ele sobrevive da sua escrita:... né?... então a gente não pode esquecer:... né?... o poeta nesse processo:... por quê?... porque ele é um homem como nós:... né?... eu digo:... ( ) ele é um homem ou uma mulher:... como nós:... né?... ele tem as suas obrigações:... ele tem os seus direitos e seus deveres:... então ele é muito importante nesse processo:... o processo da escrita:... no processo da produção literária:... né?... no processo criativo:... né?... é aqui na sala nós temos alguns poetas que eu já soube né?... então:... quanto que é difícil fazer uma poesia:... criar uma poesia:... né?... você sabe disso:... ( ) e principalmente com o poeta:... por quê?... porque ele sobrevive disso né?... ele tem os seus prazos:... né?... os prazos de entrega:... por exemplo:... um::/uma pessoa que escreve romance:... né?... é:... ele tem seus prazos de entrega:... então:... quanto que é difícil pra ele sobreviver:... né?... da poesia:... imaginem pensem vocês:... o quanto que é difícil uma pessoa sobreviver:... da escrita:... num país onde a maioria das pessoas não gostam de ler:... imaginem vocês isso:...

**AI1:** exporta os livros:...

**P:** ahn?...

**AI1:** exporta os livros:...

**P:** exportar os livros?... né?... então imaginem vocês é/é/é isso que eu tô pedindo pra vocês imaginarem agora:... o quanto que é difícil:... a gente é::/um poeta:... ou um escritor literário:... quanto é difícil pra eles sobreviver:... num país onde a maioria das pessoas não gostam de ler:... será que é fácil: pra ele?... né?... ou é difícil:... essa vida?... né?... essa busca pelo sonho:... que é a escrita:... em compensação a gente sabe que é uma coisa:... que não dá tanto lucro: né?... que não::/que não:... onde as pessoas não:... não tem esse prazer:... de leitura:... embora tenham algumas pessoas que leiam né?... mas a maioria:... não lê:... a maioria não/não tem esse hábito:... o quanto que é difícil pra esse poeta/prá esse escritor?... né?... pensem um pouquinho a respeito disso/será que é fá-cil sobreviver:: da escrita?... sobreviver da::/da::/dessa arte:... da arte literária:... enquanto nós temos uma grande maioria de pessoas que não/que não tem o hábito da leitura:... né?... é fácil ou é difícil?...

**AI2:** é difícil:...

**P:** né?... deve ser muito difícil:... né?... é difícilímo:... né?... e aí?... esse po/esse/esse artista né?... ele precisa sobreviver:... ele tem a::/a/as suas obrigações:... como todos nós:... ele paga seu impos/ele paga impostos:... né?... mas ele:... é:... o sonho dele é sobreviver da escrita:... ( ) isso é bom pra vocês refletirem né?... porque eu sei que aqui na sala tem alguns poetas e alguns escritores:... eu já li algumas coisas né?... então:... é bom vocês começarem a pensar:... por esse lado também... não tô querendo aqui acabar com o sonho de ninguém... pelo contrário:... né?... tem algumas pessoas que elas conseguem né?... sobreviver é:... da literatura:... nós temos alguns casos aí:... por exemplo:... a autora do Harry Potter né?... que ganhou:... ela é uma das mulheres mais lidas da Inglaterra:... antes ela sobrevivia do que?... ela sobrevivia:... do:... do governo:... né?... é:... não sei vocês já leram alguma coisa a respeito dela:... mas ela sobrevivia do apoio que o governo dava:... e aí:...

**AI1:** para os escritores?...

**P:** não:... para os escritores não:... porque ( ) ela não tinha né?... uma renda:... e aí ela sobrevivia:... daquilo que o governo ( )... e aí de repente ela deu uma virada:... uma guinada né?... escrevendo:... e conseguiu né?... hoje ela é considerada uma das mulheres mais lidas da Inglaterra/talvez uma das pessoas mais lidas da Inglate/não só mulher:... né?... dentre:... todas as pessoas né?... tanto homens quanto mulheres:... ela é considerada uma das mais ricas da Inglaterra:... né?... e ela conseguiu isso através da:... da arte literária:...

né?... da escrita:... e aí?... né?... ( ) é difícil porém:... algumas pessoas conseguem:... por exemplo:... aqui no Brasil tem um escritor que ele é conhecido mundialmente né?... embora o Brasil seja um país de poucos leitores:... quem é esse escritor?...

**AI2:** Paulo Coelho:...

**P:** Paulo Coelho:... né?... o Paulo Coelho ele/muito embora né?... eu não gosto da literatura dele:... né?... algumas pessoas gostam:... né?... eu li dois livros dele só: e eu:... não gostei muito:... né?... mas algumas pessoas gostam... por exemplo:... a França:... é um dos países que mais:... né?... que mais lê Paulo Coelho:... e: ele é:... um:... ((A professora, incomodada, interrompe a explicação, pois uma aluna está em crise de riso)) então olha só:... PSIU:... né?... então Paulo Coelho:... né?... ( ) é um brasileiro né?... um escritor:... que conseguiu né?... é:... consegue aliás:... sobreviver ( )... consegue sobreviver:... da literatura:... mas isso não acontece com todos:... assim como também:... né?... não aconteceu:... não acontece com o/com os pintores:... né?... ( ) que usam né?... a arte da pintura:... muitos deles né?... só ficaram famosos depois da sua morte:... né?... e hoje outras pessoas ganham dinheiro com as suas obras:... então:... é:... é difícil sobreviver da arte... porém algumas pessoas conseguem:... né?... falando de arte num modo geral não só da literatura:... da literatura:... mas falando de arte de um modo geral:... né?... é muito difícil sobreviver de arte... tá o meu... colega né?... que não me deixa mentir:... que ele é: um dançarino né?...

**AI:** ahn?...

**P:** e:... ele sabe sobre tudo isso que eu estou falando:... o quanto é difícil se viver de arte:... porquê?... por que as pessoas:... né?... ( ) é cultural:... né?... não só no Brasil:... mas é cultural:... né?... desvalorizar a arte:... né?... poucas pessoas conseguem sobreviver de/de arte:... então eu tô falando isso:... psiu:... ahn?...

**AI1:** ( )

**P:** não:... principalmente aqui no Brasil:... é verdade:...

**AI1:** ( )

**P:** psiu:... vamos ouvir o colega:...

**AI1:** ((O aluno tem um tom de voz muito grave, daí o som fica incompreensível às vezes))

**P:** o que ele falou é um/é:... ele disse assim... que principalmente no Brasil né?... é difícil sobreviver da arte... mas não é só no Brasil:... em outros países também:... claro que nos países de primeiro mundo né?... o que eu digo assim... de primeiro mundo os países mais desenvolvidos né?... é um pouco diferente:... né?... eles dão muito valor pra arte:... mas aqui:: nos países subdesenvolvidos né?... principalmente a arte ela não tem tanto:... vigor:... né?... não tem tanto:... valor assim:... né?... mas:... mesmo assim:... ( ) alguns artistas conseguem superar isso... e conseguem sobreviver da arte:... certo?...

**ALS:** certo:...

**P:** entenderam isso?...

**ALS:** ( )

**P:** tá:... então vamos copiar:...

**ALS:** ah:...

**P:** ah:... posso?... apagar?... olha meus amores nós estamos com um problema seriíssimo:...

**AI:** ah:...

**AI8:** de que professora?...

**P:** de quê?...

**AI1:** ( )

**P:** não é de atraso de matéria não:... porque eu não me preocupo em passar o conteúdo:... eu me preocupo que vocês entendam o que eu tô explicando:... tá?...

**ALS:** ( )

**P:** é:... isso daí não tem problema nenhum de atraso de matéria:... tá?... a gente pode marcar uma aula dia de sá-ba-do:...

**AI:** não:...

**P:** com certeza:...

**AI2:** com certeza:...

**P:** a minha preocupação:... é que nós estamos sem livros né?...

**AI2:** pois é:...

**P:** a minha preocupação é:... em relação ao material pra vocês estudarem:...

**AI1:** é bom professora:...

**P:** tá?... eu sei que aqui nem todos... se eu começar a passar:... é: pra vocês tirarem cópias... eu sei que nem todos é... têm condições de tirar:... então minha preocupação é essa... por isso que eu tô copiando no quadro:... então:... por favor copiem:... né?... pra gente evitar de tá tirando xerox... xerox tá?... eu sei que aqui nem todos tem condições... de tirar cópia:... não:... não uma vez ou outra... mas... na maioria das vezes tá?...

**ALS:** ((Os alunos comentam que todos os dias eles têm de comprar várias cópias dos outros professores.))

**P:** ( ) mas infelizmente vocês não fugir disso comigo também:... né?...

**AI:** só vai ser menos né?...

((A professora volta a copiar no quadro.))

**P:** é eu gostaria de saber se a turma de vocês já tem o e-mail da turma?...

**ALS:** já:... ((comentários))

**P:** tá:... então olha:... psiu:... a prova de vocês tá marcada pro dia:: trinta e:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... eu vou fazer a chamada:.... por favor prestem atenção:.... tá?:.... ((Após fazer a chamada, a professora dá continuidade.)) bom:.... ( ) vamo lá:.... é:: vocês entenderam ( ) aquilo que a gente falou hoje?:.... alguém ficou com alguma dúvida?:....

**AI2:** não:....

**AI1:** ( )

**P:** Anh?:....

**AI:** não:....

**AI1:** nenhuma professora:....

**P:** não?:.... nenhuma:.... todo mundo entendeu entendeu isso?... aquilo que é arte literária:.... é:.... qual é a matéria da arte literária?:.... o papel do artista nesse:/nesse:: processo de:.... criador dessa arte:.... todo mundo já entendeu isso aqui?:....

**AI1:** ( )

**P:** mais ou menos?:.... como assim?:.... ah:.... vocês querem que eu passe um fichamento ( )?...

**ALS:** NÃO:.... ((comentários))

**P:** como assim é não?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( )

**ALS:** NÃO:....

**P:** não?:.... todo mundo entendeu né?:.... qual é a matéria que é usada na arte literária?:....

**AI9:** é a palavra:....

**P:** a palavra:.... é:.... qual é: a:.... qual é o papel do artista:.... o criador dessa arte literária?:....

**AI:** ( )

**P:** trabalhar a palavra:.... que mais?:.... ele tem:.... o que também... dentro da sociedade ele tem o quê?:.... os seus direitos e os seus?:....

**ALS:** DEVEres:....

**P:** ( ) é fácil lidar com essa arte literária?:.... sim ou não?:....

**ALS:** NÃO:....

**P:** depende né?:.... não é fácil... mais alguns artistas conseguem:.... o quê?:.... eles conseguem sobreviver dessa arte né?:.... e às vezes até:.... mais do que sobreviver:.... né?:.... até:.... conseguem enriquecer:.... né?:.... através dessa arte:.... como é o caso de alguns artistas né?:.... como:....

**AI:** o Tiririca:....

**P:** que Tiririca menino:....

**ALS:** ((Risos e comentários))

**P:** OLHA:.... meu mundo caiu:.... ((Cantarolando)) agora meu mundo caiu:.... que Tiririca: menino:....

**ALS:** ((comentários.))

**P:** psiu:.... a gente não tá falando do cômico:.... a gente tá falando da arte?:....

**ALS:** literária:....

**P:** então:.... é:.... o Tiririca ele não é: um artista né?:.... que usa a palavra: né?:.... embora ele não use a palavra:.... mas ele não um artista literário:.... ele é um artista cô-mi-co: né?:.... que faz pi-a-da:.... né?:.... que:/ele usa mais a questão:.... física:.... a questão corporal:.... né?:.... não é/diga amor:....

**AI:** professora bem ali é Taís?:....

**P:** tais:.... não tem acento?:....

**AI1:** tais:....

**P:** tais:....

**ALS:** ((Comentários))

**P:** ( ) Machado de Assis:.... né?:.... então só/somente os escritores ( )... somente os artistas que trabalham né?:.... a literatura:.... né?:.... que trabalham a arte da palavra:.... é:.... e dentro desse aí você pode incluir sim Machado de Assis e tantos outros não é?:.... Carlos Drummond de Andrade:.... enfim:.... tantos outros: menos o Tiririca né?:.... o Tiririca ele trabalha mais com a questão:.... é corporal:....

**AI:** preconceito professora:....

**P:** com a questão visual:.... com o cômico né?:.... que aí ele já vai partir pra:.... que embora também o cômico esteja dentro né?:.... que agora nós vamos começar:.... a estudar o gêneros:.. literários:.... e dentro dos gêneros literários a gente vai ver:.... é:.... a epopeia:.... né?:.... o/o drama:.... o gênero dramático:.... e o gênero:.... literário:.... nesses ( ) nós temos o gênero:.... é:.... dramático que ele é dividido em comédia e tragédia:.... né?:.... é:.... aí dentro da comédia:.... a gente vai encaixar:.... né?:.... nós poderíamos encaixar:.... né?:.... o Tiririca:.... mas não como um escritor:.... né?:.... porque ele não... escreve:.... ele somente:.... é reproduz aquilo que outras pessoas já escreveram:.... PSIU:.... ( ) o que é isso?:.... olha:.... um pause aqui:.... tá?:.... e aí eu vou abrir um parênteses:.... tá?:.... pra falar uma coisa:.... eu não quero ninguém com celular na mão:....

**AI2:** exatamente:....

**P:** nada eletrônico:.... guardem os celulares... na minha próxima aula eu não quero ninguém com um:.... é:.... com *iphone*... *ipad*... (*iquimed*):.... nada disso tá?:....

**ALS:** ( )

**AI1:** ( )

**P:** ahn?:....

**ALS:** ( )

**P:** guardem o celular:.... tá?:.... outra coisa... eu não quero ninguém:: tá?:.... ninguém tirando foto minha... nem me filmando tá?...

**ALS:** ( )

**P:** não sei o que vocês fazem com essas coisas... eu não quero:.... tá?:.... já vi várias fotos minhas não autorizadas:.... sabiam que isso é crime?:.... tirar fotos não autorizadas?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:.... então por favor:.... tá?:.... não tirem fotos nunca assim:.... tá?:.... eu vi em outra sala ali:.... eu tava dando aula e alguém tirou uma foto minha e eu não gostei:.... assim como vocês também:.... não iam gostar:.... que tirasse foto de vocês sem você saber:.... tá?:.... então por favor:.... guardem o cel/na minha aula eu não quero ver ninguém com celular na mão:.... tá?:.... se eu ver alguém com celular na mão eu vou ter que tomar outra providência:.... tá?:....

**AI:** meu Deus:....

**P:** é meu Deus mesmo:....

**ALS:** ((risos))

**P:** vou ter que tomar outra provi/providência:.... porque:.... é:.... primeiro a gente só tem de usar é:.... ( ) a gente tá assistindo aula:.... a gente não precisa dessa tecnologia agora:.... né?:.... nesse momento:.... nós vamos ter um momento de usar a tecnologia:.... eu vou levar vocês ao laboratório de informática:.... depois a gente vai passar e-mail:.... vai:.... vai ver o *facebook*:.... vai ver:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** só ver tá?:.... não é pra usar:....

**ALS:** ah:....

**P:** a gente vai utilizar:.... ( ) em forma de comunicação:.... tá?:.... na nossa aula de português:.... mas ainda não é o momento:.... eu não quero que vocês utilizem o celular:.... outra coisa:.... fone de ouvido:.... por favor guardem os fones de ouvido:.... isso atrapalha as aulas de vocês:....

**ALS:** distrai:....

**P:** enquanto eu tô aqui falando:.... eu vejo um monte de gente ouvindo música:.... pelo amor de Deus:....

**AI:** o P. né?:....

**AIP.:** e caramba:.... ( )

**P:** além do mais é o quê?:.... ( ) ela falou aqui:.... é falta de educação:.... além de tudo:....

**AI:** falta de respeito:....

**P:** Psiu:.... além de tudo que vocês perdem:.... né?:.... na explicação:.... na participação da aula:.... vocês também/isso também é uma falta de educação:.... o professor tá falando e você tá com fone de ouvido aí né?:.... então umbora guardar:.... vamos aproveitar a aula:.... vamos perguntar:.... vamos é:.... questionar:.... ( ) a gente não tem que aceitar tudo da forma como está:.... né?:.... eu acho muito:.... legal quando vocês questionam:.... ou vocês não concordam:.... quando vocês discordam:.... mas que vocês também tenham:.... né?:.... é um questionamento bem:.... um argumento bem firme:.... pra dizer não eu não concordo com isso:.... eu não acho que o artista... ele é uma pessoa:.... que:.... não tem condições de sobreviver e tal:.... né?:.... mas vamos ter argumentos firmes pra isso:.... né?:.... então vocês tão muito assim parados:.... né?:.... algumas pessoas só questionam:.... que:.... ( ) mas a maioria tava no *facebook* enquanto eu tava falando:.... tá com o fone de ouvido:.... então vamos:.... vamos participar:.... mais:.... tá?:.... ok?:.... estamos conversados?:.... que horas são?:....

**AI:** a gente não pode olhar no celular:....

**AI:** nove horas:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?:.... na aula não:.... ( ) lá fora:.... a gente pode bater foto:.... brincar de ping-pong:.... tá?:.... mas aqui dentro não:.... aqui dentro é outra história:....

**AI:** exatamente:....

**P:** gente olha:.... foi um prazer hoje conversar com vocês:.... tá?:.... OLHa:.... podem sentar que eu ainda não terminei de falar:....

**ALS:** ((risos))

**P:** olha só:.... é:.... é um prazer pra mim está aqui com vocês:.... eu gostaria de dizer pra vocês:.... tá?:.... é:.... que todos os dias que eu acordo feliz é por causa de vocês:....

**ALS:** ah:....

**P:** eu não tô me despedindo não tá?:.... vocês não sabem o quanto é prazeroso pra nós professores:.... pra alguns professores né?:.... está aqui com vocês:.... é:.... pra mim é sempre um prazer está aqui com vocês:.... eu adoro dar aula:.... se eu tô aqui dando aula é porque é uma coisa que eu gosto:.... de verdade:.... tá?:.... não é só por questão de sobrevivência... é também uma questão de sobrevivência:....

**AI1:** eu sabia:....

**ALS:** ((risos))

**P:** porque é uma coisa que eu escolhi pra mim:.... estar aqui com vocês eu adoro:.... eu espero que eu tenha conseguido causar alegria em alguma coisa pra vocês:.... tá?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** e:.... vocês contribuem muito pra minha vida:.... me dando alegria todos os dias:....

**ALS:** ah:.... ((aplausos e gritos))

((antes de iniciar a aula, os alunos ouvem estórias engraçadas contadas por um colega. Uma aluna convida a professora para ouvir, mas ela diz que não quer participar. O contador de estórias insiste e conta mais uma em voz alta))

**AI1:** meia-noite e meia nós subimos num açazeiro:...

**ALS:** ((risos))

**P:** o quê?... vocês subiram no açazeiro?:... pra tirar açai?:...

**ALS:** não:.... ((risos))

**P:** quem é que tava de-se-jando esse açai?:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**AI1:** era pra se esconder professora:...

**ALS:** ((risos))

**P:** vocês subiram no açazeiro pra tirar açai foi?:...

**AI2:** foi ingá professora:...

**ALS:** ((risos))

**P:** tá meus amores:.... agora olha só:.... a brincadeira tá muito boa:.... mas a gente tem que dá início né?:.... a nossa aula:...

**AI1:** dá não professora:...

**P:** dá não?:... dá sim:.... lembram que hoje a gente tem uma aula quebrada né?:.... então:....

**AI1:** quebrada professora?:...

**AI3:** por que professora?:...

**P:** porque nós temos o intervalo do recreio né?:.... ( ) PSIU:.... hoje a gente vai falar:.... um pouquinho a respeito de gêneros literários:.... né?:.... é:.... a professora de filosofia ela fala a respeito de muitos filósofos né?:....

**AI3:** é:.... ((Os alunos tecem comentários desagradáveis sobre a professora de filosofia))

**P:** por favor:.... olha isso é/isso é anti-ético:.... tá?:.... e aí hoje eu vou falar pra vocês:.... a respeito:.... um pouco:.... PSIU:.... de um filósofo que viveu na antiguidade chamado Aristóteles:.... o ARISTÓteles:.... ele foi um dos primeiros né?:.... a classificar:.... a literatura:.... né?:.... e ele classificou:.... a literatura:.... é:.... em três gêneros:.... em três gêneros literários né?:.... a:.... o gêneros épico:.... também conhecido como epopeia:.... né?:... que vocês já:.... conhecem um pouquinho que eu pedi pra vocês pesquisarem:.... a Ilíada e a Odisseia:.... né?:... que ele chamou esse gênero de palavra narrada:.... por quê?:.... porque a/a epopeia:.... ela é uma narração:.... né?:... ela é uma pa/é/a escrita dela é em forma de verso:.... como eu falei pra vocês que antigamente a gente escrevia:.... né?:... em forma de verso:.... que é:.... como:.... em forma de poesia:.... tudo que era escrito até então era em forma de poesia:.... né?:... e eles escre/é:.... e a gente chama pra essa forma de escrita... de verso:.... tá?:... então:.... portanto:.... é:.... esse/a epopeia ele classificou como palavra narrada:.... porquê? porque era uma/uma:.... uma poesia:.... ( ) uma poesia grande:.... grandiosa:.... que falava a respeito de um herói:.... né?:... e contava uma a história de uma grande civiliza/civilização:.... como vocês é pesquisaram:.... vocês pesquisaram a Ilíada:.... foi?:...

**AI1:** foi:....

**P:** sobre o que que falava a Ilíada?:...

**AI4:** ((som incompreensível))

**P:** ahn?:.... sobre os últimos anos da guerra de Tróia:.... né?:... então ela/ela falava a respeito da supremacia né?:.... de: uma civilização:.... que civilização era essa?:....

**AI4:** ( )

**P:** os?:.... gre-gos né?:.... e aí:.... nós temos uma figura:.... psiu:.... nós/lá na Ilíada tinha a figura de um herói... quem era esse herói?:...

**ALS:** Aquiles:....

**P:** Aquiles né?:.... então é:.... a epopeia ela fala a respei/fala de uma narração em forma de verso:.... que fala a respeito de uma grande civiliza/civilização:.... né?:.... e a história está centrada na figura de um herói:.... né?:... e nós também temos:.... né?:... uma das características dessa:.... dessa:/da epopeia:.... é:.... a:.... a presença do maravilhoso:.... né?:... vocês perceberam isso quando vocês pesquisaram a respeito da Ilíada e da Odisseia?:....

**AI1:** sim:....

**AI4:** não:....

**P:** não?:....

**AI4:** não:.... eu não:.... ((continua falando enquanto a professora fala, mas o som é incompreensível))

**P:** não tinha a presença dos DEUSES influenciando a história?:....

**ALS:** tinha:....

**P:** pois é então:.... isso que significa a presença do maravilhoso lá... que é a presença dos Deuses:.... né?:... influenciando né?:... na vida da/da/das/da civilização lá dos/dos heróis:.... tá?:... por exemplo na história do Ulisses:.... o Odisseu:.... né?:... quando o Odisseu está voltando da guerra de Tróia:.... ele demora quantos anos pra voltar?:...

**ALS:** quarenta:....

**P:** ahn?:....

**AI:** trinta:....

**AI4:** dez anos:....

**P:** dez anos:.... né?:... a história:.... ahn?:....

**AI1:** quarenta:....

**AI5:** ((fala ao mesmo tempo que a professora. Som incompreensível))

**P:** não... a história do Odisseu:... ela dura vinte anos:... né?... dez anos que ele passa na guerra:... e dez anos que ele demora pra voltar:... né?... e AÍ?... nessa volta dele quem é que atrapalha a volta do Odisseu?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** os deuses né?... porquê?... a todo momento eles estão... é:: fazendo uma coisa com que:... é:... influenciando:... né?... essa volta do Ulisses:... né?... por exemplo... tem uma parte da história:... que ele fica preso lá numa ilha:... ( ) com as deusas né?... com as ( )...

**AI2:** ( )

**P:** sim:... com as Ninfas né?... com as Ninfas:... ele fica lá naquela ilha com as Ninfas:... né?... que são as:/que são as/as:...

**AI4:** ((O aluno ler uma descrição sobre as ninfas, mas o som é inaudível))

**P:** ahn?...

**AI1:** as divindades da floresta:...

**P:** as divindades da floresta?...

**AI2:** dizque:...

**P:** e AÍ?... que mais acontece nessa história do Ulisses?...

**AI4:** ele:: tem vários relacionamentos interconjugais:...

**P:** ( ) com as Deusas né?... então vocês percebem aí:... co/que há:: essa presença:... né?... e essa influência:... dos/dos/dos deuses na história:... né?... então:... por isso que nós temos a presença do maravilhoso:... é isso que:... faz com que a gente tenha:... né?... na epopeia a presença do maravilhoso:... porque a todo momento:... os Deuses estão fazendo alguma coisa né?... por quê?... é:... a gente é:... sabe:... que os Deuses eles tinham inveja dos/dos:... seres humanos né?...

**AI4:** ( )

**P:** ( ) nós temos muitas histórias aqui agora:... né?... como é:... deixa eu ver:... essas histórias que vocês conhecem agora esses desenhos animados... que a gente percebe:... né?... essa influência dos Deuses?... na história:... né?... então:... isso aconteceu por quê?... porque:... havia essa:/esse/esse confronto dos Deuses com os humanos por quê?... porque os/os:...

**AI4:** os humanos tinham liberdade:... ( )

**P:** os humanos tinham a liberdade:...

**AI4:** podiam sentir... amar:...

**P:** ti/poderiam sentir:: amar:... e eles tinham a:... a/a mor/a mortalidade como uma/a diferença que os Deuses eram imortais e os humanos eram mortais:... mais os deuses eles tinham uma certa inveja dos seres humanos:... ( ) então por isso:... que nessas histórias:... nas epopeias:... eles tentam a todo momento:... é:... influenciar:... a vida dos seres humanos:... tá?... você é:... quem que conhece ( ) esses desenhos animados:... eu tenho um desenho animado que tem:... essa:...

**AI4:** eu conheço todos:...

**P:** ( ) fala aí ( ):...

**AI4:** ( )

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** não mais não são esses:... tem uns desenhos animados né?... que tem:...

**AI4:** o chaves:...

**AI1:** o chaves:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** que tem alguns:... alguns personagens:... né?... que são:... é:: Deuses da antiguidade:...

**ALS:** ((todos dizem os nomes dos desenhos animados ao mesmo tempo))

**P:** Hércules né?... por exemplo tem o Hércules:...

**ALS:** ((dizem nomes de vários desenhos animados. risos))

**AI1:** tem o Thor:...

**P:** PSIU:... tem o Thor:... mas o Thor:... ( ) já pertence a outra:... é a outra cultura:... não é a grega:... né?...

**ALS:** ((comentam sobre outro desenho animado))

**P:** mas depende da história né?... porque na história mesmo ( )...

**AI1:** na história dela:... ela:... ela é filha de um deus:... ((fala ao mesmo tempo que a professora))

**P:** ela é filha de deus?...

**AI2:** a mãe dela é:...

**P:** tem a história do Hércules:... né?... o Hércules ele é um semideus:... é que ele é filho de um deus:... com a?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** com uma mortal né?... por isso que ele é um semideus:... ele não tem a característica dos Deuses né?... que é a imortalidade:... ele é mortal:... mas ele tem a/a força né?... que ele:/que ele:: adquiriu:... pela parte dele que do?... dos Deuses né?... então ele:...

**AI:** ( )

**P:** ahn?...

**AI2:** ( )

**AI4:** ( ) ((fala ao mesmo tempo))

**P:** mas esse eu não conheço:...

**AI1:** a senhora não conhece Hércules?...

**AI4:** ( )

**AI2:** ( )

**P:** bom mas aí... tem uma história... que eu não sei se vocês conhecem... né?... que se chama "Os Lusíadas"... os Lusíadas... ele conta... a história do povo o quê?...

**AI4:** ( )

**P:** ahn?... umbora ver se vocês adivinham qual é a história:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) os Lusíadas ele foi escrito por Camões... e ele tem a mesma é... ele é uma epopeia também... ele é escrito em forma de verso... tá?... ele também tem... todas as características de uma epopeia... tá?... ele foi escrito em forma de verso... ele é... ele conta a história de uma grande civilização... quem é a civilização que ele conta a história?...

**AI4:** a civilização portuguesa:...

**P:** a civilização portugue-sa... e também... nós temos a presença de um herói... quem é o herói da história?...

**AI1:** ( )

**P:** é o Vasco da Gama:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** e AI... NEssa história... do/do... dos Lusíadas... nós temos a presença também do maravilhoso... né?... que são os deuses tentando né?... influenciar... a história... né?... e aí?... vocês conhecem essa história dos Lusíadas?...

**ALS:** não:...

**P:** não?... mas vocês vão ter que conhecer essa história... né?...

**ALS:** não:...

**P:** É... tem... eu não sei se a... a... eu ainda não tô sabendo se a federal ((UFPA)) já... já passou a listagem dos livros/das leituras obrigatórias... nem a federal nem a UEPA... mas tem uma universidade... a USP... ela já passou a/a... a listagem né?... e os Lusíadas ele faz parte de/da leitura obrigatória... então eu acho... que as outras universidades também vão... é... colocar Os Lusíadas como... ( ) como o livro de leituras obrigatórias... né?... ( ) há algum tempo eu li seis parte... né?... da leitura obrigatória do vestibular... daqui... do/do Pará... né?... da federal e da UEPA... só que ele saiu... né?... mas eu acredito que ele vai/vai entrar esse ano de novo:...

**AI4:** que bom:...

**P:** né?... que bom... ((risos)) por quê?... porque ele faz parte da nossa história... né?... então a gente não pode deixar ele/deixar de ler... né?...

**AI:** ( )

**P:** Os Lusíadas de Camões... deixa até eu colocar aqui pra vocês:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) eu vou até olhar... é... PSIU... eu vou entrar no site... pra saber se já... se já tem alguma coisa... a respeito de leituras obrigatórias... até porque a gente vai ter que... é... eu acho que nós vamos ter que fazer alguma... alguma aula específica pra isso tá?...

**AI:** ( ) ((faz uma pergunta))

**P:** ahn?...:

**AI:** ( )

**P:** não... ( ) não... bom... então nesse livro dos Lusíadas... ele também tem a presença do maravilhoso... tem um capítulo lá que fala sobre o gigante Adamastor... esse gigante Adamastor... ele é... é... ele faz parte... dessa questão do maravilhoso... né?... ( )... a presença dos Deuses nessa história... é... ( ) tem uma outra obra também né?... que... também foi escrita na forma de epopeia que eu não falei pra vocês... que é a Eneida... a Eneida foi escrita por Virgílio... tá?... e ele é também tem to/é... tem as mesmas características da... da Ilíada e da Odisseia... só que ela... já conta... né?... a história de uma outra civilização... que é a civilização romana... tá?... aí dessa história eu já não sei falar muito bem pra vocês... tá?... mas ela também tem as mesmas características de... é... da questão do herói... eu não me lembro quem é o herói da história... já faz muito tempo que... ( ) que eu li alguma coisa a respeito da Ilíada:...

**AI4:** ( )

**P:** não mas aí nesse aí já são as novelas de cavalaria... tá?... que fala da... ( ) dos cavaleiros da tábua redonda... todas essas histórias já vai ser... uma novela de cavalaria que já vai ser... que nós vamos estudar mais adiante:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** mas aí já faz parte da igreja católica... já não faz mais parte da... da questão da... dos deuses... né?... da... já vai fazer parte da questão da igreja católica... ( ) toda a/a/a... como foi composta a igreja católica... inclusive a questão do Santo Graau também... tudo isso aí faz parte da... da história da igreja:...

**AI4:** ( )

**P:** vocês não lembram da questão:...

**AI4:** a minha opinião a respeito:...

**P:** ((risos)) vocês não lembram/pô mas isso aí já é... já é... já faz parte da... das histórias da novela de cavalaria... tá?... e a gente vai estudar isso aí... quando a gente for estudar... é... ( ) o trovadorismo... toda essa... tá?... ok?... a gente tá ainda nos gêneros literários tá?... ( ) como foi classificado toda... a... a literatura... mas a gente ainda tá na parte da antiguidade... porque depois vai mudar... tá?... esse aí vai fazer parte também... ( ) vai mudar quando a gente for lá pro século XVIII... né?... quando... a gente tiver a... vai/vai mudar... com a entrada do Romantismo... né?... que aí já vai ser... depois da... da... segunda guerra/depois da guerra... que... depois da guerra não desculpe... quando nós tivermos a Revolução

Industrial:... com a Revolução Industrial isso vai mudar:... que vai vim todo:... mas isso já é/já fica pra uma outra aula tá?:... porque se não vocês podem se atrapalhar agora com isso se eu colocar coisas:... que a gente vai estudar mais na frente:... bom:... então esse aí:... isso que a gente é:... que a gente falou agora... essas características:... fazem parte da:... da:... epopeia:... né?:... do gênero épico:... tá?:... a presença do maravilhoso:... é:... a história também ela é escrita em terceira pessoa né?:... por quê?:... porque nós vamos ter a presença do narrador:... né?:... o narrador que vai contar a história:... então por isso ela é escrita em terceira pessoa:... é:... qual foi a outra característica que eu falei:...

**AI:** em forma de poema...

**P:** é escrita em forma de verso:... qual é a outra característica?...

**AI4:** ( )

**P:** fala a respeito de uma grande civilização:... presença do maravilhoso:... e:...

**AI4:** ( )

**P:** conta a história de um herói:... no caso da Ilíada:... é a história do Aquiles:... no caso da:... da Eneida:... oh:: da Eneida não:... desculpe:... da Odisseia é a história do:...

**AI2:** do Ulisses:...

**P:** do Ulisses:... né?:... que o rei de Ítaca:... e:... no caso de Os Lusíadas quem é o:...

**AI1:** Vasco da Gama:...

**P:** ( ) o herói é o Vasco da Gama tá?:... alguém ficou com alguma dúvida em relação a isso?...

**AI4:** não professora:...

**P:** não?:... aí a gente podia criar uma história né?... em forma de epopeia:... o que vocês acham?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?:... vocês já ouviram/ahn?:...

**AI4:** ( )

**P:** ( ) é:: a presença do maravilhoso que são os deuses influenciando a história:... é:... escrita em terceira pessoa né?:... depois:... é:... conta a história de uma grande civilização... e nós temos a presença também de um herói:... tá?:... bom:... aí depo/aí:... pra Aristóteles é:... esse://esse:... gênero:... ( ) pra ele era chamado de palavra narrada né?:... porque como vocês podem:... podem perceber:... é uma narração:... é uma:... é:... nós temos a presença de um://de um:... narrador:... que conta a história:... né?:... aí o próximo gênero:... né?:... é o: gênero dramático:... né?:... o gênero dramático o Aristóteles:... ele chamou de palavra representada:... exatamente porque ele era:... feito né?:... para representação:... e o gênero dramático:... ele ainda pode ser dividido em dois né?:... que é o:... o gênero:... ( ) fugiu da minha mente agora... perai:... o gênero dramático:... ele era dividido em dois:... né?:... nós tínhamos é:... o:...

**ALS:** ((comentários sobre o esquecimento da professora))

**P:** perai:... deixa eu ver aqui no ( )...

**AI1:** na hora da prova eu vou fazer isso também professora:...

**P:** ah:... não:...

**ALS:** ((risos))

**P:** ah ele era dividido em dois:... em dois né?... desculpe:... a tragédia e a comédia:... tá?:... aí:... esse ( ) é que é difícil né?:... por quê?:... é:... ( ) esse é fácil porque nós tínhamos o antagonista e o protagonista né?:... o protagonista que era o:... era o herói da história né?:... e o antagonista que era aquele que se opunha ao protagonista:... né?:... bom:: e depois nós temos o lí/o gênero lírico:... o gênero lírico:... ele era chamado de:... de palavra cantada:... né?... por quê?:... por que ele era chamado de palavra cantada?... porque o gênero lírico ele era poesia e antigamente a poesia:: ela era acompanhada da música tá?:... ela era acompanhada de uma:... de uma:... de um instrumento chamado lira né?... por isso que o nome/que o gênero ficou conhecido como lírico:... tá?:... e aí nós temos o eu poético né?:... esse eu-poético a gente não pode confundir ele:... com o poeta né?... por quê?... porque o eu-poético... ele era uma://ele é como se fosse uma invenção do poeta né?:... ele não é:... o próprio poeta:... às vezes o poeta:... ele se mistura com o eu-poético:... mas o eu-poético ele é:... a invenção do/do poeta né?:... ele uma/é uma/digamos assim uma outra personagem que o poeta cria:... pra:... pra:... ( ) representar:: a sua poesia tá?:... e também:... nós temos a questão da subjetividade na poesia né?:... o que que é a subjetividade?...

**AI4:** a subjetividade:...

**P:** ahn?:...

**AI4:** é a:... a subjetividade:...

**P:** é a:... a:... a fugiu:... ((risos))

**AI4:** perai professora:...

**P:** por exemplo... deixa eu dá um exemplo bem bem prático pra vocês:... é:... quem sabe me explicar aí o que é o amor?...

**ALS:** ((explicam falando ao mesmo tempo))

**P:** ahn?:... né?:... é um/é um sentimento né?... que eu não posso:... é uma coisa que eu não posso tocar ele não é ma-té-ria né?:... então a subjetividade ela é/ela é mais o menos isso:... a gente não pode tocar:... né?:... a gente:... não pode é:... é:... a gente sente:... é um sentimento:... né?:... ( ) ele é sensível:... mas não é:... palpável:... né?:... alguém ficou com alguma dúvida?:... vocês entenderam?:... isso aí?:... ((uma aluna sinaliza que não entendeu))

**ALS:** sim:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** então tá?... o eu poético:... perai que a M. não entendeu direito o que que é o eu poético:... tá?:... o eu poético ele não é o poeta:... ele é como se fosse:... um ser que o poeta inventa né?:... pra:... ( ) pra sua

poesia tá?.... ele não é ( ) o mesmo que o poeta:.... né?.... por exemplo:.... quando a gente for estudar o trovadorismo:.... tem uma/uma:.... uma parte lá:.... que a gente vai estudar:.... que:.... existiam alguns poetas que eles eram homens... mas eu poético ele era feminino né?.... ( ) ele fazia sua poesia como se ele fosse uma mulher:.... então era a personagem que o poeta utilizava pra fazer sua poesia:.... então... o eu poético é como se fosse uma personagem que o poeta cria:.... né?.... não é/não é ele:.... não é o próprio poeta:.... é uma outra personagem que ele cria:.... né?.... mas:.... não é o mesmo/não é o mesmo poeta:.... mas muitas vezes esse eu poético ele se mistura com o poeta:.... às vezes é o poeta às vezes não é o poeta:.... entendeu?.... todo mundo entendeu isso aqui?....

**ALS:** ((Não expressam com segurança que entenderam. Alguns dizem "mais o menos"))

**AI4:** o eu poético não se mistura com o poeta:....

**P:** tá:.... o eu poético ele é:.... uma:.... ( ) é uma personagem que o poeta cria:.... não é ele:.... é como/ele às vezes se mistura:.... com o eu poético:.... mas ele não é o mesmo eu poético tá?.... por exemplo:.... é:.... se eu fosse criar uma poesia pra vocês ho/agora:.... se eu fosse fazer uma poesia:.... né?.... eu ia criar uma personagem:.... pra/pra ser o meu eu poético:.... mas não era eu:.... eu sou o poeta:.... mas o meu eu poético não vai ser eu:.... vai ser uma outra personagem que eu vou criar:.... pra representar no meu poema:.... tá?.... mas não vai ser eu:.... MAS Algumas vezes:.... né?.... aqueles/isso eu tô falando em relação ao sentimento tá?.... sentimento que tá lá no poema:.... não é do poeta:.... é do eu poético:.... tá?.... vamos ver se dá pra vocês captarem melhor isso aqui:.... o sentimento que eu crio lá no poema:.... não é:.... não é:.... do poeta:.... é do eu poético que ele criou pra poder (colocar) lá:.... entendeu?.... mas algumas vezes esse sentimento do eu poético está misturado com o poeta:.... algumas vezes não todas as vezes:.... tá?.... deu pra você entender?.... ((pergunta para M., a aluna que disse que não entendeu. A aluna diz que sim)) por exemplo:.... quando o:.... Camões criou o poema lá:.... amor é fogo que arde sem se ver:.... é um sentimento que dói e não se sente:.... é dor que desatina sem doer:.... é ferida que dói:.... tá certo?....

**ALS:** não:.... ((comentam que a professora pulou um verso))

**P:** amor é fogo que arde sem se ver:.... é ferida que dói e não se sente:.... é um contentamento descontente:.... é dor que desatina sem doer:.... certo?....

**AI4:** aí:....

**P:** esse sentimento não é:.... do Camões né?.... é do eu poético:.... deu pra vocês entenderem isso?.... né?.... não é o Camões que tá sentindo aquela:.... aquela dor:.... daquele amor:.... é o outro:.... é uma outra personagem que ele criou:.... pra sentir aquela dor:.... ( ) por que a gente confunde:.... PSIU:.... por que que a gente confunde o eu poético:.... com:.... o autor:.... né?... que tá escrevendo:.... escrevendo o texto?.... né?.... porque a gente pensa que aquele sentimento é do próprio poeta que contando:.... né?.... mas não é ele:.... é uma/é uma personagem que ele criou pra sentir aquela dor:....

**AI4:** recreio:.... professora intervalo:....

**ALS:** ((Comentários sobre o eu poético. A professora aproxima-se à carteira de alguns para reforçar as explicações))

**P:** gente olha só:.... é: naquela época:.... PSIU:.... naquela época as mulheres elas não tinham né?.... escolaridade:.... então por isso:.... quem:.... quem era os escritores?.... eram os homens:.... né?.... eram os homens:.... então nós não tínhamos:.... mulheres que escreviam:.... né?.... naquele período:.... a maioria eram homens:.... né?... por quê?... porque as mulheres elas não tinham né?.... escolarização como os homens:.... né?.... vocês sabem que a mulher só muito tempo depois né?.... né?.... é que a mulher vai:.... é:.... a/que a mulher vai ter direito:.... né?.... a escolarização:.... mas na antiguidade:.... né?.... no período do trovadorismo:.... as mulheres não tinham a mesma escolarização que os homens:.... a mulher:.... pra que/qual era:.... o que que a mulher aprendia naquela época?....

**ALS:** ((comentários))

**P:** aprendia a bordar:.... cozinhar:.... cuidar do marido:.... né?.... é/essa era a visão né?.... da mulher:.... naquela época:.... graças a Deus que a mulher alcançou sua liberdade:.... ((a turma agita-se e todos comentam em voz alta ao mesmo tempo em que a professora fala)) PSIU:.... graças a Deus a mulher conseguiu sua liberdade e conseguiu:.... é:.... conseguiu né?... a sua:.... o seu espaço:.... o direito né?.... a voto:.... ( ) a trabalhar fora:.... mas:.... se a gente for é:.... PSIU:.... se a gente for assistir um filme... por exemplo:.... a um filme daquele época:.... a gente vai ver que a mulher:.... ela não:.... ela não andava:.... ( ) nos mesmos meios que o homem andava:.... né?.... por exemplo:.... a mulher não ia pra rua:.... ela não ficava exposta:.... como a gente:.... é/como a gente fica hoje né?.... exposta que eu quero dizer:.... não expos-ta:.... na questão que vocês tão pensando né?.... ( ) exposta nos ambientes onde:.... transitavam os homens né?.... a mulher ela ficava mais em casa:....

**AI4:** ( )

**P:** ahn?....

**ALS:** ((risos))

**P:** o que é?....

**AI4:** antigamente não existiam mulheres que ficavam ex-pos-tas:.... ( )

**ALS:** ((risos))

**P:** mais não era:.... PSIU:.... mas não era assim:....

**Als:** ((Um grupo de alunos homens riem))

**P:** mas não era assim como/como é hoje:.... era bem diferente:....

**AI1:** ( )

**P:** já vai... já vai:....

**AI1:** ( ) na época de mil e oitocentos era a prostituição:.... a qual era uma profissão como:.... ( ) é uma profissão muito antiga:.... e: na época ela não era vista assim:.... tanto com maus olhos:....

**P:** pois é... mas porquê?... quem que fazia isso aí?...

**AI4:** era fato do/do:... ((fala ao mesmo tempo que a professora))

**P:** ( ) era um grupo de homens que:...

**AI4:** pelo fato da sociedade do/do:...

**P:** cada homem que vivia com uma mulher:...

**AI4:** ( ) uma base machista:...

**P:** PSIU:... é diferente de hoje:... que a mulher:... ela pode:... é:... ( ) ela própria faz a/a/a vida né?... não só a mulher como homem também:... tá?... a gente só vê hoje:... só fala em mulher:... mas isso não é uma questão só da mulher:... o homem também:... né?... mas:... naquela época era um grupo de homens que faziam essa:/essa:...

**AI4:** é isso aí:...

**P:** ( ) olha gente a gente não tem que ter uma briga entre homens e mulheres:... a gente tem que ter uma igualdade:... né?... onde homens e mulheres:... possam viver:... né?... em harmonia:... tá?... vão lá pro intervalo:...

((enquanto a professora concluía os alunos discutiam entre si, mas o som está incompreensível))

## II PARTE

((Segunda parte da aula. Os alunos voltam bastante agitados do intervalo))

**P:** PSIU:... é:... já?...

**ALS:** não:...

**P:** não?... vocês ainda tão no recreio?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ainda tá lanchando aquela dali?...

**ALS:** ((comentários))

**P:** é:... PSIU:... eu recebi uma cartinha de uma aluna aqui da sala... eu queria agradecer:...

**ALS:** AH:... ((comentários))

**P:** ( ) olha eu gostei:... da cartinha que a pessoa é:... me deu... escreveu pra mim:... tá?... eu só queria dizer pra vocês que eu não sou a única professora que precisa receber cartinha:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** é:... vocês podem fazer ( ) pros outros professores também:... ( ) ((os alunos comentam sobre a proposta de escrever cartas aos outros professores. Falam ao mesmo tempo e em voz alta. A voz da professora fica incompreensível)) tá?... tá?... ( ) retomando:... né?... a nossa:... PSIU:... a nossa discussão né?... sobre o que que nós estávamos falando antes da gente ir embora?... falando a respeito né?... eu tava falando pra VOCÊS: né?... que naquela época não existiam:... PSIU:...

**AI:** eh gente:...

**P:** naquela época não existe/que as mulheres elas não tinham a mesma educação que nós:... né?... que as mulheres de hoje:... né?... então ela é:... não tinham tantas mulheres assim que escreviam né?... algumas mulheres/era muito difícil ter uma mulher... que escrevia:... embora a gente já tenha algum registro né?... de algumas poesias que foram escritas por mulheres:... mas:... é... a maioria delas eram escritas por homens:... né?... como eu falava pra vocês né?... a respeito de gênero lírico:... que o gênero lírico: ele tinha o quê?... a presença do eu-poético:... né?... e que esse eu poético ele não era:... ele era uma figura inventada né?... pelo:... pelo poeta né?... pra expressar aquele sentimento:... PSIU:... ele era uma figura inventada pelo poeta para expressar aquele sentimento né?... então:... é... o eu-poético ele não era a mesma pessoa que o poeta:... ele era u-ma: figura inventada por ele:... mas que algumas vezes né?... os sentimentos expressados no poema:... ( ) eram:... sentimentos do próprio poema:... então:... algumas vezes ( ) o eu-poético ele era o próprio poeta e algumas vezes ele não era o próprio poeta:... era uma figura inventada por ele:... é como se fosse uma personagem:... inventada pelo poeta:... é... por exemplo:... nós temos uma escritora aqui na sala:... vocês sabiam disso?...

**ALS:** ((uns dizem que não, outros que sim))

**P:** ( ) A L:... né?... então eu te pergunto L?... todas as vezes que você escreve:... nos seus poemas:... você escreve é... o sentimento que tá ali ele é seu?...

**AIL.:** não:... às vezes não:...

**P:** nem sempre é seu:... né?...

**AIL.:** às vezes eu escolho algum tema:...

**P:** pode falar mais alto?...

**AIL.:** às vezes eu escolho algum tema que eu possa:... incluir na minha poesia:... e ali escrever:...

**P:** e o sentimento ele é:... seu:... ele é sempre seu?... ou:...

**AIL.:** não:... ((ao mesmo tempo que a professora fala)) não:... às vezes ele tem a/tem pessoas que pedem até pra mim escrever:... aí:... com isso eu pergunto:... ( ) qual é a emoção?... é... o que você quer passar pra essa pessoa?... aí nisso não só meus sentimentos... às vezes daquela pessoa:... ou até mesmo assim só inspiração mesmo pra (querer) escrever:...

**P:** certo:... às vezes é até uma inspiração:... ( ) que você tem:... né?... por exemplo naquele poema que você me mostrou:... a respeito da guerra: né?... ela escreveu um poema né?... que falava/que o tema do poema era a guerra:... né?... então:... eu pergunto pra ti:... L:... é... tu já participou alguma vez de alguma guerra?...

**AIL.:** não:...

**AI1:** da segunda guerra:...((risos))

**P:** não:... então como foi que tu escreveste esse poema da guerra?... o sentimento né?... ( ) eu falo a respeito de sentimento:... ( ) quando tu expressou esse sentimento... esse sentimento era teu?... ou foi um sentimento que tu inventaste?... foste buscar em outra:... em outra pessoa?...

**AIL: é** um sentimento que eu fui buscar em outra pessoa:...

**P:** perceberam agora a diferença do:/do:... da pessoa que escreve o poema... pro EU-poético?... né?... o EU-poético:... ele é:... ele é uma invenção do/do:... do poeta:... né?... nem sempre:... nem sempre... algumas vezes ele é o próprio poeta:... mas nem sempre aquele sentimento:... que tá expresso ali no poema:... ele é:... do poeta:... né?... muitas vezes o poema vai buscar:... uma inspiração em uma OUtra pessoa né?... pra expressar aquilo/aquele sentimento:... né?... não quer dizer que seja sempre o poeta que tá sentindo aquilo ali:... algumas vezes o poeta sente:... outras vezes... ele vai buscar inspiração em outra:... né?...

**AI10:** professora:... lê o poema dela pra gente:...

**P:** tu queres que eu leia o poema?...

**ALS:** lê professora:... ((comentários))

**P:** deixa eu ler o poema dela:... tu não queres ler L.?... lê você:...

((a turma se agita, a professora pede silêncio))

**AI4:** na frente professora:...

**ALS:** na frente:... ((comentários))

**P:** tem que aproveitar né?... ( ) uma poeta na sala:...

**AI1:** pode ir de com força:...

**AIL:** "as guerras":...

( )

**ALS:** ((ao término da leitura todos aplaudem e gritam))

**P:** muito bom:... então vocês/PSIU:... vocês percebem aí:... que o eu-poético... ( ) não é a mesma pessoa né?... que escreve o poema:... né?... que o poeta:... né?... então há uma diferença entre o eu-poético e o poeta... o eu-poético ele é:: o sentimento que o poeta ele/ele:... ele inspira:... ele é inspirado né?... é:... se eu posso falar essa inspiração:... né?... ele vai buscar em uma outra pessoa né?... ele inventa:... um/um:... um perso/uma personagem né?... pra que essa personagem ela esteja:... ( ) ele tenha esse sentimento como no caso aí:... da L. né?... ela nunca participou de uma guerra né?... então esse sentimento:... ela foi buscar em outras pessoas:... né?... então:... é:... é uma personagem né?... que tá aí sentindo aquela dor:... aquele sofrimento da guerra:... mas que não é:... a L:... deu pra vocês entenderem?...

**ALS:** ((sinalizam que sim))

**P:** certo?... então vamos copiar um pouquinho:...

**ALS:** AH:... ((comentários))

**P:** é:... cuidado com as faltas:... porque a falta reprova sim:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** nosso sistema já reprova vocês quando tiver a nossa caderneta tá?... cuidado com as prova/com as faltas:...

**AI2:** com as provas?...

**P:** quando vocês faltarem tem que:... com as provas também né?... mas cuidado com as faltas:... quando vocês faltarem tentem justificar as faltas de vocês:... ( ) psiu:... pra gente poder é justificar a falta de vocês:... agora também não vão:... é:: nem tudo a gente vai ficar justificando também né?... porque:... o aluno às vezes pensa que ah:: eu vou faltar... porque eu não vou que eu tô com sono:... aí eu vou ficar em casa dormindo:... eu vou chegar lá e vou falar:... por que que a gente precisa:... que você traga o atestado né?... porque aí também tem gente que falta por nada:... né?... então:... não é justo:... também pros outros não é?... a gente ficar:... abonando as faltas de vocês:... que no fundo vocês estão não estão vindo porque não querem:... a gente sabe o que acontece ( ) né?... então procurem:... se vocês adoecerem... procurem ir ao médico:... pegar atestado:... ( ) também vocês não vão ficar:... é:... trazer o atestado pra gente tá?... levar também lá na secretaria:...

**AI2:** eu não sabia esse detalhe professora:...

**P:** não?...

**AI2:** eu entreguei na secretaria ( )... e eles que repassavam (aos professores):...

**P:** e também vocês não podem entregar o original de vocês:...

**AI2:** pois é:... eu entreguei o original:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** o original:... tá?... o original fica com vocês:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá?... o original a gente guarda pra gente poder comprovar ( ):... aí entrega só a xerox:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** posso apagar aqui esse lado?...

**ALS:** pode:...

**P:** deixa eu só terminar esse aqui tá?... ((enquanto a professora copia o assunto no quadro os alunos conversam)) olha só meus amores:... é:... se vocês quiserem:... ((alguns alunos conversam e interrompem a professora)) tá?... olha só:... se vocês quiserem é:... saber um pouquinho mais a respeito desse gênero - - o professor de história já está aí - - saber um pouquinho mais a respeito do gênero:... ( )...

**ALS:** não... não:...

**AI:** é aqui:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** é:.... tá bom gente:.... ( ) é:.... se vocês quiserem saber um pouquinho mais:.... ( ) a respeito desse gênero:.... do gênero épico:.... vocês podem assistir:.... o filme "Tróia":.... ele é um filme que não é tão antigo:.... tem até aquele/aquele ator né?:.... do filme:.... muitas pessoas consideram ele muito bonito:.... ele é o:....

**AI:** Brad Pitt:....

**P:** Brad Pitt né?:.... ( ) então vocês podem assistir esse filme:.... eu vou ver se consigo trazer:.... tem outro filme também:.... psiu:....

**AI2:** ah professora... eu não consegui:....

**P:** da Odisseia... até passou agora como sempre né?:.... no SBT:.... ( )...

**AI:** eu assisti:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) eu vou ver se eu consigo trazer o filme "Tróia" pra gente assistir:.... na outra sala:.... eles têm esse filme a "Odisseia":.... eu vou ver se eu pego com eles... agora a Odisseia:.... se a gente for assistir seria bom que a gente viesse no sábado:.... porque é um filme muito grande:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) eu marco com vocês:.... porque fica melhor pra você/que vocês já:.... visualizam mais:.... toda aquela questão que a gente acabou de falar:.... que:.... a respeito da... presença do maravilhoso:.... né?:.... que é em terceira pessoa:.... ( ) mesmo no filme tem a presença do narrador:.... tá?:.... então vocês vão ver como:.... vai ficar mais:.... é:.... mais ilustrativo pra vocês:.... meus amores obrigada pela paciência:....

**ALS:** AH:....

**P:** ( ) estudem:.... psiu:.... tá?:.... um abraço em todos vocês:....

**ALS:** ((comentários))

#### [P5 A5]

((A turma está bastante agitada, todos conversam num tom de voz muito alto))

**P:** olha:.... bom dia meus amores:....

**ALS:** bom dia:.... ((silenciam aos poucos))

**P:** é:.... o pessoal da limpeza pediu encarecidamente que vocês:.... não ficassem transitando pelos corredores:.... eles disseram que vocês pedem pra beber água ( ):.... mas na verdade:.... vocês ficam é andando por aí:.... batendo perna:.... né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?:....

**AI1:** não só aqui:.... pessoal ( )...

**P:** pois é:.... ( ) nessa hora:.... ninguém é assim né?:....

**ALS:** comentários:....

**P:** mas eles tão lá fora:.... e eles veem:.... claro que não são todos:.... né?:.... ( ) tá?:.... mas:.... a:.... ((uma aluna entra e a professora interrompe a fala para dizer bom dia)) mas a maioria de vocês faz isso né?:.... então eles tão pedindo pra que vocês não fiquem transitando no corredor:.... porque eles estão limpando:.... e aí o corredor não para limpo que eles falaram:.... eles estão limpando:.... aí vocês vão lá:.... com o pé todo sujo de areia:.... de la-ma:....

**AI2:** égua esse pessoal é fogo:....

**P:** de folha:.... que mais:.... de cavalgada:.... ((Evento que aconteceu na cidade no fim de semana que antecedeu a aula)) ( )

**ALS:** ((risos))

**AI1:** com certeza:....

**P:** vocês foram à cavalgada?:....

**ALS:** sim:....

**P:** nem me convidaram né?:.... olha eu fiquei a noite toda na festa:....

**AI1:** eita:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** dentro do meu quarto:.... gente:.... ( ) ai a noite toda tuff tuff:....

**AI1:** eita:....

**AI3:** ( )

**Als:** ((risos))

**AI4:** professora a senhora mora naqueles quitinetes lá é?:....

**P:** ( )

**AI4:** ( )

**ALS:** ((comentários))

**AI1:** a professora tá podendo:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... olha:.... ainda falta chegar um ônibus não falta?:.... ((como a aula é no primeiro horário, a professora aguarda chegar todos os ônibus com os alunos que vêm de outras localidades))

**ALS:** falta:....

**P:** a gente vai dá alguns minutinhos pra esperar chegar o pessoal tá?:....

**AI2:** professora a gente pode brincar de pira... professora?:....

**AI1:** umbora brincar pira:....

**ALS:** ((comentários))

P: bom dia tudo bem?::... olha vocês tão chegando a prestação aqui::... já percebi::...

Als: ((comentários. Todos falam ao mesmo tempo))

P: aí gente::... muito obrigado pela carta::...

ALS: ((comentários))

P: agora eu vou conferir quantos ( ) tinha lá na carta/tem lá na carta::...

ALS: ((comentários))

AI5: só tinha te amo... te amo::...

ALS: ((comentários))

P: não tem mensagens::... tem poemas::...

AI2: tem desenhos::...

P: tem desenhos::... tem um monte de te amo::...

ALS: ((comentários))

P: eu ganhei::... uma carta de um metro ( )::...

AI5: professora a senhora gostou daquela::... ser professora é?::...

P: gostei gostei::... mas eu vi que vocês tão querendo ajuda naquele ser professora é::... só faltou colocar lá::... é dar nota::... ((risos))

ALS: ((risos))

P: é dar dez pra todo mundo::...

ALS: ((comentários))

AI6: e o morto lá ( )?::...

P: ahn?::...

AI6: e o mendigo lá?::... a senhora não lembra dele?::...

P: ah:: sim::...

ALS: ((comentários))

AI6: ( )

P: não::... não é gente::... é porque::... ((Daí a professora conta um fato que aconteceu quando ela e outra professora estavam voltando para casa. Os alunos riem. Enquanto isso chega o restante da turma))

P: ontem tinha uma preguiça aqui na::/na::...

AI4: eu vi::...

ALS: ((comentários))

P: olha eu tirei uma foto da preguiça... vocês querem ver?::... ((a professora mostra a imagem no celular de carteira em carteira))

ALS: ((comentários))

AI7: olha professora a preguiça::...

ALS: ((comentários))

P: PSIU::... aí olha só meus amores::... vamos começar a nossa aula::... tá?::... é::... bom dia a todos mais uma vez::...

ALS: bom dia::...

P: ( ) e aí::... quando eu falei pra vocês que tinha uma preguiça aqui ontem::... é::... vocês::... logo::... é::... supuseram qual era a preguiça que eu tava falando?::...

AI6: sim::...

AI3: não::...

P: não?::...

AI8: eu sei qual era a preguiça::...

P: sim ou não?::...

ALS: sim::...

P: ahn?::...

AI8: ( )

P: sim ou não?::... vocês imaginaram logo qual era a preguiça?::... né?::... agora::... deixa eu fazer outra pergunta pra vocês::... existe somente um significado pra essa palavra preguiça?::...

ALS: não::...

P: não::... existe a preguiça o animal::... né?::... e existe a preguiça o quê?::...

ALS: ((comentários))

P: ahn?::...

ALS: ((comentários))

P: falta de ânimo né?::... falta de::...

AI1: ( )

P: falta de disposição::... né?::... então existe::... é::... um tipo de preguiça e outro tipo de preguiça::... então a nossa aula de hoje::... nós vamos estudar::...

ALS: ((comentários))

P: signo linguístico::... ((escreve no quadro enquanto diz a palavra)) o que são?::... psiu::... alô alô pessoal::...

ALS: ((risos))

P: o que que é::... o signo linguístico?::... você::... que trabalha::... né?::... ( ) o que que é o signo linguístico?::...

AI9: é::... são determinadas palavras::... ( )

P: como assim determinadas palavras?::... só alguns tipos::... nem todas são signos linguísticos?::...

ALS: ((comentários))

**AI9:** ( )

**ALS:** ((aplaudem a explicação da aluna))

**P:** será que o signo linguístico:.... olha a L. falou:.... a L. falou:.... que o signo linguístico são determinadas palavras:.... será que são determinadas palavras?:.... ou são todas as palavras?:....

**ALS:** todas:....

**AI:** palavras que têm significado diferente:....

**P:** palavras que têm significado diferente?:.... mas será?:.... o que que é o signo linguístico?:.... será que o signo linguístico ele é apenas:.... algumas palavras?:.... ou são TODAS as palavras?:....

**AI:** algumas palavras:....

**P:** ahn?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** o signo linguístico:.... meus amores:.... são as palavras:.... né?:.... todas as palavras são signos linguísticos:.... né?:.... ( ) e são palavras/a palavra:.... ela é: a associação do quê?:.... o signo linguístico ele é a associação do quê?:.... ainda a pouco o falei pra vocês assim:.... ontem:.... tinha uma preguiça aqui na:.... aqui na escola:.... aí vocês logo/logicamente começaram a imaginar o que que era a preguiça que eu tava falando:.... e todos vocês aqui:.... quando eu falei:.... todos vocês aqui conseguiram imaginar:....

**AI10:** ((tece um comentário sobre o celular da professora))

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá?:.... é:.... quando eu falei:.... mais uma vez:.... ((chama a atenção de alguns alunos que não param de conversar)) mais uma vez:.... quando eu falei a palavra preguiça:.... tem outra foto... aqui oh:.... ((muda para outra imagem da preguiça no celular))

**ALS:** ((comentários))

**P:** psiu:.... quando eu falei a palavra preguiça:.... ( ) o que que veio a mente de vocês?:.... no primeiro instante:.... o que que veio à mente de vocês?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** veio o animal?:....

**AI:** é:....

**P:** então tá:.... então o signo/os signos linguísticos:.... eles são compostos tá?:.... a gente pode dizer que a gente tem duas partes:.... o significante:.... e o:.... o significante e o significado:.... ((escreve as duas palavras-chave no quadro)) muito bem:.... onde o significante ele é o quê?:.... ele é a parte:.... material:.... ele é o quê?:.... os sons ou as letras:.... ((escreve no quadro))

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... e o significado que é o quê?:.... olha:.... se o significante ele é o som e as letras:.... o que que pode ser o significado?:....

**AI:** ( )

**P:** falaste aí:.... o sentido da palavra:.... pode ser o que também?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** psiu:.... ele é o conceito né?:.... é o conceito:.... ou o significado que eu tenho:.... da palavra o quê?:.... de todas as palavras né?:.... como aqui:.... o exemplo que eu:.... que eu utilizei né?:.... aproveitando que nós tivemos ontem a visita de uma simpática preguiça:.... né?:.... tão simpática que ela furou o professor:.... o professor R:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) ele foi tentar tirar ela da árvore:.... e ela:.... deu uma:.... furada nele:....

**ALS:** ahn?:....

**P:** psiu:.... então olha só:.... o que é o meu conceito aqui da palavra preguiça:.... psiu:.... qual é o conceito da palavra preguiça que vocês têm?:.... ((os alunos ficam em silêncio)) Cri cri cri cri:....

**ALS:** ((risos))

**AI10:** o conceito é a ideia né?:....

**P:** a ideia né?:.... pode ser também:.... muito bem:....

**AI:** ( )

**P:** e que ideia é essa que você tem da palavra preguiça?:.... vocês falaram no início da aula:....

**AI10:** de animal:....

**P:** de animal:.... muito bem:.... pode ser um animal:.... pode ser também o quê?:.... uma pessoa né?:.... que tem muita:.... preguiça né?:.... falta de coragem:.... falta de ânimo:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** já?:.... então olha só:.... é:.... a palavra:.... psiu:.... sozinha:.... ela só pode ter:.... um único significado... quando ela está sozinha né?:.... que vem com nada: assim:.... quando eu digo assim preguiça:.... aí ela só pode ter um único significado:.... certo?:.... aí o signifi-ca-do:.... da/dessa palavrinha/isso depende muito de vocês:.... um vai imaginar que é:.... se eu disser pre-gui-ça:.... um vai imaginar que é o animal:.... outro pode imaginar que é uma pessoa ( ) né?:.... que tem essa falta de ânimo:.... deixa eu ver:.... é:.... cada um de vocês vai imaginar uma coisa:.... por quê?:.... porque a palavra sozinha:.... ela só pode ter um único significado:.... mas pra que ela tenha vários significados ela precisa:.... de quê?:.... ela precisa estar associada:.... a outros signos linguísticos:.... certo?:.... à outras palavras:.... por exemplo numa frase:.... numa oração:.... num texto:.... então o meu significado:.... ele depende do quê?:.... ele depende dessa?:.... ele depende do contexto:.... ou seja:.... dessa associação:.... com as outras:.... palavras:.... vocês entenderam isso aqui?:....

**ALS:** sim:....

**AI:** não:....

**P:** lembra quando eu li o texto da “Alice no país das maravilhas” pra vocês?:::...

**ALS:** não:::...

**P:** não?::: não tão lembrados?:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** bom dia::: minha gente::: tudo bom?::: ((vários alunos chegam atrasados)) olha::: hoje nós estamos falando a respeito dos signos linguísticos::: tá?::: o signo linguístico como eu já falei para os outros alunos::: eles são as nossas palavras::: tá?::: e as palavras elas têm::: duas é::: duas partes::: tá?::: os signos linguísticos é::: eles têm duas partes::: uma que é o significante::: ( ) que a gente pode cha/considerar que é a nossa parte ma-te-rial::: que são os sons ou as letras::: aí eu como exemplo pra eles da palavra pre-gui-ça::: e a outra parte é o signifi-ca-do::: tá?::: que pode ser o nosso con-cei-to ou a nossa ideia::: né?::: então quando eu falo a palavra preguiça::: quando eu emito o som da palavra preguiça::: vocês vão associar essa palavra::: que eu estou falando::: né?::: esse som que eu estou liberando::: ou também::: as letras que estou escrevendo da palavra preguiça::: você vai associar a uma ideia... a um conceito:: que você/que você tem dessa palavra::: certo::: então quando eu disser/quando eu disse pra eles a palavra preguiça::: a maioria aqui imaginou:: o quê?::: o animal::: mas também::: ( ) algumas pessoas imaginaram uma pessoa que::: tem muita preguiça... que é preguiçosa::: que pode ser uma pessoa que tem falta de ânimo::: de coragem pra fazer as coisas e tal... entenderam?::: os que chegaram agora?:::...

**ALS:** ((alguns sinalizam que sim))

**P:** ficou alguma dúvida?::: tá?::: então olha só::: então isso aqui é o meu signo linguístico::: ((mostra no quadro uma espécie de esquema - Significante + Significado = Signo)) tá legal?::: todo mundo entendeu?::: certo?::: então deixa eu lembrar pra vocês... do texto da “Alice no país das maravilhas” que eu li::: aquele trecho que eu li ( )... vocês lembram?::: vocês lembram que o R. ((personagem da obra)) falou uma palavra que a Alice não entendeu como o ( ) da palavra::: né?::: pra/pa/pa explicar::: o que o P. falou::: né P.?:::...

**AI10:** P. Moutinho:::...

**P:** o P. Moutinho::: ((risos)) ((o aluno brinca utilizando o sobrenome do diretor do Instituto)) não o P::: não vão fazer isso com o P:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá?::: o P. apaixonado né?::: falou::: que::: ( ) que esse conceito::: né?::: ele depende do quê?::: depende do contexto::: aí::: na aula passada/numa aula aí atrás eu li pra vocês um trecho::: da “Alice no país das maravilhas:::” onde é::: a Alice tinha uma conversa com o (Rupinduque)::: e aí:::...

**AI2:** (Rupinduque)?:::...

**P:** é um personagem de lá:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** e aí::: o (Rupinduque) falou pra Alice assim::: ela não entendeu o conceito da palavra que ele deu::: e ele disse assim... que a palavra::: ela é exatamente aquilo... que ele quer que ela seja::: a palavra::: ela depende daquilo que eu quero que ela seja::: então::: ( ) só pra vocês lembrarem disso daí::: que é isso que o P. falou::: o (Rupinduque)... que ele tava explicando pra Alice era exatamente isso::: que a palavra::: ela depende do que?::: do contexto::: né?::: então a palavra ela pode ter o significado::: que eu quero que ela tenha::: dependendo do quê?::: do contexto que ela está inserida::: certo?::: eu já falei até que eu nem quero celular aqui na sala::: ((fala com um aluno que está atendendo o celular na sala de aula)) não quero ver celular::: nem quero ver fone de ouvido:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha eu vou fazer::: eu vou fazer um/um::: uma loja de celular e de fone de ouvido:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** certo?::: deixa eu até guardar o meu também:::...

**ALS:** ((comentários))

**AI10:** ( )

**P:** é::: o::: não... não é o chapeleiro::: não... não é o chapeleiro:::...

**AI1:** ( )

**P:** eu não tô lembrada qual/qual é a personagem::: tá?::: certo?::: todo mundo entendeu isso aqui?:::...

**AI2:** certo:::...

**P:** vocês entenderam essa parte aí que eu expliquei da Alice?:::...

**ALS:** sim:::...

**P:** né?::: então como o (Rupinduque) falou::: né?::: a palavra ela é tudo que a gente quer que ela seja::: dependendo do contexto que ela tá inserida::: ela pode ganhar um novo significado::: ela tem um significado::: mas dependendo do contexto::: né?::: ela pode ganhar um novo significado::: o significado que eu quero que ela tenha::: certo?::: então::: é::: por isso::: que às vezes é::: quando a gente vai ler numa prova de vestibular::: a gente tem que ficar bastante atento::: porque as/as/uma palavra que tá lá::: dependendo do contexto ela ganha um significado diferente::: e às vezes também::: a gente nem sabe o significado daquela palavra::: mas pelos outros signos linguísticos a gente pode descobrir o significado dela::: entenderam?::: então por isso que a gente tem que prestar atenção no contexto::: né?::: e também a gente tem que levar em consideração o nosso conhecimento de mun-do::: também::: pra gente entender um texto::: o texto ele depende também::: do conhecimento de mundo que a gente tem::: ok?::: tudo isso é levado em consideração na hora de ler um texto::: a gente tem que::: situar o texto::: historicamente não é?::: tem que situar::: o contexto que o texto::: tem::: certo?::: então::: o significado da palavra ele depende do contexto::: que a palavra está inserida::: tá?::: ela sozinha ela tem um significado::: agora ela dentro de um texto::: ela pode ter::: outros significados::: certo?::: vamos copiar um pouquinho?:::...

**ALS:** não:....

**P:** olha ontem eu falei isso que os meninos falaram assim:.... não professora fica falando mais um pouco aí:.... se vocês quiserem vocês podem copiar isso aqui tá?:.... peraí que eu vou só colocar aqui que a parte ( ) da matéria:.... ((A professora copia o assunto explicado no quadro. Os alunos conversam)) ( ) ah sim:.... eu falei pra vocês:.... que eu ia remarcar nossa prova:....

**AI:** oh beleza:....

**ALS:** ((comentários))

**AI2:** por causa da greve é professora?:.... vai ter greve mesmo?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha só:.... a nossa prova:.... PSIU:.... ( ) eu vou remarcar:.... agora só que tem um detalhe:.... eu marquei a prova de:.... do pessoal lá da informática pro dia seis:.... ((seis de junho)) só que eu fiquei sabendo que a semana do meio ambiente vai ser dia quatro cinco e seis:.... e eu fiquei sabendo que vocês serão dispensados das aulas pra:.... poder participar:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** HEI:.... psiu:.... eu não sei se isso ainda é fato:.... me falaram:.... eu não sei se é fato:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) que dia a gente pode marcar nossa prova?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ah então a gente pode marcar pro dia sete:....

**ALS:** ((conversam em voz alta))

**AI:** professora isso é crime:.... ((O aluno diz isso pelo fato da professora estar usando o celular para ver o calendário))

**P:** PSIU:.... mais aí eu não tô usando ele pra fazer ligação:.... tô usando ( ):....

**ALS:** ((comentários))

**P:** porque eu não trouxe calendário:.... se eu tivesse calendário eu não iria ( )... ((Som incompreensível, pois os alunos falam ao mesmo tempo)) dia sete tá?:.... pode ser?:....

**AI:** pode:....

**ALS:** ((comentários))

**AI2:** é feriado professora:....

**AI10:** *Corpus Christi*:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha gente:.... *Corpus Christi* podem ir a Capanema viu:.... é a melhor *Corpus Christi* que tem:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** a minha preocupação:.... é:.... psiu:.... quarta-feira agora nós teremos uma reunião pra decidir a questão da greve né?:.... vocês tão sabendo:....

**ALS:** ahn?:.... ((comentários))

**P:** PSIU:....

**AI:** ( )

**P:** PSIU:.... ahn?:.... terça e quinta:....

**AI10:** tem dia doze e dia quatorze:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** pois é:.... mas dia quatorze não pode ser ( ):....

**AI10:** ( )

**ALS:** ((Comentários. A turma fica bastante agitada))

**P:** então umbora marcar:.... PSIU:.... alÔ:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** eu vou marcar:....

**AI:** silêncio:....

**P:** pro dia doze:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** doze tá?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** psiu:.... posso apagar esse lado?:....

**ALS:** pode:....

**AI:** ainda não:....

**P:** ah:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** beleza?:....

**ALS:** beleza:....

**P:** agora ( )... psiu:.... repetição:.... agora que não está mais no quadro o que eu falei:.... eu vou perguntar pra vocês o que são os signos linguísticos?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** sem olhar pro caderno:.... todos olhando aqui pra cima:....

**ALS:** ((todos falam ao mesmo tempo))

**P:** PSIU:.... deixa o caderno aí:.... deixa o caderno aí:.... ( ) tá?:.... o que que é:.... o signo linguístico?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... são o quê?:....

**ALS:** ((comentários))  
**P:** o P. falou:.... são as palavras:.... e elas estão compostas de quê?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**AI:** sons e letras:....  
**P:** que que é:.... que que é o significado?:....  
**ALS:** ((respondem ao mesmo tempo))  
**P:** eu repeti exatamente pra vocês ficarem com essa dúvida:.... o que é o significado?:.... não são os sons e as letras:....  
**ALS:** ((dizem, ao mesmo tempo, que é o conceito e a ideia))  
**P:** certo:.... aí quando eu digo a palavra bola:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** ( ) pode ser a bola brinquedo né?:.... pode ser a bola o quê?:....  
**AI2:** de ping-pong:....  
**ALS:** ((risos))  
**P:** não mas sem:.... sem diversificar aqui:.... pode ser a bola brinquedo:.... e pode ser a bola o quê?:.... eu digo assim:.... a T. tá com a bola toda:....  
**ALS:** né?:.... ((risos e comentários))  
**P:** vocês não acham que a T. está com a bola toda?:....  
**ALS:** não:.... ((risos e comentários))  
**P:** ( ) Psiu:.... a menina é bonita:.... inteligente:.... ( ) né?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** é extrovertida ( )...  
**AI10:** tá com a bola toda né?:....  
**P:** ( ) olha só quantos adjetivos ela tem:.... então ela está com a bola toda:.... certo?:....  
**AI11:** ( )  
**P:** ahn?:....  
**AI10:** ele tá doido:.... não liga pra ele professora:....  
**ALS:** ((risos))  
**P:** mas isso aí é só pra fazer o exemplo né?:.... mas ela é tudo isso que eu falei tá?:.... então vocês entenderam aí a questão do significante e do significado?:....  
**ALS:** sim:....  
**P:** se eu falar pra vocês a palavra rosa:....  
**AI10:** rosa:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** também tem a cor:.... rosa:.... PSIU:.... tem pessoas que falam assim:.... ((escreve no quadro a palavra "roseo") não é assim tá?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** então não vão sair por aí dizendo mais:.... PSIU:.... essa palavra ro-seo:.... essa palavra não é assim:.... ela é rosa:.... ( ) igual como a rosa:.... vem exatamente da flor:.... rosa:.... né?:.... embora a rosa pode ser branca:.... pode ser vermelho:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** PSIU:.... lilás:....  
**ALS:** ((os alunos conversam bastante))  
**P:** tá:.... agora deixa eu dizer pra vocês:.... a palavra:.... PSIU:.... papagaio:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** pode ser o papagaio:.... olha o colega aqui:.... Psiu:.... ( ) disse o quê?:.... que pode ser também a pessoa que?:....  
**ALS:** ( )  
**P:** tagarela né?:.... que fala muito:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** se eu disser assim:.... a T. é um papagaio:....  
**ALS:** ((risos))  
**P:** ( ) eu acho que todos vocês entenderam esse assunto né?:.... ( ) R. meu bem:.... você entendeu?:.... ((o aluno estava distraído utilizando o celular))  
**AIR:** sim professora:....  
**P:** agora eu vou perguntar somente para o R.:.... R. o que que é o signo linguístico?:.... sem olhar pro caderno:....  
**ALS:** ((risos e comentários))  
**P:** ( ) hein R.?:.... PSIU:....  
**AI10:** eh professora:.... ele tá nervosinho professora:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** é o quê?:.... ( ) é o sons e as letras:.... e o que que é o significado?:....  
**AIR:** o conceito:....  
**P:** o conceito e a ideia:....  
**AI10:** parabéns:....  
**P:** ( ) sons e letras é o significante:.... e o conceito é o significado:.... né?:.... ( ) vamos copiar tá?:....  
**ALS:** ((reclamam))

**P:** ah:: meus amores é::... agora que eu expliquei esse assunto pra vocês::... nós vamos fazer um trabalho::... tá?::...

**ALS:** ah::...

**P:** não é pra entregar::... nem amanhã nem depois de amanhã::...

**AI10:** ( )

**P:** pra entregar lá pro final do ano::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** não nós iremos fazer::... um livro::... o vocabulário dos termos técnicos do curso de (Aquicultura)::... certo?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** sim::... vocês vão colocar/vocês pegar o quê?::... PSIU::... vocês vão pegar o significante::... né?::... e::... agregar o significado::... do curso de vocês::... tá?::... os termos técnicos::... por exemplo::... me dê aí um termo técnico do curso de vocês::...

**ALS:** ((vários alunos dizem alguns termos técnicos do curso))

**P:** ahn?::...

**AI2:** peixe::... pode ser o peixe animal::... e pode ser o peixe pessoa::... pode ser um peixinho fora d'água::...

**P:** isso né?::... ela falou agora aí um/um::... um peixe::... tá?::... o peixe pode ser o quê?::...

**AI13:** o peixe fora d'água::...

**AI2:** o animal ou/ou::...

**P:** o animal ou ( )...

**AI2:** uma pessoa::...

**P:** mas vocês vão escrever::... vocês irão escrever o termo técnico para o curso::... então o que que é o peixe pra vocês?::... é somente um animal::... não é isso?::...

**AI1:** comida::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?::... comida?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** e o que mais::... rede né?::... rede::... que rede é essa?::...

**AI10:** *internet*::...

**AI14:** de dormir::...

**ALS:** ((risos))

**P:** ( ) PSIU::... caiu na rede é peixe::...

**AI10:** ôpa::...

**ALS:** ((risos))

**P:** eu fui pra uma festa aqui::... com a turma de pesca::... que ( ) o tema da festa da festa era esse::... caiu na rede é peixe::...

**AI10:** é verdade::...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** olha a colega aqui também ( )... né?::... então olha só::... PSIU::... o significado desse caiu na rede é peixe... não é o significado::... que tem para::... o termo técnico do curso de (Aquicultura)::... então é esse termo técnico que vocês vão escrever::... o significado pro/pro curso de Aquicultura::... certo?::... vocês entenderam::... qual será nosso trabalho?::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** hei sem barulho por favor::... eu espero que vocês estejam conversando sobre o assunto de hoje::...

**ALS:** ((comentários))

((A professora copia o assunto no quadro e os alunos conversam e fazem muito barulho))

**P:** olha só::... tem uma coisa que eu gostaria muito de conversar com vocês::... é::... foi um negócio que eu vi no *facebook* e que eu não gostei nada nada tá?::... é::... um aluno nosso aqui do IFPA ele botou lá no::... é escreveu lá no *facebook*::... alguma coisa relacionada aos jovens daqui::... né?::... aí ele escreveu lá uma coisa que a/que eu não gostei::... e eu não concordo com isso::... e eu acho que vocês não tem que ficar::... enfatizando essa ideia tá?::... de que aqui nós somos/só porque nós somos federais::... nós somos melhores que o Bordalo::... que o::... que as outras/as outras escolas daqui::... nós não viemos pra cá::... pra é::... ser superior nesse sentido::... tá?::... nós podemos ser superior::... em relação aos jogos::... em relação é::... ( ) nós tentaremos ser superiores nesse sentido de educação::... tá?::... mas nós não viemos pra cá pra ser superior nesse sentido::... nós viemos pra cá pra::... é:: somar com as outras escolas e não::... pra::... criar essa rinha com as/com as escolas tá?::... isso é muito feio::... vocês vão ter que ficar aí rua::... é querer brigar com os outros alunos daqui::... se vocês são amigos deles?::... se vocês vieram de lá desses escolas::...

**AI:** verdade::...

**P:** né?::... então vocês não tem que sair por aí disseminando que a escola não presta::... tá?::... que a educação da escola lá não presta::... que é melhor::... que nós somos superiores::... pelo contrário::... se hoje vocês estão aqui é porque vocês passaram por essas escolas::... pelo Bordalo::... eu só sei exemplificar o Bordalo que é a única que eu conheço::... né?::... mas tem o IST também::... ((Instituto Santa Teresinha)) é::... ( )...

**ALS:** ((comentários))

**P:** então vocês têm que ter é::... psiu::... eu acho que vocês tem que ter::... é::... um agradecimento por essas escolas::... por/por/por vocês terem passado por lá::... e por hoje vocês estarem aqui::... tá?::... não fiquem disseminando isso na *Internet* porque isso é feio::... pega mal pra gente::... tá?::... pega mal pra vocês::... isso não é legal::... pelo contrário::... vocês têm que tentar cada vez::... é tão legal quando a gente pode ir e vir::... né?::... num determinado local... a gente poder::...

**AI4:** ( )

**P:** ahn?:::...

**AI4:** ( )

**P:** mas vocês não têm que incentivar essa rivalidade:::... é isso que eu tô falando:::... certo?:::... vocês tem que tentar é:::... é:::... ir de outra forma:::... tá?:::... é:::... isso é muito feio ficar disseminando essas coisas:::... é:::... vocês estão é:::... fortalecendo essa ideia:::... de que nós somos superiores...

**AI2:** tem que incentivar eles estudar pra estarem aqui:::...

**P:** exatamente também:::... agora não criar essa rixa pra depois até o colega nem vai querer fazer prova pra entrar aqui né?:::... e até fica feio isso né?:::... antes eu sou contra:::... aí agora eu faço uma prova aí entro:::... aí eu viro também:::... ( ) fica estranho isso:::... né?:::... então não fiquem disseminando essa ideia:::... que é feio:::... tá?:::... não é legal:::... ( ) não fica bem pra gente:::... tá?:::... a gente não tá aqui pra brigar com as outras escolas:::... pelo contrário a gente tá aqui pra somar:::... eu acho que é nesse sentido de/de somar:::... a gente não tá pra dividir:::... a gente tá pra somar:::... eu acho que isso que é legal:::... ( ) isso é que é saudável:::... tá?:::... e também gente os jogos eles tem que ser uma coisa saudável:::... não tem que ser briga:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** mas olha vocês entenderam:::... vocês entenderam o que eu falei?:::... né?:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?:::... não não foi nessa sala:::... tá?:::... eu só não quero ver:::... vocês fazendo isso lá na *Internet*:::... nem fora da *Internet* nem:::... se eu ver::: eu vou chamar atenção de vocês na mesma hora:::... tá?:::... isso não é:::... isso não é legal:::... vocês são amigos:::... a gente tem que ser amigo dos outros:::... ( ) lá em Belém por exemplo:::... PSIU:::... hei eu tô fa-lan-do:::... eu vou separar vocês:::... tá?:::... lá em Belém por exemplo tem duas escolas:::... que tem rixa:::... né?:::... que o:::... eu tô lembrada agora do nome das escolas:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** olha só tem outras escolas tá?:::... então é tão feio às vezes a gente tá dentro do ônibus e dois alunos começam a brigar:::... isso é muito às vezes lá aluno até apanha só porque ele tá usando o uniforme do/do/do lugar né?:::... então:::... da escola:::... então é tão feio isso:::... não não façam isso/não façam:::... isso virar uma coisa maior:::... uma rixa maior:::... tá?:::... ( ) não façam isso virar uma rixa maior:::... tá?:::... vocês não tem o que:::... enfatizar isso aí:::... pelo contrário:::... desfazer isso aí:::... certo?:::... vocês entenderam o que eu tô tentando falar com vocês?:::...

**AI4:** sim professora:::...

**P:** pode apagar aqui?:::...

**AI:** pode:::...

**AI:** não:::...

**AI:** mentira:::... pode apagar:::...

**ALS:** ((comentários. A professora apaga e volta a copiar o assunto))

**P:** eu vou ditar né?:::... porque vocês já ( )...

**ALS:** não:::... ((comentários))

**P:** e aqui pode apagar?:::...

**ALS:** pode:::...

**AI:** pode não professora:::...

**P:** quem tá copiando?:::...

**AI:** é aqui:::...

**AI:** não... pode apagar:::...

**P:** onde é que tu tá copiando?:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** aí olha só... só faltou eu falar aqui pra vocês:::... essa última parte que eu copieei tá?:::... sobre a questão que:::... ( ) a língua ela é uma convenção entre todos os usu/os usuários ( ) dessa língua:::... tá?:::... eu já falei isso pra vocês numa aula passada:::... é:::... que:::... é uma convenção entre todos nós:::... desde antes da gente nascer:::... quando eu expliquei pra vocês naquele:::... é:::... no dia que eu falei:::... sobre a palavra mesa:::... não há nem uma relação:::... né?:::... pra que esse objeto aqui se chame mesa:::... ((fala batendo sobre a mesa do professor)) ele poderia se chamar:::... outra:::... poderia ter outra/outra palavra:::... que fizesse referência a esse objeto aqui:::... no entanto:::... já foi convencionado:::... né?:::... desde antes da gente nascer que esse objeto aqui:::... ( ) se chamasse mesa:::... por exemplo também é por isso:::... né?:::... pra vocês entenderem essa questão de que não há relação:::... né?:::... entre a palavra e o objeto:::... por exemplo:::... é:::... em outra língua a palavra aqui vida:::... ((escreve no quadro)) por exemplo em inglês ela se chama *life*:::...

**AI:** *life*:::...

**P:** se houvesse... né?:::... alguma relação entre o objeto e a palavra:::... né?:::... teria que ser a mesma palavra:::... no entanto não é:::... tá?:::... eu vou colocar essa aqui que é a única que eu sei:::... ((Risos)) ((Escreve a palavra *life* no quadro)) tá?:::... o significante:::... ele é diferente:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá?:::... olha só:::... o significante ele é diferente:::... olhem o significado é o mesmo:::...

**AI4:** ai ai:::...

**AI10:** é verdade:::...

**P:** certo?:::... então não há relação entre:::... o meu objeto né?:::... entre o meu conceito:::... e a minha:::... e a/a/a:::... o significante né?:::... que são os sons e as letras:::... como por exemplo:::... é:::... se a gente for::: traduzir uma palavra pra uma outra língua:::... né?:::... ( ) um significado de uma outra língua ela vai ter outras palavras:::... que/que no entanto ela significa a mesma coisa:::... tem o mesmo significado:::... por isso:::... né?:::... o Ferdinand

de Saussure:.... que é um:: linguista:.... e ele é considerado o pai da linguística moderna:.... é:.... ele diz que:.... a:/a língua: ela pode ser associada:.... né?:.... ou pode ser:.... comparada:.... a um jogo de xadrez:.... né?:.... no jogo de xadrez a gente tem várias peças:.... né?:.... por exemplo a peça pode ser de marfim:.... ela pode ser de várias mar/de vários materiais:.... pode ser de marfim:.... pode ser de:.... madeira:.... pode ser de pedra:.... de vidro:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** osso:.... né?:.... porém:.... porém:.... as jogadas serão sempre as mesmas:.... como vocês puderam ver aqui oh:.... né?:.... quando eu for jogar:.... com as minhas palavras:.... né?:.... a jogada vai ser sempre a mesma:.... o significado ele é sempre o mesmo:.... né?:.... então olha só:.... a língua ela pode ser:.... inglês:.... português:.... francês:.... alemão:.... italiano:.... mas a jogada:.... né?:.... é:.... a associação:.... a jogada das palavras:.... ela será sempre a mesma:.... né?:.... no jogo de xadrez:.... tem uma jogada que se chama roque:.... né?:.... que é quando eu nunca mexo o rei:.... e a torre:.... né?:.... se o meu rei tiver ameaçado eu posso trocar:....

**AI4:** na verdade quando ele tá ameaçado não pode jogar:....

**P:** quando tá ameaçado não pode jogar:....

**ALS:** ((comentários))

**AI4:** não pode trocar:....

**P:** ( ) certo:.... ( ) antes dele entrar em cheque... eu posso fazer essa jogada:.... é isso?:.... só pra explicar pra vocês em relação à jogada:.... eu tenho essa jogada:.... né?:.... então essa jogada:.... ela sempre será a mesma:.... né?:.... eu sempre vou fazer esse roque:.... porém a peça do meu xadrez:.... a matéria:.... o material do meu xadrez:.... ele pode ser diferente:.... né?:.... ( ) eu posso (fazer essa jogada) com uma peça de marfim:.... é:.... ( ) eu posso tá fazendo essa mesma jogada... esse mesmo roque:.... com uma peça de madeira:.... eu posso tá fazendo esse mesmo roque com quê?:....

**AI10:** de plástico:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** com o mouse?:.... sim com o mouse do computador né?:.... eu posso tá jogando no computador:.... né?:.... mas a minha jogada sempre vai ser roque:.... não é verdade:.... então é isso/isso que ele relacionou... isso que o Saussure/Ferdinand de Saussure:.... associou né?:.... a língua em relação ao jogo de xadrez:.... porque aqui:.... o material pode ser diferente:.... eu posso tá usando:.... é: a língua espanhola:.... a língua:.... inglesa:.... a língua:.... portuguesa:.... a língua francesa:.... mas as jogadas... as formas como eu vou jogar:.... sempre serão as mesmas:.... sempre vou usar as palavras:.... né?:.... eu sempre terei as palavras:.... os significados:.... e também a:/as associações... a partir das constituições da/da frase:.... da oração:.... sempre vai ser da mesma forma:.... sempre eu vou ter a mesma:.... os mesmo/a mesma forma de jogar:.... os mesmos jogos:.... só:.... que o material vai ser diferente:.... certo?:.... vocês entenderam?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** então vocês puderam ver:.... não há nenhuma:.... associação:.... entre:.... o meu significante e o meu significado:.... é uma coisa que foi convencionada:.... antes da gente nascer:.... beleza?:....

**ALS:** ((comentários))

**AI10:** beleza:....

**AI2:** professora:.... a prova é só sobre gêneros né?:....

**P:** não senhora:.... toda essa matéria aí:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** PSIU:.... hei... chamada:....

**AI10:** a professora vai fazer a cha-ma-da:....

**AI14:** SILÊNCio:....

**P:** olha:.... que impressão:.... o meu colega:.... vai levar de vocês:.... ((refere-se ao pesquisador))

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) PSIU:.... se vocês estivessem pelo menos falando sobre o assunto da aula:.... por favor:.... por favor:.... ((os alunos fazem muito barulho)) vocês podem fazer silêncio pra eu fazer a chamada?:.... tá?:.... ((inicia a chamada)) ( ) a gente vai falar sobre língua e linguagem:.... e fala tá?:.... ((na próxima aula)) estudem pra gente ter um bom debate:....

## [P5 A6]

((Todos conversam antes de iniciar a aula))

**P:** bom dia meus amores:.... tudo bom?:....

**ALS:** bom dia:....

**P:** vocês:.... PSIU:.... na última aula:.... nós (estudamos) o signo linguístico:.... não foi isso?:.... ((a professora dá uma pausa, pois os alunos conversam muito e não estão prestando atenção na aula)) PSIU:.... vamos sentar:.... PSIU:.... vamos sentar tá?:.... a professora já entrou na sala:.... já comecei:....

**AI1:** qual professora?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) é:.... já meus amores?:....

**ALS:** já:.... ((comentários))

**P:** na última aula nós estudamos o signo linguístico não foi isso?:....

**ALS:** foi:.... ((Os alunos tentam interromper, mas a professora altera o tom de voz))

**P:** EU já FAléi pra vocês que o signo linguístico ele tem dois componentes:.... não foi isso?:....

**ALS:** foi:...

**P:** quais são os componentes do signo linguístico?:...

**ALS:** significante e significado:.... ((dizem em tempo diferente))

**P:** tá?:... significante e significado:.... PSIU:.... onde o significante é a minha parte?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ahn?:... material né?:...

**ALS:** é:.... ((comentários))

**P:** POR QUE:.... os meus sons?:...

**ALS:** ou letras:....

**P:** os sons ou as letras:.... e o meu significado é a minha parte?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** a minha parte abstrata:.... ( ) que pode ser o conceito:....

**AI1:** ou a ideia:....

**P:** que é a mesma coisa né?:...

**AI1:** é:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** aí:.... aí eu dei um exemplo pra vocês:.... a palavra?:... rosa:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:... quando eu emito o som da palavra rosa:.... eu também te/eu também posso iden/é:.... eu também posso me colocar em letras né?:... ((Embora pareça estranho, a professora faz essa construção)) rosa:.... ((escreve no quadro a palavra rosa)) aí eu disse pra vocês que a palavra rosa:.... ela (tinha) um conceito:.... como é o conceito da minha palavra rosa?:....

**ALS:** ( ) ((comentam ao mesmo tempo))

**P:** pode ser o quê?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** o conceito pode ser flor:.... a cor:....

**AI2:** nome de pessoa:....

**P:** ou o nome de pessoa:.... né?:... tá?:... bom:.... aí HOJE: nós vamos falar a respeito:.... é:.... que a palavra:.... ela tem:.... alguns sentidos:.... ela pode ter um sentido:.... real:.... e ela pode ter um sentido:.... figurado:.... figurativo:.... é:.... quando eu digo que a minha palavra ela tem um sentido real:.... é aquele sentido que está:.... dicionarizado:.... que foi convencionado:.... por todas as pessoas:.... é:.... aquele sentido... aquele conceito... aquela ideia:.... do meu signo linguístico:.... certo?:....

**AI2:** certo:....

**P:** por exemplo:.... não entendeu B.?:... ((um aluno sinaliza que não entendeu)) vamo lá:.... vou repetir:.... quando a minha palavra:.... ela está no sentido real:.... é quando ela tem um sentido:.... é:.... que está no dicionário:.... que foi convencionado:.... por um grupo de pessoas:.... como por exemplo vocês deram aqui:.... esse conceito da palavra rosa:.... flor:.... vocês também disseram:.... que a rosa:.... ela pode ser também o quê?:... a cor:.... vocês também disseram que a rosa pode ser o quê?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** pode ser um nome de pessoa:.... por exemplo uma tia que se chama rosa:.... que mais?:....

**AI1:** um amigo:....

**P:** um amigo?:....

**AI1:** uma prima:....

**P:** todos esses conceitos que vocês me deram:.... é o conceito real:.... que tem na minha palavra:.... eu não tô conseguindo hoje:.... ((refere-se aos alunos que estão conversando no decorrer da explicação)) não tá dando:.... todo mundo fala ao mesmo tempo:.... junto comigo:.... tá difícil:.... posso continuar?:....

**ALS:** pode:....

**P:** então todos esses conceitos que vocês me deram:.... eles são:.... é o conceito re-al que a minha palavra rosa pode ter:.... certo?:... então quando a minha palavra está no sentido real:.... eu digo que ela está no sentido?:... o quê?:... quem já estudou isso aí?:... P:....

**AIP.:** (no sentido original):....

**P:** ahn?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** quando a minha palavra está no sentido real:.... eu digo que ela está no sentido?:... de-no-ta-tivo:....

**ALS:** ah:....

**P:** ah:.... ((brinca com os alunos))

**ALS:** ((comentários))

**P:** certo?:... como vocês me disseram:.... a palavra:.... rosa:.... quando a minha palavra está no sentido de-no-ta-ti-vo:.... é:.... eu só tenho apenas um único conceito a dar pra essa rosa:.... ( ) pra essa palavra:.... como vocês me disseram... cada um de vocês:.... quando eu falei a palavra rosa:.... vocês:.... ( ) logo imaginaram:.... né?... tiveram um conceito:.... do que é esse que eu falei pra vocês:.... esse som:.... rosa:.... não foi isso:.... vocês não imaginaram logo uma coisa:.... mas essa palavra rosa:.... ela também pode está no sentido:.... figurado:.... ou:.... no sentido?:... ou no sentido:.... conotativo:.... só que pra isso:.... pra que a minha palavra:.... esteja no sentido conotativo:.... eu tenho que associá-la:.... a outros signos linguísticos:.... à outras palavras:.... certo?:... então quando a palavra está sozinha:.... ou seja quando ela é NEUtra:.... eu só tenho o quê?:... um único sentido:.... um único significado:.... que cada um de vocês:.... vai associar uma ideia um conceito:.... que você tem desse signo linguístico:.... agora:.... para que ela tenha um sentido conotativo:.... ou seja um sentido fi-gu-rado:.... eu

preciso associá-la:... a outros signos linguísticos:... à outras palavras:... por exemplo:... M:... você é bonita como uma rosa:...

**ALS:** oh:...

**P:** olha só:...

**AI3:** hoje é ela que tá com a bola toda?:...

**P:** é:... hoje é a M. que tá com a bola toda:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** CERto?:... a M. é bonita como uma rosa:...

**AI1:** exatamente:...

**AI4:** exatamente:...

**ALS:** ((risos))

**P:** olha esses meninos já tão levando pra outro lado:... né?:...

**ALS:** ((comentários))

**AI1:** é verdade professora:...

**AI:** ( ) ela é de parar o trânsito:...

**P:** tá?:... PSIU:..... vocês entenderam o que isso aí?:... ok S.?:... denotativo e conotativo?:...

**ALS:** mais ou menos:...

**AI2:** não:...

**P:** mais ou menos?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** quando a palavra está no sentido denotativo:... ela está no seu sentido real:... o sentido que ele foi convencionado:... por:... por algumas pessoas:... tá?:... por exemplo... cada língua:... ( ) tem a sua convenção:... lembra que eu expliquei pra vocês na aula passada?:... a palavra vida:... ( ) que eu tenho a palavra em inglês:... e em português:... só que elas são escritas de forma diferente:... não é?:... tá?:... porque elas são/são/é:... são convencionadas pelas pessoas:... ( ) cada comunidade linguística tem a sua convenção:...

**AI5:** ( )

**P:** ahn?:...

**AI5:** ( )

**P:** sim... o denotativo ele é um sentido real:... é aquele sentido que tá lá no dicionário:... que foi convencionado por:... que ele foi convencionado:... foi feito um acordo:... entre pessoas:... antes da gente nascer:... lembra que expliquei pra vocês:... a questão da palavra mesa?:... né?:... que:... é:... mesa:... esse objeto aqui foi convencionado chamar ele de mesa:... ((aponta para mesa)) desde antes da a gente nascer:... a gente não fez parte desse acordo:... porém depois que a gente nasceu:... todos nós aprendemos que esse aqui:... psiu:..... todos nós aprendemos que esse objeto aqui:... ele se chama o quê?:...

**AI:** mesa:...

**P:** mesa:... tá?:... isso também é pra mostrar pra vocês:... que não há:... nenhuma relação entre a me/o meu signo linguístico:... tá?:... não há uma relação entre o meu signo linguístico:... e o meu objeto:... por quê?... porque esse objeto aqui:... ele poderia ser chamado de qualquer outro sig/ele poderia ter qualquer outro signo linguístico... que se relacionasse:... a esse objeto aqui:... ((aponta para mesa)) então não há uma relação direta digamos assim:... entre:... o meu:... signo linguístico:... e a minha/e o meu:... conceito:... tá?:... ( ) e o objeto:... tá?... por quê?:... porque esse objeto aqui ele poderia ser chamado de outro:... ter outro nome:... porém ele se chama mesa:... né?:... por quê?... porque a língua:... ela é uma convenção:... ( ) ela foi:... foi um acordo que foi feito:... entre várias pessoas:... desde antes da gente nascer:... e portanto:... é:... esse conceito que tenho aqui de mesa:... é esse aqui:... mas esse objeto:... ele poderia ter um outro nome:... tá?:... mas ele tem esse nome porque já está convencionado que todos nós chamemos ele:... de mesa:... certo?:... certo?:... e a gente vai aprendendo isso ao longo da nossa vida:... vai aprendendo os significados e os conceitos:... ( ) vai aprendendo o signo e o conceito daquele signo:... tá?:... por quê?... porque ( ) a língua:... ela é uma convenção:... ela é um acordo feito entre a comunidade:... por exemplo ( ) vocês têm:... é:... um exemplo que posso dá pra vocês:... a:... nós temos a língua portuguesa:... a língua espanhola:... a língua/são várias comunidades certo?:... várias sociedades que:... tem os seus próprios signos linguísticos:... mas:... é:... esse signo linguístico:... ele não está:: associado diretamente:... ao objeto:... porque isso aqui em inglês ele se chama o quê?:... *table*:... não é o mesmo:... signo que é pra gente:... porém o conceito ele é:... o mesmo:... entendeu agora porquê que não tá diretamente ligado?:... algumas palavras somente:... que estão diretamente ligada aquilo que ela significa:... ( ) o signo linguístico está:... ligado ao que ela significa:... por exemplo são:... é:... zum zum:... da abelha:... qual outro?:... um outro signo linguístico que tá diretamente ao que ele se/ao que é falado?:...

**AI1:** ( )

**P:** ahn?:...

**AI1:** ( )

**ALS:** ((risos))

**P:** são as onomatopeias:...

**AI:** ( )

**P:** piu?:... oh piu?:... piu piu piu que o que o pintinho faz:... é o que ele fala:... está diretamente ligado:... né?:... esse signo linguístico... piu:... está diretamente ligado ao que ele é:... que é o piu:... certo?:... qual outro mais?:... o tic-tac:... au au au:...

**ALS:** miau:...

**P:** miau:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:... são signos: que estão:... PSIU:... são signos linguísticos que estão diretamente ligados:... ao que ele realmente é:... vocês entenderam isso?:... certo?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá... então voltando pra cá pro conotativo e para o denotativo que o colega não entendeu:... o denotativo é o sentido real da palavra:... é aquele sentido que foi convenicionado pelas pessoas chamar:... daquela forma:... né?:... daquele jeito:... daquela maneira:...

**AI:** ( )

**P:** PSIU:... e o sentido:... conotativo:... ele é o sentido figurado:... por exemplo:... a M.:... ela não é uma rosa:... né?:... ela não é uma rosa:... que está plantada lá no jardim:... porém:... eu falei hoje que a M. é uma rosa:... né?:... ( ) eu até disse mais:... eu disse a M. é bonita como uma rosa:... ( ) então estou:... é:... eu não estou usando a palavra rosa no sentido real:... no conceito real:... que ( ) a palavra foi:... que foi imposto pela/pela sociedade:... não é esse sentido real que foi imposto:... ( ) que foi feito esse acordo:... que ela significaria isso:... eu estou usando a palavra:... eu estou pegando é:... o sentido emprestado:... certo?:... é como se fosse um empréstimo:...

**AI4:** da rosa:...

**P:** eu tô pegando o sentido emprestado da rosa:... pra dizer que a M. é uma rosa:... o que que eu tô querendo dizer aqui?:... né?:... que a M. é bonita como uma rosa:... que a rosa né bonita?:... ela não é bonita?:... né?:...

**AI1:** cheirosa:...

**P:** e ela também é delicada:...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** mas não nesse sentido:... né?:... se eu dissesse somente:... porque eu falei:... que ela é bonita como uma rosa:... mas eu poderia ter dito só que a M. é uma rosa:...

**AI5:** ( )

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** né?:... aí:... PSIU:... que que eu tô querendo dizer com isso aí?:...

**AI:** professora:... tá me dando... tá aqui:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** eu peguei emprestado:... né?:... eu peguei emprestado:... o sentido da pala/desse signo linguístico:... ( ) pra definir quem:... a M.:... certo:... vocês entenderam isso aqui:... então todas as vezes:... que a palavra ela não for utilizada no sentido real:... que ela for utilizada no sentido figurado:... ela vai ter o sentido o quê?:...

**ALS:** conotativo:...

**P:** conotativo:... e pra eu/prá eu utilizar esse sentido aqui eu vou precisar de outros signos linguísticos:... certo?:... quando a palavra ela é utilizada/ela é/ela está so-zi-nha:... ela não tem como ganhar esse sentido figurado:... ela só vai significar:... aquilo que:... ela é:... ou aquilo que eu/aquilo que eu tenho como conceito:... dessa palavra:... certo?:...

**AI2:** certo:...

**P:** e pra ela possuir o sentido figurado ela precisa:... ganhar um contexto:... certo?... ela precisa está inserida num contexto:... pra ela poder ganhar um sentido figurado:... aí vocês lembram daquele texto que eu li pra vocês:... do ( ) ?:... ((diz o nome do personagem de "Alice no país das maravilhas")) de novo lá vem eu com ( ):... ((personagem de "Alice no país das maravilhas"))

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:... o ( ) ((personagem de "Alice no país das maravilhas")) não falou pra Alice:... que a palavra:... glória:... ela poderia significar aquilo que ele (quisesse) que ela significasse?:... né?:... eu pareço a Alice né?:... eu sou pequena como Alice:... ((risos))

**ALS:** ((comentários))

**AI1:** eu também professora:...

**P:** também?:...

**AI1:** bonita como Alice:...

**P:** tá?:... tá vendo como a palavra Alice já ganhou outro significado?:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** certo?:... então olha só:... PSIU:... deixa eu terminar gente:... ( ) nós vamos já já sair pro intervalo tá?:...

**AI5:** já pode?:...

**P:** é:... antes deu sair/da gente sair pro intervalo eu vou dá um aviso pra vocês que vocês não vão gostar nada nada:...

**ALS:** ((comentários))

**AI6:** bem prova:... aí prova professora:...

**P:** é:...

**AI:** vai entrar em greve?:...

**P:** PSIU:... tá?... então:... é:... o ( ) ((personagem de "Alice no país das maravilhas")) ele falou pra Alice:... que a palavra:... glória:... no caso ele usou a palavra glória:... mas ele disse pra ela assim:... que a palavra:... ela pode ter o sentido:... que e/e/que eu quero que ela tenha:... né?:... ele falou isso pra ela:... a palavra pode ter o sentido que eu quero que ela tenha:... aí a Alice questionou o ( ):... ((personagem de "Alice no país das maravilhas")) né?:... ela disse assim... mais como é que eu vou saber que a palavra:... ela vai ter o sentido:... que você quer que ela tenha se eu não sei:... o significado dessa palavra:... né?:... então é nesse sentido:... aqui:... que o ( ) ((personagem de "Alice no país das maravilhas")) estava explicando pra Alice:... que a

palavra pode ter o sentido que eu quero que ela tenha:.... né?:.... ou seja:.... ela pode estar no sentido?:.... conotativo:....

**ALS:** conotativo:.... ((dizem ao mesmo tempo que a professora))

**P:** né?:.... ela pode ter o sentido real:.... mas ela também pode ter o sentido conotativo:.... e pra isso:.... ela precisa estar inserida num contexto:.... né?:.... psiu:.... depois eu vou perguntar tudinho aí pra vocês pra vê se vocês entenderam:.... né?:.... então a pa-la-vra:.... ela pode ter o sentido que eu quero que ela tenha:.... mas:.... pra ela ter o sentido que eu quero que ela tenha:.... eu preciso o quê?:.... utilizar as regras da linguagem:.... por isso:.... porque eu preciso utilizar as regras da linguagem:.... por isso que ela é inteligível para todos:.... tá?:.... porque eu vou precisar:.... utilizar um contexto:.... nesse contexto:.... alguma coisa:.... PSIU:.... ( ) algum signo linguístico vai me indicar:.... é:.... o conceito que essa palavra:.... que está no sentido novo:.... ou seja:.... que está no sentido conotativo:.... que não está no sentido.. ( ) que não está no sentido real:.... algum outro signo linguístico:.... vai indicar pra mim:.... o que ela está representando:.... vocês entenderam isso?:.... sim ou não?:....

**ALS:** sim:....

**P:** você entendeu?:.... ((pergunta a um aluno))

**AI:** ((sinaliza que sim))

**P:** então repita pra mim agora tu-di-nho que eu falei:....

**AI:** ( )

**P:** ahn?:....

**ALS:** ((risos))

**P:** certo?:.... então é nesse sentido que o ( ) ((personagem de “Alice no país das maravilhas”)) está explicando pra Alice né?:.... que as palavras elas podem ter o sentido que eu quero que elas tenham:.... né?:.... por quê?:.... porque eu posso utilizar essa palavra no sentido figurado:.... no sentido que não é o real dela:.... mas:.... ela vai ser inteligível por quê?:.... porque eu vou utilizá-la num contexto:.... né?:.... e pelo o meu contexto:.... ela será inteligível por todos:.... por quê?:.... porque eu vou utilizar as regras da linguagem:.... né?:.... então a linguagem eu vou utilizar as regras que eu utilizo:.... pra combinação:.... certo?:.... e utilizando as regras:.... eu posso identificar:.... em que sentido eu estou usando aquela palavra:.... ok?:....

**AI1:** ok professora:....

**P:** certo:.... alguém tem alguma pergunta pra fazer:....

**ALS:** ((comentários))

**AI:** ( )

**P:** se uma palavra pode ter o sentido conotativo e denotativo ao mesmo tempo?:.... não:.... porque vai depender do meu contexto:....

**ALS:** ((comentários))

**AI:** ( )

**P:** eu tô entendendo o que tu tá querendo perguntar:.... tu tá querendo dizer assim olha:.... se tu pode trocar o significado?:....

**AI:** é:....

**P:** no caso caneta não ser caneta?:.... poder:.... tu vais poder:.... mas:.... é:.... isso acontece muito tá?:.... o que a ( ) tá perguntando:.... ela tá perguntando se ela pode trocar o significado de um objeto:.... por exemplo:.... poder você pode:.... mas alguém vai ter que entender esse teu:.... esse teu significado:.... por exemplo:.... quem faz muito isso:.... somos nós jovens:.... né?:....

**ALS:** ((risos))

**P:** nós jovens fazemos muito isso:.... né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** quando é que a gente faz isso?:.... quando a gente usa as gírias:.... tá?:.... por quê?:.... porque as gírias criadas... criadas pelos jovens:.... o que é que vocês fazem?:.... vocês pegam uma palavra que já existe:.... e você troca apenas o significado:....

**AI4:** P.S.:....

**P:** ( ) você pode dizer a pala/a palavra caneta e não ter o significado:.... pode ser o quê?:.... quem faz muito isso também?:.... por que que é tão difícil:.... é:.... um policial descobrir:.... a questão da droga?:.... porque a droga ela ganha:.... vários significados:.... né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:.... ela não significa apenas é:.... ( ) o bandido por exemplo:.... ela troca o nome justamente pra que:.... o policial ele não consiga descobrir:.... o que ele tá:.... carre-gan-do:.... o que ele tá comercializando:.... né?:.... então:.... ganha vários nomes:.... psiu:.... por exemplo ele pode se chamar pacote:.... né?:.... e o pacote:.... brinquedo:.... mas não é:.... na verdade não é o pacote:.... é a droga:.... certo?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** e aí me deem alguns:.... PSIU:.... algumas gírias de vocês aí:....

**AI2:** qual é mano tá doido:....

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ((risos)) mutreta?:.... o que significa isso?:....

**ALS:** ((comentários))

**AI:** vai dá confusão:....

**AI1:** confusão:....

**P:** confusão:.... ((fala ao mesmo tempo que o aluno)) outra:.... outra gíria aí:....

**AI:** palha:....

**ALS:** ((risos))

P: ahn?::... essa gíria aí tá muito fraca::...

ALS: ((comentários))

AI2: qual é... qual foi... por que que tu tá nessas?::...

ALS: ((risos e comentários))

P: ( ) PSIU::... tá ligada::... tá dizendo que a pessoa tá o quê?::... se a pessoa tá prestando atenção né?::...

ALS: ((comentários))

P: aí qual foi a que tu falaste aí?::...

ALS: ((risos))

P: olha::... há algum tempo atrás::... isso aqui era uma gíria oh::...

AI: *flashback*::...

ALS: ((comentários))

AI: broto::... ((aluno lê a gíria que a professora escreveu no quadro))

P: psiu::...

AI5: ( )

P: ahn?::... broto::... é uma pessoa jovem::...

ALS: ((comentários))

P: pode ser um garoto ou uma garota::... esse aqui/essa gíria aqui::... é a gíria dos nossos pais::... né?::...

AI1: nossos?::...

P: sim::...

AI: ( )

ALS: ((risos))

P: como é que é?::... é do tempo dos *smorfs*?::...

ALS: ((comentários))

P: PSIU::... então olha só::... a gíria ela muda de acordo com o tempo::... assim como a linguagem::... ela muda de acordo com o tempo::... de acordo com o tempo ela vai mudando::... agora eu quero fazer uma pergunta pra vocês::... é::... uma pergunta pra vocês::... é::... por que é tão difícil da gente aprender a nossa língua?::...

ALS: ((comentários))

AI: porque todo mundo fala de um jeito::...

P: porque todo mundo fala de um jeito?::...

AI1: exatamente::...

AI5: ( )

AI2: porque uma palavra tem vários significados::...

P: uma palavra tem vários significados?::... agora deixa eu fazer uma per/outra pergunta pra vocês::... psiu::... vocês acham que é fácil ou difícil aprender latim?::...

ALS: ((alguns dizem fácil outros que é difícil))

P: ahn?::...

ALS: ((comentários))

P: isso tem a ver com a primeira pergunta::... é fácil ou é difícil aprender latim::...

ALS: ((comentários))

P: se ao invés de eu tá dando aula aqui de português eu estivesse dando aula de latim?::... vocês iriam aqui::... vocês iriam sair falando latim?::...

AI: latindo daqui pra lá::...

ALS: ((risos))

P: PSIU::... vocês acham que iam aprender o latim::... é::... mais que aprender o português?::...

AI2: depende::... depende que eu nunca estudei latim::...

ALS: ((comentários))

P: eu tô falando assim::... ( ) se ao invés::... ((bate palmas para chamar atenção da turma)) psiu::... se ao invés deu tá aqui ensinando o la/o/o português::... eu estivesse ensinando o latim::... todos vocês aprenderiam o latim?::...

ALS: ((comentários))

P: não::... sem depende::... sem essa questão de depende::...

ALS: ((comentários))

P: eu posso dizer pra vocês que com certeza::... vocês aprenderiam latim::... mais fácil do que vocês aprenderam português::...

ALS: ((comentários))

P: e olha que vocês são falantes::... psiu::... língua da portuguesa::... agora eu vou fazer outra pergunta::... por quê? por que vocês iriam aprender o latim?::...

AI: ( )

P: com mais facilidade assim::... entre aspas né?::... vocês iriam sair daqui falando latim::... e português a gente tem mais dificuldade::...

ALS: ((comentários))

AI2: ( ) nós íamos estudar gramática::... e não a linguagem::...

P: e no português a gente também não estuda a gramática?::...

ALS: ((comentários))

P: porque o latim::... é uma língua morta::... né?::... por isso que nós aprenderíamos o latim::... é::... e seria mais difícil/e é mais difícil e complexo a gente aprender o português::... por quê?... porque o latim é uma língua morta::... então ela não mu/não sofre mais modificações::... enquanto que o português::... ele sofre::...

modificações:.... né?:.... de acordo com o tempo:.... né?:.... de acordo com: o local:.... ( ) o português sofre modifica/não somente o português:.... mas as línguas vivas:.... inglês:.... o italiano:.... o francês:.... o espanhol:.... certo?:....

AI: ( )

ALS: ((comentários))

P: PSIU:.... vocês entenderam qual seria/qual é a nossa dificuldade?:.... é que a nossa língua:.... é uma língua viva:.... então todo tempo ela tá sofrendo modificações:.... né?... por exemplo a gíria:.... a gíria todo tempo tá surgindo uma gíria nova:....

AI1: exatamente:....

P: por exemplo:.... é:.... quem estuda inglês aqui?:....

ALS: ((comentários))

P: todo mundo né?:.... tem aula de inglês:.... né?:.... certo:.... então... é:.... vocês sabem que o inglês:.... PSIU:.... o inglês da Inglaterra:.... ele é:.... um pouco mais fácil:.... de aprender que o inglês dos Estados Unidos:....

AI: por quê?:....

P: exatamente por isso:.... porque o inglês:.... é:.... falado nos Estados Unidos eles usam muita gíria:.... diferente da Inglaterra:.... por quê?... porque a Inglaterra é um país tradicional:.... então eles não colocam muita/eles não usam tanta gíria:.... quanto:.... é:.... o inglês lá dos Estados Unidos:.... né?:.... então há essa diferença:.... ( ) por isso que é mais difícil aprender:.... as duas línguas:.... os dois são inglês:.... né?:.... só que o inglês da Inglaterra:.... ele é mais fácil de aprender:.... que o inglês dos Estados Unidos:.... porque não sofre tantas alterações pelo fato do/do país ser tradicional:.... certo?:....

AI: ( )

P: sábado nós teremos aula normal:....

ALS: ah:.... ((comentários))

P: olha:.... PSIU:.... pra turma de vocês quem dá aula:.... eu e o professor E:....

ALS: ((comentários))

AI2: sábado?:....

ALS: ((comentários))

P: a gente vai confirmar ( ) com vocês:....

((Intervalo))

## 2ª PARTE

((Aos poucos os alunos retornam do intervalo))

P: vou passar uma atividade tá?:....

ALS: ((voltam a conversar enquanto a professora prepara-se para copiar o assunto no quadro))

AI: professora:....

P: oi:....

AI: ( ) é pra entregar pra senhora ou copiar no caderno?:....

P: o que é?:....

AI: ( )

P: não é pra deixar no caderno:....

( )

P: se der tempo eu passo a atividade senão:....

ALS: ((Os alunos que ainda estavam no intervalo retornam e fazem muito barulho))

P: olha meus amores:.... a gente vai:.... amanhã eu vou eu venho confirmar com vocês a aula:.... do sábado:....

AI6: professora:.... é a senhora e o professor E. que vai dá aula?:....

P: pra vocês é:....

AI1: ( )

ALS: ((comentários))

P: psiu:....

AI6: professora:.... ( )

P: tá:.... amanhã eu venho confirmar com vocês a aula do sábado:.... eu e o professora E:....

AI1: por quê?:....

P: porque a gente vai ver:.... a questão do ônibus:.... certo?:....

AI1: ele vem todos os dias professora:....

ALS: ((comentários))

AI2: professora:.... a única pessoa que poderia me trazer:.... ( ) é o Negão:.... ((Negão é o cobrador de uma vão particular))

ALS: humm:.... ((comentários))

P: ah:.... um outro aviso que eu tenho que dá pra vocês:.... é que eu mandei uma apostila:.... tá lá na:.... ainda não está mas vai tá hoje tá?:.... lá no:/na Papelon:.... são três páginas:....

AI: na feira?:....

AI2: do lado da Jomóveis:....

P: tem o resumo dos conteúdos que a gente tá estudando:....

AI: ( )

P: três:.... três páginas:....

ALS: ((discutem sobre o endereço da papelaria e o preço da cópia))

AI1: professora eu acho que não podia ter namoro dentro da sala não:....

**ALS:** ((risos))  
**P:** mas não pode ter namoro dentro da sala:....  
**AI1:** mas eles vivem se chupando aí:....  
**ALS:** ((Risos e comentários))  
**P:** olha eu vou separar:.... eu vou colocar o pedro lá no outro lado da sala:....  
**AI1:** também concordo:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** olha hoje eu vou conferir o caderno de cada um:.... PSIU:.....  
**AI1:** conversem mas conversem baixo:....  
**ALS:** ((Risos e comentários))  
**P:** conversem mas falem a respeito do signo linguístico:....  
**ALS:** ((comentários))  
**AI:** professora a senhora vai ver o caderno de todo mundo?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** PSIU:..... ah eu vou ditar:....  
**ALS:** não:....  
**AI1:** dita:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** então eu não quero ouvir nenhum piu:....  
**AI2:** por quê?:....  
**ALS:** ((risos e comentários))  
**P:** mas eu usei/eu usei este signo linguístico intencionalmente:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** no sentido real ou figurado?:....  
**ALS:** figurado:.... ((risos e comentários))  
**P:** será?:....  
**AI1:** figurado professora:....  
**P:** no sentido figurado:.... conotativo né?:....  
**AI4:** não:.... pejorativo:....  
**ALS:** ((Risos e comentários))  
**P:** psiu:....  
**ALS:** ((não param de conversar))  
**P:** SILÊNCio:.... PSIU:.....  
**ALS:** ((comentários em voz baixa))

#### [P6 A1]

((Logo no início da aula a professora apresentou-me, rapidamente, aos alunos e pediu que eu falasse um pouco mais sobre a pesquisa. Na oportunidade pedi autorização aos alunos para poder participar das aulas na turma deles))  
**P:** ( ) nosso colega H.:.... vai passar uma temporada com a gente:.... né H.?:.... ( ) ele tá fazendo uma pesquisa:.... você quer explicar pra eles... por favor:.... é melhor:.... porque aí você explica melhor do que é a sua pesquisa:.... tá?:.... ((Atendendo ao pedido da professora, expliquei resumidamente o motivo da minha estada na turma. Os alunos autorizaram a minha participação nas aulas))  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** ( ) se eu não fizer agora eu me esqueço no final da aula:.... vamo lá:.... ((Antes de iniciar de fato a aula, a professora faz a frequência)) ( ) vamos:.... vo-cês levaram uma atividade:....  
**ALS:** sim:....  
**P:** a hora da verdade:.... quem fez a atividade?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**AI1:** tá aqui:.... hum:.... só não tenho apostila:....  
**P:** então:.... na apostila que vocês levaram:.... depois da atividade tinha uma proposta de produção de texto:.... né?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** já?:.... vocês leram os outros textos?:.... bonitinhos... vocês tavam onde hein?:.... ((pergunta aos alunos que chegam atrasados))  
**AI:** quem?:....  
**P:** vocês:....  
**ALS:** ((Risos))  
**P:** olha o papo né?:.... então:.... nós estamos... psiu:.... falando sobre argumentação des-de: o início do semestre né?:.... nós trabalhamos com o texto argumentativo oral:.... né?:.... utilizamos aquele debate sobre os conceitos de ficar:.... namorar:.... né?:.... quem era a favor de ficar:.... quem é a favor de namorar:.... fizemos um debate em sala:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** né?:.... a maioria aqui é a favor só de ficar:.... né?:....  
**ALS:** ((comentários))  
**P:** então:.... na semana passada quem tava na aula?:....

**Al:** eu:...

**P:** só o A. que não tava né?:... tá ok:... mas vê a atividade aí tá?:...

**AIA:** é só essa folha?:...

**P:** isso:... na semana passada nós trabalhamos (as características) do texto argumentativo es-cri-to:... não foi isso?:...

**AI1:** foi:...

**P:** nós vimos que existem algumas di-fe-renças em relação a esses dois:... suportes:... né?:... na oralidade eu posso lingua/eu posso usar uma linguagem mais:... rela-xa-da:... né?... mais casual:... mais sol-ta:... aí como a gente percebeu:... nos depoimentos dos jovens:... é sobre o tema ficar ou namorar:... no texto escrito:... vocês notaram:... vocês tem aí na apostila:... alguns parâmetros que nós devemos seguir:.. né?:... para a produção desse gênero/desse tipo né?... dizendo de texto:... que o texto argumentativo escrito:... e aí nós vemos e analisamos um texto:... né?:... sobre o uso de *piercing*:... né?... o *body-piercing*:... aí algumas pessoas deram opinião em relação:... ao uso do *piercing*:... ao uso da tatuagem:... né?... a maioria aqui é a favor ou contra?:... psiu:...

**Al:** contra:...

**P:** a maioria é contra:... né?:... e aí alguns:... J:... ((A professora chama atenção de uma aluna que está conversando))

**AIJ.:** já vai professora:...

**P:** hoje a J. está elétrica:...

**AIA:** foi a merenda professora:...

**P:** ( ) presta atenção no que eu estou falando:... e a maioria aqui:... argumentou con-tra:... o uso:... do *piercing*:... e de tatuagem:... não foi isso?:...

**AI2:** eu não sou contra não:...

**P:** não é contra não:... ((Ironiza o aluno)) fala agora então:...

**ALS:** ((risos))

**P:** psiu:... deixa ele falar:... você não é contra:... por quê?:...

**AI2:** porque cada um tem seu jeito de mostrar ( )...

**P:** com certeza:... ((fala ao mesmo tempo que o aluno)) você tem algum *piercing* no corpo não?:...

**AI2:** não:...

**P:** e você não é contra:... é a favor e não tem nenhum *piercing*?:...

**AI2:** não:... eu vou fazer uma tatuagem em mim:...

**P:** vai fazer?:... você já é maior de idade?:...

**AI2:** sou:...

**P:** hum:... ( ) e os seus pais ( )...

**AI2:** acho que minha ( )...

**P:** psiu:...

**Al:** a mamãe disse que tira com faca:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**AI2:** ( ) eles tiveram uma educação:... mais dura:...

**P:** uma outra geração né?:... ((fala ao mesmo tempo que o aluno))

**AI2:** e a gente não estamos no/no século vinte e um?:... ( ) temos um modo de vida diferente deles:... né?... é isso:...

**P:** e aí você não iria levar em conta a opinião da sua mãe em relação ao *piercing*?:...

**P:** acredito que não:... porque às vezes ela fala quem faz tatuagem isso é bandido:... e não isso na verdade:... isso não existe:...

**P:** os seus colegas na maioria tiveram um consenso?:...

**Al:** não:...

**P:** não né?... não An. ao uso do *piercing*?:... ( ) e cada um argumentou de acordo com os seus princípios:... de acordo com a educação que recebeu:... de acordo com a visão a:... que a nossa sociedade em geral né?:... no sentido que nós moramos numa cidade do inte/do interior:... né?:... ainda temos:... uma visão ( ) preconceituosa:... como ele falou né?:... ( ) então vocês tem aí:... algumas características:... quem tá com a apostila aí?:... ( )

**AIJ.:** ( )

**P:** ( ) o texto escrito:... lê lá J:...

**AIJ.:** (...) só?:...

**P:** hum hum:... aí ele diz assim:... fora a temática o texto lido está organizado da seguinte:... maneira:... aí você tem aí né?:... (a gente já trabalha) lá... desde lá o ensino fundamental:... introdução:... desenvolvimento:... e conclusão:... essa estrutura já está:... internalizada:... o que acontece é que:... vocês aí de trás:... ((Chama a atenção dos alunos que estão conversando)) na hora de colocar as ideias no papel:... se perde né?:... será que a introdução vai até aqui:... ( ) onde é que inicia o desenvolvimento?:... como é que eu vou concluir esse texto?:... e aí a gente pegou o texto não é:... L. e R.:... ((Chama a atenção dos alunos)) a gente pegou o texto né?:... NÃO em relação ao uso de *piercing*:... e tentou fazer uma esquematização:... é:... separando a introdução desenvolvimento e conclusão:... então:... J. lê pra gente lá a introdução:... né?... ela está no primeiro parágrafo:... que ideia ele apresenta na introdução:... pra gente:...

**AIJ.:** é pra mim ler ( )?:...

**P:** não:... é o esquema:... só o esquema:...

**AIJ.:** "os *piercing*s são modismos":...

**P:** então é a ideia que ele apresenta NA:.... introdução:.... né?:.... ou seja:.... ele vai discutir sobre o uso de *piercing*:.... a partir desse ponto de vista:.... a partir dessa ótica:.... ou seja:.... os *piercings* na opinião:.... de quem produziu o texto:.... é: apenas um modismo:.... o desenvolvimento ele trabalha com três:.... parágrafos:.... em cada um desses parágrafos:.... ele vai apresentar argumentos para confirmar a ideia que ele apresentou:.... na introdução:.... e guardo o:.... o brinquedinho:.... ( ) ((Chama a atenção de um aluno que está manuseando um celular))

**ALS:** ((comentários))

**P:** ( ) então:.... ele trabalha com três parágrafos:.... não é?:.... no segundo parágrafo que ideia ou que argumento melhor dizendo:.... ele usa para:.... é:.... argumentar contra:.... ( ) o uso de *piercings* no corpo?:.... vê aí:....

**AIJ.:** "os *piercings*/os *piercings* não possuem valor estético:.... pois não estão ligados aos valores de nossa cultura:...."

**P:** né?:.... então:.... no segundo parágrafo ele vai desenvolver:.... esse argumento a partir:.... né?:.... dessa ideia:.... e na cultural:.... ocidental pra nós brasileiros... a cultura ocidental de modo geral:.... o *piercing* não tem valor estético:.... ele faz comparação com outras culturas:.... vocês lembram né?:.... umas argolas:.... que as africanas usam para alongar o pescoço:.... como alguns adereços que os índios né?... né?:.... usam:.... né?:.... e na cultura deles tem algum tipo de representação... segundo ele para os ocidentais o *piercing*:.... não tem nenhum valor cultural:.... né?:.... valor estético ligado à cultura:.... o terceiro parágrafo ele apresenta outro:.... argumento:.... ( )

**AIJ.:** "o jovem no futuro poderá vir a mudar de tribo:.... o *piercing*:.... é anti-higiênico:...."

**P:** e a palavra tribo (foi apresentada) aí entre aspas:.... o que é que ele quer dizer com isso?:.... quem tava na minha aula sobre produção de texto?:....

**AIJ.:** que não se relaciona exatamente ( )... é:....

**AI3:** mudou de concepção:.... ((fala ao mesmo tempo que a AIJ.))

**P:** não à uma tribo:....

**AIJ.:** é:....

**P:** sim a um grupo social:.... né?:.... a cada etapa da nossa vida nós vamos mudando:.... de:.... TRlbo:.... como ele diz né?:.... quando nós somos adolescente tudo bacana:.... tudo legal:.... tudo festa:.... quando você passa pra fase adulta:.... ( ) de casamento:.... família:.... trabalho trabalho trabalho:....

**AIJ.:** ai professora:.... ((fala ao mesmo tempo que a professora))

**ALS:** ((comentários))

**P:** não:.... ( ) cada fase tem o seu encanto:.... né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** a fase da adolescência é muito boa:.... muita curtidão:.... mas ela passa:....

**AIJ.:** mas a adolescência também tem essa parte boa né?:....

**P:** com certeza:....

**AI4:** é como se/se o adulto fosse/é:.... não tem liberdade:....

**P:** é:.... isso não é verdade:.... você vai ter uma: ou/outra estilo de vida:.... mas vai ter também a sua parte boa tá?:.... calma:.... não quero assustar vocês:.... tá:.... e ele apresenta mais um outro argumento:.... nesse terceiro parágrafo:.... trabalha com dois argumentos no terceiro parágrafo:.... qual é?:....

**AIJ.:** é o uso do *piercing* não constitui:....

**P:** não... no terceiro ainda:....

**AI5:** é: anti-higiênico:.... ( )

**P:** hum:.... ou seja:.... tem pessoas que colocam *piercing* nos lugares mais inusitados possíveis:.... né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** na genitália:.... né?:.... e aí isso pode trazer algum tipo de problema de saúde:.... né?:.... eu descobri uma menina no/no/no de Pesca:.... ((refere-se ao curso de Aquicultura)) a D:.... ( ) ela tem um na língua:.... né?:.... mas ela disse que nunca teve nenhum problema:.... ela disse que o negócio PEsa:.... né?:....

**AI5:** ( )

**P:** oi?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** mas se ela gosta como o R. disse:.... gosto:.... é relativo:.... ok:.... o quarto parágrafo:.... outra pessoa:.... só a J.?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** quarto parágrafo:.... aqui vocês:.... que argumentos ele apresenta no quarto parágrafo:.... quem tem a apostila?:.... ( )

**AI6:** ( ) "o uso do *piercing*:.... numa forma:.... ( ) ((risos))

**ALS:** ((risos))

**P:** né?:.... "o uso do *piercing* não constitui uma forma concreta de antagonismo:.... ou de transformação social:...."

**ALS:** "de transformação social:...." ((leem ao mesmo tempo))

**P:** ( ) disso aí quando nós trabalhamos o texto na semana passadas?:.... o que seria esse antagonismo?:.... e o que seria essa transformação social?:....

**AI 4:** é uma forma de mostrar que o adolescente é contra:.... o que os pais querem pra ele:....

**P:** não só os pais... mas a sociedade como um todo:.... né?:.... ele faz uma referência:.... aos jovens de outras décadas né?:.... mostravam esse antagonismo com outros elementos como cabelo comprido:.... né?:.... como/nos anos sessenta:.... como o uso:.... né?:.... de alguns entorpecentes:.... ele fala ( ) da transformação

social:.... que a outra FORma:.... vocês aí:.... ((chama a atenção dos alunos que estão conversando)) estão em outro planeta:.... ou estão em outra discussão?... ou é nessa discussão?:....

**AI:** não:....

**P:** não né?:.... dá pra ver que não é nessa discussão que vocês estão:.... então por favor:.... então:....

**ALS:** ((risos))

**P:** então:.... ele intenciona que:.... o jovem pode mostrar esse antagonismo... ou seja... esse IN-con-formismo:.... de uma outra forma:.... né?:.... levando em consideração os problemas sociais que estão aí:.... aí ele fala em relação ao uso das:.... DRogas:.... ( ) a questão das doenças sexualmente transmissíveis:.... né?:.... e HÁ:.... uma maneira simples e eficaz:.... de... mostrar esse seu desconforto... digamos assim... esse:.... é:.... essa questão de querer transformar a sociedade:.... mas usando e/elementos reais:.... elementos que são necessários de serem observados:.... tá?:.... como ele conclui o texto?:.... (lê) outra pessoa aqui vocês dois:.... no quinto parágrafo ele usa:.... a:.... esse quinto parágrafo para concluir:.... a ideia que ele apresenta desde o início:.... vamo lá... lê o quinto parágrafo:....

**AI7:** tá:.... ( )

**P:** então ele continua afirmando que:.... na opinião dele:.... os *piercings*:.... são modismos:.... mas que ele não vai impedir as filhas dele caso queiram:.... utilizá-los:.... né?:.... ou seja:.... é:.... a gente percebe que a visão desse pai:.... é uma visão:.... de um pai:.... da atualidade né?:.... para ELE:.... não:.... ele não admite:.... ele não admite não:.... ele não usaria:.... ele crê que é algo só em benefício da moda:.... né?:.... mas que se as filhas dele um dia chegarem e disserem que vão usar:.... ele não vai né?:.... fazer como a mãe do/do R:.... tirar à faca:.... a tatuagem:.... né? ele vai respeitar:.... a opinião dela:.... mas continua tendo a sua própria opinião:.... tá?:.... aí vocês tem lá o que a gente já comentou:.... né?:.... sobre as características do texto argumentativo escrito:.... outra pessoa pra ler esses pontos aí:.... ( )

**AIJ:** é esse aqui ( )...

**P:** ( )

**AIJ:** posso ler?:....

**P:** pode:....

**AIJ:** "características do texto argumentativo escrito:.... de:fen:....de-se um ponto de vista( )... ((risos))

**ALS:** ((risos e comentários sobre a entonação que aluna deu à leitura))

**P:** ok:.... nós temos o escritor do texto:.... né?:.... o autor deFENde:.... o ponto de vista dele em relação ao uso:.... ou melhor:.... não uso do *piercing*... porque segundo ele é algo:.... que é influenciado por uma moda... que é passageira... que depois... a pessoa se arre-pen-DE:.... né?... pode ter consequências para a saúde:.... e que não tem nenhum valor estético... na nossa cultura:.... né?:.... a:.... o próximo:.... J:....

**AIJ:** o ponto de vista:.... é fundamentado por quatro parágrafos críticos:....

**P:** hum hum:.... então a gente percebe:.... que no desenvolvimento:.... os quatro parágrafos apresentam:.... e desenvolvem esses argumentos para confirmar:.... aquilo que é apresentado na introdução:.... próximo:....

**AIJ:** estrutura básica:.... introdução que tem a ideia principal:.... desenvolvimento:.... argumentos:.... e conclusão:.... confirmação da ideia principal:....

**P:** ok:.... a gente conseguiu... é:.... perceber:.... na estrutura do texto que nós trabalhamos na semana passada:.... né?:.... essas três etapas aí:.... introduz aquela ideia de que os *piercings* são modismos:.... ele desenvolve argumentando... apresentando diversos:.... argumentos pra confirmar:.... a/a tese:.... a ideia principal:.... e ele conclui reafirmando que é contra:.... não é?... mas que respeita a opinião dos outros:.... o próximo:....

**AIJ:** linguagem de acordo com a variedade padrão:....

**P:** né?:.... nós vimos que no texto argumentativo oral:.... né?:.... na fala:.... na coloquialidade:.... é possível você usar:.... termos próprios dessa (variedade):.... já um texto escrito você tem que usar a variedade?:....

**AIJ:** padrão:....

**P:** padrão:.... aquela que segue as normas da?:.... gramática:.... né?:.... próximo:.... "o autor:...."

**AIJ:** pode colocar seu nome pessoal em primeira pessoa:.... ou impessoal em terceira pessoa:....

**P:** né?:.... a gente falamos bastante sobre isso:.... nesse texto ele se coloca de modo pessoal:.... né?:.... ele traz expressões que mostram que a primeira pessoa está sendo:.... é:.... usada aí:.... mas há a possibilidade de argumentar:.... tem alguém usando A: terceira pessoa:.... mostrando se botando distante:.... mostrando-se IM-pessoal:.... tá?:.... então vocês:.... escolhem:.... que pessoa utilizar:.... dependendo também do/onde esse texto vai ser veiculado:.... nós falamos sobre isso né?:.... ( ) o pai ( ) para dá a sua opinião:.... o ideal é que ele es/use o termo... escreva na primeira pessoa:.... seja pessoal:.... mas há outros é:.... artigos:.... outros textos que o ideal é você ser im-pessoal:.... ou seja:.... tratar desse tema com um pouco mais de distanciamento:.... que expressões J:.... ou:.... outra pessoa:.... ( ) "apresenta as palavras:...."

**AI7:** "e expressões que introduzem opiniões pessoais:.... na minha opinião:.... eu gostaria ( )... penso que:...."

**P:** certo:.... isso para:.... a primeira pessoa:.... para o uso da primeira pessoa:.... se eu preferir ser impessoal:.... que expressões eu po-de-ria utilizar?:....

**AI5 e AI7:** "é provável que:.... é possível que:.... não se pode esquecer que:.... convém lembrar que:...." ((leem ao mesmo tempo))

**P:** ok:.... né?:.... e os verbos que:.... vocês viram aí:.... são todos usados em terceira pessoa:.... tá?:.... agora é hora:.... navegar?:....

**ALS:** de navegar na *Internet*:.... ((risos))

**P:** ( ) produzindo o texto ar-gu-men-tativo:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** a teoria é tudo muito bacana:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** eu sei:... introdução... desenvolvimento... conclusão:...

**ALS:** ((comentários))

**P:** né?:... na prática:... na prática:... é sempre assim né?:... teoria é tudo lindo... tudo maravilhoso:... na prática eu preciso de quê?:... de concentração:... eu preciso seguir as estrutura... e eu preciso também de quê?:... de informações:... né?:... não dá pra eu:... escrever sobre algo que nunca:... escutei ninguém falar:... nunca ouvi:... diga lá:... ((um aluna levantou a mão sinalizando que queria falar))

**AI8:** posso entregar o exercício aqui?:... ((mostra uma folha de papel))

**P:** pode:... ((voz risonha)) então vamo lá:... aí do lado vocês têm três textos:... né?:... que também mencionam sobre a questão do uso do piercing:... ou seja... outras opiniões:... de outras pessoas sobre:... a questão:... é tá indo tudo bem aí contigo?:...

**AI9:** tem sim:... aí tu não tem a segunda parte né?:... o que tu não tens?:...

**AI8:** tenho:...

**P:** lê lá pra gente o primeiro texto:... ele diz assim:... ( ) conhecendo outros pontos de vista e colhendo IN-formações:... ou seja eu preciso ter informações:... suficientes pra na hora de argumentar:... eu ter o que dizer:... né?:... ter como confirmar ou como refutar uma ideia:... né?:... vamo lá:... lê lá:... o primeiro ponto lá:... "quando meu filho:..."

**AI8:** (...) ((faz uma leitura cheia de quebras))

**P:** hei hei:... relaxa:... respira:... tá muito nervoso:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** relaxa:... já:... ((a professora inspira o ar exageradamente)) isso:... aí você oh:... ( ) tem que ter concentração:... inicia de novo:...

**AI8:** (...)

**P:** quem:: dos pais de vocês aqui:... tem a opinião como desse pai?:... a mãe do R. acredito que não:...

**AIR:.** meu pai:...

**AI8:** qual é a opinião dele?:...

**P:** a sua mãe tem uma opinião contrária a do seu pai?:...

**AIR:.** ((sinaliza que sim))

**P:** tranquilo:... se você quiser chegar lá todo cheio de tatuagem:... todo cheio de penduricalhos no corpo:... ele vai:... hum?:...

**AIR:.** ele fala:... é... tu estudando:... ( )

**AI8:** rapaz se eu chegar com isso aí lá casa:... papai me bota pra fora:...

**P:** bota pra fora de casa:... fora daqui:...

**AI10:** a minha mãe também:...

**P:** também?:...

**AI11:** a minha diz que a minha cabeça é meu guia:... eu faço o que eu quiser:... sendo que eu tenho que pensar nas consequências que isso vai ter:...

**P:** ok:... ela não deixa tu fazer/ela deixa:... mas ela né?:...

**ALS:** ((comentários))

**AI12:** se eu falar pra mamãe em relação ao uso de tatuagem... *piercing*... em pintar o cabelo de vermelho essas coisas assim escandalosa... ela fala que por enquanto não:... só quando eu puder sustentar o meu vício:... entendeu?... quando eu puder trabalhar mesmo:... pra ter a minha independência:... ( )

**ALS:** ((comentários))

**AI13:** a minha mãe e meu pai sabe que eu e minhas irmãs todo mundo tem coragem de fazer uma coisa dessa:... aí ela já falou que a gente não pode arrumar namorado desse tipo... que ela não vai aceitar namorado desse tipo... que use *piercing*... tatuagem:...

**P:** olha só né?:... ok:... desse lado aqui vocês:... G. vamo falar?:...

**AI8:** eu vou falar:...

**P:** seus pais:... qual é a missão deles:... ( )

**AI8:** ( ) o papai arrancava o couro:...

**ALS:** ((risos))

**P:** nossa:... só tem pai violento:...

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ( ) esse vai arrancar o couro e aqui?:...

**AI8:** ele tirava com alicate mesmo:...

**P:** tirava com alicate:... tá:... e:... assim:... nós e nossos pais fazemos parte da sociedade:... e a sociedade bragantina em geral... como é que:... né?:... ( ) a sociedade olha pra alguém que chega lá ( )?...

**AI11:** ah eu acho que a sociedade bragantina é uma sociedade muito religiosa:... ainda tem muito aquela:... sei lá:... tem aquela coisa antiga aqui em Bragança:... ( )

**P:** antigo:... ( )

**AI11:** é:... é um pessoal muito assim:... sei lá muito antigo:... não sei nem como dizer:... é muito antigo:... segue muito aquele padrão ainda:...

**P:** ( )

**ALS:** ((comentários))

**AI3:** ( ) não porque se for um pobre faz uma coisa dessas:... é ladrão:... agora se for uma pessoa que tem dinheiro... estilosa e for bonita:...

**ALS:** ((comentários))

P: ( )  
**ALS:** ((comentários))  
P: ( ) a sociedade o que é que ela faz?.... ela?.... se-pa-ra:.... né?.... ela exclui:.... o discurso é outro né?.... ( ) mas na prática:.... ainda há:.... essa visão né?.... excludente:.... se exclui sim:.... é:.... outra pessoa pra ler o segundo texto:....  
**AI4:** eu leio:....  
P: vai lá L:....  
**AIL:** (...)  
P: aqui esse texto menciona que:.... que lá no texto principal também foi mencionado né?.... a mudança de tempo né?.... passou a adolescência:.... a fase da rebeldia:.... né?... eu quero me mostrar diferente:.... ( ) o que a gente falou?.... que a sociedade mostra um discurso:.... mas na prática ainda é outro:.... né?.... ainda há essa exclusão:....  
**AI15:** eu aqui:....  
P: lê o último texto:....  
**AI15:** quando o *piercing* é arriscado:.... (...)  
**ALS:** ((comentários))  
P: ( ) porque muita gente que faz:.... nem leva em consideração isso aqui:.... só depois que já fez é que vai descobrir os problemas:.... né?... as consequências:.... ( ) então:.... cada um dos textos trazem argumentos que foram discutidos lá no primeiro texto:.... né?.... ( ) aí a atividade está aí:.... diz assim:....  
**AI:** aonde?:....  
P: bem aí oh:.... né?.... "debatendo sobre o assunto:...." ( )  
**ALS:** ((comentários))  
P: nós já fizemos o debate:.... oral:....  
**AI:** já:....  
P: né?.... então agora nós temos que fazer a parte?:....  
**AI:** isso é exploração:.... exploração não po-de:....  
**ALS:** ((comentários))  
P: exploração né?:.... sei:.... ( ) quando você vai tentar responder essa perguntinha aí:.... "por quê?":.... você vai fazer o quê?:....  
**AI:** ( )  
P: ar-gu-men-tar:.... e quanto mais informações:.... tem-se do assunto:.... mais os seus argumentos serão:.... né?....  
**AI:** fortes:....  
P: eficazes:.... quando a posição for contra e nenhum argumento para apresentar durante a discussão:.... a discussão oral que nós já fizemos:.... eu quero agora:.... né?....  
**ALS:** ((comentários))  
P: ( ) negativo:.... ( )  
**ALS:** ((comentários))  
P: tá:....  
((a professora quer que os alunos façam uma produção escrita em sala. Eles dizem que não vai dá tempo))  
P: umbora lá:.... vamo lá:.... trabalhando:.... eu não quero ninguém chorando:....  
**ALS:** ((comentários))  
**AI:** professora é pra fazer em dupla?:....  
P: ahn?:....  
**AI:** com a dupla?:....  
P: com ninguém:....  
**ALS:** ((comentários))  
P: não:.... produção textual é o seguinte:.... né?.... é aquele momento solitário:.... ( ) não dá pra fazer produção textual de dupla:.... né?....  
**AI:** dá:....  
P: ( ) o debate:.... em relação as informações sim:.... é benéfico:.... eficaz:.... ( )  
**ALS:** ((comentários))  
P: PSIU:.... nós já debatemos:.... não é?:.... bastante:.... semana passada:.... e vimos aquelas coisas hoje:.... e agora é a produção textual:.... momento solitário:.... ( )  
**AI:** solitário:....  
((Novamente a professora e os alunos entram em debate sobre a atividade. Eles fazem muito barulho e não dá para entender e distinguir as vozes))  
P: ( ) alguém pode só ler o comando da atividade?:....  
**AI:** "usar o *piercing*:.... a favor ou contra?:.... por quê?:...."  
P: hum hum:.... taí:....  
**ALS:** ((comentários))  
((Os alunos discutem com o professor sobre a quantidade linhas. Depois alguns silenciam e iniciam a produção. No decorrer da atividade, alguns tiram dúvidas com a professora))  
**AIR:** professora eu vou entregar só na semana que vem:.... até eu passar a limpo:....  
P: R:....  
**AIR:** ( )  
**AI:** ( )

P: é uma pressão psicológica né?:...

ALS: é:...

P: vocês querem que eu leve todos vocês pra ( ):...

ALS: ((comentários))

P: tá:... tá bom:... tá bom:...

ALS: ((comentários))

P: PSIU:... tá bom:... vão embora:... que coisa:...

ALS: ((comentários))

((Os alunos convenceram a professora para entregarem a produção na próxima aula))

#### [P6 A2]

P: hoje nós vamos falar um pouco sobre coesão:... na verdade vocês têm aí algumas produções:... textuais:... e nós vamos ( ) com vocês:... ver se a opinião de vocês:... não é?:... sobre a questão do uso do *piercing*:...

AI1: é preciso lhe entregar professora?:...

P: depois:...

AI1: na próxima aula né?:...

AI2: ((fala ao mesmo tempo que AI1))

P: oi?:...

AI2: a grafia:...

P: ah você não viu a ( ) nem a grafia?:...

AI2: não:...

P: ( ) eu vou dá uma olhadinha também na parte de ortografia:... de acentuação:... ( )

AI2: coesão e coerência:...

P: ( ) mas eu gostaria de fala/de conhecer:... não só eu... mas os colegas também:... ( ) a opinião de vocês:... né?:... nós discutimos já a bastante tempo:... sobre essa questão da argumentação:... de usar bem os argumentos:... e aí:... mas digamos que só eu conheça os argumentos:... não é?:... ( ) os colegas também querem saber:... não é?:... a opinião:... e como vocês colocam esses argumentos no papel:... quem vai começar?:... quem é o corajoso ( )...

AIJ.: eu posso:...

P: vai lá J.:... a J. sempre é corajosa né?:... ela sempre se habilita:...

AIJ.: isso aqui olha:... deixa eu explicar logo:...

P: pra nós:... não só pra mim:...

AIJ.: eu ainda não passei a limpo:... aí tá meio desorganizado:... tá tudo:... borrado:... tá?:... aí eu vou dá umas paradas... não porque eu não sei ler:... porque tá desorganizado:...

ALS: ((risos))

P: ok:... nós não vamos levar em conta:... as paradas:...

AIJ.: o título é não:... ele não:... não é não:...

ALS: ((comentários))

P: sim?:... não e não?:... ou não é não?:...

AIJ.: "não e não:..."

P: ah:... ok:...

AIJ.: (...) ((inicia a leitura do texto que ela produziu))

P: ok:... outro:...

AI3: posso ler?:...  
P: ((sinaliza que sim))

AI3: "o *piercing* e a área de trabalho:..." (...) ((Inicia a leitura))

P: ok:... parabéns:... F.?:...

AIF.: eu tô dando um título aqui que eu esqueci:...

P: ah:... o título é ( ) né?:... ok... mas a L. ( )...

AIL.: (...) ((inicia a leitura do texto))

P: M.:... ((Pede para M. ler))

AIM.: "o uso do *piercing*:..." ((Título do texto)) (...)

ALS: ((Os alunos comentam que o texto é pequeno))

P: pelo que ela leu não:... a:... JO:...

AIJO.: não:...

P: por quê?:...

AIJO.: passar a limpo professora:...

P: vai:...

AIJO.: ((O aluno inicia a leitura anunciando o título, mas o som é incompreensível))

P: é verdade:...

AIJO.: rebelde entre aspas:...

P: é:... alguém:...

ALS: Y.:...

P: Y.?:...

AIY.: ((Inicia a leitura do texto))

P: e aí:... só falta você:...

**AIJ.:** e o seu cadê?:... ((A aluna pergunta para o pesquisador se ele produziu um texto))

**ALS:** ((risos))

**P:** a J. é a nossa:.... ela é assim mesmo:....

**Pesquisador:** eu poderia ter feito um:.... né?:....

**P:** ora:.... ela quer saber da sua opinião sobre o uso do *piercing*:.... já L?:.... essa turma ( ) ela tinha quarenta pessoas:....

**ALS:** ((Risos e comentários)) ((Os alunos comentam que hoje só tem sete alunos))

**AJO.:** só tem sete hoje:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ok:.... L:....

**AIL.:** ((faz a leitura do texto))

**ALS:** ((comentários))

**P:** bom:.... então aqui todos vocês:.... têm né?:.... argumentos interessantes para:.... mostrar o que foi unânime aqui né?:.... não usar *piercing*:.... é:: em relação a argumentação:.... a média seria:.... nove e meio:.... nove:.... dez:.... o que nós vamos trabalhar hoje:.... né?:... é em relação à:.... coesão:.... ((escreve a palavra coesão no quadro)) né?:.... ((A professora abre parênteses e discute rapidamente um assunto paralelo com os alunos)) ok:.... tá:.... ( ) então:.... pessoal:.... nós vamos falar um pouquinho sobre esse mecanismo:.... né?:.... QUE:.... aflige muita gente:.... não PENse:.... não pensem:.... no plural:.... vocês... não é só vocês não:.... não é?:.... a nós professores também:.... quando temos lá que produzir os nossos textos:.... é já passamos por essa fase do TCC:.... né?:.... mas entramos em outras:.... fases:.... que nós precisamos publicar por exemplo:.... um artigo:.... né?:.... às vezes um projeto:.... nós também sofremos dessas dúvidas aí né?:.... será que eu tô ligando essas ideias:.... esses termos:.... quando eu falo de ideias eu falo de coerência:.... mas hoje nós vamos falar especificamente da coesão:.... né?:.... que essa ligação:.... né?:.... que nós temos que é:.... estabelecer entre os elementos ( ) do texto né?:.... então vocês tem aqui:.... só tem três né?:.... ((Fala das cópias do material. Daí divide a turma em três grupos)) tá?:.... inicialmente:.... ( )

**ALS:** esse ano:....

**P:** esse ano né?:.... e a gente introduziu esse tema com vocês:.... foi isso?:.... sobre coesão?:.... sim ou não?:....

**ALS:** ((alunos dizem que sim))

**P:** sim:.... pelo menos a L. disse que sim:.... o que vocês entendem por tal coisa:....

**AI:** ( )

**P:** né?:.... são mecanismos que nós usamos na hora de estruturar:.... de organizar:.... o texto:.... né?:.... e os mecanismos eles podem ser diversos:.... podemos usar:.... alguns a:/:algumas/alguns mecanismos da palavra né?:.... diferentes na hora de fazer isso:....

**AI:** ( )

**P:** a utilização de preposição:.... né?:.... de conjunção:.... que mais?:....

**AI:** de locuções:....

**P:** de locuções:.... né?:.... também nós podemos trabalhar:.... com o que a gente chama de re-fe-ren-ciação ( ):.... vocês já escutaram essa palavra:....

**ALS:** não:....

**P:** já sim:.... ( ) eu fiz uma espécie de:.... conversei com elas pra saber o que elas haviam trabalhado com vocês nos anos anteriores:.... ((refere-se às professoras do 1º ano)) então vocês têm aí:.... né?:.... na página cento e quarenta:.... quem pode ler aí:.... J:.... nossa leitora oficial:.... né?:....

**AIJ.:** qual é?:....

**P:** lê aí J:.... "mecanismos de coesão:...." ( ) são três mecanismos:.... tá?:.... um deles é a referenciação:.... lê pra gente J:....

**AIJ.:** esse texto aqui?:....

**P:** não:.... o quadro introdução:....

**AIJ.:** ( )

**P:** sim:.... depois de mecanismos de coesão:....

**AIJ.:** tá:.... (...) ((Inicia a leitura do texto))

**P:** isso:.... textualidade:.... nós já falamos sobre isso:.... né?:.... ou seja:.... o texto precisa está inserido:.... em um contexto:.... essa relação entre texto e contexto:.... (é) o que nós chamamos de textualidade:.... nós falamos sobre isso nas nossas primeiras aulas:.... quando nós falamos de texto:.... de discurso:.... né?:... nós comparamos por exemplo:.... o texto escrito:.... com um tecido:.... a tela né?:.... que os fios estão entrelaçados para que o tecido se componha na verdade:.... assim são com as palavras:.... eu não posso simplesmente jogar as palavras aí sol-tas ao léu:.... e dizer que isso é um texto:.... eu preciso dá tex-tu-a-li-da-de:.... né?:.... e pra chegar a essa textualidade:.... nós vamos precisar passar por esse processo de coesão:.... de saber utilizar cada mecanismo que vocês põe aí ( )...

**AIJ.:** ( )

**P:** ( )

**AJO.:** ((Inicia a leitura de um texto sobre as pirâmides do Egito))

**P:** ok:.... imaginem vocês tendo que levar TODOS os seus pertences:.... que era a ideia né?:.... aqui:.... né?:.... ( ) por que que eles construíam essas pirâmides:.... gigantescas né?:.... a ideia que eles tinham era essa:.... o morto tinha que levar tudo que lhe pertenceu em vida:.... com ele para o céu:.... né ( )?:.... eu hein:.... um monte de bujinganga ainda ter que levar comigo né?:.... ((voz risonha)) essa era a ideia que eles ( ) acreditavam:.... né ( )?:.... e (expressavam/idealizavam) essa ideia através da construção das pirâmides do Egito:.... aí pessoal leram o texto... agora vocês vão:.... esmiúça-lo né?:.... dizendo assim:.... pra encontrar alguns elementos... que nós

usamos aí pra fazer essa referenciação:... é muito simples:... o que seria essa referenciação:... é você:... retomar:... né?... ou se referir a algo:... que você já falou lá atrás:... e que não deseja repetir:... o mesmo termo ou a mesma palavra:... ou o contrário:... você ( ) diz antes:... né?... estabelece é uma relação antes... com aquilo que você AINda: vai dizer:... né?:... ( ) em alguns textos por exemplo a pessoa usa a mesma palavra:... - - deixa eu exagerar - - mais:... seis vezes:... oito vezes:... a mesma palavra:... por exemplo... vai falar sobre determinado tema:... e pra se referir àquele tema:... toda vez que ele quer fazer/referenciar o tema... ele não usa outros elementos que possam fazer isso:... ele acaba usando:... o mes-mo:... termo:... que ele usou lá no início:... o que que acontece:... aquele texto fica repetitivo:... fica monótono:... mos-tra:... que esse:... escritor:... tem:... um vocabulário:... reduzido:... e ele não sabe na verdade usar:... o mecanismo da coesão:... que é você fazer referência ao que já foi dito:... ou antecipar o que ainda vai dizer:... com outros elementos que:... tenham essa mesma função:... como o caso aí:... da atividade:... rápida que vocês vão fazer:... ele diz assim:... "um dos mecanismos de coesão:... ou elos coesivos:... né?:... mais utilizado é a referência:... né?:... o que é referenciar?:... é você:... né?:... ir buscar lá atrás o que você JÁ:... falou:... ou você antecipar o que você ainda vai falar:... aí ele diz assim:... para que ( ) uma palavra se refira à outra expressa a outra realmente:..." quando você faz o uso:... dos elementos coesivos de forma adequada:... você e-vi-ta:... que o seu texto:... fique repetitivo:... fique monótono:... fique pobre:... essa é a grande verdade:... porque você só sabe usar aquela:... palavra:... sendo que:... HÁ:... né?:... a possibilidade:... existem recursos (pra) você retomar o que você já disse:... sem usar o mesmo termo:... isto é referenciação:... aí ele diz assim oh:... ( ) "retomando-a:..." né?:... já falei:... e eu vou me referir a ela como?... ou seja:... retoma aquela ideia que eu expressei lá no início:... não é?:... ou:... se refere a que AINda vai ser expressa:... né?:... antecipando:... aí ele pede assim:... ((refere-se ao autor do livro didático)) "identifique no texto:..." esse que vocês têm aí:... que é bem pequeno:... ahn:... "um termo anteriormente expresso:... a que se refere:..." aí vem lá:... no primeiro parágrafo a palavra isso:... no segundo parágrafo a palavra deles:... a palavra eles no primeiro parágrafo:... e a expressão o segredo dos egípcios no segundo parágrafo:... daí vocês vão pro-cu-rar dentro do texto:... por exemplo:... a que se refere a palavra isso no primeiro parágrafo?:... né?:... ( ) é uma categoria gramatical:... né?:... muito usada para a referenciação:... tá?:... que são os pronomes:... no caso aí os pronomes demonstrativos... né?:... este essa esse aquela aquela:... são utilizados com frequência para fazer:... essa retomada:... de um termo que já foi mencionado anteriormente:... não é J.?:... ( ) então vamos lá:... procurem aí no texto rapidamente:... esses quatro (tópicos) aí:... aqui se refere a palavra isso:... aqui se refere a palavra deles:... né?:... outro pronome:... aqui se refere a palavra eles:... a expressão "o segredo dos egípcios:..." que segredo é esse?:... ele usa toda uma expressão:... para retomar algo que ele já falou antes:... né?:... não só o pronome como:... nos três primeiros casos:... aí olha outra coisa:... "o trecho que posteriormente retoma explica a palavra CRÍssa:..." no primeiro parágrafo:... ele usa uma palavra só:... para:... retomar uma frase inteira:... tá?:... vamos lá:... procurando na/no texto que a gente acabou de ler:... ( ) ((Os alunos concentram-se na atividade))

**AI2:** ( )

**P:** ( ) J.:... deixa pra passar a limpo depois:... ( ) e aí encontraram?:... vamos fazer juntos... por conta do tempo:... que é curtíssimo?:... né?:... nosso tempo é:... eu achei injusto esse horário que fizeram pra vocês:... os dois últimos horários:... ( )

**AI3:** professora:... e matemática também:... os dois últimos horários:...

**P:** mas qual dia?:...

**AI3:** terça:...

**P:** pois é:... mas além de ser dois últimos horários... da sexta ainda:... aí é querer matar a pessoa:...

**AI3:** ((risos))

**P:** né?:... injustiça total:... porque:... os outros são os dois primeiros né?:... vocês chegavam e ficavam assim:... hoje:... então vamos lá:... quem gostaria de ler o primeiro parágrafo pra gente?:... ( )

**AIJ.:** vai lá ( )...

**AI4:** o primeiro parágrafo é?:...

**P:** isso:...

**AIJ.:** é:... ((diz ao mesmo tempo que a professora))

**AI4:** (...)

**P:** ( ) então ele disse que isso tem a ver com uma crença:... deles:... né?:... aí ele continua:... esse termo aí:... né?:... pronome:... "isso:..." ele é usado nesse início aí:... para se referir a quê?:... a questão da referenciação:... a que já foi falada anteriormente:...

**AI4:** essas construções enormes:...

**P:** para se referir:... não é?:... AO:... as construções que são as próprias pirâmides:... então ele não USA o termo:... "essas construções" de NOVO:... né?:... ele RE-TO-MA: o que ele falou anteriormente:... porque é isso que cria essa ligação entre... os elementos:... né?:... mas ele não precisa usar a mesma expressão:... ele usa o pronome para fazer a re-fe-ren-ciação:... ou seja:... para RE-TO-MAR:... a ideia mencionada antes... é assim que:... o texto:... ele vai é:... criando essa relação de coesão e coerência:... quando você discute um termo... ( ) um termo não... um assunto em geral:... mas você não:... deixa de retomar pra quê?:... pra não fugir:... da ideia inicial:... então HÁ a necessidade de sempre:... fazer referência:... ao que foi falado anteriormente:... se não você vai embora e vai esquecendo do que ia falar:... você acaba... terminando falando sobre outra coisa que não tem nada a ver com aquilo que você começou:... a discutir:... então aí o termo isso se refere:... né?:... às construções:... continua aí é:... JO. tava lendo né?:...

**AIJO.:** (...)

**P:** não não:... o pronome deles:... vamos encontrar:... depois de isso:... onde parou?:... "isso tem a ver:..."

**AIJO.:** "isso tem a ver:.... ( )"

**P:** deles quem?:....

**ALS:** dos egípcios:....

**P:** aqui bem mais claro:.... né?:.... o pronome deles aí:.... substitui o termo egípcios:.... que já foi mencionado:.... e que quando a pessoa que está escrevendo não conhece essas possibilidades:.... acaba repetindo a palavra egípcios:.... ( ) no final do texto você contabiliza lá:.... dez vezes o mesmo termo:.... sendo que há essas possibilidades de substituição né?:.... de referênciação melhor dizendo:.... vamos lá deles:.... continua:.... outra pessoa:....

**AI5:** (...)

**P:** quem são eles?:....

**ALS:** os egípcios:....

**P:** né?:.... então aí já substituímos o termo egípcios:.... duas vezes:.... né?:.... e:.... sabemos ao ler:.... que se trata dos egípcios:.... por quê?:.... por causa da referênciação:....

((Uma aluna pede autorização à professora para ir embora. Alega que os ônibus não esperam))

**P:** vamos lá:.... vamos continuar:.... né?:.... a:.... outra pessoa:....

**AI6:** vai lá Y:....

**P:** agora vamos encontrar aí:.... né?:.... o próximo:.... no segundo parágrafo:.... a expressão "segredo dos egípcios:...." substitui ( )... vamos lá:....

**AIY.:** (...)

**P:** quem pode ler o parágrafo?:....

**AI4:** (...)

**P:** aí nós temos uma expressão:.... né?:....

**AIJ.:** esse texto é velho ou foi no ano passado mesmo?:....

**P:** não:.... esse livro foi publicado ( ) há bastante tempo:....

**ALS:** ((risos))

**P:** aqui não há:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** aqui ele usou "no ano passado":.... em relação ao ano em que o texto foi publicado:.... né?:.... ( ) então quando ele fala o segredo dos egípcios:.... ele já:.... né?... apresentou esse segredo antes:.... nós já sabemos que segredo é esse:.... de que segredo se trata?:.... né?:.... de como eles conseguiram encontrar o norte pra poder construir as pirâmides exatamente onde eles queriam:.... já que a bússola havia/foi inventada posteriormente a esse período:.... né?:.... então:.... a expressão aí "segredo dos egípcios:...." se refere a todo uma:.... ideia que já foi expressa:.... ((interrompe a explicação para falar com um aluno que chegou quase ao final da aula)) vamo lá:.... então o segredo dos egípcios:.... o fato deles terem né?:.... encontrado o norte:.... mesmo sem:.... a bússola ( )... tinham outros meios pra fazer né?:....

**AI5:** ( )

**P:** letra B:.... "o trecho que posteriormente retoma e explica a palavra crença:.... no primeiro parágrafo... qual é?:...." vamos lá:.... vamos ler o primeiro parágrafo:.... nós estamos analisando:.... o texto ( ) em partes:.... hum?:....

**AI:** (...)

**P:** ( ) isso tem a ver com uma crença:.... deles:.... dos egípcios:.... que crença é essa?:....

**AI:** ( )

**P:** né?:.... que por isso precisava levar os seus pertences:.... não é?:.... para o céu:.... então olha só:.... a/essas construções enormes:.... eram túmulos de faraós... e eram tão grandes porque eles precisavam levar todos as suas coisas para o céu:.... também por motivos religiosos os egípcios construíram as pirâmides viradas para o norte:.... isso tem a ver com uma crença deles de que o faraó:.... virava estrela depois de morto:.... a palavra crença aí ela:.... ( ) antecipa:.... a ideia:.... né?:.... de que eles viravam estrelas:.... então ele usa no caso uma palavra:.... um substantivo:.... para antecipar o que ainda vai justificar posteriormente:.... qual é essa crença né?:.... qual é essa teoria aí:.... essa ideia religiosa que eles tinham ( )... já?:.... ( ) ok:.... ele continua lá:.... na página seguinte:.... "no segundo trecho:.... essas construções enormes:.... eram túmulos de faraós e eram tão grandes:.... porque ele precisava levar todas as suas coisas para o céu:...." né?:.... analisem bem essa frase aí:.... "o pronome ele:.... segundo... não está empregado adequadamente gerando um problema de coesão textual:...." aí ele pergunta:.... "que palavra anteriormente citada:.... o pronome ele retoma:...."

**AI:** do faraó:....

**P:** né?:.... olha só:.... essas construções enormes:.... eram túmulos de faraós e eram tão grandes:.... porque ele:.... precisava levar:.... todas as suas coisas para o céu:.... ( ) então retoma ao:.... faraó né?:.... aí ele pergunta aqui:.... que mudanças poderiam ser feitas no texto:.... de modo a evitar esse problema de coesão:.... que outra palavra no lugar de "ele" nós poderíamos usar aí pra:....

**AIJ.:** faraó:....

**P:** você usava o mesmo termo:.... vamos ver lá:....

**AIJ.:** ( )

**P:** você precisava é:.... porque aí oh:.... essas construções enormes eram túmulos de faraós:.... e eram tão grandes:.... aí usa o pronome:....

**AI5:** que os mesmos:....

**P:** vocês adoram usar esse termo:.... ((refere-se a expressão "os mesmos")) aqui:.... é unânime:.... a maioria dos textos que eu pego ( )... é um dos elementos:.... que se usa ( ) com frequência:.... algumas vezes corretamente:.... outras vezes erroneamente:.... pra fazer a referênciação:.... o mesmo ou a mesma:.... os

mesmos:.... né?:.... vamos ver qual outra possibilidade:.... então ( )... eram grupos de faraós:.... faraós de um modo GErAl:.... né?:.... todos os faraós:.... passavam por esse processo:.... tinham pirâmides construídas:.... pra guardarem:.... ( ) seus pertences:.... mas na sequência:.... ele usa o pronome ele:.... não é?:.... no singular:.... como se ele tivesse é:.... especificando um determinado faraó:.... e aí está o problema de coesão que aparece imediatamente:.... nós por falta de atenção comprometemos o nosso texto:.... então essa referência foi feita de modo equivocado:.... porque todos os faraós:.... né?:.... ( ) túmulos dos faraós:.... mais aí na sequência ele usa o pronome no singular:.... como se ele estivesse se referindo a um:.... em específico:.... e aqui cria um problema de coesão:.... né?:.... ( ) essa ligação não foi feita:.... essa referência não foi feita de forma adequada:.... então o que nós poderíamos usar para consertar esse probleminha?:.... G:.... tava lá fora né?:.... passeando:....

**AI:** gazetando:.... a palavra certa:....

**P:** então:.... J:.... I:.... vamos lá:.... essas construções enormes:.... eram túmulos de faraós:.... e eram tão grandes porque:.... eles:....

**ALS:** precisavam:....

**P:** eles quem?:.... os faraós:.... não especificamente um:.... não é?:.... ( )...

**AI:** no geral:....

**P:** no geral:.... todos os faraós da época:.... né?:.... tinham suas pirâmides:....

**AIJ.:** os seus túmulos:....

**P:** os seus túmulos feitos em forma de pirâmide:.... pra guardar os seus:.... suas bujigangas:.... né?:.... então:.... ok:.... então vamos lá:.... é então:.... nesse caso aí:.... da questão um e dois:.... vocês viram que:.... é:.... os exemplos que ( ) foram usados aí:.... não só pronomes:.... como substantivos né?:.... ou como uma expressão inteira:.... foram usados para fazer essa referência:.... ou pra retomar algo que já havia sido dito:.... como isto:.... isso:.... ele ou dele:.... ou pra antecipar o que ainda vai ser dito quando ele usou a palavra crença:.... né?:... uma crença deles:.... aí ele vai explicar que crença é essa:.... né?:.... então:.... esses elementos... mecanismos:.... fazem com que o nosso texto:.... né?:.... estabeleça o que a gente chama de coesão:....

**ALS:** coesão:.... ((dizem ao mesmo tempo que a professora))

**P:** e seja um texto atrativo de ler:.... quando você pega um texto:.... ri-co:.... né?:.... tudo bem:.... rico por quê?:.... por ser diversificado:.... por você repetir a ideia sem repetir o mesmo termo:.... né?:.... eu não sei se eu falei isso pra vocês:.... mas ( ) quando você um texto e começa a ler:.... um texto cheio de problemas de coesão:.... a vontade qual é?:.... partir pra outro né?:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** deixa eu fechar e:....

**ALS:** ((comentários))

**P:** ok:.... ( ) esse nosso horário sinceramente:.... gente:.... dá um desespero:.... quando eu chego e começo a falar:.... já tenho que ir embora:....

**ALS:** ((risos e comentários))

**P:** ah mas vamos lá:.... na número três:.... ele apresenta um outro mecanismo de coesão:.... qual é?:....

**AI:** substituição:....

**P:** né:.... nós falamos muito de referência:.... né?:... vamos falar um pouquinho rapidamente de subs-ti-tuição:.... ou seja substituir um termo por outro:.... com o mesmo intuito:.... né?:.... diversificar:.... deixar o texto:.... ( ) mais interessante:.... "outro mecanismo frequente de coesão é a su-bs-ti-tui-ção:.... que se verifica quando uma palavra é expressa:.... ou até uma oração inteira:.... são substituídas por outro termo:...." essa substituição:.... não é feita de forma aleatória:.... né?:.... esse termo vai ter claro:.... obviamente... uma ligação com a expressão:.... que foi:.... mencionada anteriormente:.... vamos lá no que ele diz aí sobre a substituição vocabular:.... né?:.... é:.... ele diz assim:.... "já assisti a vários filmes de Almodovar:.... ((cineasta espanhol))

**AIJ.:** que é isso?:....

**P:** almodovar?:.... Almodovar é um cineasta espanhol:.... muito conhecido:.... ( )

**AIJ.:** ( )

**P:** ( )

**ALS:** ((comentários))

**P:** Tá:.... ( ) então ele diz aqui:.... "já assisti a vários filmes de Almodovar:...." né?:.... e ele retoma o filme:.... pra dá uma opinião sobre os filmes... mas não usa mais o termo filme nem tão pouco o nome do autor ( )... o que que ele diz aí?:.... na sequência:....

**AI:** ( )

**P:** hum:.... então aí/aqui a frase:.... né?:.... ( ) na época que nós nos referíamos a esse:.... suporte:.... que eram as fitas né?:.... aquelas fitas grandes:.... hoje:....

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** ( )

**AIJ.:** agora são *pen-drivers*:.... DVD's:....

**ALS:** ((risos))

**P:** *pen-driver* não:.... ( ) perderia o sentido:.... então... os filmes de Almodovar são fitas intrigantes:.... e o termo fitas aí:.... retoma né?:... substitui a expressão filmes de Almodovar:.... e retoma a ideia:.... né?:.... sem:.... sem que a gente perca o sentido:.... né?:... você consegue entender:.... obviamente:.... ( ) que intrigantes são os filmes de Almodovar:.... é justamente pelo que eu falei:.... são temas bastante polêmicos:.... da sociedade espanhola:.... e porque tem cenas realmente muito fortes:.... de sexo:.... alguns gostam:.... outros não gostam:.... intrigam a sociedade de um modo geral:.... por causa dos temas:.... fala sobre assédio sexual:.... fala sobre:.... incesto:....

**AIJ.:** incesto?:::...

**P:** fala sobre:::...

**AIJ.:** o que é incesto?:::...

**P:** quando o pai:::... com uma filha ou a mãe com o filho:::...

**ALS:** ((comentários))

**AIJ.:** vão manter relação sexual?:::...

**AI:** é:::...

**P:** é:::... sexual... afetiva:::... é:::...

**AIJ.:** incesto:::...

**P:** chama-se incesto:::...

**AIJ.:** incesto... não tinha visto:::...

**P:** não?:::...

**AI:** professora:::... não é inseto?:::...

**P:** não:::... é incesto:::...

**ALS:** ((comentários e risos))

**P:** ((A professora comenta algo sobre a obra literária "Os Maia")) ( ) vocês acham que imitação barata não tem qualidade:::...

**AI:** e eu:::...

**P:** eu também penso?:::...

**ALS:** assim:::...

**P:** né?:::...

**AIJ.:** assim como?:::...

**P:** assim como?:::...

**AIJ.:** que imitações baratas não tem qualidade:::...

**P:** ok:::... então nós temos toda uma frase:::... toda uma estrutura aí:::... que foi substituída simplesmente por um termo:::... né?:::... "eu também penso assim:::..." quando eu digo isso eu não mais vou retomar o que foi dito a/anteriormente:::... né?:::... e aí... eu estou fazendo essa:::... relação aí de:::... ligação:::... ( )

**AIJ.:** relação coesa:::... ((Diz ao mesmo tempo que a professora))

**P:** vê aí J:::...

**AIJ.:** "na festa começou a dançar e todos fizeram a mesma coisa:::..."

**P:** que coisa?:::...

**ALS:** dançar:::...

**P:** começaram a dançar:::... né?:::... então o termo coisa:::... ou a expressão mesma coisa... se refere a ação de vir começar a dançar:::... né?:::... então vejam aí que nós temos é:::... substi-tu-i-ções:::... mas que não alteram né?:::... essa questão da:::... relação entre o que foi dito antes e o que foi dito depois:::... essa discussão é feita justamente para evitar a:::... repetição:::... né?:::... en-tão:::... vamos ver aí agora:::... né?:::... "identifique no texto a palavra ou expressão que é substituída ( )... essas construções enormes:::..."

**AIJ.:** as pirâmides:::...

**P:** as pirâmides:::... né?:::... "as pirâmides do vale ( ) são as maiores do MUNdo:::..." do Egito... perdão:::... e essas construções:::... que construções?:::...

**ALS:** as pirâmides:::...

**P:** também:::... em:::... "também por motivos religiosos:::... hum?:::..."

**AIJ.:** aonde?:::...

**P:** no primeiro parágrafo:::...

**Als:** ((comentários))

**P:** "essas construções enormes eram túmulos de faraós e eram tão grandes porque ele precisava levar todas as suas coisas para o céu:::... também por motivos religio-sos:::... os egípcios construíram as pirâmides viradas para o norte:::..." também:::... antecipa o quê?:::...

**AI5:** como é que os egípcios sabiam que era o norte?:::...

**P:** explicamos três vezes já:::...

**AI4:** meu deus do céu:::... ((diz ao mesmo tempo que a professora))

**AI2:** olhando pras estrelas:::...

**P:** olhando pras estrelas?:::...

**AI2:** é:::...

**P:** hum hum:::... a quem antecipa o termo também?:::...

**AI4:** ( )

**P:** olha só:::... ele diz assim:::... "também por motivos religio-sos:::... os egípcios construíram pirâmides viradas PA-ra:::... o norte:::... o termo também antecipa o quê?:::..."

**ALS:** ((comentários))

**P:** o fato das pirâmides serem construídas viradas para o norte:::... né?:::... então a gente pode parar por aqui:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** calma ainda não terminei de falar:::...

**ALS:** ((comentários))

**P:** tá:::... façam em casa a número quatro:::... ( )

**ALS:** ((comentários))

